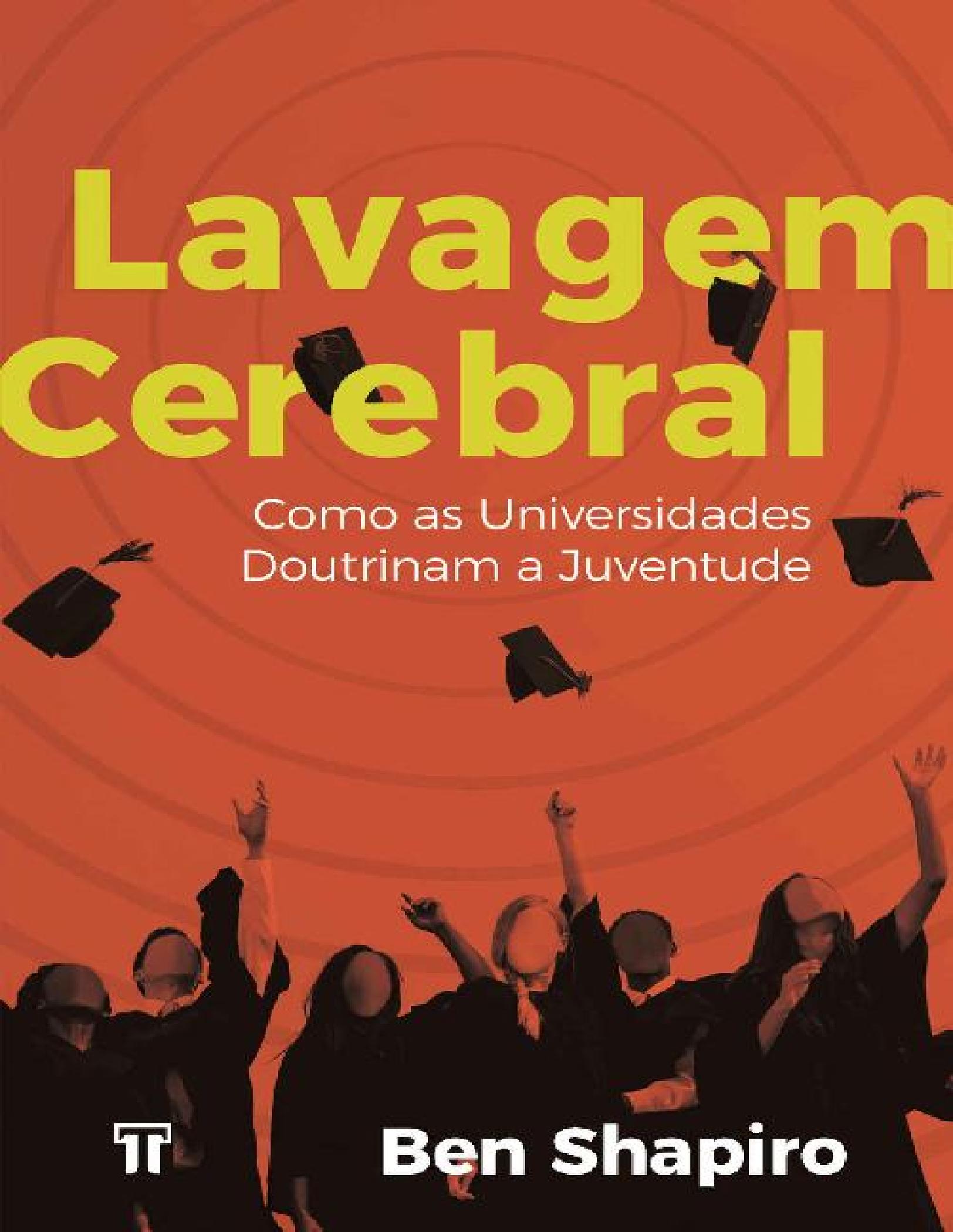


Lavagem Cerebral



Como as Universidades
Doutrinam a Juventude



Ben Shapiro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Copyright © 2004 by Ben Shapiro

Publicado originalmente sob o título: *Brainwashed: How Universities Indoctrinate America's Youth*
Published by arrangement with Thomas Nelson, a division of HarperCollins Christian Publishing,
Inc.

1ª edição 2020

ISBN: 978-65-990583-1-8

Impresso no Brasil

Tradução: Ulisses Teles

Revisão: Elmer Pires e Cesare Turazzi

Capa: Tiago Dias

Diagramação: Marcos Jundurian

Versão eBook: Tiago Dias

PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME

RESPEITE O DIREITO AUTORAL

*O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o
financiamento da produção de novas obras como esta. Respeite o trabalho de ministérios como a
Editora Trinitas.*

Shapiro, Ben

Lavagem cerebral : como as universidades doutrinam a juventude / Ben Shapiro ;
[tradução: Ulisses Teles]. – São Paulo: Trinitas, 2020.

276 p.

Tradução de: *Brainwashed : how universities indoctrinate America's youth.*

Bibliografia: p. 245-276

ISBN 978-65-990583-1-8

1. Ensino superior – Aspectos políticos – Estados Unidos. 2. Ensino superior –
Aspectos sociais – Estados Unidos. 3. Professores universitários – Estados Unidos –
Atitudes. 4. Estudantes universitários – Estados Unidos – Atitudes. I. Título.

CDD: 378.73

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB 07/6477

Todos os direitos reservados à:



TRINITAS

Editora Trinitas LTDA
São Paulo, SP
www.editoratrinitas.com.br

“A coragem e o discernimento de Ben Shapiro deveriam inspirar não só outros jovens conservadores que estão na universidade, mas também seus pais. Este livro é um sinal bem-vindo de que nem tudo está perdido para essa nova geração.”

— Michael Medved, apresentador de rádio e autor do livro *Hollywood vs. America*

“Não me diga que um livro com esse brilhantismo foi escrito por um universitário que mal saiu da adolescência. Eu imaginaria uma obra desse calibre sendo escrita por um senhor já de idade, experimentado e erudito, que de alguma forma se engajou na Universidade da Califórnia em Los Angeles e cuja análise cirúrgica tem o poder de, com maestria, salvar a próxima geração dos tiranos que se fazem presentes.”

— Barry Farber, apresentador de rádio

“Com sagacidade e entusiasmo, Ben Shapiro — o colunista mais jovem dos Estados Unidos — vai às fontes e desmascara o pieguismo esquerdista, mostrando que essa é a única visão aceita nas universidades corrompidas de hoje. Com sorte, sua crítica fará com que mais pessoas deem os passos necessários para a cura do antro universitário e, conseqüentemente, para retorná-lo ao lugar de prestígio que lhe é devido em nossa nação.”

— Daniel Pipes, fundador do projeto Campus Watch e colunista do New York Sun

“Sei bem como é. Passei por isso (Universidade Tulane, 1991). Ben está certíssimo quanto à lavagem cerebral das universidades modernas. Para minha sorte, a cerveja e o carnaval me salvaram da doutrinação absoluta. O imponente livro de Shapiro, no entanto, é indiscutivelmente o guia mais saudável de como não se enamorar das vis sutilezas de Marx e Engel.”

— Andrew Breitbart, coautor da obra *Hollywood, Interrupted: Insanity Chic in Babylon — The Case Against Celebrity*

“Ouve-se uma nova voz brilhante, que fala a uma nova geração de ativistas: não perca o novo livro de Ben Shapiro!”

— Hugh Hewitt, apresentador de rádio e autor da obra *In, But Not Of*

“Este livro revela quão arraigada está a cultura tóxica de ódio contra os valores dos EUA e do Ocidente naqueles que ensinam nossos jovens. Shapiro dá um grito de sobriedade e despertar para todos os americanos, detalhando a necessidade urgente de — como a esquerda diria — tomar de volta nossas faculdades e universidades.”

— Robert Spencer, diretor do projeto Jihad Watch e autor da obra *Onward Muslim Soldiers e Islam Unveiled*

“No livro *Lavagem Cerebral*, Ben Shapiro rasga em pedaços o sistema universitário esquerdista. Sagaz, astuto e com conhecimento de causa, Shapiro expõe como os grupos de pensamento de esquerda têm se espalhado como um vírus em nosso sistema educacional e ameaçado esmagar o debate genuíno em nossas escolas.”

— Armstrong Williams, colunista de circulação nacional

“A caneta de Shapiro é afiada como uma lâmina. Sua crítica, aguda por si só, direciona-se a uma gigante porcentagem de professores universitários que acredita que o islã é bom e o cristianismo ruim, que não aceita o capitalismo vencendo o socialismo uma vez que aquele, e não este, está acabando com séculos de pobreza, e que adora a diversidade de cor, mas, ao mesmo tempo, cria com fervor normas rígidas contra a diversidade de expressão na universidade.”

— Jill Stewart, colunista “Capitol Punishment”, comentarista político de televisão e rádio

Aos meus pais,

Que me ensinaram a diferença entre o certo e o errado, e que me deram
forças para confrontar a mentira.

Sumário

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

Doutrinando a Juventude

[Capítulo 1](#)

Nenhum Absoluto Moral

[Capítulo 2](#)

Política Partidária

[Capítulo 3](#)

Trabalhadores do Mundo, Uni-vos!

[Capítulo 4](#)

“Não é um Direito só do Homem Rico e Branco!”

[Capítulo 5](#)

Sexo na Sala de Aula

[Capítulo 6](#)

Salvando a Terra

[Capítulo 7](#)

A Guerra Contra Deus

[Capítulo 8](#)

Queimando a Bandeira

[Capítulo 9](#)

Aulas de Saddam

[Capítulo 10](#)

Porcos Sionistas

[Capítulo 11](#)

O Bruin, o Mal e o Feio

[Capítulo 12](#)

Panelinhas Universitárias

Capítulo 13

Soluções

Prefácio

Por *David Limbaugh*

Mal consigo lembrar quantas vezes vi pessoas — incluindo eu mesmo — imaginando a beleza que seria reviver a adolescência ou os anos da faculdade, mas com o conhecimento, as capacidades e a experiência absorvidos ao longo dos anos. Claro, uma fantasia inútil, mas me pego lembrando desse tipo de pensamento desde que, há alguns anos, conheci Ben Shapiro.

Conheci muitos jovens que eram talentosos, cada qual à sua maneira, mas nunca vi um com a maturidade e o conhecimento de Ben. Tomando emprestado o clichê, ele tem mais sabedoria que anos de vida. É isso que faz do seu livro, examinando a cultura universitária, único.

Aparentemente, esse tipo de livro costuma ser escrito ou por professores, ou por aqueles que estão fora do sistema. Em contraste, a presente obra apresenta a visão acerca da doutrinação acadêmica vinda de alguém de dentro e que dela tem sido vítima. A perspectiva de Ben, porém, não se limita à visão de um aluno universitário cego a tudo a não ser aos estudos. Ele é, também, um astuto analista político e crítico cultural, autor de uma coluna de circulação nacional. Assim, com seu livro *Lavagem Cerebral*, temos uma crítica sofisticada e com conhecimento de causa da universidade como instituição que viabiliza a propaganda ideológica da visão de mundo esquerdista e secular. E o livro entrega aquilo ao que se propõe: confirmando nossos piores medos sobre a academia moderna.

Sua obra cobre, tópico por tópico, todas as grandes realidades da universidade e todos os maiores aspectos da vida universitária, documentando de forma convincente a notória tendência esquerdista entre os professores e destruindo o dito popular de que a parcialidade por parte do docente é irrelevante ao ensino em sala de aula. A parcialidade tem raízes históricas profundas neste país e está crescendo intensamente. Ela cobre uma gama de eventos, de acusar os republicanos de fraude nas eleições presidenciais em 2000, de cortes de impostos para os ricos, de roubar os idosos de seus benefícios previdenciários e poluir nosso ar e água até louvar o sistema falido do marxismo e denunciar o capitalismo. A fúria não

termina aí. Shapiro também documenta o chocante louvor que o corpo docente confere aos desvios sexuais e até mesmo suas justificativas indefensáveis do terrorismo.

Shapiro vai além de meramente expor as tendências e inclinações. Valendo-se de dados pesados e argumentos sólidos, Ben derruba os mitos e distorções propagados por professores incapazes de, escravizados à ideologia, fazer análises objetivas. Exemplo disso é a defesa cega de legislações referentes ao salário mínimo em favor dos pobres, mesmo indo contra a maioria dos economistas, que faz oposição a leis desse tipo por conduzirem à diminuição de empregos.

Como Shapiro demonstra, a maioria dos professores — e não só os das áreas de política e ciências sociais — nem mesmo tem a boa vontade de apresentar uma perspectiva equilibrada. Em muitos casos, parte da missão é influenciar a visão do aluno, e nisso muitos vêm tendo sucesso. Ben cita pesquisas e dados de sondagem mostrando que muitos calouros se identificam com a esquerda, e não com os conservadores, e que esse número aumenta substancialmente quando avançam para os próximos anos.

A lavagem cerebral nos alunos transcende a sala de aula, alcançando as mídias estudantis (com o uso da verba universitária) e grupos estudantis — que com muita frequência tornam-se instrumentos de doutrinação por parte de professores esquerdistas. A esquerda tem a capacidade de louvar a diversidade racial e étnica opondo-se deliberadamente à diversidade de pensamento, considerando aceitáveis para disseminação unicamente as ideias esquerdistas. O próprio ideal de educação que cria uma atmosfera de investigação aberta é tacitamente zombado em favor de uma agenda monoliticamente de esquerda.

Mas a integridade acadêmica não é a única vítima do viés doutrinador esquerdista. A verdade é considerada perda, resultado de uma tendência perturbadora na academia de abraçar com força o relativismo moral pós-moderno. Como podem ideias que fluem de valores tradicionais receberem a devida consideração quando o dogma que prevalece é o de, sem qualquer escrúpulo, rejeitar absolutos morais? Como esperar que os alunos ampliem seu entendimento da realidade quando a atmosfera universitária ensina que a verdade é uma construção social amplamente definida pelo poder? Nas palavras de Shapiro, “o ataque à moralidade absoluta é a base para todo o esquema de lavagem cerebral da esquerda”.

Deveríamos tremer quando percebemos que o *establishment* universitário está treinando a nossa juventude para acreditar que “não há tal coisa como a reivindicação neutra ou objetiva”, e que não existe tal coisa como o mal, exceto, talvez, no caso de conservadores políticos e “grandes corporações”. Desde que um professor influente da Universidade de Princeton não é ridicularizado e evitado, mas celebrado por argumentar que é moral assassinar nascituros deficientes, deveríamos entender de imediato que algo está muito errado com a nossa cultura universitária. E essas perspectivas pervertidas nada fazem exceto ter um enorme impacto destrutivo sobre o futuro desta nação, porque os alunos de hoje serão os líderes de amanhã.

Apesar da figura sombria que Shapiro pinta, ele não termina com uma nota pessimista. Em seu plano de ação de três passos, Ben oferece soluções práticas como parte de uma estratégia multifacetada. *Lavagem Cerebral* lida de forma sóbria e envolvente com um problema sério que deveria preocupar ainda hoje cada pai, aluno e amante da liberdade nos Estados Unidos da América.

INTRODUÇÃO

Doutrinando a Juventude

“É imperativo que nossas salas de aula sejam livres de doutrinação. Doutrinar não é educar”.

— Robert M. Berdahl, reitor da Universidade da Califórnia em Berkeley¹

Imagine se nossos educadores de fato acreditassem nisso. Por anos, o sistema universitário tem feito uma lavagem cerebral no aluno para que este creia com fervor nos princípios do esquerdismo. As universidades estão prontas para tragar jovens de mente aberta e ávidos por aprender. Eles se tornam esquerdistas convencionais, jorrando ideias do Partido Democrata — e, perceba, esses são os alunos “moderados”. Os formados normalmente saem da universidade acreditando no poder mítico do marxismo e odiando o “sistema racista americano”.

De raça a meio ambiente, de religião a sexo, da guerra ao terrorismo e ao conflito árabe-israelense, as universidades empurram uma agenda sem fim de enganos esquerdistas. O sistema de ensino superior doutrina a juventude.

A maioria do corpo docente é esquerdista, fato incontestável. Uma pesquisa feita por professores e gestores da *Ivy League** nas faculdades de artes e ciências sociais mostrou que 84% votaram em Al Gore no ano de 2000, contra não mais que 9% em George W. Bush. 57% declararam-se democratas, mas apenas 3% republicanos.²

Os esquerdistas argumentam que o partidarismo dos professores mostra-se irrelevante ao ensino em sala de aula. Dizem que, não obstante de esquerda, o professor ainda assim apresenta uma visão equilibrada. Eis uma mentira descarada. Como fazem na mídia convencional, os esquerdistas dominam a cena do “ensino superior”. E assim como na mídia, a inclinação esquerdista é completamente real e extremamente influente.

O professor universitário geralmente não vê a necessidade de manter seu viés pessoal fora da sala de aula. Mary Burgan, secretária-geral da Associação Americana de Professores Universitários, explica que separar o

viés pessoal do ensino seria “impossível [...] É função do corpo docente decidir em quais [pontos de vista] críticos, relevantes e dominantes se concentrar na sala de aula”. Linda Brodkey, professora da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD), argumenta que ensinar ambos os lados da história é desnecessário — ao invés disso, deve-se não mais que garantir ao aluno a existência certa do “livre debate”. David Jordan, reitor da UCSD, é mais contundente: “Por que eu deveria ensinar um ponto de vista com o qual não concordo?”.³

Os alunos que entram na universidade “são atacados com o viés político do instante em que entram no câmpus até o momento que dele saem. O efeito é devastador.

O típico aluno universitário acabou de sair do casulo do sistema escolar. Em 2001, uma pesquisa feita com calouros revelou que “29,9% dos jovens entrando agora na universidade caracterizam suas visões políticas como ‘de esquerda’ ou ‘extrema esquerda’”, enquanto “20,7% [...] se consideram conservadores ou ‘de extrema direita’”.⁴ É uma diferença de 10% entre direita e esquerda.

Chegando ao terceiro ou quarto ano da faculdade, uma lacuna política de dez pontos frequentemente passa a ser uma cratera de cinquenta pontos. Numa pesquisa informal feita pelo jornal universitário *Daily Bruin* da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), durante as eleições presidenciais de 2000, Gore recebeu 71% dos votos dos alunos, enquanto Bush recebeu apenas 20%. Ralph Nader, em terceiro, chegou perto, com 9%.⁵

Só espere até que esses alunos se formem. Até lá, estarão por aí falando esquerdices sem sentido, como “impostos sobre riqueza” e “exploração de afro-descendentes, latinos, muçulmanos, mulheres, crianças e animais de laboratórios”.

Na Barriga da Besta

Tenho todo esse conhecimento de causa não por pesquisas e sondagens (que confirmam minhas observações e afirmações) ou programas de rádio (normalmente mais confiáveis e precisos do que as notícias espalhadas nas redes sociais), mas por ocasião da experiência pessoal: estudei na UCLA desde os meus dezesseis anos de idade. Sou formado em ciências políticas e fiz dezenas de cursos durante toda minha trajetória na UCLA. Vi com meus

próprios olhos a lavagem cerebral esquerdista que é feita diariamente naquele câmpus.

Os mecanismos de doutrinação não se limitam ao professor que leciona para um público cativo. A mídia discente exerce grande influência sobre a visão do corpo estudantil na UCLA e em outras universidades ao redor do país. Grupos estudantis usam dinheiro da mensalidade para espalhar propaganda: propaganda que invariavelmente apoia uma visão de mundo esquerdista. Eu mesmo escrevi uma coluna de opinião para o *Daily Bruin* da UCLA por quase dois anos; eles me demitiram por revelar o viés sistemático do jornal em favor da comunidade islâmica.

Os professores costumam usar a mídia discente e os grupos estudantis em prol da lavagem cerebral nos alunos. Por exemplo, na UCLA, os professores escrevem no *Daily Bruin*, procuram entrevistas com outras mídias estudantis ou palestram em eventos patrocinados e organizados por grupos estudantis. Os professores posam de especialistas em uma grande variedade de tópicos não relacionados à própria área de conhecimento.

A doutrinação não é limitada à UCLA. O mesmo viés existe em outras universidades dos EUA. Comparando anotações com amigos ao redor do país ou meramente seguindo o noticiário, percebo um aparelhamento esquerdista por meio do sistema de “ensino superior”.

Com isso, não quero dizer que todos os professores estejam à esquerda de Stalin. Algumas das cartas mais amáveis que recebi enquanto escrevia para a coluna no *Daily Bruin* ou em minha coluna de circulação nacional vieram de professores. Por outro lado, seria intelectualmente desonesto reivindicar, como é costume dos esquerdistas, que, dadas as exceções à regra, o que é norma deixa de ser relevante. A maioria dos professores se identificam com a esquerda política e raramente perdem uma oportunidade de plantar raízes execráveis na mente dos alunos.

Lutando Contra a Besta

O crescente problema da lavagem cerebral feita nas universidades precisa ser combatido. A diversidade aceita pelo sistema universitário não passa da cor de pele ou do país de origem. O espectro de ideias se estende apenas da esquerda à extrema esquerda. Heather K. Gerken, professora adjunta na Universidade de Harvard, diz o seguinte: “Quando o corpo estudantil chega a determinada posição de esquerda, acabamos divididos

entre esquerdistas e progressistas”.⁶ É bem improvável que os alunos recebam uma visão de mundo equilibrada.

Não podemos subestimar esse problema. Os americanos, homens e mulheres, entram na universidade com o intuito de aprender, e saem de lá reconhecendo um só lado da história. Aqueles que protestam contra o domínio totalitário do pensamento esquerdista são calados.

Enquanto colunista do *Daily Bruin*, certa vez um gestor da UCLA me elogiou via *e-mail*. Respondi à mensagem, e perguntei ao autor se poderia encaminhá-la para o meu editor, visando uma possível publicação no jornal, ao que ele respondeu: “Sou pai de três filhos e tenho carreira no quadro de gestores da universidade. Temo não ser capaz de lidar com o provável estrago que a minha sinceridade causaria sobre minha carreira [...] É triste dizer, mas a liberdade de expressão significa suicídio profissional para aqueles que pagam as contas com o salário da universidade”.⁷

Esse livro tem por objetivo cavar fundo no solo universitário; com ele pretendo rasgar as cortinas de um sistema que por muito tempo reivindica imunidade partidária, mas alimenta os alunos com uma dieta constante de esquerdismo. As páginas daqui em diante pretendem, em mais detalhes, revelar um dos maiores problemas que os EUA enfrentam: a *lavagem cerebral* de sua juventude.

* Ivy League é a liga de oito das mais prestigiadas universidades do nordeste dos EUA. (N. do. T.)

Nenhum Absoluto Moral

“Não existe tal coisa como uma reivindicação neutra ou objetiva”,¹ disse Joshua Muldavin, professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Começo do bimestre, e o professor estava explicando para a sala que não existe tal coisa como a Verdade, com letra maiúscula. Ele ensinava que não existe certo e errado, bem ou mal. Segundo ele, cabe lembrar que somos seres subjetivos e, como tais, todos os nossos valores são de caráter subjetivo.

Isso é um monte de baboseira. É claro que o mal existe. É mau todo aquele que acredita haver justificativas para o estupro. É mau todo aquele que vê sentido em matar crianças deficientes. Qualquer um que atira aviões contra edifícios com a intenção de matar civis é mau.

Mas não de acordo com alguns docentes.

Quando entrevistado por Jim Lehrer no programa NewsHour, o professor Orlando Patterson, da Universidade de Harvard, foi questionado acerca do perjúrio cometido por Bill Clinton, ao que respondeu: “Acredito ser importante enfatizar que *não há absolutos em nossos preceitos morais*. Talvez Kant concordasse com isso, e alguns fascistas acreditam nisso [...] O perjúrio não é um absoluto; não temos normas absolutas”.² Uau. Não há problema algum em cometer perjúrio porque não existem absolutos. E se você não concorda, você é “fascista”.

O professor Stanley Fish, da Universidade de Illinois, Chicago, escreveu para o New York Times: “o relativismo não acabará, e não deve acabar, por ser simplesmente outro nome para o pensamento sério”.³ No mesmo artigo, Fish tenta fazer com que os americanos “entendam” os terroristas do 11 de Setembro, e condenem “falsos universais”. Que sofisticado... e patético.

Atitude típica de professores universitários. Uma pesquisa da National Association of Scholars/Zogby, feita de 9 a 16 de abril de 2002, revelou o uso gigantesco desse dogma professoral. A pesquisa calculou a opinião de

401 alunos do último ano do ensino superior, selecionados aleatoriamente. Quando questionados sobre qual frase envolvendo a ética seus professores mais falavam, 73% optaram por: “O certo e o errado dependem das diferenças nos valores individuais e da diversidade cultural”. Apenas 25% dos alunos selecionados optaram pela seguinte resposta: “há padrões claros e uniformes de certo e errado pelos quais todos devem ser julgados”.⁴

Toda essa propaganda em sala de aula surte grande efeito sobre os alunos. John Leo, colunista de circulação nacional, relatou que “Vários anos atrás, um professor universitário ao norte do estado de Nova Iorque relatou que de 10% a 20% de seus alunos não conseguiriam condenar o extermínio nazista dos judeus na Europa”.⁵ Sim, foi isso mesmo que você ouviu: *esses alunos não condenaram os nazistas pelo Holocausto*. É isso que os alunos americanos estão aprendendo nas “instituições de ensino superior”.

A Cegueira Moral da Esquerda

Após jogar na lata de lixo os absolutos morais, o professor universitário está livre para defender o que for, até mesmo o assassinato.

O professor Peter Singer, da Universidade de Princeton, defende o assassinato de recém-nascidos deficientes. O jornal New York Times diz: “Para Singer, o recém-nascido não tem mais direito à vida que qualquer outro ser de racionalidade e capacidade de sentir semelhantes, incluindo porcos, vacas e cachorros”.⁶ Isso é maligno. Igualar um ser humano recém-nascido com animais é algo absolutamente doentio. Mas é isso que Singer ensina durante as aulas na Universidade de Princeton.

O relativismo moral é uma doença já bastante difundida. A leitura de um livro de Paul Ehrlich, professor de estudos populacionais e biologia em Stanford, foi requerida no curso de ciência da vida, no segundo semestre de 2002. Na obra, Ehrlich compara o Holocausto ao bombardeio atômico no Japão.⁷ Comparar a matança de seis milhões de inocentes com uma ação militar que salvou centenas de milhares de vidas americanas e japonesas é execrável. É claro, esse tipo de relativismo moral não é nada novo para Ehrlich, que é mais famoso por seu volume de 1968, *The Population Bomb*. Nesse livro, falso e risível, Ehrlich reivindica que “A batalha para alimentar toda a humanidade está perdida. Nos idos de 1970, o mundo padecerá de fome: centenas de milhões de pessoas vão morrer de fome”. A solução dele? “A taxa de natalidade deve ser equilibrada com a taxa de mortalidade [...] Não podemos continuar nos dando ao luxo de meramente tratar os

sintomas do câncer que é o crescimento populacional; o próprio câncer deve ser extirpado”.⁸

Sem qualquer conjunto de padrões morais, professores universitários passaram a argumentar em favor de bandidos e criminosos. Um deles pôs para tocar a “música” *Cop Killer* [Matador de Polícia] daquele ilustre artista, Ice-T. Para citá-la um pouco: “Peguei a minha calibre 12 / Desliguei o farol do meu carro / Estou prestes a dar uns tiros / Prestes a pulverizar alguns policiais! / Matador de polícia, melhor você do que eu / Matador de polícia, fo— a sua brutalidade policial/ Matador de polícia, sei que sua família está sofrendo (que eles se fo—!) / Matador de polícia, mas nessa noite nós acertamos as contas (ha, ha, ha, ha, sim!)”.⁹ O comitê de controle etário *Parents Music Resource Center* (PMRC) protestou contra essa pequena cantiga charmosa, inclusive indo ao Senado dos Estados Unidos. A União Americana pelas Liberdades Civas (UALC) saiu em defesa de Ice-T, cuja música “fornece uma saída para a ira e incentiva o ouvinte a pensar sobre a má conduta policial e o antagonismo que isso cria”.¹⁰

Depois da música, o professor perguntou à classe: “O que acham? Reconhecendo grupos como o PMRC, o governo tem censurado nossos músicos?”.¹¹ Agora, me diga, que tipo de pergunta é essa?

Além de defender um *rapper* bandido, professores universitários têm defendido inclusive assassinos e assassinas condenados, réus confessos — claro, desde que sejam esquerdistas.

Mumia Abu-Jamal foi julgado e condenado pelo assassinato de Daniel Faulkner, policial de Nova Iorque. Faulkner, seguindo sua rotina, pediu ao irmão de Abu-Jamal, Billy Cook, que parasse o veículo e descesse; ocorre que, logo em seguida, Abu-Jamal apareceu em cena, puxou um revólver, disparou três vezes em Faulkner e, pisando sobre seu corpo, atirou em sua cabeça só de garantia. Embora a culpa de Abu-Jamal fosse mais que horrenda, ele se transformou num *cause célèbre*, numa celebridade internacional, justamente por causa de sua posição política: extrema esquerda. Era membro dos Panteras Negras e um apresentador de rádio de viés radical.¹²

Naturalmente, professores universitários correram para defendê-lo. Mary Brent Wehrli, radical professa e professora de trabalhos sociais na UCLA, afirma: “O caso de Abu-Jamal é uma mancha desgraçada no processo democrático, em cujo funcionamento nós todos acreditamos. A informação

que teria mudado o desfecho do julgamento não foi admitida; o juiz aparenta ser racista, mente fechada e desprovido de imparcialidade”.¹³

Outra celebridade universitária é Sara Jane Olson (também conhecida como Kathleen Soliah), ex-integrante do Exército Simbionês de Libertação (ESL), organização terrorista atuante nos EUA. No dia 1º de novembro de 2001, declarou-se culpada da tentativa de assassinato de dois policiais de Los Angeles, em 1974. Quando integrante da ESL, havia plantado bombas embaixo do carro desses dois policiais.¹⁴

Como era previsto, professores universitários também apoiam Olson. O *website* da Junta por Recursos para a Sara Olson lista Wehrli como integrante honorária e mantenedora da junta. Ela diz: “Eu apoio Sara Jane Olson, a quem foi negado o direito de julgamento justo”. Erwin Chemerinsky, professor de direito na Universidade do Sul da Califórnia (USC), concorda com Wehrli. Seu nome estava acima do dela na lista de mantenedores e membros honorários da junta. Entre outros professores dessa lista estão Peter Rachleff, professor de história na Faculdade Macalaster, em St. Paul, Minnesota, e William Ayers (“Professor Ilustre do Departamento de Educação”).¹⁵

“O professor ilustre do departamento de educação” William Ayers é professor na Universidade de Illinois, em Chicago. Nos anos 1960 e 1970, foi membro do grupo Weather Underground (também conhecido como Weathermen). Sua esposa, Bernadine Dohrn, agora integrante do corpo docente de direito e diretora da Northwestern Children and Family Justice Center, também fazia parte. O grupo Weather Underground foi responsável por vários bombardeios com armamento bélico, incluindo uma tentativa contra o Pentágono e um bombardeamento numa base do exército. Ayers não tem arrependimentos; ele escreveu um livro, *Fugitive Days*, descrevendo suas experiências com o grupo Weathermen. Em suas palavras: “Não carrego arrependimentos [...] somos obrigados a agir em um mundo imperfeito. Foi o que fizemos, e faríamos de novo”.¹⁶

Northwestern e a Universidade de Illinois estão apoiando esses terroristas descarados. O reitor da Faculdade de Direito de Northwestern, David Van Zandt, diz o seguinte de Dohrn: “Sua carreira aqui na faculdade de direito exemplifica o foco na paixão e na energia que se consegue investir para fazer a diferença no nosso sistema jurídico”.¹⁷ É bom saber

que a energia e a paixão de alguém pelo terrorismo podem ser convertidos em prol do ensino de alunos, não é mesmo?

Degradação Moral

O ataque à moralidade é a base para todo o esquema de lavagem cerebral por parte da esquerda. Este, inclusive, abre caminho para ampla justificativa de criminosos e assassinos.

Grande ensino superior, não?

Política Partidária

Os democratas liberais dominam a cena universitária. Não deveria ser surpresa, mas a extensão do domínio democrata é surreal. A porcentagem de democratas ensinando no sistema universitário se assemelha ao número de comunistas no governo cubano.

Para revisarmos: 84% dos professores votaram em Al Gore para presidente nas eleições de 2000; apenas 9% votaram em George W. Bush. Enquanto 57% dos professores identificaram-se democratas, somente 3% disseram-se republicanos.¹ A enorme quantidade de 79% dos professores afirmou que as políticas de George W. Bush eram “conservadoras demais”.² Dos setenta e oito professores de ciências políticas nas universidades do estado do Colorado, quarenta e cinco são oficialmente democratas, enquanto apenas nove republicanos.³ Na instituição Williams College, apenas quatro dos duzentos professores declaram-se republicanos. Na Brown University, os que se declaram democratas superam os republicanos por, respectivamente, 54 a 3; na Berkeley, 59 a 7; na Stanford, 151 a 17; na Universidade da Califórnia em San Diego, 99 a 6.⁴

O Departamento de História da Universidade Stanford conta com vinte e dois democratas, mas apenas dois republicanos. A Universidade Cornell conta com vinte e nove democratas e zero republicanos; a de Dartmouth com dez democratas e nenhum republicano. Na Universidade do Colorado em Boulder, os departamentos de inglês, história e filosofia reúnem sessenta e oito democratas e nenhum republicano sequer. Na mesma universidade, 184 de 190 professores de ciências sociais e humanidades identificaram-se como democratas.⁵

Inclusive, mesmo na UCLA, que tanto amo, os números são assustadores. Trinta e um professores de inglês têm filiação partidária. Vinte e nove deles são filiados ao Partido Democrata ou ao Partido Verde ou a algum outro partido político de esquerda. Dos treze professores de

jornalismo com filiação registrada, doze são filiados a partidos esquerdistas. Cinquenta e três dos cinquenta e seis professores de história são filiados a partidos de esquerda. Trinta e um dos trinta e três professores de estudos femininos são filiados a partidos esquerdistas.⁶

Os poucos professores conservadores são incapazes de “sair do armário” por medo de retaliação por parte dos colegas e da administração da universidade. O professor Robert Maranto, da Universidade Villanova, explica: “Enquanto batalham por diversidade étnica, as universidades opõem-se deliberadamente à diversidade ideológica. Pesquisas mostram que não mais que cerca de 10% do corpo docente de ciências sociais e humanidades votam no Partido Republicano”. Maranto cita o caso de um sociólogo que deixou o meio acadêmico depois de tornar-se um conservador: “Quando decidi passar para o lado dos republicanos, o alvoroço tomou conta”, o sociólogo relata. “Foi como se eu tivesse me transformado num molestador de crianças. Ninguém quer ficar onde todos odeiam você”.⁷

Doutrinação

A defesa partidária por parte do corpo docente exerce efeitos definitivos sobre a margem de alunos. Feita na UCLA, uma sondagem informal revelou que 71% dos alunos votaram em Al Gore nas eleições de 2000, com outros 9% que votaram em Ralph Nader.⁸ Em Tufts, 51% dos estudantes se identificam esquerdistas (liberais), 14% como moderados, 16% “não sabem” e apenas 10% declararam-se conservadores ou de direita.⁹ Em estados mais conservadores, é provável que a maioria dos estudantes universitários se identifique republicana, como na Universidade do Tennessee.¹⁰ Contudo, mesmo nessas universidades, o percentual de conservadores é extremamente baixo quando comparado à população geral nas áreas ao redor.

Durante o inverno de 2001, tive aulas de ciências políticas, logo depois das eleições presidenciais de 2000. O nome do curso era “Introdução à Política Mundial”, com mais ou menos 300 alunos matriculados.

No começo do trimestre, o professor fez uma pergunta para os alunos levantarem a mão: “Quem votou em Al Gore e quem votou em George W. Bush?”. Cerca de 250 levantaram para Al Gore e mais ou menos 15 levantaram para George W. Bush (também levantei minha mão, embora eu tivesse apenas 17 anos; naquele momento, percebi que Bush precisava de

todo o apoio possível *naquela* sala de aula). O professor então perguntou: “Quem considerou o processo eleitoral justo?”. Cerca de 15 alunos, incluindo eu, levantaram a mão. O professor finalmente perguntou: “Se Al Gore tivesse vencido as eleições, quem aqui a teria considerado justa?”. Dessa vez, quase todos levantaram a mão. Opinião típica do círculo eleitoral democrata: o sistema só funciona se o meu partido ganha.

Os democratas que administram as universidades não separam a política do ensino. Nem um pouco. Na verdade, a agenda do Partido Democrata mostra muito bem o tipo de material que os professores enfiam goela abaixo em suas audiências cativas.

“Presidente Escolhido a Dedo”: George W. Bush

Logo após as eleições presidenciais de 2000, professores universitários começaram a retratar George W. Bush como um presidente ilegítimo, “escolhido a dedo”, vomitando toda a narrativa já esperada sobre a alegada estupidez e o analfabetismo de Bush. O legado da democracia havia sido destruído pelo enorme embuste que foi a eleição do então presidente.

Robert Watson, professor de inglês na UCLA, escreveu um artigo para o Daily Bruin uma semana antes da posse de George W. Bush. Texto brutal, cínico e absolutamente escandaloso. “Não podemos impedir sua posse”, Watson escreveu, “mas também não podemos deixá-lo achando que merece a posição”.

Watson inventou denúncias, acusando a campanha de Bush de “intimidação das massas” e “fraude do sistema jurídico”. Então, Watson jogou a cartada racial, afirmando que Bush havia conseguido sua “gloriosa posição” porque “privou sistematicamente” as minorias raciais e cassou do povo seus “direitos iguais de voto”. Bush arrancou “a maioria conservadora republicana da Suprema Corte dos EUA” para passar por cima da lei estatal.

Os porta-vozes de Bush eram homens de “desonestidade intelectual, indiferença ética e feiura espiritual”, e John Ashcroft, procurador-geral, carregava o “histórico perpétuo de oposição contra os negros e é contra a justiça social”. Transbordando melodramas e metáforas, Watson afirmou: “Vamos nos encontrar no dia 20 de janeiro, enquanto George W. Bush faz seu juramento de servir a Constituição que agora está minando, para, talvez por valor simbólico, cada um de nós segurar uma vela e de um lado queimar pedaços de papel dizendo ‘Voto secreto’ e ‘Democracia’ e do outro ‘Verdade’ e ‘Igualdade’”.[11](#)

Watson, no entanto, não para por aí com seu protesto de um homem só. Ele promoveu um encontro de, aproximadamente, trinta pessoas na noite da posse de Bush. “Algo verdadeiramente escandaloso e destrutivo aconteceu, e os partidários de Bush, cínicos que são, esperavam que todo mundo fosse se esquecer disso. Aos que desejam resistir, considero importante nos conscientizarmos de que não estamos sozinhos. Juntos podemos entender melhor a situação e discutir meios de diminuir os estragos”, declarou o professor e especialista político. Watson, então, trouxe sua esposa em público; soluçando, ela choramingou: “Eu não acredito em Deus. Para mim, a Constituição e a Declaração de Independência são as narrativas que ditam como o mundo deveria funcionar, e o que aconteceu na última eleição destruiu tudo isso”.¹² Ela não tem Deus. Ela não tem a Constituição. Ela não tem mundo. Ela não tem cérebro.

Matthew Baum, professor de ciências políticas na UCLA, disse que as eleições de 2000 “esticaram a legitimidade”.¹³ Thomas Cronin, presidente da Whitman College, e Michael A. Genovese, professor de ciências políticas na Universidade Loyola Marymount, disse que Bush enfrentou “perguntas constrangedoras sobre se tem ou não a *moral*, a ‘*gravitas*’ suficiente para ser presidente”.¹⁴ O 11 de Setembro respondeu a essas perguntas de forma definitiva.

Richard Falk, professor de Princeton, chamou a decisão da Suprema Corte de “dúbia, beirando o escândalo, aparentemente inconsistente com a visão conservadora de federalismo, e de forma suspeita ligada à promoção de um resultado político partidário”.¹⁵ Outro professor de Princeton, Stanley Katz, concordou: “O que a Suprema Corte decidiu, no fim, foi que devemos ser governados por John Ashcroft, Donald Rumsfeld e Richard Cheney. Isso deveria lembrar os democratas do quanto está em risco na política presidencial, e de que o partidarismo político é o nome da vez”.¹⁶ Gwendolyn Mink, professor na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, declarou: “A Suprema Corte não só fraudou as eleições de 2000, mas também transtornou nossa ordem constitucional”. Ouvir esses professores falando faz o cidadão pensar que a Suprema Corte é repleta de neofascistas que se divertem queimando a bandeira americana.

Bush é um político ilegítimo e não tem *gravitas*. John Ashcroft é um intolerante. A Suprema Corte é motivada por favoritismos e políticas

partidárias. Graças a Deus que os professores universitários estão aqui para salvar a América de pessoas tão podres.

“Impostos para os Ricos”

Uma das caricaturas favoritas e mais usadas por parte dos professores universitários é o famoso argumento antirrepublicano “impostos para os ricos”. De acordo com eles, os ricos não merecem o próprio dinheiro. Pelo contrário, o pobre é que merece o dinheiro do rico. Portanto, o governo deveria tomar a fortuna dos ricos mediante altos impostos e dar aos pobres. Se determinada estrutura administrativa não consegue tomar dinheiro suficiente do rico ou lhe retorna a tributação, essa administração é maligna e odeia o pobre. Logo, o corte de impostos beneficia unicamente os ricos.

O argumento em torno do “corte de impostos para os ricos” é totalmente ilusório. Para começo de conversa, a maioria daqueles que a esquerda classifica como “ricos” não está nadando no dinheiro. Minha família provavelmente seria classificada como rica se baseada na renda conjunta dos meus pais, mas ambos pagam escola particular para três filhos e arcam com hipoteca e despesas comuns. Bom, eu ainda estou esperando meu mordomo chamado Alfred cair do céu. E, de acordo com alguns, minha mãe, esforçada produtora-executiva de televisão, e meu pai, escritor e compositor, deveriam pagar quase 50% do que ganham para o governo. Por quê? Para apoiar agendas socialistas, que desencorajam o trabalho duro e incentivam a dependência do governo.

Não há como negar que o corte de impostos retorna dinheiro para o rico, mas isso porque ele é que paga a maior parte. O corte de impostos fornece dinheiro para a classe de alta renda, mas ela não pega esse valor e simplesmente o guarda debaixo do colchão. Seus integrantes usam as finanças para começar novos negócios; eles investem no mercado de ações, geram empregos e renda para as classes mais baixas.

Não de acordo com os professores universitários, é claro.

Menos de 10% dos professores apoiam o plano de impostos de Bush, e apenas 3% do corpo docente titular o veem com bons olhos.¹⁷

Mary Corey, professora de história na UCLA, considera incômoda qualquer “taxa permanente de impostos menores”.¹⁸ Incômoda? Uma dor de dente é incômoda. Corte de impostos é requisito mínimo para uma economia saudável.

Lynn Vavreck, professora na UCLA, considera confusos aqueles que “querem ajudar os pobres, mas também projetam impostos mais baixos”.¹⁹ Bom, até onde sei, a diminuição de impostos não só deixa de prejudicar como também ajuda, e muito, os pobres. Grosso modo, se o povo tem mais dinheiro para gastar, logo tem mais condições de gerar indústria, abrir empresas, aquecer o mercado, etc. Por consequência, mais emprego para os desempregados e mais capital para os empreendedores. Quando Ronald Reagan buscou cortar impostos durante seu governo, a mediana da renda familiar e por domicílio, além da renda domiciliar média, todas aumentaram;²⁰ de 1982 a 1989, a taxa de desemprego diminuiu para 4,3%.²¹ E Vavreck diz que a diminuição de impostos é prejudicial para o pobre?

Joel Blau, professor na Universidade Estadual de Nova Iorque em Stony Brook, afirmou: “Ao invés de um ‘conservadorismo compassivo’ e de movimentações a fim de não deixar nenhum americano para trás, enfrentamos uma proposta que *atende ao segmento mais rico da população*”.²² Agora, uma pergunta: se o segmento mais rico da população não tem dinheiro, quem gera emprego para os mais pobres? O governo? Existe um nome para essa filosofia econômica: comunismo.

Ellen Frank, professora na Emmanuel College, concordou com Blau: “Se esse corte de impostos passar, o Congresso terá conseguido [...] usar o excedente da Previdência Social e a receita pública do Sistema de Saúde para financiar o corte de impostos em favor dos mais ricos”.²³ Palavras que não passam de estrume. O corte de impostos executado por Bush excluiu impostos por todo o país, não só para o rico. E, novamente: por que tantos ataques contra o fato de ricos retendo mais do próprio dinheiro?

David E. Kaun, professor de economia na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, disse que o plano de impostos de Bush “serviria não para estimular a economia e aumentar o investimento como anunciado, mas, pelo contrário, agravaria ainda mais a *injustiça* que é abundante na nação”.²⁴ Se Kaun está de fato tão preocupado com a “injustiça”, por que não dá a mínima ao fato de que as pessoas que mais trabalham são as que mais pagam impostos? Por que ele não se importa com a atual estrutura de impostos, que prejudica aqueles que tentam vencer na vida? Kaun não se importa com o que é justo. Ele tem ciúme daqueles que ganham dinheiro no mundo real, e não nas torres de marfim da academia.

Lester Thurow, professor de economia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e reitor emérito, teme que, “se Bush e os republicanos conseguirem implementar um corte de impostos tão grande quanto o de Reagan em 1980, voltaremos ao buraco do *deficit*”.²⁵ Risos! Três perguntas. Primeiro, Reagan não entrou no governo após Jimmy Carter, que, na teoria, havia arruinado toda a economia? Segundo, a economia americana não experimentou o maior crescimento da história sob os cuidados de Reagan? E, terceiro, por que cortar os gastos do governo não é uma alternativa viável no lugar de manter altos impostos?

Escrevendo para o jornal Daily Bruin, Robert Watson, professor na UCLA, declara: “É maravilhoso ver tantos Robin Hoods inversos saindo de trás das árvores para proteger das críticas os ricos e poderosos”.²⁶ Você também sente o cheiro de inveja por aqui?

Depois que Theodore Andersen, professor de economia na UCLA, confrontou o analfabetismo econômico de Watson em carta ao Daily Bruin, Watson retrucou. (Nota: o professor Watson consegue dar aulas de vez em quando, sempre que as consegue encaixar em sua agenda de textos escritos para o jornal universitário). Watson expressou sua ira contra os políticos de direita “que justificam [...] limitar serviços sociais em prol dos cortes de impostos para aqueles que já são ricos”.²⁷ Percebe-se que o professor não entendeu nada. Serviços sociais não se limitam a corte de impostos; em primeiro lugar, o valor dos impostos é que custeia os serviços sociais. É uma completa falsidade agir como se esse dinheiro aparecesse de forma mágica, como se cortar os impostos roubasse essa mágica e daí o entregasse aos ricos.

Mas, novamente, desde quando os esquerdistas se importam com a verdade?

“Viés Midiático? Que Viés Midiático?”

Acerca da mídia, a universidade diz que o New York Times é totalmente objetivo, em nada enviesado. O mesmo a respeito do Los Angeles Times. E também da CNN. Na verdade, as únicas fontes mais recentes não objetivas são a Fox News, o Wall Street Journal e o Drudge Report. Não há viés de esquerda na mídia.

Geoffrey Nunberg, professor que já lecionou na UCLA, garantiu: “Se existe algum viés aqui, na verdade, os dados sugerem que é do outro lado — que a mídia posiciona os esquerdistas muito mais distantes dos holofotes

que os conservadores”.²⁸ Esse cidadão alguma vez na vida já leu um jornal impresso ou digital? Se acha que a mídia é conservadora, o sujeito deve ser maluco.

David Domke, professor da Universidade de Washington, admite que “pode haver evidência de que a mídia se inclina à esquerda, mas a força dessa inclinação é pequena”.²⁹ Que o inferno congele se o New York Times tiver pouco viés partidário. A mídia liberal odeia os republicanos, detesta as Forças Armadas e Israel. Pegue, por exemplo, a seguinte provocação feita no ABCNews.com contra o programa Nightline, apresentado por Ted Koppel: “Esta noite: reação ao ataque mortal de Israel na Cidade de Gaza”. Clicando no link, aparecia uma manchete intitulada “Ciclo de Violência”.³⁰ A partir dela, ao leitor parecia que Israel, mesmo sem que tivesse sido provocado, lançou um ataque na Cidade de Gaza, matando civis por diversão. Na verdade, Israel estava mirando o principal terrorista do Hamas, Saleh Shehadeh, homem responsável por vários dos maiores ataques contra civis israelenses.

Steven Spiegel, professor da UCLA, caracterizou a Harper’s Magazine e a New Republic como “de centro”.³¹ O editor da New Republic é Martin Peretz, esquerdista confesso e há muito tempo mentor de Albert Gore. A Harper’s Magazine é um trapo esquerdista; Stanley Fish, mentiroso compulsivo, costumava aparecer na Harper’s, assim como Edward Said, tão escandaloso quanto, até sua morte, no ano passado. Se esses são periódicos de centro, então Pat Buchanan apoia Ralph Nader.

Quando não estão rotulando os canais de mídia, os professores mostram suas cores esquerdistas (os mais variados tons de vermelho) simplesmente ignorando a mídia não enviesada à esquerda. Lynn Vavreck, professora da UCLA, caracteriza as seguintes fontes de mídia como *hard news*, “notícias urgentes”: o noticiário da noite do ABC, CBS, NBC, CNN, MSNBC, Fox News, New York Times, Los Angeles Times, Time, Newsweek, U.S. News & World Report.³² Percebe que está faltando algo? Nada menos que o *Wall Street Journal*, o maior jornal diário dos Estados Unidos.

Durante uma aula do curso de ciências políticas na UCLA, o professor pediu aos alunos que analisassem a quantidade de “notícias negativas” narradas sobre determinado candidato ao cargo político. O professor queria que os alunos concluíssem que a frequência das críticas feitas pela mídia era equivalente entre os partidos políticos, e que candidatos republicanos

receberam mais críticas justamente porque foram eleitos mais vezes — resumindo, que não existia viés por parte da mídia. Agora, só um probleminha: *esse exercício acadêmico não teve relação nenhuma com o viés midiático*. O problema em torno do partidarismo da mídia não consiste em cobrir mais escândalos envolvendo republicanos que democratas. Trata-se de saber se a mídia usa a mesma narrativa para ambos os polos partidários, direita e esquerda, ou se os trata de forma parcial.

Para não pegar tão pesado com eles, os professores universitários geralmente são da extrema esquerda do Partido Democrata, então imagino que, fazendo essa comparação, o New York Times seja moderado.

A Busca por “Justiça Social”

Para os democratas, a sociedade deveria ter por objetivo garantir a “justiça social” — ideia abstrata que soa legal e se resume em intervenção governamental.

“Ser pura e simplesmente sensível ao mercado não garante a preservação da justiça social”, disse o professor Scott Bowman, palestrante convidado numa das aulas que tive de ciências políticas. “A lei não é só a chave para o mercado; é, também, a chave para a justiça social”.³³ Muitos professores acreditam que o livre mercado se esquece dos pequenos indivíduos, e que o mercado age em favor tão só do interesse das grandes corporações, tirando proveito do seu José e da dona Maria, que batalham para sobreviver com o básico. Esses docentes dizem que cabe ao governo entrar em cena para, com seus vários programas sociais, proteger o seu José e a dona Maria. Nas palavras de determinado livro-texto de ciências políticas: “A jurisdição estatal sobre os bens públicos que estão dentro de suas fronteiras oferece verdadeiras vantagens”.³⁴

Um dos temas favoritos dos professores universitários é o sistema de bem-estar social, e não sua versão diluída, incluída na Lei da Reforma do Bem-Estar Social de 1996 [*Welfare Reform Act* de 1996]. Esses professores amam sistemas de bem-estar social paternalistas, caros e inúteis, os mesmos que mantêm altos índices de gravidez na adolescência, baixas expectativas de ética trabalhista e a certeza de pesados impostos sobre a classe de alta renda.

Sheldon Danziger, professor na Universidade de Michigan, rasgou o verbo contra o texto da Reforma: “Das duras realidades do mercado de trabalho conclui-se que restringir a assistência ao bem-estar de mães

carentes aumentará a escassez econômica. A nova legislação referente ao bem-estar do povo se mostrará cada vez mais prejudicial”.[35](#)

Da mesma forma, Sheila Kamerman, professora da Universidade Columbia, previu que a Reforma do Bem-Estar Social seria um fracasso gigantesco. “Há uma fantasia de que essas mudanças reduzirão de forma significativa o nascimento de crianças fora do casamento e a gravidez na adolescência. Pouquíssima atenção, porém, é dada às consequências geradas para as crianças”.[36](#) Kamerman conhece o truque: quando não se tem base para argumentos de verdade, chore pelas crianças — uma tática (talvez aprendida dos camaradas esquerdistas do Congresso) que faz papel de bom moço na imprensa toda vez que é usada. Peter Edelman, professor na Universidade Georgetown, disse que “a nova legislação não promove trabalho de forma eficaz, e não protege as crianças. Ao menos o velho sistema envolvia uma estrutura correta”.[37](#)

É claro, Danziger, Kamerman, Edelman e demais companheiros estão errados. A velha estrutura *prejudica* as crianças. A Lei da Reforma do Bem-Estar Social fez diminuir rapidamente a pobreza, a miséria infantil, o nascimento de crianças sem pais e a pobreza da infância negra.[38](#)

A Previdência é outra política social preferida da esquerda. Com o rápido crescimento da geração *baby boomer*, a Previdência logo ficará sobrecarregada; mas, espere aí, nem pensem em privatizar parte dela! As mãos do governo sabem administrar melhor as finanças. O cidadão dos EUA é estúpido demais para conseguir juntar economias pensando no futuro.

Patricia E. Dilley, professora na Universidade da Flórida, estava possessa enquanto tentava demonizar a privatização. Palavras dela: “Querer privatizar todo o programa social aniquilaria a Previdência Social como a conhecemos atualmente, e poderia colocar em perigo os benefícios da aposentadoria para inúmeros americanos”. Quando lembrou que a Previdência Social está em apuros, Dilley observou: “se a sociedade como um todo compartilha o custo de pagar pela aposentadoria mediante a Previdência ou se cada cidadão tem de acumular para ter a própria aposentadoria, não importa, a mesma quantia de bens e serviços terá de ser direcionada aos idosos. *Trata-se de como distribuiremos o fardo já existente*”.[39](#)

O quê?! Ela realmente advoga políticas estáticas, dizendo que, mesmo no pior cenário, os pagadores de impostos pagarão por isso. Lembrando que os “ricos” da nação pagam a maior parte dos impostos; tudo isso não passa de inveja.

Alícia Munnell, professora na Faculdade de Boston, ex-funcionária de Clinton, negou qualquer problema com a Previdência Social: “O sistema não está quebrado [...] querem reestruturá-lo e cortar os benefícios da Previdência Social e substituí-la por contas individuais. Considero essa uma má ideia”.⁴⁰ Eis uma distorção básica da privatização da Previdência. Os conservadores não querem cortar benefícios para os que já estão aposentados, mas simplesmente dar às pessoas a opção de investir sua renda em ações e títulos seguros em vez de entregá-los ao governo. É mesmo uma má ideia?

Brad Roth, professor adjunto na Wayne State University, insultou qualquer proposta incluindo a privatização como “esforços ideológicos por parte dos republicanos para minar o papel do governo, que é servir as necessidades do povo”.⁴¹ Com licença, mas não é papel do governo “servir as necessidades do povo”. O governo tem uma só incumbência fundamental: proteger a vida e a propriedade contra prejuízos e fraudes. Ordenar aos cidadãos que deem dinheiro a uma reserva de aposentadoria feita pelo governo não deveria fazer parte dos planos.

Leis referentes ao salário mínimo também são populares entre professores universitários. Se entramos no livre mercado em escala global, eles dizem, precisamos nos certificar de que o indivíduo de pequeno porte não será esmagado. Devemos garantir-lhe um “salário mínimo”. Na verdade, a legislação do salário mínimo gera desemprego, uma vez que força a empresa a cortar custos. O indivíduo de pequeno porte é justamente o mais prejudicado pelo salário mínimo.

Mas esses docentes não veem dessa maneira.

De acordo com Kevin Lang, professor na Universidade de Boston, haveria “pouca ou nenhuma” queda empregatícia se o salário mínimo fosse aumentado.⁴² Robert Pollin, professor na Universidade de Massachusetts em Amherst, concorda: “O impacto nos negócios e no governo é baixíssimo. Se houvesse evidência do contrário, o movimento do salário mínimo, que combate a pobreza absoluta, teria falido há tempos”.⁴³ Não é de todo verdade. A maioria dos economistas se opõe à legislação referente ao salário mínimo, mas isso não quer dizer que, automaticamente, leis

deixarão de existir. O movimento de salário mínimo perdura, não por mérito próprio, mas por ser um movimento político popular que sustenta qualquer coisa que “ajude o pobre”.

Alan Krueger, professor em Princeton, declarou: “Não há indícios de que os últimos aumentos tiveram um impacto desfavorável sobre os empregos”.⁴⁴ Krueger e David Card, professor na Universidade da Califórnia em Berkeley, fizeram um estudo concluindo que o salário mínimo surtiria pouco ou nenhum efeito sobre o mercado de trabalho.⁴⁵ Como é possível que o salário mínimo não cause diminuição de empregos ou redução da expansão do mercado de trabalho? A resposta: não é possível. Como Larry Elder relata em seu livro *The Ten Things You Can't Say in America* [As Dez Coisas que Você não Pode Dizer na América]:

Outros pesquisadores tentaram duplicar os resultados [do estudo Krueger-Card], mas não conseguiram. Acontece que aqueles que trabalham para Card e Krueger simplesmente pegaram o telefone e perguntaram aos empregadores se eles queriam aumentar, diminuir ou manter a empregabilidade.

Os pesquisadores que procuraram duplicar os resultados de Card e Krueger foram um passo além. Eles pediram folhas de pagamento para verificar a taxa empregatícia. Quando os pesquisadores pediram a folha de pagamento, a inexistência de efeitos sobre o mercado de trabalho desapareceu completamente. Na verdade, tanto a Pensilvânia como New Jersey sofreram uma baixa de empregos enquanto trilhavam o caminho do salário mínimo.⁴⁶

A tendência democrata por parte dos professores não se restringe às leis que já estão nos livros. Por exemplo, muitos professores apoiam a nacionalização da indústria hospitalar, de acordo com as pautas do ministério da saúde de Hillary.

Houve um “debate” na Oral Roberts University que colocou o professor George Gillen e o professor William Walker (pró-nacionalização) contra o professor Timothy Brooker (anti-nacionalização). Gillen afirmou que cresce o preço dos medicamentos sob receita porque a indústria farmacêutica é um oligopólio — pouquíssimas empresas controlam todo o mercado. A solução proposta? Nacionalizar o sistema de saúde. Brooker, suposto oponente de Gillen, explicou que o sistema de livre mercado traz inovação à indústria farmacêutica. Contudo, no fim, Brooker reconheceu, concordando com Gillen, que a nacionalização se fazia necessária em alguma medida.⁴⁷ Quanta defesa dos princípios. Tenho certeza de que os alunos receberam muita iluminação quando ouviram “os dois lados da história”.

Ray Moseley, professor adjunto de ética médica na Faculdade de Medicina da Universidade da Flórida, disse que “Os americanos estão se conscientizando de que habitantes de países com sistemas médicos nacionalizados recebem melhor assistência médica que nos Estados Unidos [...] Outros países estão gastando metade e obtendo resultados melhores”.[48](#) Interessante. Da última vez que verifiquei, chefes de estado vieram aos EUA por causa do nosso plano de saúde, e não a Cuba. O sistema médico em prol da socialização tem dado problemas no Canadá, que está abaixo dos Estados Unidos em tecnologia médica e sua capacidade de lidar com a superlotação do sistema.

A resposta para todas as problemáticas envolvendo a tão famigerada “justiça social” é mais impostos e regulamentações, diz o professor universitário. O povo é pobre e acaba colocando filhos no mundo para depois não cuidar? Solução: taxar o dinheiro dos ricos e distribuí-lo aos pobres. O povo está desempregado? Solução: mais impostos sobre o rico e, assim, mais distribuição de renda para o pobre. Uma pequena porcentagem dos idosos não consegue contribuir para o futuro? Façamos todo mundo pagar a Previdência Social. Uma pequena porcentagem do povo não recebe o devido cuidado médico? Nacionalizemos todo o sistema de saúde.

É, se déssemos ouvidos ao que dizem os professores universitários, já estaríamos vivendo como o povo de Cuba.

Truques Republicanos Estúpidos

Como bons e singelos democratas, o professor universitário acredita que os republicanos são o flagelo da Terra. O infame Partido Republicano é estúpido, desastrado e destrutivo para os EUA. Sorte a nossa que os maravilhosos democratas estão aqui para prevenir o Partido Republicano de exterminar todos os pobres e estabelecer uma aristocracia com o David Duke como rei.

Os conservadores são igualmente estúpidos. Um estudo feito por Jack Glaser e Frank Sulloway, da Universidade da Califórnia em Berkeley, John Jost, da Universidade de Stanford, e Arie Kruglanski, da Universidade de Maryland em College Park, detalhou o pensamento conservador. De acordo com os pesquisadores, a base do conservadorismo é a tolerância à desigualdade e a resistência a mudanças; alguns fatores psicológicos associados com o conservadorismo são dogmatismo, intolerância à diversidade, medo e agressão, evitar riscos, necessidade de fechamento

cognitivo e gestão do terror. Em resumo, os conservadores são deficientes mentais.

Os autores afirmaram que os conservadores por todo o país compartilham as qualidades mencionadas acima, colocando Ronald Reagan e Rush Limbaugh em paralelo com Hitler e Mussolini. Não só isso: eles se esforçam por rotular Stalin, Khrushchev e Castro como “conservadores”.

Só porque conservadores são “organicamente menos complexos”, o professor Glaser diz: “isso não quer dizer que a mente deles seja simplista”.⁴⁹ Nossa, que consolo.

Um dos meus professores assistentes soltou um “estupidez conservadora” enquanto discutia de tangente acerca da natureza dos taxistas. “Viajei com alguns taxistas brilhantes, já outros escutam Rush Limbaugh todos os dias”. Pausando, prosseguiu: “eles estão dopados, nem eles mesmos entendem o que Rush fala”.⁵⁰ A conclusão lógica: apenas um idiota escutaria Rush Limbaugh. Com certeza, há muitos idiotas por aí: vinte milhões, na verdade. E eu sou um deles.

Os conservadores são retratados como membros de um estrutura de poder conspiratória. Mark Harris, professor de estudos étnicos da Lane Community College, acredita que deveríamos “olhar todas as perspectivas culturais para manter a esperança e a energia diante de uma estrutura de poder conservadora”.⁵¹ Mas enquanto os direitistas estão ocupados demais sendo nefastos e diabólicos, os esquerdistas são uniforme e profundamente zelosos e brilhantes. Robert Watson, professor do departamento de inglês na UCLA, descreve a esquerda radical como aquela que se “determina a fazer perguntas duras sobre coisas que a sociedade trata de forma leviana”.⁵² Randy Newngam, codiretor do *Survival Center* da Universidade de Oregon, concorda: “Eu diria que os estudantes são mais radicais, visto que muitos dos alunos com quem trabalho são anticapitalistas, a favor da igualdade trabalhista, pró-aborto e jovens que pensam criticamente sobre problemas globais”.⁵³

Como os Republicanos Arruinaram a América

Na primeira semana de palestras no curso que fiz, “Instituições Nacionais: Congresso”, a professora Barbara Sinclair já começou a choradeira esquerdista. Os republicanos são “extremistas”, ela disse para a classe, e os democratas “mais diversificados”. Tom DeLay, líder da Maioria do Congresso, era “extremamente conservador”, enquanto Nancy Pelosi,

líder da Minoria do Congresso, era “responsável por seu eleitorado”, e “não *aquela tipo* de esquerdista”.⁵⁴ Esse tipo de propaganda flui dos pódios docentes todos os dias. Que não seja surpresa quando os professores disserem que os republicanos estão arruinando o nosso país. Afinal, eles são os “extremistas”, enquanto os democratas são mais tolerantes e “diversificados”.

Kenneth Schultz, professor da UCLA, disse: “Os republicanos não representam historicamente o país dos direitos humanos”.⁵⁵ Ah, sim. Então tudo aquilo sobre Lincoln e os escravos não passa de uma grande mentira?

Lynn Vavreck, professora na UCLA, deu a aula de “Introdução à Política Americana” que tive durante o inverno de 2002. Em 1998, ela havia tido o seu momento de participação com George H. W. Bush na propaganda política *Revolving Door*, cuja publicidade, administrada pela campanha de Bush contra Michael Dukakis, destacava a suavização do crime por parte de Dukakis. Antes de tudo, Vavreck disse à classe que a propaganda ressuscitara as memórias do material independente promovendo Willie Horton, criminoso violento que recebeu liberdade provisória sob a gestão de Dukakis, em Massachusetts. Com a licença em mãos, Horton atacou um casal: estuprou a mulher e esfaqueou seu namorado. Após conectar as duas publicidades, Vavreck detalhou todas as imprecisões no “Revolving Door” com entusiasmo e vigor. Por volta de meia hora depois, ela mostrou sua campanha “favorita”, uma publicidade de Michael Dukakis retratando um republicano gordo e suado falando sobre política.⁵⁶ Por algum motivo estranho, ela não criticou a publicidade ou discutiu *suas* imprecisões.

Um texto prescrito naquela matéria de ciência política afirma: “De 1929 até 1933, o Partido Republicano presidiu sobre a maior depressão na história dos EUA”.⁵⁷ É engraçado como as coisas funcionam. De acordo com o texto, a Grande Depressão durou apenas quatro anos. Embora a verdade seja que durou ainda mais outros oito anos ao longo de duas gestões democratas sob FDR. Jim Powell, historiador, defendeu que as políticas econômicas de Roosevelt na verdade tornaram as coisas piores, prolongando e aprofundando a Depressão.⁵⁸

Esses professores odeiam a própria noção de defesa contra mísseis como proposta por aqueles republicanos doidos por guerra. Por volta de 74% do corpo docente se opõem com veemência a um sistema de defesa antimíssil, contra 70% do público geral que são a favor.⁵⁹ Albert Carnesale, reitor da

UCLA, diz que “um escudo de defesa antimíssil não é a resposta para a ameaça de armas de destruição em massa”.[60](#) Mais de trinta professores e membros da *Union of Concerned Scientists* pressionaram a gestão de Bush a abandonar a defesa antimíssil na época.[61](#)

E nem pergunte a respeito dos *vouchers* escolares. Apesar do enorme sucesso quando testados, os professores universitários prefeririam enforcar-se com os próprios cadarços a elogiar os *vouchers*. Mais ou menos 67% dos professores são contra o uso de *vouchers* escolares.[62](#) Paul Peterson, professor da Universidade de Harvard, escreveu um livro os elogiando, e imediatamente sofreu ataques dos colegas da academia. Henry M. Levin, professor na Universidade de Stanford, reivindicou que Peterson era tendencioso: “Não há dúvidas de que ele é um defensor fervoroso dos *vouchers* [...] E, certamente, teve seu juízo dominado por eles”.[63](#) Bruce Fuller, pesquisador na UC Berkeley, insultou a técnica de pesquisa usada por Peterson: “Mesmo com informações limitadas, ele torce informações avulsas para obter respostas pré-determinadas”.[64](#) Típico: se não segue a linha do partido, você apanha.

Esses mesmos professores nunca se esquecem das infames palhaçadas dos republicanos podres e da mídia maníaca durante o colapso do *impeachment* de Clinton. Eles se lembram dos “U\$40 milhões de Kenneth Starr, da investigação de cinco anos de Bill e Hillary Clinton”[65](#) e da “obsessiva cobertura do escândalo por parte da mídia”.[66](#)

Afinal, os professores foram alguns dos que mais apoiaram Clinton durante seus escândalos. Quatrocentos professores assinaram uma chamada incitando o congresso controlado pelo Partido Republicano (GOP) para não derrubar Clinton do cargo, ainda que se afirmassem “apartidários”.[67](#) Sean Wilentz, professor de Princeton, testificou a favor do presidente Clinton: se você acredita que [os crimes de Clinton] chegam a ponto [de *impeachment*], você votará pelo *impeachment* e se submeterá a entrar para a história como partidário e fanático”.[68](#)

Temos também os extremistas. Bill Mullen e Kevin Borgeson, professores no Stonehill College, ligaram David Horowitz, conhecido conservador judeu, a Bradley Smith, radical revisionista contra o Holocausto. John Ashcroft, procurador-geral — e cristão devoto que como governador do Missouri pediu que suas próprias reuniões semanais fossem

interdenominacionais, para assim não ofender aqueles de outra fé — foi insultado como membro de uma “direita racista” fantasma.⁶⁹

Esse tipo de professor universitário abraça sua política com uma gama de assuntos, e isso quer dizer que a direita nada faz exceto errar. Não se trata de coincidência, mas de uma imitação grotesca, uma paródia do que é a verdadeira educação.

Fora, Malditos Conservadores!

Os republicanos não são bem-vindos na universidade. Aos conservadores é proibido mesmo discursar em refeições de grau. O Centro de Estudo da Cultura Popular pesquisou a visão política dos palestrantes atuantes na graduação por um período de dez anos, cobrindo trinta e duas faculdades, incluindo todas as escolas da *Ivy League*. Palestrantes com ideias esquerdistas superaram em muito os de mentalidade conservadora por uma diferença de 226 x 15. Vinte e duas das trinta e duas instituições pesquisadas não convidaram um único conservador a palestrar; mas, durante o mesmo período, convidaram 173 esquerdistas.⁷⁰ Quando a UCLA convidou a primeira-dama Laura Bush a palestrar na formatura da *Graduate School of Education and Information Studies*, as portas do inferno se abriram. Embora já de início estivesse claro que Bush não aceitaria, os alunos protestaram o convite com toda a força do ser esquerdistas que lhes era própria. “Não ficaremos parados enquanto ela entra aqui sem fazermos nada quanto a isso”, jurou Estela Zarate, aluna cursando doutorado em educação.⁷¹

Enquanto isso, os esquerdistas são bem-vindos e recebidos de braços abertos. Al Franken, esquerdistas tipicamente ácido e malicioso, recebeu, em 2003, uma bolsa na Universidade de Harvard. Foram-lhe dados catorze assistentes para ajudá-lo a pesquisar seu livro *Mentiras e os Mentirosos que as Mentem: Um Olhar Equilibrado e Justo Sobre a Direita*. Esta excelente obra de erudição inclui capítulos intitulados “Ann Coulter: Caso de Loucura”, e “Dei um Tapa na Cara do Bernie Goldberg”.⁷²

E não só isso. Franken usou papel timbrado oficial da Universidade de Harvard para fazer pegadinhas com conservadores conhecidos. Franken enviou uma carta para John Ashcroft, procurador-geral, pedindo que compartilhasse sua experiência com a abstinência para inseri-la “em um livro sobre programas de abstinência voltados às escolas públicas intitulado ‘Savin’ It!’”. Ele disse a Ashcroft que a narrativa seria usada para mostrar

que a administração de Bush “dava bom exemplo, afirmando, inclusive, que já havia recebido testemunhos maravilhosos dos secretários do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, Tommy Thompson e William J. Bennett, do secretário de imprensa da Casa Branca, Ari Fleischer, do senador Rick Santorum, e da secretária de Estado Condoleezza Rice”.

A carta era uma completa farsa. Na verdade, Franken queria material para seu livro. Nas palavras da colunista Michelle Malkin, “Talvez ridicularizar jovens castos e seus modelos de abstinência como excêntricos e puristas dê boa imagem a Franken em Hollywood e em comemorações em Harvard”.[73](#)

A Universidade da Burrice

Os cortes de impostos são malvados. A reforma do sistema público de saúde é maligna. A privatização da Previdência é execrável. Não haver “salário mínimo” é algo impensável. Plano de saúde particular é um desastre. O sistema de defesa antimísseis é caótico. Se o governo provê um valor para os pais optarem pela escola de sua preferência (particular ou não) para os próprios filhos, então ele é do mal, um absurdo. A história toda do Partido Republicano é manchada por prevaricações indeléveis. Certo, mas então o que cabe fazer aos pobres alunos indefesos?

Ah, sim, é óbvio: votar nos democratas.

Trabalhadores do Mundo, Uni-vos!

Existem os democratas e existem os republicanos.

Se o século XX nos ensinou uma lição, foi a de que o socialismo fracassa onde quer que seja testado: fracassou na União Soviética, fracassou na China, fracassou na Tanzânia, na Coreia do Norte e em Cuba. E também não fez da Suécia, da França e da Finlândia poderes globais. O último século foi uma cruel evidência de que a nação que rejeita a economia capitalista está fadada ao fracasso.

Muitos professores ainda não aprenderam essa lição.

Aulas sobre marxismo existem em grandes universidades por todo o país, incluindo: *Brown University, Universidade Columbia, Cornell University, Dartmouth College, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia, Yale, Bucknell University, Carnegie-Mellon University, Duke University, Emory University, Universidade de Nova Iorque, Universidade de Stanford, Syracuse University, Universidade de Chicago, Amherst College, Carleton College, Oberlin College, Reed College, Vassar College, Wellesley College, Universidade do Arizona, Universidade do Colorado, Universidade da Flórida, Universidade de Iowa, Universidade de Kentucky, Universidade de Massachusetts, Universidade de Michigan, Universidade de Minnesota, Universidade do Missouri, Universidade da Carolina do Norte (Chapel Hill), Universidade Estadual da Pensilvânia, Universidade Rutgers, Universidade do Texas, Universidade da Virgínia, Universidade de Washington, Universidade de Wisconsin, e basicamente todo o sistema da Universidade da Califórnia.*¹

A Amherst College oferece o curso “Levando Marx a Sério”. A Universidade da Califórnia em Santa Bárbara oferece o curso “Marxismo Negro”. A Universidade Rutgers oferece o curso “Teoria Literária Marxista”. A Universidade da Califórnia em Riverside oferece uma disciplina optativa de especialização em Estudos Marxistas.²

Richard Sklar, professor da UCLA, chamou o socialismo de “excelente ideia”³ e o ditador comunista Mao Tsé-Tung de “grande líder”.⁴ A implementação do socialismo resultou em mais mortes do que somadas todas as guerras internacionais do século XX. O socialismo é realmente uma “excelente ideia”? Mao causou a morte de milhões do seu próprio povo. Seria essa uma grande liderança?

Dirk Struik, professor e matemático do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), afirmou que “Desde os meus tempos de aluno, descobri que o estudo dos pensamentos de Marx é útil”.⁵ O esboço da biografia do professor Cornel West, citado em vários sites da *internet*, descreve sua filosofia como uma que “procura reviver o melhor do liberalismo, do populismo e do socialismo democrático”.⁶ A. Belden Fields, professor da Universidade de Illinois, coordena um grupo para discussões socialistas que ocorrem mensalmente no câmpus.⁷

Quando Tony Kushner, ácido dramaturgo socialista, discursou na Cornell University, observou com tom de deboche: “O capitalismo é uma porcaria, todos nós sabemos disso”.⁸ Kushner, de acordo com o jornal Cornell Chronicle, “discutiu os males do capitalismo e do individualismo” e “como alternativa ofereceu o socialismo, o qual ele disse englobar a cooperação benéfica ao invés da competição”.⁹ Ótima alternativa. Ao menos foi o que os professores pensaram.

Ron Wilson, professor de cinema e teatro, elogiou Kushner: “A forma como Kushner mescla sarcasmo com intelectualismo proveu uma noite interessante”. De acordo com o artigo, Joyce Morgenroth, professora adjunta de dança, disse que gostou “da forma como Kushner desenvolveu temas diversos, mas mantendo os pés no chão. ‘Ele prosseguiu trazendo a audiência de volta à realidade’”.¹⁰

Lembro-me dos meus tempos de calouro durante as aulas de geografia na UCLA. O professor era Joshua Muldavin. Além de aprendermos que as nações ocidentais destroem os povos e ecossistemas da terra, aprendemos também sobre seu anticapitalismo virulento; a única pergunta: se era ou não abertamente comunista. Ele respondeu prontamente. Contando a história de um aluno que perguntou sobre suas inclinações comunistas, o professor disse à classe: “Então, ele me perguntou se eu era comunista. Eu respondi: ‘se ser comunista significa que eu me importo com todo tipo de pessoa, que

meu desejo é reduzir a desigualdade e ajudar o pobre, então, sim, eu sou um comunista’”. Fiquei pasmo. E o resto da classe riu e aplaudiu.

O corpo docente da extrema esquerda é tão vermelho quanto tomates podres de tão maduros, e seus membros bombardeiam diariamente nossos universitários.

Capitalismo: O Sistema que Falhou

A ala Leon Trotsky da universidade odeia o capitalismo e causa represália. De acordo com essa facção, o capitalismo não faz nada de bom, mas só aumenta a lacuna entre o rico e o pobre, resultando na exploração de pessoas por causa do dinheiro. Qualquer crescimento econômico não é devido à economia do livre mercado, mas a outros fatores.

O mesmo professor Sklar também disse à classe que “intelectuais não são tão anticapitalistas quanto foram vinte e cinco ou trinta anos atrás”.¹¹ Não estou vivo há tanto tempo assim, mas se os professores agora são *menos* anticapitalistas do que já foram um dia, então eu mal consigo imaginar quão ruins eram as coisas naquela época.

Em um artigo que tivemos de ler para a aula de geografia na UCLA no fim do ano, tive de ler que “os sistemas voltados ao mercado de produção e distribuição não têm bons antecedentes quando se trata de prover alimento para o povo, ou de lidar com as bases da pobreza que condenam à fome mais de um quarto da população mundial”.¹² Surpreendente. Da última vez que dei uma olhada, sistemas não “voltados ao mercado” mataram vinte milhões de fome na URSS, trinta milhões na China e milhões mais mundo afora. Devo ter perdido a parte da história nos EUA em que o sistema voltado ao mercado matou milhões de cidadãos.

O programa de estudos para um curso de aulas de geografia da UCLA, intitulado “Globalização: Desenvolvimento Regional e Economia Mundial”, garante: “No fim do curso, os alunos serão capazes de compreender as características básicas da economia mundial, como se desenvolveu historicamente e *como seu processo de formulação criou desigualdade e pobreza*”.¹³ Ou seja, o pressuposto implícito é que o capitalismo causa desigualdade e pobreza. Oi? Todo país que participa do mercado mundial tem experimentado crescimento econômico. Se a lacuna entre países ricos e países pobres aumenta, não significa que o pobre também não esteja ficando mais rico; é uma questão de comparação. Digamos, por exemplo, que, trabalhando como executivo, eu ganhe

U\$100.000,00 por ano, e você U\$30.000,00 por ano como professor. No Natal, recebo um aumento de U\$5.000,00, e você de U\$ 1.000,00. Nossa lacuna de renda cresceu em U\$ 4.000,00, mas, ainda assim, você vai receber mais dinheiro que recebia antes. A desigualdade por si mesma não implica criação de pobreza.

Robert M. Solow, professor do MIT e ganhador de um Nobel, reproduziu o mesmo tipo de reclamação sobre o capitalismo causando “desigualdade”: “o capitalismo *laissez-faire* tende a gerar grandes desigualdades de renda e até mesmo maiores desigualdades de riqueza”.¹⁴ Kenneth Arrow, outro professor do MIT e também ganhador de um prêmio Nobel, concordou: “o capitalismo, em si, não funciona tão bem assim quando não é regulamentado e onde não existem freios e contrapesos”.¹⁵

Thomas Sugrue, professor da Universidade da Pensilvânia na Filadélfia, considera o capitalismo como a causa do subdesenvolvimento negro. O capitalismo causa desigualdade, ele diz. (Já não ouvimos isso antes?). E o capitalismo não apenas causa desigualdade: “Americanos negros carregam desproporcionalmente os frutos da desigualdade”.¹⁶ Resposta errada. Desculpe, professor, você não ganhou o carro. Quer tentar a máquina de lavar? Robert Higgs, do Independent Institute, e Robert Margo, da Universidade Vanderbilt, calcularam que, durante o último século, “a renda média da população negra cresceu muito mais rápido do que a renda média da população branca”.¹⁷

A filósofa mais pró-capitalismo da história recente, Ayn Rand, é ridicularizada pelos professores. John Russon, professor na Penn State, disse que “Não há nada particularmente original ou interessante nas ideias dela, e a autora certamente não está na lista dos filósofos a serem estudados”.¹⁸ Michael F. Szalay, professor adjunto na UC Irvine, concorda: “as coisas que ela fala são, filosoficamente e politicamente, um tanto esquisitas [...] O objetivismo não é levado a sério pelos filósofos em nenhum lugar”.¹⁹ Sendo eu religioso, não concordo muito com a visão profundamente negativa de Ayn Rand sobre a religião. No entanto, minimizar sua contribuição à filosofia é ridículo. Sua defesa do capitalismo é, hoje mais do que nunca, incrivelmente importante. Com o aumento dos impostos e a intervenção do governo em todos os setores da vida, sua filosofia libertária é necessária para ao menos equilibrar o debate.

David Michael Smith, marxista declarado e professor com cargo vitalício na Universidade do Texas, chamou o capitalismo de “sistema baseado na exploração, na opressão, na dominação, no racismo e na guerra — além de muitas outras coisas”.²⁰ Certo. E o socialismo é um sistema baseado em borboletas e flores bonitas e tolerância a todas as criaturas vivas.

“Lucro” significa Palavrão

Esses professores transformam a palavra “lucro” num tipo de maldição. Se algo está ruim, deve ser porque as pessoas estão fazendo isso por puro lucro. Prestar serviços só é digno se feito de forma altruísta. Os docentes que apregoam essa ideia ignoram o fato de que o homem é movido pela recompensa e que lucro é o incentivo mais correto para o trabalho árduo.

Talvez o melhor exemplo seja o ódio desses professores pela indústria de tabaco. Eles a detonam porque ela opera com base no lucro. Fletcher Baldwin, professor na Universidade da Flórida, ficou feliz: “Meu estado está acabando com o lucro da indústria de tabaco nos Estados Unidos”.²¹ E quando milhares de pessoas perderem o emprego? Continuará sendo algo tão bom assim?

“Os terroristas do tabaco odeiam a nossa liberdade [...] Eles odeiam o fato de sermos livres do vício em nicotina e da morte prematura”, disse John Creed, professor na Universidade do Alasca. “O sistema *Big Tobacco* das maiores indústrias de tabaco do mundo lucra horrores sobre essa epidemia totalmente prevenível que mata 400.000 americanos por ano”.²² Ah, faça-me o favor. Terroristas do tabaco? Eles agora pilotam aviões carregados de cigarros para lançá-los nos prédios? Tudo o que as companhias de tabaco fazem é fornecer um produto para um mercado ávido. Isso é crime?

Na verdade é, de acordo com David Kessler, reitor da Faculdade de Medicina de Yale: “É fácil ser influenciado pelo argumento de que o tabaco é um produto segundo a lei e que deve, portanto, ser tratado como qualquer outro. Mas um produto que mata pessoas — quando usado conforme deve ser utilizado — é diferente. Ninguém deveria ter a permissão de lucrar desta maneira”.²³ Espere um minuto... as pessoas não consomem tabaco de forma voluntária? Eu nunca vi funcionários da Philip Morris invadindo a casa das pessoas a fim de forçá-las a fumar um cigarro sob a mira de um revólver.

E não nos esqueçamos do Burger King e do McDonalds, terríveis expoentes do infarto. Esses professores também os odeiam por motivos semelhantes.

Marion Nestle, professora na Universidade de Nova Iorque e autora da obra *Food Politics: How the Food Industry Manipulates What We Eat to the Detriment of Our Health* [Política Alimentícia: Como a Indústria dos Alimentos Manipula o que Comemos em Detrimento de Nossa Saúde], enxerga os americanos como macacos estúpidos forçados pela mídia à obesidade. “Não é justo”, Nestle choraminga. “As pessoas são bombardeadas com comida de todos os lados só para comerem cada vez mais. A função da indústria alimentícia é fazer com que as pessoas comam mais, não menos”.²⁴ Nossa! Sério?! Você quer dizer que companhias alimentícias querem que comamos o alimento produzido por elas para que possam ganhar dinheiro? Que coisa repugnante!

O pessoal gosta de lanches e besteiras? Problema de cada um. “Meu desejo é que cheguemos a ponto de ver uma máquina de vendas automáticas no saguão de entrada e, assim como se nos deparássemos com uma máquina automática de cigarros no mesmo lugar, pensemos: ‘isso é ruim, não deveria nem mesmo estar aqui’”, diz Tom Farley, da Universidade Tulane.²⁵ Vencer essa batalha “não será fácil”, determinou Tony Robbins, da Universidade Tufts. “As pessoas precisam ser criativas a respeito [derrotar a indústria das comidas não saudáveis], mas o tabaco não é um oponente menor”.²⁶

É tudo culpa do lucro. Se não existisse lucro, ninguém comeria *fast food* e todos seriam parecidos com a modelo Cindy Crawford e com o ator Matt Damon. E ninguém fumaria, e o ar seria limpo, e ninguém morreria de câncer de pulmão.

Sim, certo. Tudo bem. Ah, e por falar nisso, o que aconteceu com o direito de escolha?

Porcos Capitalistas Gananciosos

A ala comunista do sistema universitário não só odeia o capitalismo; ela também odeia os capitalistas. E nada remete mais ao capitalista que o cidadão branco e rico.

Há algo inerentemente errado com ser rico. Significa que você roubou dos outros. Significa que você é racista. Significa que você pode distorcer a lei, tornar a política parcial e trucidar camponeses.

O quê?

Paul Ehrlich, professor em Stanford, fala zombando: “A riqueza [...] mantém os pobres e as nações relativamente sem poder para buscarem igualdade”.²⁷ Sim, as coisas seriam bem melhores se nós todos fôssemos pobres. Então, poderíamos bater uns nos outros com bastões para “buscarmos a igualdade”.

Robert Watson, professor na UCLA, explica que o docente é o grupo mais nobre da sociedade, e por isso rejeita o dinheiro: “aqueles que desejam renunciar a extrema riqueza que algumas riquezas trariam, preferindo o privilégio de ensinar a juventude e manter a dependência intelectual, são os mesmos que tendem a questionar a autoindulgência e o amor ao dinheiro da cultura americana”.²⁸ Graças a Deus temos professores tão puros e altruístas!

O professor Muldavin, comunista confesso, certo dia citou Platão em sala de aula, dizendo: “A riqueza ignorante é mais maligna do que a pobreza”.²⁹ Ele não declarou uma fonte para a citação, mas esse era o ponto que ele queria deixar claro: se você é rico mas não esquerdista, você é mal.

Muldavin também indicou uma peça de propaganda chamada *LA's Lethal Air*. O autor afirma: “Para o rico, no entanto, o infortúnio de um é o ganho do outro”.³⁰ Engraçado, não é isso que penso quando vejo o cachorro de alguém pobre sendo atingido por um carro. Ou quando ouço que alguém perdeu o emprego. Um dos principais fatores sobre o sistema capitalista é que todos prosperamos ou todos fracassamos juntos. Tanto a recessão quanto o crescimento econômico não atingem unicamente o pobre. Quanto melhor for a condição do rico, melhor é para o bolso de todo mundo.

Corporações Malignas

Se o rico é o símbolo do capitalismo, então as corporações são os ricos em seu grau elevado ao máximo. O corpo docente de esquerda *odeia* as corporações. As corporações estupram o ambiente. As corporações exploram o trabalhador pobre. As corporações são tirânicas, ultrapassando seus vínculos morais para o mal dos males, o lucro.

Para o professor Muldavin, as corporações são aqueles que exploram o Terceiro Mundo: “Perda de controle é um processo histórico e social. No

Terceiro Mundo, a perda se faz presente nas comunidades locais e no aumento de *entidades globais e distantes*".³¹ Que coisa mais assustadora.

O professor Robert Watson pesou a mão sobre as corporações, assim como faz na maioria dos casos, em um texto para o UCLA Daily Bruin. "Você não precisa de universidades para assegurar os americanos de que [...] grandes corporações têm bom coração e são boas para todos, uma vez que elas contratam jornalistas, dominam os canais da mídia, compram advogados", disse. "As universidades americanas têm se desenvolvido, ao lado da sociedade como um todo, porque temos um sistema de resistência à tendência natural que as autoridades têm de ditar aquilo em que devemos acreditar".³² Como a maioria de suas outras ideias, as tendências anticorporativas partem de sua rebelião contra as autoridades. Robert transmite esse mesmo lixo para "os milhares de alunos da UCLA que têm trabalhado e estudado com [ele]".³³ Companheira de Watson, Dana Cloud, professora na Universidade do Texas, escreveu um artigo para o jornal Daily Texan, ao qual ela deu o título de "O juramento aos trabalhadores". Sua versão revisada do "Juramento à Fidelidade [da Bandeira dos EUA]" diz: "Juro fidelidade a todas as pessoas comuns ao redor do mundo, / aos trabalhadores demitidos da Enron e aos funcionários mandados embora da WorldCom / aos operários do maquinário / às fábricas de trabalho forçado desde Nova Iorque até a Indonésia, / que trabalham não sob Deus, mas sob o coturno de ferro das corporações multinacionais".³⁴ Lendo esse texto, é de imaginar que as companhias multinacionais estupram vacas, comem crianças e jogam lixo nuclear no jardim de infância. Que monte de lixo.

Marilyn Raphael, professora na UCLA, considera as corporações como agentes repugnantes da poluição. "Se as pessoas se safam de poluir", diz ela, "quanto mais as indústrias".³⁵ Eis um raciocínio sem sentido. As pessoas se safam enquanto poluem porque o governo não tem os recursos necessários para supervisionar cada indivíduo em particular. Já nas grandes companhias, por outro lado, há funcionários do governo as vistoriando diariamente.

Um texto lançado pela organização Labor/Community Watchdog em Los Angeles, atribuído ao professor Muldavin, concorda com Raphael. De acordo com o escrito, os executivos das grandes companhias devem "assumir a maior parte da responsabilidade pelos perigos ambientais à saúde pública e pela ameaça à viabilidade do planeta como organismo de

longa duração”.³⁶ As grandes companhias gastam seu tempo “corrompendo a política, a cultura e o ar”,³⁷ elas “*determinam nossas escolhas* por meio da publicidade, pela participação de mercado, pela precificação e outras formas de poder mercantil”.³⁸ Entendeu? As grandes corporações usam propaganda para fazer lavagem cerebral nos clientes. Elas controlam nosso cérebro. *Música de fundo do Matrix*.

Outro texto que foi apresentado nas aulas do professor Muldavin diz o seguinte: “O que as grandes companhias reivindicam como direito irrestrito ao acúmulo das riquezas que todos nós ajudamos a produzir mais se parece com o direito divino dos reis do que com os princípios da democracia”.³⁹ Trata-se de psicopatia. O direito divino dos reis daria às corporações permissão plena para que acorrentassem os trabalhadores à cadeira e não os pagassem, motivando-os com um chicote. Na verdade, as grandes companhias geralmente pagam bem. E, quanto ao direito de acumular riquezas: se você a produz, é sua. Empresas podem gerir o valor como lhes parecer melhor.

Quando tive aulas de Geografia 4 na UCLA, o professor Jurgen Essletzbichler explicou o capitalismo industrial. As explicações em sala continham gráficos que tornavam o aprendizado mais visualmente acessível. Os desenhos que ele selecionou para representar o capitalismo industrial eram 1) um magnata gordo andando em uma carruagem ao lado de um esqueleto simbolizando a morte⁴⁰ e 2) um magnata gordo representando a Inglaterra, com braços saindo de sua cabeça e agarrando países menos industrializados.⁴¹ Delícia. Como eu amo o cheiro de doutrinação logo pela manhã.

Essletzbichler também anexou um gráfico que supostamente representava a economia do topo para baixo, e indicava um industrialista gordo em pé em cima de um globo, urinando sobre a parte mais baixa. Bom, não é exatamente esse o retrato que explica os mecanismos de uma teoria econômica.

Aparentemente sem conseguir usar as palavras, Essletzbichler mostrou o filme *Roger and Me* durante o tempo de palestra.⁴² *Roger and Me* é um documentário sobre demissões da General Motors em Flint, Michigan. O protagonista, Michael Moore (autor de *Stupid White Men* e *Dude, Where’s My Country?*), perseguia o presidente da GM, Roger B. Smith. De acordo com a resenha que Sean Axmaker escreve para analisar o livro na

Amazon.com: “Moore embosca funcionários da corporação”.⁴³ Nas palavras do professor, no entanto, não era uma emboscada, mas a descrição precisa de eventos da vida real. Aquilo mostrava o aspecto “negativo da globalização”.⁴⁴

Professores esquerdistas também empurram a noção de que as grandes indústrias são corruptas. Eugene White, professor na Universidade Rutgers, afirmou que a recente enxurrada de escândalos de corrupção corporativa “nada menos é que típica”.⁴⁵ O professor Jeffrey Garten, reitor da Faculdade de Administração de Yale, concorda: “Acredito que seja justo dizer que não havia *ninguém* na comunidade de negócios que não estivesse envolvida com corrupção de alguma forma”.⁴⁶ Nas palavras do Washington Post, Jay Lorsch, professor de gestão em Harvard, originalmente acreditava que a corrupção corporativa era relativamente rara; “mas agora ele não está mais tão certo disso”.⁴⁷

Todas essas coisas têm surtido efeito sobre os alunos. Uma pesquisa com formandos do último ano revelou pluralidade: 28% escolheram economia e administração como profissão, na qual “a postura de ‘vale tudo’ certamente tende ao maior sucesso”. Essas graduações encontravam-se acima do jornalismo, do direito, da pedagogia, da ciência/biologia/medicina, dos serviços sociais, entre outras.⁴⁸ Questionados se a única diferença entre Enron e outras empresas era a de que “Enron foi pega”, 56% concordaram, e apenas 41% discordaram.⁴⁹ Enquanto isso, apenas 10% do público geral sentiam que a corrupção corporativa acontecia na maioria das companhias.⁵⁰ Tal contraste é assustador. Se o aluno universitário acredita que o comércio e os negócios são ruins, é fácil entender o que eles pensam sobre o capitalismo.

A Aliança dos Grandes Sindicatos Trabalhistas com o Sistema Universitário

Existe um conluio acontecendo entre professores e sindicatos trabalhistas. Sindicatos Trabalhistas (ST) são abertamente anticapitalistas. Os leninistas imaginavam a Revolução Marxista como a revolução dos operários contra a “aristocracia”. Esses sindicatos eram necessários décadas atrás, quando o poder de barganha coletiva era um dever; agora, porém, são mero incômodo, aliando-se ao Partido Democrata para ameaçar o

funcionamento do mercado. Professores esquerdistas são amiguinhos dos Sindicatos Trabalhistas, e incentivam os alunos a serem amiguinhos deles.

Em reportagem do New York Times, detalhou-se essa amizade colorida. De acordo com o artigo, professores por toda a nação estão aconselhando alunos a se tornarem organizadores de sindicatos. Esses docentes, inclusive, têm oferecido cursos a oficiais sindicalistas. Segundo o jornal Times, “os intelectuais de hoje garantem que o apoio a sindicatos trabalhistas terá muito mais retorno que mero falatório em fóruns, seminários e palestras”. Resumindo, esse tipo de professor apoia sindicatos trabalhistas fazendo uma lavagem cerebral nos alunos universitários. A seguir estão alguns detalhes desse relacionamento incestuoso:

Os professores da Universidade Cornell participaram de uma conferência com a Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO) sobre organização e gestão [...] no começo de outubro, dezenas de acadêmicos, estudiosos e especialistas se encontrarão com sindicalistas na Universidade Columbia para um treinamento no estilo da década de 1960, visando que o mundo acadêmico aprove a nova liderança trabalhista e explore como os intelectuais podem fazer mais para avançar as metas da organização sindicalista. Treinamentos parecidos acontecerão em dezenas de outras faculdades, incluindo a Universidade de Wisconsin, a Universidade da Flórida, a Universidade Eastern Illinois, a Wayne State University em Detroit e a Universidade do Texas em El Paso [...]

Reconhecendo que essa nova amizade com o sindicato não é totalmente altruísta, associados disseram esperar que a AFL-CIO dê auxílio para as lutas por preservar vagas, carteiras de trabalho assinadas, aumentar a folha de pagamento e impedir cortes nos gastos com a educação.⁵¹

Na UCLA, professores aconselharam a AFL-CIO sobre como instituir o programa Sindical de Verão. Mais de mil alunos trabalharam para sindicatos e ajudaram a estabelecê-los em pequenas fábricas por toda a Los Angeles.⁵²

Assustador, não é? É ainda mais assustador quando você olha para o que a AFL-CIO, que é o outro lado do relacionamento entre Universidades/Sindicatos Trabalhistas, está promovendo. Seu *site* carrega o emblema e a missão do que estão fazendo: “Lutaremos por uma agenda para famílias trabalhadoras em todos os setores do governo. Empoderaremos as federações do estado. Construiremos uma *coalizão progressiva ampla que dê voz à justiça social e econômica*”.⁵³ Como já foi

discutido, progressista sempre significa esquerdista/comunista extremo, e “justiça social e econômica” sempre significa distribuição de renda por parte do governo.

Na prática, isso significa que a AFL-CIO fortalece candidatos democratas. Eles contribuíram com U\$712.284,00 para os candidatos federais democratas durante o ciclo eleitoral de 2002. Outros sindicatos contribuem com até mais. A União dos Sindicatos Trabalhistas e a Organização Teamsters Union deram, juntas, um total de U\$2.211.121,00 aos candidatos da federação democrata durante o ciclo eleitoral de 2002.⁵⁴

Porque o ativismo sindicalista é uma causa que recebe amplo apoio e primazia do corpo docente universitário, esta torna-se, portanto, causa central também do corpo estudantil.

A Síndrome China

Pegue a China, Cuba ou qualquer outro país socialista. Se perguntar a um desses professores o que acha dessas nações, provavelmente receberá um sinal de positivo. A China tem um bom sistema econômico, recentemente enfraquecido por sua lenta transição para o capitalismo. A Cuba tem um ótimo sistema de saúde. Tire da cartola qualquer país socialista, e tenha certeza de que o professor esquerdista o considera superior aos Estados Unidos.

Particularmente, chamo essa admiração pelo comunismo/socialismo de a Síndrome China.

O protótipo para essa desordem é o Professor Muldavin da UCLA.

De acordo com Muldavin, a China é um “modelo de desenvolvimento”.⁵⁵ Ele elogia o modelo de desenvolvimento maoísta, que, segundo a cabeça dele, “foi fundado sobre uma estratégia de autoconfiança [...] seu sucesso em áreas como educação, saúde e bem-estar social, e o desenvolvimento da infraestrutura rural e urbana são amplamente reconhecidos”.⁵⁶ Ele despreza o lento desenvolvimento rumo ao capitalismo da China: “Muitos são os problemas ambientais e sociais e estruturais nas reformas, e eles não serão resolvidos; *na verdade, serão piorados pela contínua transição a uma economia orientada pelo mercado*”.⁵⁷ (Tradução: ir em direção a um sistema capitalista não ajuda a China ou seus cidadãos, pois o capitalismo prejudica a todos).

Muldavin continua: “Uma das coisas mais perturbadoras que já aconteceu foi o desmantelamento do sistema de bem-estar social da China

[...] Eu presenciei do dia para a noite, dentro de dois ou três anos, o colapso completo desses sistemas. Nada — nenhuma agência estatal, nenhuma “iniciativa do setor privado” —, ninguém tem tomado a iniciativa de preencher a lacuna.⁵⁸ Portanto, obviamente, a única solução é um regime comunista totalitário. E, para começo de conversa, o sistema de assistência social do país não estava em pleno vapor — esta é a nação que segue a política do filho único, lembra?

Quando confrontado por um aluno com o fato de que a campanha Grande Salto Adiante (*Great Leap Forward*), liderada por Mao, levou à morte trinta milhões de cidadãos chineses durante a maior fome provocada pelo homem na história da humanidade, Muldavin respondeu: “Certamente, meu intuito não é esconder essa carestia [...] [O período da grande fome] não diminui em nada os possíveis benefícios oriundos da economia coletiva, e em nada melhora os aspectos negativos da privatização”.⁵⁹ Ah, sim! Então matar trinta milhões de pessoas não quer dizer nada. Por esse exemplo, o regime de Stalin, que matou só vinte milhões de russos, pode ser considerado uma brilhante estratégia de desenvolvimento.

Se gostam da China, então *amam* Cuba.

“Em Cuba parece haver uma distribuição igualitária de recursos e mantimentos, admitidamente limitados, com um plano de saúde gratuito para todos e um sistema postal que abrange o país todo”, diz Steven Schendel, professor na Universidade de Stanford. “Sim, há escassez de material, mas há muita compaixão”.⁶⁰ E, obviamente, todos sabemos como a compaixão salva pessoas com câncer. Pense só: “Perdoe-nos, Sr. Esquivel, não temos os meios para fazer quimioterapia e você vai morrer por causa disso, mas *lamentamos e sentimos* muito”.

Sharon Frey, professora na Universidade de Saint Louis, acredita que “vendo a partir de um senso de comunidade, perspectiva global e compaixão, eles estão bem à frente”.⁶¹ Não é esse o país que depende da produção de açúcar para abastecer sua patética forma de vida?

Mario Coyula, professor de Harvard, palestrante convidado nativo de Cuba, tem orgulho de dizer que seu país não caiu após a queda do muro de Berlim. Ele também se orgulha da falta de um sistema de classes em Cuba: “As pessoas colocam mesas na rua para jogar dominó. Sempre há um mercadinho na esquina aonde as pessoas vão. É outra atmosfera, na qual as classes sociais são niveladas”.⁶² Agora sim uma coisa importante para

contar ao mundo todo. Pessoas jogando dominó. Enquanto nós, aqui desse lado do globo, gastamos nosso tempo criando uma grandiosa economia da qual o mundo todo depende. Ah, mas ao menos lá eles jogam dominó.

“Abaixo o Direito à Propriedade Privada!”

Eis o âmago da questão. Para resolver todas as “deficiências” do capitalismo, professores esquerdistas advogam uma nova definição de propriedade. Devemos abolir os direitos à propriedade privada e assim tornar o sistema mais igualitário a todos. Eis o comunismo. Foi Karl Marx quem disse que “a teoria dos comunistas pode ser resumida em uma única frase: abolição da propriedade privada”.⁶³ É isso que o corpo docente de esquerda tanto deseja.

“Batalhar contra a fome exige uma reformulação fundamental do significado de propriedade”, de acordo com as linhas de uma leitura indicada no curso de geografia da UCLA.⁶⁴ Quando as pessoas estão com fome, que se dane a propriedade privada. Essa é a estratégia.

Laurence Tribe, professor da Faculdade de Direito de Harvard, sente que a Constituição impede o progresso. De acordo com Tribe, a Constituição tem uma “tendência interna contra a redistribuição de riquezas”. Tal tendência beneficia “a riqueza impregnada”. Nas palavras de Thomas Sowell, “Quando o regime da lei é considerado tendencioso [...] significa que os princípios da Constituição Americana [têm sido] sorrateiramente anulados”.⁶⁵ Abolir a propriedade privada significa ter direito ilimitado de redistribuir riquezas. “Se a causa da pobreza é a distribuição desigual de riquezas no mundo, então para acabar com a miséria, e assim com a crise populacional, devemos redistribuí-la entre as nações e em seu íntimo”, diz Barry Commoner, professor de extrema esquerda. E o que dá ao professor Commoner⁶⁶ o direito de tomar a propriedade de alguém e dá-la a terceiros? Exato, a inexistência de direitos à propriedade privada.

Em termos práticos, esses marxistas buscam um plano que “envolveria a grandiosa redistribuição de riquezas mediante a taxaço de pessoas de renda mais alta, primeiramente aqueles que ganham U\$100.000 ou mais, e, imposição ainda mais substancial, por meio de impostos corporativos bem mais elevados”, de acordo com Paul Ehrlich, em um texto escrito para o curso de geografia na UCLA.⁶⁷ Também, de acordo com Ehrlich, “Deve-se reduzir o desperdício no consumo em países ricos e assim permitir o

crescimento necessário em países pobres [...] Nossos sistemas sociopolíticos também devem passar por uma revisão dramática em direção ao aumento da igualdade em todos os setores”.⁶⁸ Em um mundo projetado por intelectuais, o “rico” escravizaria sua vida, então teria seu dinheiro roubado de si e depois dado aos pobres.

Os Socialistas Democratas da América (SDA), a maior organização socialista dos EUA, são repletos de professores universitários. Entre os cargos de honra estão o professor Bogdan Denitch da Universidade da Cidade de Nova Iorque, e o professor Cornell West, da Universidade de Princeton. O professor Frances Fox Piven, da Universidade da Cidade de Nova Iorque, é vice-presidente da organização, como também a professora Rosemary Ruether, da Graduate Theological Union.⁶⁹ A declaração de metas e propósitos da SDA diz: “Somos socialistas porque rejeitamos uma ordem internacional econômica sustentada pelo lucro privado”.⁷⁰

Alerta Vermelho

Nem todos os professores universitários são comunistas. Na verdade, a maioria deles não é. Mas há um movimento combinado dentro das universidades para reviver a “glória” que uma vez já foi o socialismo. Seus membros atuam minimizando o valor do capitalismo que dizem ser injusto para com as classes mais pobres, e tornando o “lucro” uma palavra suja. Eles atuam demonizando o rico como parasitas sugando sangue do pobre operário, e retratando as grandes companhias como estupradores do meio ambiente e do Terceiro Mundo. Esse corpo docente atua se aliando com a União dos Sindicatos Trabalhistas, e exaltando ditaduras comunistas como China e Cuba. Esses professores atuam pregando o revisionismo da própria definição de propriedade privada.

O marxismo está morrendo mundo afora, mas está bem vivo nas universidades americanas.

“Não é um Direito só do Homem Rico e Branco!”

Em 14 de março de 2001, estava eu sozinho na parte alta do Grêmio Estudantil Ackerman, quando olhei para baixo, para o Westwood Plaza. Três andares abaixo uma multidão com mais de mil pessoas gritava e bradava. A maioria era negra, com alguns alunos hispânicos. Até mesmo um número de asiáticos juntou-se aos manifestantes. Com som estridente, esse conglomerado de raças parou a universidade. Muitos usavam camisetas vermelhas que diziam “ACESSO NEGADO”. Muitos haviam vindo de caravanas do ensino médio da região de Los Angeles. Exortados a novos níveis de fanatismo por algumas poucas figuras solitárias que carregavam megafones, eles bradavam os mesmos clichês de direitos civis e coisas do tipo, vez após vez. Era a injúria em sua melhor forma.

“EDUCAÇÃO É UM DIREITO! NÃO SÓ DO HOMEM RICO E BRANCO!”, eles bradavam, ignorando que a maioria daqueles jovens no sistema da UC não era branca e que há mais americanos asiáticos do que brancos nessas universidades.¹

“ESSA É A FACE DA DIVERSIDADE!”, proclamavam, esquecendo que não havia um só branco naquela multidão.

“DIRETORIA DA UC: NÓS VEMOS QUE VOCÊS VEEM OS RACISTAS!”, eles gritavam, repreendendo um conselho que contém mais esquerdistas que conservadores.

E, gritando para as diretorias, “VOCÊS TRABALHAM PARA NÓS!”, e não para o povo da Califórnia.

Esses militantes investindo em ações afirmativas estavam tentando mudar a política do sistema de admissão e matrícula da Universidade da Califórnia, uma política estabelecida em dois atos chamados SP-1 e SP-2. Esses faziam com que de 50% a 75% dos candidatos ao primeiro ano

fossem admitidos com base em notas escolares e notas do SAT, e não na cor de pele. E era essa política que deixava em fúria esses criadores de narrativa.

Agora, os militantes não ficaram nada felizes quando olharam para cima, à esquerda, e me viram com um cartaz em letras garrafais dizendo:

MÉRITO ANTES DA DIVERSIDADE MANTENHAM A SP-1 E A SP-2

De início, dos que estavam fazendo aquele escândalo todo, apenas alguns me viram. Eles riam ironicamente e cutucavam o colega ao lado para que me olhassem, até não demorar muito para que um terço daqueles mil estivesse gritando contra mim, me encarando ou mostrando o dedo do meio.

Mais tarde, a multidão começou a marchar pela universidade gritando toda aquela estupidez. Eu sabia que eles teriam de fazer uma rota pelo câmpus; e por isso mesmo passei bem na frente deles. Segurei meu cartaz de modo que todos pudessem ver. Os organizadores da manifestação, percebendo um possível empecilho, foram forçados a interpor-se entre mim e os militantes, prevenindo que os manifestantes passassem por cima de mim.

O ponto-chave dessa história é que esse tipo de esquerdismo virulento, emocional e baseado na cor e raça não surge de um vácuo. Precisa vir de algum lugar. E, no caso das universidades, está vindo diretamente do corpo docente.

“Nós/Eles” e “Os Outros”

Os professores esquerdistas costumam fazer um jogo semântico. Eles definem “racismo” como a divisão entre “nós” e “eles” e o péssimo tratamento do “outro”. O único caminho para haver paz entre povos de culturas e ideologias diferentes, eles dizem, é se cada indivíduo considerar a humanidade toda como o “nós”. O uso da palavra “eles” objetifica o próximo e o separa do eu. Tudo isso soa profundo. Pena que não passa de um monte de bobagem.

“A imposição das desigualdades sociais entre o ‘nós’ e ‘eles’ agora é reconhecida como racismo”,² de acordo com um texto para o curso de biologia da UCLA. (Tradução: se alguém ou alguma coisa cria desigualdade entre dois grupos, necessariamente é racista). Quanta

imbecilidade. Por vezes é a própria vida que impõe as desigualdades sociais. Então a vida é racista? Se a sociedade impõe “desigualdades sociais” entre cidadãos cumpridores da lei (“nós”) e criminosos (“eles”), *nós somos racistas?*

Griffith Chaussee, palestrante hindu-urdu na Universidade da Virgínia, criticou a “mentalidade nós/eles” que muitos têm quando o assunto são culturas diferentes: “O conceito moderno de nação-estado tem se tornado hegemônico, propagando o pensamento binário”.³ (Tradução: estados promovem a espécie de pensamento “nós somos brilhantes, todos os demais não prestam”). E daí? O pensamento binário é positivo. Ajuda a manter os EUA seguros. Enquanto não ficamos amiguinhos do “outro”, “o outro” tem mais dificuldade de chegar perto para bombardear nossos prédios. Quanto mais clara a distinção entre o bem e o mal, melhor será a vida e mais seguros estaremos.

Chaim Seidler-Feller é professor de sociologia e presidente do Instituto Judaico Hillel na UCLA. Em um memorial do Holocausto, ele comparou o tratamento dos nazistas para com os judeus com o tratamento dos judeus para com os palestinos, chamando os alunos a “Refletir sobre o próximo, sobre o outro, sobre o próximo, sobre o outro [...] O Holocausto existiu porque as pessoas não pensaram no ‘outro’”.⁴ Na verdade, não é bem assim. O Holocausto aconteceu porque os nazistas eram maníacos malignos com a intenção de matar judeus, e porque boa parte da Europa mostrou-se conivente. Os nazistas pensavam “no próximo” e então o matavam. “O outro” é uma abstração tola e vaga que nada significa quando colocada contra a parede.

Esse desprezo para com qualquer dicotomia nós/eles é um jogo semântico que a esquerda em geral ama fazer. Certa feita, palestrei numa escola pública sobre o conflito árabe/israelense. “Enquanto *eles* [os árabes] continuarem a nos atacar [americanos e israelenses], disse eu, “*eu* acredito que *nós* devemos, sim, analisar racialmente os árabes”. Um dos alunos então bradou: “Por que você separa o ‘nós’ do ‘deles’? Isso não é racismo?”. “Não”, *eu* respondi, “é o uso correto da gramática”. Infelizmente, a esquerda corrompeu tanto o uso ordinário da língua que é quase impossível evitar um ninho de cobras linguístico.

O lixo referente ao “nós/eles” e “o outro” é uma desculpa para a filosofia *acomodacionista*, a qual acredita que, seja qual for o conflito de ideologias, a rendição é sempre a melhor opção. Determinado grupo está se

comportando mal? Bom, *nós* não podemos chamá-lo de “*eles*” ou de “o outro”, então *eles* devem ser alguns de “*nós*”, dos nossos; talvez sejamos responsáveis pelo comportamento *deles*. É tudo culpa nossa. *Nós* é que devemos mudar o *nosso* comportamento. Se não está disposto a aceitar a culpa, *você* é racista. Eis um ótimo dilema, bem do tipo Ardil-22. Se alguém fez algo de errado, é *sua* a culpa, ou *você* será acusado por fazer uma simples distinção entre “*nós*” e “*eles*”.

Os Vencedores Ditam a História

Professores de história país a fora acreditam que o ensino da história mundial é disseminado de um ponto de vista “eurocêntrico”. A história europeia recebe mais tempo em sala de aula do que a história africana; a história americana recebe mais tempo em sala do que a história dos indígenas americanos.

Em vez de simplesmente aceitarem o fato de que a história europeia e a história americana exercem maior impacto sobre o mundo atual do que a história indígena americana e a história africana, esses docentes tentam corrigir o disparate. Eles ensinam história do “ponto de vista africano” ou do “ponto de vista do índio nativo americano”.

Desta forma, ensina-se história nas faculdades por todo o país a partir de uma “perspectiva multicultural”. Como Dinesh D’Souza descreveu em seu livro *Illiberal Education*, “A maioria das universidades americanas tem diluído ou retirado seu ‘currículo fundamental’, baseado nas grandes obras da civilização ocidental para dar espaço a novas exigências de cursos que enfatizam culturas não ocidentais, estudos afro-americanos e estudos feministas [...] aqueles professores vistos como paladinos dos interesses das minorias [...] recebem privilégios parcialistas, estão deliberadamente munidos de erudição ideológica e são imunes a críticas mesmo quando fazem reivindicações excessivas, estranhas, com conotações raciais”.⁵

Na Universidade Carnegie-Mellon, o Departamento de História oferece os “Papéis dos Sexos e a Mudança Social”, um curso que estuda “o papel das mulheres e dos homens, os comportamentos e as crenças em uma variedade de sociedades”. A Universidade Stanford oferece aos alunos o seguinte curso de história: “Autobiografia Gay: sexo, identidade e solidariedade como representados em nove autobiografias”.

Os alunos da Universidade de Nova Iorque têm a chance de se matricular nas aulas de “Raça, Sexo e Sexualidade na História dos

EUA”. A descrição do curso afirma que “ao longo da história dos EUA, argumentos sociais, econômicos, morais e políticos avançaram de forma a sustentar a subordinação de pessoas de cor e mulheres; gays e lésbicas têm sofrido nas esferas da sexualidade”.

Na Oberlin College, o Departamento de História dá aos alunos a incrível oportunidade de fazer “Branços Insuportáveis: A Construção Social de uma Categoria Racial”. A descrição do curso diz que “Ao longo da história dos EUA, pessoas consideradas ‘brancas’ acumularam privilégios sociais, jurídicos e econômicos à custa daqueles que não são considerados brancos”.⁶ Palavras assim parecem vindas de uma aula de história sobre os direitos pré-civis dos EUA. Mas não. As leituras do curso incluem *Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s* [A Formação Racial nos Estados Unidos: de 1960 a 1990], *How Jews Became White Folks and What That Says About Race in America* [Como os Judeus Tornaram-se um Povo Branco e o que Eles Pensam Sobre a Questão Racial nos EUA] e *The Possessive Investment in Whiteness: How White People Profit From Identity Politics* [A Investida de Posse Branca: Como os Brancos se Beneficiam das Políticas Identitárias].⁷ Essa aula gira em torno da *contínua* opressão branca sobre as minorias.

Edward Said descreve as visões ocidentais do Oriente Médio como “etnocêntricas” e inerentemente racistas no *orientalismo*. Ele afirma que os árabes são os únicos estudiosos do Oriente Médio e do Oriente “não tendenciosos”.⁸

O professor John Esposito ecoa as ideias sem nexos de Said em seu livro *A Ameaça Islâmica*. Ele chama os americanos de “etnocêntricos”, especialmente com respeito ao estilo americano de democracia. O autor também clama por um fim ao estudo de qualquer ligação entre o islã e o terrorismo porque reforça estereótipos”.⁹ Ora, as universidades deveriam passar pano para o islã, e não revelar sua verdadeira face — afinal, as pessoas podem “estereotipar” os muçulmanos. Quando sentimentos batem de frente com fatos, os fatos simplesmente precisam ser transformados.

Como já conseguimos perceber, “a história multicultural” não serve em quase nada para transmitir informações úteis aos alunos. Um estudo feito em 2001 mostrou que, dos alunos do último ano das melhores cinquenta faculdades do país, “apenas 23% conseguiram identificar James Madison

como o Pai da Constituição”. Somente “40% conseguiram identificar o período correto da Guerra Civil”.¹⁰

Bom, ao menos os alunos do último ano não são eurocêntricos.

Coitadas das Pobres Minorias Vitimizadas

Todas as minorias são pobres. Todas as minorias são pouco instruídas. Todas as minorias são incapazes porque foram subjugadas e vitimizadas. Se você não acredita em mim, então pergunte a um professor esquerdista.

De acordo com uma leitura exigida em sala, as minorias são “os membros mais vulneráveis da classe trabalhadora”,¹¹ elas “sofrem por causa da posição social e da raça”, permanecendo sob os “fardos de cor e de classe”.¹² Isso tudo lembra uma velha piada sobre o New York Times: um dia antes de o mundo acabar, o Times traz a seguinte manchete: “Fim do Mundo: Mulheres e Minorias são as mais Atingidas”.

Na universidade, a mesma luta dos direitos civis que começou há tempos ainda permanece. Afirma o seguinte o texto para o curso de ciências políticas intitulado “Introdução à Política Americana”: “Os afro-americanos têm se engajado na luta pelos direitos civis por duzentos anos”.¹³ Ah, sim, entendi. Devemos acreditar que não houve nenhum tipo de ganho na luta pelos direitos civis? E que os direitos civis dos negros não têm sido garantidos pelo governo dos Estados Unidos? Olha, o pessoal dos direitos civis tem feito um trabalho tão bom que mesmo os simples críticos das comunidades de minorias podem esperar uma caixa de correios cheia de cartas com acusações de racismo.

O mesmo texto afirma logo depois que “os afro-americanos, com vários outros grupos minoritários [...] compartilham uma história experimental de discriminação. Os brancos tendem a pensar que já se alcançou a justa igualdade perante a lei e que qualquer esforço especial para superar os efeitos da discriminação do passado é injusto aos brancos”.¹⁴ (Tradução: enquanto as minorias têm uma visão esclarecida do mundo, uma vez que experimentaram a discriminação, os brancos acham que o preconceito não existe). Certo, mas vejamos uma coisa. Em primeiro lugar, presumir que a comunidade branca é monolítica é tão racista quanto dizer que todos os negros apoiam Jesse Jackson. Segundo, essa afirmação implica que, se você é branco, você nunca experimentou preconceito. Em resumo, trata-se de propagação da mentira.

Culpabilizando a maioria branca por causa dos problemas de algumas minorias, Diego Vigil, professor na UC Irvine, disse que “jovens, segunda geração de imigrantes [...] são marginalizados em muitos graus e, assim, forçados à vida de rua”.¹⁵ A maioria das pessoas que vive nos EUA é descendente de imigrantes, e, ainda assim, de alguma forma consegue vencer na vida. Por que é que somente *essa geração* de imigrantes está sendo oprimida e “marginalizada”?

Noel Ignatiev, professor na Universidade de Harvard, identifica-se como um “aboliconista” que busca abolir o “ser branco”. “O povo branco deve cometer suicídio como povo branco para [...] de criatura miserável, petulante e subordinada transformar-se em um ser humano totalmente conectável, completamente desenvolvido, desconstruído”, disse Ignatiev a uma multidão na UC Berkeley. “Ao atacar o ser branco, os aboliconistas buscam minar o principal pilar da regra capitalista deste país”. Ignatiev também atacou a força policial, a qual ele considera ferramenta do estado racista: “Os policiais olham para determinada pessoa e então decidem com base na cor se ela é ou não leal ao sistema que juram servir e proteger. Eles não se perguntam se o negro cuja cabeça estão espancando é ou não inimigo, mas isso tomam por pressuposto”.¹⁶ De acordo com Ignatiev, “todo grupo dentro dos Estados Unidos brancos tem, mais cedo ou mais tarde, seu momento de avançar interesses particulares e específicos à custa dos negros como raça”. Para aqueles que conhecem o histórico de Ignatiev, ler isso não deve ser uma grande surpresa. Ignatiev é o fundador da revista *Race Traitor* [Traidor da Raça]. A primeira publicação desse periódico continha o lema “Trair o ser branco é ser leal à humanidade”.¹⁷

Em 1993, Khalid Abdul Muhammad, porta-voz da Nação do Islã, palestrou na Kean College em Nova Jersey. Em seu tolo discurso, cheio de ódio, Muhammad retratou a comunidade negra como vítima da “conspiração judaica”. “Todo mundo fala que Hitler exterminou seis milhões de judeus. E eles estão certos. Mas ninguém nunca pergunta o que fizeram com Hitler?”. Ele então se voltou para a África do Sul, e, como compensação ao *apartheid*, alegou ter dado ao homem branco “vinte e quatro horas para sair da cidade até o pôr do sol. Só isso. Se não saísse da cidade até o pôr do sol, mataríamos todos os brancos deslocados na África do Sul. Nós mataríamos as mulheres, mataríamos as crianças, mataríamos os bebês. Mataríamos o cego, mataríamos o aleijado, mataríamos todos.

Mataríamos o homossexual, mataríamos a lésbica, mataríamos todos os brancos”.[18](#)

De acordo com Vernellia R. Randall, professora na Faculdade de Direito da Universidade Dayton, “por causa do racismo institucional, as minorias têm menos educação e menos oportunidades educacionais”.[19](#) Que coisa mais patética. Porque não tem encontrado racistas de verdade em posições de poder a quem criticar, o professor esquerdista joga toda a culpa para o racismo institucional. Mas o melhor de tudo para eles é a impossibilidade de derrubar o racismo *institucional*. Assim fica fácil. Como perderiam os criadores de narrativa com esse raciocínio?

Wallace Sherwood, professor da Northeastern University, repete o jargão “se você é branco, você é racista”: “Muitos brancos não acreditam que os negros são tão inteligentes quanto eles [...] Durante uma discussão, eles se desligam. A menos que venham de uma pessoa branca, as palavras se apagam”.[20](#) O professor Sherwood é negro, então não consigo comentar a respeito do que ele disse: minha mente já se desligou.

Rodney King e a “Resistência” de Los Angeles

Nada ilustra melhor a controvérsia racial na universidade do que a reação dos professores esquerdistas aos eventos em torno de Rodney King. Os professores simpatizam completamente com ele, atacam a polícia e usam eventos assim para promover pautas próprias. Eis o relativismo moral em sua melhor forma.

Jorja Prover, professora de Estado Social na UCLA, lecionava na Universidade do Sul da Califórnia (USC) quando ocorreu o julgamento de Rodney King. Durante uma palestra sobre a violência em Los Angeles, um aluno entrou correndo na classe da professora para anunciar que os policiais que estavam sob a acusação de terem espancado Rodney haviam sido absolvidos. “Eu tive de me controlar para não chorar”, disse Prover.[21](#) Maravilhoso. Ela “lutou para não chorar” enquanto policiais eram inocentados por terem batido em um bandido parrudo, drogado e que resistia à voz de prisão, por sentir que a comunidade negra estava sendo oprimida outra vez. A professora Prover lamenta pelos policiais que são assassinados por bandidos assim todo ano?

A reação de um professor de direito da Universidade da Geórgia foi a seguinte: “O que aconteceu com Rodney King não foi por acaso; não foi um incidente isolado envolvendo policiais tiranos. Espancamentos e outras

formas de brutalidade policial, embora cuidadosa e inteligentemente escondidos do público, sempre foram e ainda são o padrão comportamental do corpo policial de todo o país”.²² A polícia deve ser muito inteligente mesmo, tanto que encontra maneiras de bater em todos os criminosos negros sem ninguém ver. Talvez eles tenham escudos de invisibilidade mágicos.

A simpatia por Rodney King ao menos tem um quê de justificativa; poderia-se argumentar que a polícia reagiu com exageros no caso de King. O que não se justifica é abraçar a tão falada “Resistência de Los Angeles” como protesto legítimo contra o racismo. (Os professores universitários, assim como muitos da esquerda, na tentativa de legitimá-la, chamam a revolta de Los Angeles de “resistência”). Jody Armour, professor na USC, afirmou que “a discriminação racial, especialmente contra jovens afro-americanos e homens latinos, continua a corromper o sistema criminal e poderia incitar uma revolta parecida no futuro. Continuamos a viver em um celeiro de pólvora”, disse ele.²³ Em caso de dúvida, culpe de racismo todos os problemas de qualquer grupo minoritário ou caso isolado.

Edward Chang, professor na Universidade da Califórnia em Riverside, predisse: “Não estamos confrontando a causa do problema [que levou à manifestação], então haverá outra manifestação”. Quais foram as causas da manifestação de 1992 e quais serão as causas de manifestações futuras? “A pobreza e a lacuna crescente entre “os que têm” e “os que não têm”, a discriminação racial e a segregação que cada vez mais se disseminam, o desemprego e a falta de oportunidades de educação para as minorias, e o abuso policial como um todo”.²⁴ Resumindo: o racismo é a causa de todos os males. Nem um só problema envolvendo o abandono por parte do pai ou da mãe, taxas de criminalidade, falta de ética trabalhista, nada. As minorias são mantidas no fundo do poço por culpa da mão opressora do homem branco.

Kyeyoung Park, professora na UCLA, é mais oportunista que suas amigas tempestivas, usando a “revolta” como desculpa para angariar “exigências de diversidade” — aulas projetadas para “possibilitar a sensibilidade cultural”. Esses cursos inúteis, que os alunos jamais fariam voluntariamente, servem apenas para manter professores supérfluos no cargo. Mas Park realmente acredita que exigências do tipo ajudam no cenário explosivo das tensões raciais: “Não temos fornecido os mecanismos

para aprendermos sobre outros grupos”, ela explicou, como se uma aula de diversidade, paz e amor impedisse os vândalos de incendiar Los Angeles.²⁵

“O caso de Rodney King foi sobre abuso policial, o de O.J. foi sobre incompetência policial [...] é um retrato sombrio para o Departamento Policial de Los Angeles”, afirmou Laurie Levenson, professora na Faculdade de Direito da Universidade Loyola.²⁶ É criativa a forma como a professora Levenson iguala o incidente de Rodney King com o julgamento de O.J. — criativa e repugnante. No caso de Rodney King, a polícia usou de força excessiva para subjugar um criminoso; já no de O.J., um homem assassinou brutalmente sua ex-esposa e a amiga dela.

É só na universidade que uma manifestação se transforma em “resistência”, onde o policial é bandido e o criminoso se torna herói.

“Eu Não Falar Inglês Bem!”

Aqueles que têm uma mentalidade esquerdista assassinam a língua inglesa. Não quero dizer que redefinem as palavras para benefício próprio, embora seja esse outro problema sério. Aqui, porém, falo dos professores esquerdistas que assassinam a sólida gramática do inglês. Esses docentes agem assim com o intuito de igualar o uso correto e o uso errado da língua, abrindo caminho para passar de ano e avançar no sistema mesmo aqueles que mal sabem fazer uso da gramática básica. O corpo docente finge que não há problema algum em falar de forma incorreta, impulsionando a educação bilíngue para preservar a “diversidade da língua”.

Em 2001, fiz um curso de linguística na UCLA, intitulado “Introdução ao Estudo da Língua”. A primeira atividade da aula foi um pré-teste. Determinada parte consistia em uma série de afirmações de verdadeiro ou falso. Começando, “Deve-se dizer ‘Sou eu’, e não ‘Sou mim’.”²⁷ Sendo eu estudioso de gramática, naturalmente optei por “Verdadeiro”. Errado. A opção era “Falso”: Pode-se dizer “Sou mim” assim como “Sou eu”. Fiquei chocado. A gramática exige que se diga “Sou eu”, e, contudo, ali o aluno aprendia que também é correto dizer “Sou mim”. Incrível.

Professores esquerdistas igualam formas bastardas de inglês, principalmente ebonics,** com o inglês convencional. Na verdade, foi o professor Robert Williams, da Universidade de Washington, que criou o termo “ebonics”, em 1973. Williams acredita que “Os professores devem reconhecer o ebonics como língua de fato e não a desvalorizar [...] Quando as crianças são criticadas pela maneira como falam, sua autoestima é

ferida”.²⁸ Se o intuito do professor fosse tão somente ensinar visando a autoestima do aluno, a maioria dos adultos seria analfabeta.

Ernie Smith, ex-professor da Universidade Estadual da Califórnia em Fullerton, diz: “Se o ebonics não é uma língua, então o inglês também não é”.²⁹ Mikelle Omari, professora na Universidade do Arizona, concorda: “Agora é a hora de trabalharmos juntos para remover o estigma social associado ao ebonics”.³⁰ O inglês negro: separado, mas igual.

O Dr. Ronald Bailey, da Northeastern University, foi além, reivindicando que o ebonics é “a versão negra da Festa do Chá de Boston [Boston Tea Party]” — ele acredita que a juventude negra que fala ebonics assim o faz para resistir à opressão branca.³¹ Geneva Gay, professora na Universidade de Washington, tem a mesma sensação, explicando que “Tirar o [ebonics] destruiria a cultura afro-americana”. De acordo com Gay, o único motivo para alguém se opor ao ebonics é o racismo”.³²

A educação bilíngue, afirma Richard Ruiz, professor na Universidade do Arizona, permite que as pessoas mantenham “um senso de identidade étnica, de quem são, e de sua própria comunidade, jurando, simultaneamente, lealdade aos Estados Unidos”. O professor Ruiz se opõe a qualquer afirmação que seja contra a educação bilíngue. Tais medidas “[amarram] as mãos daqueles que tentam dar o seu melhor para ensinar as crianças por meio da educação bilíngue”.³³

A professora Pamela Munro foi convidada a palestrar numa aula de linguística que eu cursava. Durante a palestra, ela disse com um tom descontraído: “O que podemos fazer para salvar nossa herança linguística que está se extinguindo? Desencorajar a discriminação contra os bilíngues ou pessoas que falam línguas minoritárias”.³⁴ (Tradução: Force companhias e empresas a contratarem pessoas que falem “línguas minoritárias”). Que tal, ao invés disso, *ensinar inglês às pessoas?* Que conceito!

Reparações à Escravidão

O professor universitário de esquerda fica todo esbaforido quando o assunto é fazer reparação pela escravidão. Cerca de 40% desses professores amariam ver essas reparações tornando-se realidade, contra meros 11% do público geral”.³⁵ Desde que o papai Estado é a solução para todos os

problemas, logo o remédio para a comunidade negra problemática deve vir na forma de dinheiro de impostos.

Em primeiro lugar, esses professores aceleram a máquina de ter dó e pena para justificar as reparações à escravidão. Uma leitura sobre história dizia: “Porque os escravos compunham a gigantesca maioria da força de trabalho que fez as colônias de fazendas de escravos tão lucrativas, é justo dizer que os africanos construíram o Sul”.³⁶ Para enfatizar esse ponto, o texto ressalta: “Embora os afro-americanos não tivessem recebido *nada em troca*, o trabalho deles ajudou a construir o maior acúmulo de capital que a Europa já viu”.³⁷ Bom, percebe-se o rumo que a conversa está tomando. Se os escravos não receberam “nada em troca”, a solução óbvia é compensá-los dando algo aos seus descendentes — exceto, é claro, pelo fato de que tanto opressores como oprimidos já estão mortos há muito tempo e os descendentes de um grupo não devem nada aos descendentes do outro grupo.

Contudo, esses professores insistem na história de “subordinação” para justificar as exigências por reparações à escravidão, ainda que essa espécie de compensação seja paga por pessoas sem relação alguma com a escravidão a negros que em nada foram afetados pela escravidão.

Chris Ogletree, professor de direito em Harvard, disse que existe “uma enorme divisão racial” nos Estados Unidos porque falta diálogo acerca de assuntos raciais, uma conversa que seria resolvida somente por meio de reparações à escravidão. “Não estamos simplesmente investindo contra o governo, mas também contra instituições e indivíduos que lucraram diretamente da escravidão”.³⁸ Ah, sim, só para refrescar a memória do Sr. Ogletree, todo mundo que lucrou diretamente da escravidão já está morto.

Richard Lobban, professor na Rhode Island College, concorda. Ele disse a uma multidão de alunos na Brown University o seguinte: “carecemos de um sentimento nacional de vergonha e contrição”. Mas não para por aí. Ele prosseguiu, dizendo que a escravidão durou muito tempo e matou mais pessoas que o Holocausto, e as vítimas da era escravagista ainda são tão merecedoras de compensação [quanto os que sofreram nas mãos do regime nazista].³⁹ Mentira. É impossível que a escravidão nos Estados Unidos tenha causado mais de treze milhões de mortes, o número de pessoas assassinadas no Holocausto (contando judeus, outros “não arianos” e cristãos).

E não ouse desafiar a visão esquerdista de reparações à escravidão. Se quer saber porquê, pergunte a David Horowitz. Horowitz tentou emplacar uma manchete intitulada “Dez Motivos para Afirmar que as Reparções à Escravidão são uma Má Ideia e são Racistas”. De início, o texto foi aceito pelo jornal independente Daily Californian, na UC Berkeley. Na manhã seguinte, contudo, os impressos foram roubados e queimados pelos alunos, no intuito de impedir que o anúncio surtisse qualquer impacto. Mais tarde, o editor do Californian retratou-se pela publicação.

Lewis Gordon, professor na Brown University, caracterizou o texto como “discurso de ódio, um pedido por apoio financeiro para desenvolver um espaço de anúncio antinegro” e acreditou que isso “encorajaria supremacias brancas e racistas antinegros”.⁴⁰ Bem improvável que Horowitz fosse um supremacista branco, afinal ele é judeu. E, ao invés de combater as verdadeiras ideias que Horowitz expôs, Gordon escolheu difamar o anúncio relegando-o ao “discurso de ódio”.

O professor Ernest Allen Jr., da Universidade de Massachusetts, também difamou o anúncio chamando-o de “polêmica racista contra afro-americanos e africanos carente de responsabilidade e de informação”.⁴¹ Quando você não pode combater o argumento, chame-o de racista — sempre funciona. O professor Allen, assim como a professora de Estudos Femininos Arlene Avakian, também impediram um discurso de Horowitz na Universidade de Massachusetts.⁴² Esse pessoal precisa se preparar para dar aulas?

Quando palestrou na Universidade do Estado do Arizona na primavera de 2001, Horowitz foi contrabalanceado por não menos que três professores da universidade, assim como um “moderador” — outro professor. O professor James Weinstein (direito), assim como Horowitz, enfatizou a importância da liberdade de expressão, dizendo: “Se Horowitz tem o direito de fazer afirmações desagradáveis e notoriamente erradas, tal precedente deu [aos professores adversários] o direito de protestar vigorosamente contra suas visões”. O professor Joseph Graves (biologia) acusou Horowitz de ser um “racista descarado”. O professor T.J. Davis (história e direito) escreveu que Horowitz com seus argumentos “foi contra três décadas de academia e autoridade no assunto de escravidão”. De acordo com o moderador, o Dr. Michael Mitchell (ciências políticas e estudos africanos), Horowitz foi “contencioso e fechou-se a qualquer diálogo verdadeiramente

civilizado”.⁴³ É claro, ficar preso num palco com quatro professores contra você jamais deixaria alguém irritado. É algo justo e equilibrado — igualzinho a CNN.

“A Culpa Não é Sua”

Não ser aceito em uma instituição nunca é culpa da minoria. A culpa é toda do racismo institucional ou dos testes e provas tendenciosos. Simplesmente pergunte a Paul Ehrlich. “Será que Pedro está cheio de potencial e inteligência, mas privado de oportunidade para desenvolver seu potencial e impedido por uma nota sem sentido em uma prova tendenciosa?”, ele pergunta retoricamente.⁴⁴ É claro que sim. Jamais se permita pensar que Pedro não é a última Coca-Cola do deserto. Embora existam muitos Jacks e Jills burros, afirmar tal coisa acerca de Pedro seria racismo.

Dizer que uma prova de vestibular como o SAT é tendenciosa representa a desculpa última para aprovar alunos em instituições por outros meios que não o simples mérito. Richard Atkinson, ex-presidente da UC, defendeu a retirada do SAT I do processo de admissões da UC como parte de “uma série de passos que tem por objetivo aumentar o acesso à universidade para alunos de diferentes contextos”.⁴⁵ Atkinson afirmou: “Essa proposta tem a ver com a justiça no processo de decisão educacional”.⁴⁶ Atkinson reivindica que o teste é tendencioso. Por causa da pressão de Atkinson, o SAT I banuiu analogias e acrescentou uma parte de redação em uma tentativa de agradar a UC.⁴⁷

Como as analogias de palavras são tendenciosas? Não consigo entender. Por exemplo, a seguinte pergunta passou a ser proibida no SAT I:

DETETIVE está para PISTAS assim como

- (A) aluno: escola
- (B) cervo: trilha
- (C) cão de caça: odor
- (D) comerciante: recibo
- (E) investigar: mistério.⁴⁸

É uma questão tendenciosa? Sendo negro, você não a vê como um branco a veria? (A resposta para negros e brancos é C).

Mas, aparentemente, não só analogias em palavras são inclinadas contra as minorias. Aqui estão alguns exemplos de frases e ideias apagadas de textos para evitar o “viés”: referências a estado civil, avós em cadeiras de balanço, homens como doutores e mulheres como enfermeiras, rebelião dos adolescentes, hambúrguer, bolo de aniversário e refrigerante. No lugar deles estão: lares com um só dos pais, família de filhos únicos, avós fazendo caminhada, profissões neutras em relação a gênero, crianças obedientes e suco de fruta e legumes.⁴⁹ Que mundo estranho esse em que vivemos.

Tratamento Especial

Na Califórnia, a ação afirmativa é proibida pela Proposição 209, que proíbe o uso da raça ou da preferência de gênero em contratações e admissões estatais. O referendo passou facilmente, com 54% do voto público. No entanto, isso não faz com que as universidades parem de “aumentar a diversidade” de maneiras diferentes.

James Catterall, professor da UCLA, pediu novas medidas para cadastrar as diferentes raças no sistema da UC. Ele “propôs admitir alunos sob diferentes critérios, e não só o do academicismo, para garantir salas de aula onde os alunos se sobressaem em diferentes áreas”.⁵⁰ Resumindo, ignore as notas e os SATs para que possamos garantir acesso àqueles que são bons em pintar com o dedo.

A UCLA acatou de corpo e alma a sugestão de Catterall. A política da nova administração leva em consideração os “desafios da vida”. É claro, por “desafios da vida” entenda o conselho de admissões dando mais crédito às minorias (excluindo os asiáticos). Um artigo na primeira página do *Wall Street Journal* detalhou esta política: “Começando nesta primavera, todos os candidatos foram pesados sob um processo conhecido como revisão compreensiva, que recompensa crédito extra superando uma ampla variedade de obstáculos pessoais, psicológicos e familiares — o que a UCLA chama de desafios da vida”. O artigo também contrastou os casos de Stanley Park, um coreano, e Blanca Martinez, uma latina. Park e Martinez tinham basicamente “desafios da vida” idênticos, e Park fez 1500 pontos de 1600 em seu SAT, 390 pontos acima da senhorita Martinez. Estranhamente, Park não foi aceito na UC Berkeley ou na UCLA, enquanto Martinez foi aceita em ambas.⁵¹ Não é difícil de entender. Se você é negro ou hispânico, você está dentro. Se você é branco, asiático ou judeu, você está fora. É simples assim.

Quando a política racial de admissões da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan foi desafiada na justiça, os tribunais mantiveram a política. O professor Gary Orfield de Harvard aplaudiu a decisão afirmando: “Devemos elogiar os líderes e intelectuais da Universidade de Michigan por fornecerem defesa intelectual, vigorosa e rica para suas políticas de ação afirmativa”. O presidente de Harvard, Lawrence Summers, concordou: “Aplaudo a opinião da Justiça que apoiou a abordagem de Harvard (e Michigan) quanto às matrículas, para que a raça possa ser corretamente considerada como um entre muitos fatores em um processo de admissão devidamente estruturado. Esta é uma notícia muito bem-vinda”.⁵² Talvez seja bem-vinda para Summers, mas certamente não é para os alunos devidamente qualificados certos de que serão rejeitados por causa das minorias não qualificadas.

O corpo docente da UC costumava opor-se ao projeto de privacidade racial de Ward Connerly, membro do conselho da universidade. O projeto barraria o estado de buscar ou manter registros de dados por raça. Isso, é claro, teria tido ramificações enormes para candidatos universitários, que não precisariam dizer sua raça. Esse fator também teria acabado com a questão sobre “representação desproporcional” nas instituições.

Outro diretor da UC, William Bagley, fútil, afirmou: “O banimento da [verificação racial] alternativa seria contraproducente e pernicioso para nossos esforços de recrutar minorias qualificadas”.⁵³ Sim, certo. Minorias qualificadas não se candidatarão porque o questionário não contém perguntas sobre a raça de cada um? Se isso os afasta, sinceramente falando, eles, de toda a forma, são estúpidos para se qualificar.

Paule Takash, professor de estudos chicanos, afirmou, cheio de justiça própria: “Não se consegue uma sociedade cega às cores escondendo o problema ou não o abordando”.⁵⁴ Aparentemente, de acordo com Takash, a solução deve ser continuar empurrando a questão racial goela abaixo e chamando tudo de discriminação.

O resultado das “metas de diversidade” em matrículas universitárias: candidatos subqualificados entram em algumas das instituições mais renomadas do país. Entre os alunos admitidos no outono de 2002 na UCLA estavam sete alunos com pontuação no SAT entre 700 e 800 (você consegue 400 pontos só de escrever o seu nome na folha de respostas), 106 alunos com pontuação entre 800 e 900, 412 alunos com pontuação entre 900 e 1000, 762 alunos com pontuação entre 1000–1100, e 982 com pontuação

entre 1100 e 1200. Enquanto isso, 191 alunos com pontuação no SAT entre 1500 e 1600 foram rejeitados na UCLA, como também foram 1455 alunos com pontuação entre 1400 e 1500, 4667 alunos com pontuação entre 1300 e 1400, e 7609 com pontuação entre 1200 e 1300. De forma simples, alunos com pontuação menor obtiveram vagas que deveriam ter ido para pessoas com melhores pontuações.⁵⁵ A história foi a mesma com pontuação no SAT entre 600 e 1000. Enquanto isso, 641 alunos com pontuação quase perfeita no SAT foram rejeitados.⁵⁶

As universidades empurram ação afirmativa, “desafios da vida” e classificações raciais para admitir minorias — não porque são mais inteligentes do que os seus colegas brancos ou asiáticos, mas unicamente porque são minorias. Ao fazer isso, procuram maneiras de admitir alunos subqualificados no lugar dos qualificados. Por que não incentivar melhor desempenho dos alunos pertencentes às minorias? Não é racismo deixar subentendido que as minorias não conseguem superar esse desafio?

“É Ofensivo!”

Nos últimos anos, as universidades têm ficado tão sensíveis à “insensibilidade” que muitas têm instituído códigos discursivos proibindo seus alunos de falar sobre determinados tópicos. David Limbaugh, autor best-seller e comentarista, relata que “90% das universidades americanas têm adotado tais códigos de uma forma ou outra”.⁵⁷ Desde que tudo ofende alguém, as universidades podem, em breve, se assemelhar a monastérios silenciosos.

Na Universidade Bucknell, os alunos são barrados por “comportamento relacionado ao viés”, definido como “qualquer ação que discrimina, ridiculariza, humilha ou ações relacionadas, e cria um ambiente hostil para outro indivíduo ou grupo por causa da raça, religião, identidade étnica, orientação sexual, gênero, língua ou crença”.⁵⁸ Cobre basicamente tudo, não é mesmo? Por essa definição, o Sr. Rogers é tão ofensivo quanto Al Sharpton.

Enquanto isso, na Universidade Shippensburg, os alunos devem “espelhar” a política da universidade em relação à “tolerância racial, diversidade cultural e justiça social”. Justiça social? Então, se você se opõe ao salário mínimo, você está cometendo um crime de ódio? O código continua: os alunos não devem “provocar, assediar, intimidar ou prejudicar

o outro”.⁵⁹ A provocação não é definida claramente. De alguma forma, eu duvido que aquela injúria contra Bush seria considerada provocação. Por alguma razão, acredito que injúrias contra Clinton o seriam.

A Universidade Tufts proíbe “insultos humilhantes e depreciativos, nomenclaturas e o uso de palavras ou imagens negativas associadas a um grupo que criem um ambiente publicamente hostil”. A Tufts continua a proibir alunos de “atribuir objeções a qualquer coisa acima da ‘hipersensibilidade’ de outros que se sentem feridos”.⁶⁰ Essa última frase é incrível. Se meus sapatos o ofendem, você pode lamentar, mas se eu disser que você é um bebê chorão, eu posso ser punido pela administração da universidade.

Espera-se dos estudantes da Universidade Hendrix que não participem de qualquer “conduta que leve ao constrangimento, prejuízo ao corpo ou insultos a outras pessoas”.⁶¹ Não saliente que as meias de alguém não combinam. Se você mora nos dormitórios da UCLA, não faça quaisquer “observações depreciativas sobre a roupa, corpo ou atividades sexuais de alguém baseadas em gênero” ou “observações depreciativas, piadas e provocações baseadas em gênero”; poderia caracterizar “assédio sexual”.⁶² Assédio sexual na Universidade de Missouri-Rolla vai além das políticas da UCLA: mesmo “o olhar penetrante e inapropriado” pode ser considerado assédio sexual.⁶³

É exigido dos alunos de Harvard que evitem “Comportamento evidentemente deliberado em prol de desonrar características como raça, sexo, grupo étnico, crença religiosa ou orientação sexual”; tal comportamento “é contrário à busca da pesquisa e educação”.⁶⁴ De forma similar, na Colby College, “Assédio, que pode incluir uma variedade de ações, do abuso verbal à agressão física, entra em conflito direto contra o compromisso com a dignidade humana, postura que não será tolerada”.⁶⁵

O presidente da Dartmouth, James Wright, resume a atitude das universidades em relação à liberdade de expressão: “Em uma comunidade como a nossa, que depende muito do respeito e da confiança mútua, é difícil entender porque alguns ainda insistem em dizer que seus ‘direitos’ de fazer o que quer estão acima dos direitos, sentimentos e considerações dos outros. Devemos reconhecer que a liberdade de expressão tem consequências sobre aqueles a quem devemos prestar contas”.⁶⁶ Para a maioria dos alunos

universitários, as consequências da liberdade de expressão poderiam significar punição por parte da administração.

A Isca Racial

Os professores universitários amam a tensão racial. Eles não suportam a ideia de que os conservadores podem estar certos quanto à criação de uma sociedade cega a cores, ao contrário de uma com tratamentos especiais conforme a cor. Esses professores expõem visões que não têm semelhança com as visões convencionais dos EUA.

Em 31 de outubro de 2001, ocorreu outra manifestação, desta vez por ação afirmativa. A multidão era muito menor, uma vez que a Universidade da Califórnia tinha implementado de fato políticas de ação afirmativa, e não havia muito por que lutar.

Estava eu em pé, avistando de cima uma multidão de mais ou menos cem manifestantes; cada pessoa na multidão tinha um lenço amarrado perto da boca, simbolizando manifestação silenciosa. Já eu fiquei segurando um cartaz contra a ação afirmativa por mais ou menos quarenta minutos, até que um jovem latino, vestindo-se bem, aproximou-se de mim. Ele olhou para o meu cartaz, depois para mim, e disse: “Estou tão feliz por você estar aqui segurando esse cartaz. De outra forma, as pessoas pensariam que todo mundo nesta universidade é a favor da ação afirmativa. Sou contra a ação afirmativa porque entrei nesta universidade pelo meu próprio mérito, e todo mundo acha que eu entrei aqui por ser latino. Não quero que as pessoas pensem que tudo o que faço na vida e as oportunidades que recebo são por causa da minha raça. É um insulto”.

Cerca de uma hora depois da minha conversa com o jovem, um dos meus professores assistentes me viu segurando aquele cartaz e parou. Mantive contato visual com a professora e sorri enquanto vinha em minha direção. Ela acelerou, me questionou sobre o cartaz por um minuto e então disse com tom de ira: “Vou sair de perto de você. Não quero ser associada a esse cartaz”. Ela ficou notoriamente menos amigável pelo restante do trimestre.

Não quero dizer que todas as pessoas que acreditam na ação afirmativa são maliciosas ou hostis, pois tenho certeza de que um ou dois deles não são. Mas o que posso afirmar com certeza é que as universidades envenenam seus alunos quanto à relação entre raças. As universidades não

lutam para tornarem seus alunos daltônicos, mas, ao invés disso, encorajam uma consciência ácida multicolor. E essa é a tragédia da situação.

Sexo na Sala de Aula

Durante a “revolução sexual” da década de 1960, os ambientes universitários eram como uma estufa para o comportamento sexual selvagem e imoral. Deitar-se com desconhecidos havia se tornado prática comum; o homossexualismo havia saído do armário; os alunos país afora bradavam “faça amor, não faça guerra”, e então faziam amor. Os professores esquerdistas os aplaudiam, e por vezes chegavam a participar da diversão.

Mas as coisas não mudaram muito desde então. O sexo é promovido incansavelmente em sala de aula. Todas as formas de sexo são julgadas naturais e satisfatórias. A homossexualidade é perfeitamente normal. A pedofilia é aceitável, no máximo estranha. Eles se riem do estupro estatutário. Não veem problema nenhum no bestialismo.

Tomar uma posição contrária significa ser ridicularizado pelos professores e pelos alunos que “aprendem” deles. Por exemplo, escrevi um artigo para o jornal Daily Bruin da UCLA, explicando porque deveríamos todos nos opor a um panfleto das Nações Unidas justificando a promiscuidade nos campos de refugiados. O texto promovia adultério, sexo antes do casamento e homossexualismo. O professor Robert Watson respondeu ao meu texto me chamando de retrógrado e bitolado: “Ben Shapiro [...] já gastou uma coluna reclamando de que a ONU permite que o pessoal se divirta nos campos de refugiados”.¹

Em outra coluna, escrevi me opondo à “Semana de Sair do Armário”, uma semana toda patrocinada por universidades que encorajam os alunos homossexuais/ bissexuais/ travestis a “saírem do armário”. A resposta ao meu texto foi barulhenta e perversa. A TenPercent, revista homossexual da universidade, rotulou-me de “homofóbico hipócrita”.² Todas as cartas impressas no Daily Bruin em resposta à coluna estavam carregadas de insultos pessoais. De alunos a membros do quadro de funcionários, eles não

conseguiam deixar de demonizar a oposição. Fui chamado de “mente fechada” e “ignorante”, alguém que usa “apelos emocionais para vomitar [seu] ódio vagamente velado e cegamente concebido contra um grupo todo”,³ alguém que “precisa de ajuda”,⁴ “preconceituoso e insensível”.⁵ E essas são apenas as respostas impressas.

Baixo e Sujo com o Departamento de Inglês

Os professores esquerdistas, entre outros membros do corpo docente da universidade, com frequência injetam sexo nos planos de aula. Esse fator é especialmente visível nas aulas de idiomas, em que qualquer assunto pode ser deliberadamente interpretado com malícia para trazer o sexo à conversa.

Tomeis algumas aulas de inglês no outono de 2001 na UCLA, lecionadas pelo professor Luke Bresky. Ele basicamente ensinou todo gênero de narrativa como alegorias sobre os papéis dos sexos e da homossexualidade. Algumas das discussões invocavam o sexualismo enquanto, por exemplo, líamos os poemas de Walt Whitman. Mas a maioria dos textos não continha conotações sexuais. O professor Bresky pediu que lêssemos *The Aspern Papers*, de Henry James, a partir do qual tentou representar o narrador como um homossexual enrustido. Busquei no Google qualquer outra crítica literária que descrevesse *Aspern Papers* como alegoria homossexual, mas não encontrei nada. É desnecessário dizer que, no fim do curso, meus colegas de classe e eu estávamos cansados daquele discurso chato e constante sobre sexo e gênero.

Brenda Silver, professora na Universidade Dartmouth, parece fazer a mesma coisa: ela transforma tudo em uma metáfora para o sexo. O Dartmouth Review, jornal estudantil independente, descreve Silver: “Ávida crítica feminista, a professora Silver lê literatura com a firme crença de que qualquer coisa maior do que realmente parece ser representa o falo. Silver é viciada e vidrada em tudo que seja anti-homens, e defende a androginia como ideal humano”.⁶

Algo que já ficou extremamente comum no Departamento de Língua Inglesa das universidades do país é uma espécie de foco antinatural e grave sobre sexo. Muitos professores dão aulas inteiras abordando tópicos referentes à sexualidade.

Exemplos:

- UCLA: M101A — Literatura Lésbica e Gay antes da Rebelião de Stonewall; M101B — Literatura Lésbica e Gay após a Rebelião de Stonewall.[7](#)
- Universidade do Estado da Califórnia: Literatura Erótica, Sexualidade Masculina, Literatura Gay, Literatura e Poesia Lésbica.[8](#)
- Universidade de Arkansas: Literatura e Eros.[9](#)
- Dartmouth College: Tópicos em Literatura e Teoria Cultural: Teorias Feministas, Teorias *Queer*.[10](#)
- Universidade de Chicago: Problemas nos Estudos de Gêneros.[11](#)
- Williams College: Literaturas *Queer* em Inglês: Uma Introdução.[12](#)
- Universidade do Colorado: Introdução à Literatura Lésbica, Bissexual e Gay; Teoria *Queer*; Estudos em Literatura Lésbica, Gay, Bissexual e Transgênera.[13](#)
- Truman State University: Representações de Gênero e Sexualidade.[14](#)
- Universidade de Wisconsin em Milwaukee: Desejos entre o Mesmo Sexo na Literatura Moderna.[15](#)
- Universidade de Stanford: Orientações: Sexo, Ego e Subterfúgio na Ficção.[16](#)
- Faculdade de Boston: Temas Literários: Tradições da Literatura *Queer*.[17](#)
- Universidade Georgetown: Vidas Indizíveis: Narrativas Gays e Lésbicas.[18](#)
- Universidade Wesleyana de Illinois: Garotas Más: Sexo, Texto e Tradição na Ficção Escrita por Mulheres Negras.[19](#)
- Universidade Carnegie-Mellon: Teoria Gay e Lésbica.[20](#)
- Bryn Mawr College: Sexo em Pauta: Representando o Desejo e a Diferença;[21](#) Literatura *Queer*/Teoria *Queer*.[22](#)
- Universidade de Michigan: Como Ser Gay; Homossexualidade Masculina e Iniciação.[23](#)

Alguns professores de língua inglesa vão além da sala de aula para “ensinarem” seus alunos. Richard Burt, professor na Universidade de Massachusetts, publicou fotos sujas de si mesmo ao lado de mulheres com os seios de fora em sua página digital registrada pela universidade. Depois, porém, ele “voluntariamente” as excluiu quando os alunos começaram a reclamar.²⁴ Estranhamente, Burt não foi demitido. Você imagina um funcionário publicando pornografia no portal da empresa para a qual trabalha, e ainda assim manter-se empregado? Mas é assim que funciona nas universidades.

Christina Hauck, professora na Universidade do Estado do Kansas, emprega seu tempo de pesquisa com a vida de Marie Stopes, mulher creditada à escrita do primeiro “manual de sexo”. “Eu apenas a considero legal e interessante”, relatou. “A autora ficou impopular assim como ficaram as mulheres que têm vigor, força e uma visão do futuro [...] Ninguém chama Winston Churchill de intrometido”.²⁵ Sim, você leu certo. Ela simplesmente comparou uma terapeuta sexual com Winston Churchill. Palavras assim fazem você se perguntar onde Hugh Hefner está na lista das figuras mais importantes de todos os tempos.

Talvez alguns desses professores finalmente descubram seu verdadeiro chamado, assim como a professora Gloria G. Brame. Ela era professora de inglês antes de, finalmente, mudar de rumo e obter seu PhD em Sexualidade Humana. Ela é agora uma especialista que dá conselho sobre vários tópicos importantes, incluindo *bondage*, sadomasoquismo, fetiche e o uso de roupas do sexo oposto.²⁶ Se quisesse, provavelmente poderia ser líder do Departamento de Língua Inglesa de alguma universidade.

“Não é Sexo, é Arte”

Professores esquerdistas consideram a arte e o sexo fatores intrinsecamente ligados. Toda expressão sexual é uma forma de arte, e toda arte é boa. Enquanto ninguém consideraria pornográfica a escultura Davi, de Michelangelo, o sexo como arte na universidade vai além das fronteiras do bom gosto. Perdeu-se a alta beleza ou a sacralidade do retrato de objetos sexuais ou do próprio ato sexual em si. Professores esquerdistas usam a arte como desculpa para legitimar toda espécie de atitudes doentias.

Em outubro de 2003, Paula Carmicino, aluna de cinema na Faculdade de Artes Tisch da Universidade de Nova Iorque, teve uma ideia brilhante para seu projeto: intercalar cenas de sexo entre filmagens do dia a dia. Então

Carmicino encontrou dois atores dispostos a ter relações sexuais em frente às câmeras, perante uma classe cheia de alunos. Por que não apenas simular o sexo no filme? “Seria censurar a parte do sexo. Meu ponto é expor como censuramos a nós mesmos durante o dia enquanto não estamos fazendo sexo”. O professor de Carmicino, Carlos de Jesus, considerou aquilo tudo maravilhoso. Mas antes de dar seu aval, de Jesus perguntou à administração, que proibiu a ideia. E eis que as portas do inferno se abriram.²⁷

O Washington Square News condenou a decisão da faculdade de cinema. “A decisão da Faculdade de Artes de Tisch, que impediu a aluna do terceiro ano, Paula Carmicino, de incluir a penetração sexual em suas filmagens, não tem precedente justificável pela lei. É absurdo pensar que, mesmo em tempos tão sexualizados — em que um vídeo íntimo de Paris Hilton vazou na *internet* e está entre as notícias nacionais mais comentadas —, a faculdade não tenha políticas já estabelecidas para tratar de filmagens dessa natureza”.²⁸ Christopher Dunn, da União das Liberdades Civas de Nova Iorque, criticou a decisão: “Cabe ao aluno ter a liberdade de produzir filmes, escrever livros ou criar pinturas sem que a universidade aja como guardião moral”.

O corpo administrativo, ainda que firme à decisão, mostrou-se empático. Richard Pierce, da Faculdade de Artes Tisch, chamou Carmicino de “aluna séria, de muito valor”, e explicou que “a história da arte é repleta de exemplos de artistas que produziram artes incríveis sob limitações”.

Agora, mesmo assim a administração da faculdade se recusou a tomar uma postura enfática acerca da sexualidade desenfreada no curso de cinema, ignorando o fato de que as filmagens pornográficas de Carmicino são mais regra que exceção. Lisa Estrin, aluna da Universidade de Nova Iorque, produziu filmagens em que bonecas da Minnie Mouse tinham relações sexuais com a personagem de pelúcia Lamb Chop. Vera Itkin relatou uma aula de cinema que incluía pornografia explícita, e lembrou dois roteiros de aula que incluíam cenas pesadas de sexo com até mesmo necrofilia.²⁹

“Desde o Burlesco, permaneceu a tradição de arte combinada ao sexo”, diz Annie Sprinkle, candidata a PhD. Sprinkle autodenomina-se prostituta, artista e produtora de cinema. “Annie Sprinkle costumava dizer que sua mãe, uma feminista, passava por seu quarto e dizia a ela que, no futuro, ou ela seria prostituta, ou se tornaria artista”, afirma Linda Williams,

professora na UC Berkeley. “É isso que a distingue. Ela é ambas as coisas [...] Há produtores da indústria pornográfica que se preocupam com a arte. E Annie Sprinkle é uma dessas pessoas”.³⁰ A “arte” de Sprinkle inclui fotografar os próprios seios, nádegas e outras porcarias. Uma Van Gogh dos dias atuais.

No Instituto de Arte de São Francisco, o professor Tony Labat pediu que seus alunos produzissem uma peça. Certo aluno, Jonathan Yegge, criou aquilo que muitos esquerdistas chamariam de obra de arte. Yegge pegou um voluntário e o levou para a área aberta da universidade. Depois de amarrar e vendar seu pequeno ajudante, os dois começaram a fazer sexo oral e a defecar um no outro. “Trata-se de incentivar a noção de sexo gay, impelir a noção de consentimento, incentivar a noção daquilo que é perfeitamente permitido”, Yegge explicou.

Labat, em fraca censura, chamou a peça de “arte ruim”. Mas Yegge insistiu que passou sua inspiração pelo professor, que havia aprovado a ideia.³¹ Mas o que Labat estava fazendo durante a “apresentação”? Não estava sentado e apreciando?

A universidade reagiu ao incidente não demitindo o instrutor ou condenando a apresentação da peça, mas denunciando de forma agressiva o fato de que Yegge *não tomou as devidas precauções durante o ato*, expondo-se ao sério risco de contrair AIDS. “Consideramos grave violação, tanto para você como qualquer indivíduo, o ato de participar de qualquer atividade, sexual ou não, que envolva a exposição do próprio corpo ou a exposição de terceiros a quaisquer fluidos corporais, ou mesmo excreções, incluindo mas não limitando a fezes, urina, sêmen, saliva e sangue”, pronunciou-se por escrito Larry Thomas, vice-presidente e reitor de Gestão Acadêmica, à universidade.³² Aparentemente, não existe problema algum em fazer sexo oral e defecar na cavidade anal de alguém em público, contanto que ambos estejam usando a devida proteção. É confortante saber que há pessoas como Thomas cuidando dos alunos nos EUA.

É possível que Yegge explique com mais conhecimento de causa a visão artística das universidades: “Eles dizem que você pode fazer o que quiser desde que justifique por meio da arte”.³³

O Prazer LGBT

Dentro das universidades, a homossexualidade é normal. É uma tradição tão americana quanto torta de maçã. Lésbicas, gays, bissexuais e

transsexuais: todos têm estilos de vida iguais ou superiores quando comparados aos héteros. Está começando a parecer São Francisco em pequenas áreas de educação superior por todos os Estados Unidos.

Agora me vem à memória uma aula de geografia durante o bimestre de inverno em 2001. O professor Joshua Muldavin, decidiu narrar uma história pessoal.

Ele disse: “Classe, certa vez eu estava com um amigo em um dos estados do Sul. Ele é francês, a propósito. Conversando, descíamos a rua, e eu com o meu braço em um dos ombros dele, quando, de repente, fomos abordados por um fanático religioso carregando uma placa que dizia ‘a AIDS é uma praga de Deus’. Íamos continuar andando normalmente, mas o camarada veio correndo até mim e disse ‘Tire seu braço desse homem!’. Então, muito naturalmente, eu me virei e dei um grande beijo no meu amigo, bem na boca dele”. Os alunos ficaram paralisados por um instante, sem saber muito bem como reagir, mas logo irromperam em gargalhadas e aplausos.

Na universidade, essa é a reação comum ao homossexualismo. Durante uma aula de ciências políticas que tive, a professora Lynn Vavreck mostrou separadamente duas pesquisas. Uma mostrava que os americanos se opunham à discriminação contra homossexuais; a outra que os americanos também se opunham abertamente a pessoas gays recebendo cargos de autoridade, de liderança eclesiástica e de ensino, por exemplo. Vavreck disse: “Americanos apoiam os direitos gays, mas não querem que gays sejam professores: esse é o tipo de coisa que os Pais Fundadores desaprovavam”.³⁴ Hã? Thomas Jefferson, suposto progressista, propôs à Virgínia que a sodomia fosse punida com castração.³⁵ Os Pais Fundadores não eram exatamente ativistas em prol dos direitos gays.

A perspectiva de Anthony Appiah, professor na Universidade de Princeton, consegue ser mais chocante. Durante um painel de funcionários gays, lésbicas ou bissexuais da ONU, Appiah sugeriu que a religião fosse reprimida, uma vez que representa “desafios” à agenda homossexual.³⁶

Professores esquerdistas igualam os direitos dos gays aos direitos civis e das mulheres. “Os avanços nos direitos civis ao longo da metade do último século têm sido extraordinários [...] Por exemplo, além das mulheres e dos gays, os deficientes têm recebido direitos notáveis”³⁷, nas palavras de um texto lido para aulas de ciências políticas da UCLA. “Teoricamente, é

possível fazer paz consigo mesmo, com o próximo e com o meio ambiente, superar o preconceito racial e religioso, reduzir a crueldade que nos assola, e aumentar a igualdade econômica [...] Uma noção utópica? Talvez. Mas, considerando o progresso que já foi feito em áreas como [...] os direitos das mulheres e dos gays [...] vale a tentativa”,³⁸ nas palavras de outra leitura da UCLA, mas dessa vez para o curso de biologia.

E também existem os cursos abertamente gays. Praticamente todas as maiores universidades têm departamentos lésbicos, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) que oferecem graduações ou ênfases para alunos. “Nos últimos cinco anos, tudo que é faculdade dos EUA tem iniciado algo nesse sentido”, diz o professor John Yunger, da universidade Duke. “É completamente normal”.³⁹

A UCLA ofereceu um curso a ser lecionado por Jacob Hale, professor da Universidade do Estado da Califórnia em Northridge. Hale, transexual assumido, “fez a transição” de mulher para homem recentemente. O foco do curso é responder questões sobre o significado de gênero, sexo e da história de pessoas transgêneras.⁴⁰ Informação valiosa, com certeza. E lecionada por alguém que obviamente sabe sobre o significado de gênero e sexo.

Vejam os mais alguns dos cursos LGBT na UCLA, como descritos na TenPercent, revista universitária voltada a homossexuais:

- M101 Introdução aos Estudos LGBT: “Para um rapaz gay prestes a sair do armário e desabrochar em uma linda Fada Alada, as aulas foram tudo que prometeram e muito mais, com direito a unhas postiças e todo o mais [...] Os dois professores eram a perfeita combinação de Yin-yang: o fogo mágico a brilhar do professor Schultz acendeu a chama do orgulho em minha alma e a alma gritantemente sapatona do professor Littleton me esbofeteou com argumentos e realidades políticas”.
- M101A Literatura Lésbica e Gay Antes da Rebelião de Stonewall: “Diariamente, o audacioso professor Little [...] presenteia-nos com essa aula de visão por vezes perplexa, mas sempre provocante da literatura gay [...] Finalmente, é uma aula que encoraja o desejo *queer*, a extravagância em textos absolutamente excitantes [...] Quem imaginaria que as leituras do curso seriam tão divertidas e tão ‘GAAAAYYYYYS!’”.

- M101B Literatura Lésbica e Gay Após a Rebelião de Stonewall: “Se existe uma aula que choca com o que tem de mais radical na extravagância sexual, a aula é essa. Essa aula reproduz literatura sobre bundas asiáticas, lésbicas granolas, uma princesa gay do hip-hop do fabuloso gueto e uma selva vaginal”.
- M147 A Psicologia Social da Experiência Lésbica: “A mentalidade sapatona é obrigação para todo aluno *queer* da universidade, independentemente do gênero ou da orientação sexual. Cultura, história e psicologia convergem neste fórum singular”.
- M197D Criação de Apresentação Artística Queer: “Artista, atriz e comediante, Monica Palacios ajuda a criar e produzir sua própria peça artística *queer*”.[41](#)

O corpo administrativo das universidades tratam igualmente casais gays e héteros. Em 2002, na UC Regents passou por unanimidade positiva de votos o plano de ceder benefícios de pensão integral aos “parceiros amigados” do mesmo sexo. “Famílias com filhos e parceiros precisam receber a segurança de que seus sonhos, cujos planos foram tantos, um dia se concretizarão”, explicou Thomas Wortham, presidente do Departamento de Língua Inglesa da UCLA.[42](#)

Os benefícios para “parceiros” do mesmo sexo também são disponibilizados na Universidade de Indiana, Universidade de Iowa, Universidade de Michigan, Universidade do Estado de Michigan, Universidade de Minnesota, Universidade Northwestern,[43](#) Universidade Carnegie Mellon,[44](#) Universidade da Pensilvânia, todas as instituições da Ivy League, Universidade de Stanford, Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT),[45](#) etc.

A visão de mundo dos professores gays é superior à dos héteros, ou ao menos é o que eles defendem. De acordo com a TenPercent, a Dra. Rose Maly, da UCLA, disse que “a relativa facilidade com que os professores podem expressar sua sexualidade deve-se, em parte, às posições de autoridade que têm dentro de um ambiente bastante libertino [...] [a professora] sente que sua homossexualidade a tem ajudado a melhor relacionar-se com as populações marginalizadas, alvos de seu estudo, como os mais idosos”.[46](#) Todos os idosos são gays, ou existe alguma outra razão para que apenas uma mulher gay se relacione com os velhinhos?

Arthur Little, professor no Departamento de Língua Inglesa da UCLA, afirmou que ser negro e gay o tem ajudado a “desenvolver uma perspectiva mais profunda de sua erudição”, de acordo com a TenPercent.[47](#)

“Pessoas transgêneras são, talvez, as que mais têm a nos ensinar sobre relacionamento entre gêneros e sexualidade, porque suportam grande quantidade de dor até serem quem são, o que acho admirável. Eles têm muito a nos ensinar sobre coragem”, diz o professor Peter Hammond da UCLA, que leciona um curso sobre comportamento erótico entre o mesmo sexo em culturas estrangeiras.[48](#) Discordo do professor. Coragem é salvar uma criança de um prédio em chamas; alterar a sua genitália numa cirurgia nada mais é que estranho.

Sexo com Crianças

Muitos professores de esquerda justificam e até mesmo encorajam a pedofilia (a relação sexual entre adultos e crianças).

“Embora os americanos vejam com maus olhos o sexo intergeracional, esse vem sendo um ato lícito ou mesmo obrigatório em muitas culturas e períodos da história”, diz o professor Harris Mirkin, da Universidade do Missouri. Mirkin usa a expressão “sexo intergeracional” como eufemismo para a pedofilia a fim de manter implícita alguma semelhança entre o coito de alguém de sessenta com alguém de trinta anos, e o ato sexual entre alguém de vinte anos com uma criança de dez. “As crianças são o último baluarte do velho moralismo sexual”, nas palavras do professor.[49](#) De acordo com o jornal Kansas City Star, Mirkin acredita que “a discussão acerca da pedofilia e do sexo entre adultos e crianças deve ser mais aberta e realista, à parte de meras reações emocionais que criticam e vilipendiam esse tipo de relacionamento”.[50](#) “A categoria ‘criança’ é um instrumento retórico para inflamar aquilo que é um conjunto de atitudes irracionais”, acerca da pedofilia também fala o professor Gilbert Herdt, da Universidade do Estado de São Francisco. Herdt também é co-autor da obra *Children of Horizons: How Gay and Lesbian Teens Are Leading a New Way Out of the Closet* [Crianças à Frente: Como Adolescentes Gays e Lésbicas Estão Abrindo um Novo Caminho Armário Afora].[51](#) É claro, Herdt está errado. A categoria “criança” não é um “instrumento retórico”, mas descreve aqueles de faixa etária menor, incapazes de consentir integralmente. E não é

“irracional” impedir um adulto de molestar crianças: a isso damos o nome de decência humana básica.

Mesmo assim, não existe “mal inerente na expressão sexual infantil”, afirma um artigo lançado pelo Instituto de Estudos Avançados da Sexualidade Humana em São Francisco.⁵² Aqueles que se opõem à pedofilia são motivados pela “ignorância deliberada e moralista”, afirma o professor John Money, da Universidade Johns Hopkins.⁵³

Bruce Rind, professor na Temple University, concorda. Efeitos negativos em crianças vítimas de pedofilia “não são penetrantes, nem tipicamente intensos”, disse o professor em um estudo publicado pela Associação Americana de Psicologia.⁵⁴

Esta é a maior forma de mal. Roubar a pureza e a inocência da infância é o mais brutal e execrável dos atos; justificá-lo intelectualmente é um sinal de depravação moral tão baixo e vil que a mente chega a desvanecer.

O professor esquerdista também enxerga o estupro estatutário como algo normal e aceitável, apenas mais uma maneira de “expressar o amor”. Costuma-se definir estupro estatutário como a relação sexual, consentida ou não, entre um menor dos doze aos dezoito e um maior de dezoito. Trata-se de crime brutal e recebe muitos anos de prisão. Professores esquerdistas não concordam com esse julgamento.

Philip Jenkins, ex-professor da Universidade do Estado da Pensilvânia, acredita que a sociedade deveria fazer distinção entre pedofilia e aquilo que ele chama de *efebofilia*, ou amor por adolescentes. Ele não vê problema na efebofilia, e, de acordo com o *New York Review of Books*, também defende que “as leis que dizem respeito ao estupro estatutário não deveriam proibir tal ato de amor jovial, desde que não exista nada de natureza impeditiva (como, por exemplo, oposição a costumes locais) que anule o poder do consentimento jovem, mesmo os mais adolescentes”. Jenkins também acredita que atos como pedofilia, incesto e estupro são “construtos sociais”. A ideia que Jenkins tem de efebofilia, ou sexo com adolescentes, costuma ser usada para justificar casos de sexo entre adultos homens e meninos no clero católico.⁵⁵ Deveria ser permitido por lei o ato sexual entre uma garota de catorze anos com um homem de trinta? Crianças assim ficam marcadas pelo resto da vida. É algo aceitável para Jenkins?

Em 2001, estreava *Tadpole*. O filme é sobre um rapaz de quinze anos que se sente atraído sexualmente pela madrasta, e que acaba tendo relações

sexuais com a melhor amiga dela. Os conservadores atacaram o filme e o consideraram moralmente corrosivo. De acordo com Gerald Baldasty, professor da Universidade de Washington, passou dos limites o tumulto conservador sobre a forma como o filme isenta de culpa o estupro estatutário: “A mídia é muito conservadora de muitas formas [...] [o antagonismo conservador] não passou de uma tempestade em copo d’água apocalíptica”.[56](#)

Aí está. O problema é que nas universidades *a situação apocalíptica é real*.

Comportamento Estranho, Muito Estranho

Alguns professores têm também perspectivas interessantes sobre a bestialidade. Não há problema nenhum, contanto que não seja cruel demais com o bichinho.

O quê?!

O mais estranho dos casos estranhos é o professor Peter Singer, da Universidade de Princeton, ter escrito para a Nerve Magazine um texto no qual elogia a mais nobre das atividades humanas, a bestialidade. “Sexo com animais nem sempre envolve crueldade”, escreve Singer. “Quem nunca se sentiu incomodado quando, em uma ocasião social, o cachorro do anfitrião trepou numa das pernas da visita e começou a esfregar-se nela vigorosamente com seu pênis? Normalmente, o anfitrião desencoraja tal postura, mas debaixo dos panos nem todo mundo veria problema em ser usado dessa forma pelo animal, e, finalmente, mesmo o prazer mútuo pode vir a se desenvolver”.[57](#) Espere aí... como é que é? Talvez o professor Singer considere “mutuamente satisfatório” fazer amor louca e apaixonadamente com Fido, o cachorro, mas, no mundo real, a isso damos o nome de repugnante.

E existem muitos outros que fazem mais do que levar o cachorro para passear. Marjorie Garber, professora e diretora do Centro de Literatura e Estudos Culturais da Universidade de Harvard, escreveu um livro inteiro sobre obsessão animal, intitulado *Dog Love*. “O contato animal [...] tem tido uma longa e honrosa história na vida de *fantasia sexual*”, comenta Garber. “O comportamento que (na prática) aparenta uma violação primária do limite entre humanos e animais acaba por ser (figurativamente) a base para receber noções de ‘cultura’ e ‘civilização’”.[58](#)

Com a “honrosa história” da bestialidade em mente, Garber reconta casos ora literários, ora reais em seu capítulo “Sexo e o Cachorro Solteiro”. Provável que o exemplo mais escandaloso seja a narrativa contada por Laura Reese, *Topping from Below*, em que ela descreve uma “cena de amor” com um enorme cachorro dinamarquês.⁵⁹ A fantasia de toda mulher: dar uns amassos no Scooby-Doo. Revoltante? Infame? Completamente. Mas o que mais poderíamos esperar da professora Garber, autora de obras tão grandiosas como *Ao Contrário: Bissexualidade e o Erotismo da Vida Cotidiana e Interesses Contrários: Transformismo e Ansiedade Cultural?*

Disseminando Promiscuidade

O ambiente universitário deveria promover uma experiência de aprendizado. E não há melhor experiência de aprendizado do que ir para a cama com um monte de desconhecidos, certo? As universidades acham que sim, e tentarão ao máximo fazer com que cada jovem tenha a cota mínima de cem parceiros sexuais. Apenas certifique-se de usar camisinha, tudo bem?

Na UC Berkeley, os alunos têm todos os tipos de diversão imprópria em classe. Em particular, um curso da UC Berkeley chamou a atenção das manchetes nacionais, em que os estudos eram voltados à sexualidade e à excitação masculina. Todos os alunos, em uma sala mista, discutiam publicamente suas fantasias sexuais. Atores da indústria pornográfica foram convidados a palestrar. Uma das primeiras atividades das aulas envolvia os alunos fotografarem sua própria genitália. As fotografias então seriam trocadas, e todos tentariam associar cada genitália ao seu dono. Como um aluno disse, as coisas viraram uma “orgia”. Durante outro exercício, os alunos foram para um clube de *strip gay*, onde assistiram a um dos instrutores fazendo sexo no palco. Que diversão! E todos no curso receberam dois créditos.⁶⁰

A diversão não se restringe à UC Berkeley. Na faculdade Mount Holyoke, pequena e supostamente puritanesca, coisas parecidas estão acontecendo. A professora Susan Scotto leciona um curso de *strip* não credenciado nas instalações da universidade. Scotto, casada e com dois filhos, gosta de tirar a roupa em bares de nudez no tempo livre. Ela faz *strip* desde os seus dias de universitária. Na descrição da revista eletrônica Salon, “As garotas entraram nesse mundo imediatamente. Algumas começaram devagar, rebolando o quadril, levantando os braços por cima da cabeça, bem

no estilo dança do ventre [...] A próxima música veio mais rápida, com uma batida sensual. Algumas das garotas tinham se soltado o suficiente naquele momento a ponto de tirarem algumas peças de roupa [...] Em quinze minutos, todas, exceto uma e outra, já haviam tirado a roupa e estavam dançando só de lingerie”.⁶¹ Ah, os benefícios de uma educação de qualidade.

Durante o ano letivo de 1999–2000, os alunos da faculdade wesleyana amaram o alvoroço sexualista apresentado pela professora Hope Weissman. Ela lecionava College of Letters 289, um curso sobre a pornografia como prática política e cultural.

A descrição do curso dizia: “A pornografia que estudamos é uma arte de transgressão, arte que impulsiona a sexualidade humana para além dos limites que temos tradicionalmente definido para os discursos e práticas civis [...] De fato, nossa análise pressupõe a pornografia nas formas consideradas perversas, tais como *voyeurismo*, bestialidade, sadismo e masoquismo”.⁶² O material de leitura do curso inclui Marquês de Sade, Susan Sontag e a revista pornográfica Hustler Magazine.

A atividade final do curso era, nas palavras do próprio professor Weissman, “criar a própria obra de pornografia”. E assim fizeram os alunos. Um dos que tirou 10 filmou um homem se masturbando; a música de fundo era uma gravação de Ella Fitzgerald. Uma aluna filmou os olhos de um homem enquanto ele se masturbava. Outra aluna encenou fetiches sexuais diante da classe: vestiu calças pretas, pulseiras de couro, uma couraça que a quase deixou de seios à mostra, e chamou um homem para chicoteá-la com um chicote de nove pontas. “Considero-a [Weissman] uma mulher muito corajosa”, comenta a professora Constance Penley. Eu diria doente, mas tudo bem.

A Universidade do Kansas (KU) tem sua própria versão da professora Weissman: o professor Dennis Dailey. A aula de Dailey, “A Sexualidade Humana na Vida Diária”, mostra aos alunos três horas de vídeos “explícitos”; a maioria dos vídeos expõe o ato sexual entre heterossexuais, gays e lésbicas.

Quando Susan Wagle (Partido Republicano, Wichita), senadora do estado, pediu para assistir aos vídeos a fim de determinar se a aula de Dailey era uma forma útil de gastar dólares de impostos,⁶³ o corpo docente da KU imediatamente demonstrou apoio irrestrito a Dailey e à sua aula profundamente educativa. A Faculdade de Artes Liberais e Ciências da KU

(CLA&S) publicou um comunicado em seu site defendendo Dailey. Entre os apoiadores estavam Kim Wilcox, reitor da CLA&S, e trinta e sete reitores associados, diretores e presidentes de diversos departamentos acadêmicos. “Nós que assinamos [...] nos unimos a nossos colegas da Escola de Bem-Estar Social para expressar nosso apoio sem reservas ao professor Dennis Dailey”, dizia o comunicado. “Lamentamos o ataque implacável da senadora Wagle contra o ensino, o profissionalismo e o caráter de um dos professores mais estimados da UK [...] Da mesma forma nos declaramos perturbados com possíveis consequências dos esforços que Wagle tem empregado para impor formas de censura naquilo que é ensinado e como é ensinado na universidade, levando a danos jurídicos e financeiros no caso de discordância. O princípio de liberdade acadêmica existe precisamente para proteger aqueles que estão engajados na busca e troca de conhecimento [...] e protegê-los da imposição arbitrária e externa por parte de crenças e ideologias mantidas por indivíduos e grupos de sociedades mais elevadas”.⁶⁴ O relativismo moral aqui é assustador. Em vez de condenar um professor por mostrar pornografia em sala de aula, o corpo docente ataca a senadora por opor-se ao uso de verba pública em prol da perversão da juventude. Incrível.

A Universidade Wesleyana e a Universidade do Kansas não estão sozinhas. A Faculdade Emerson, a Universidade de Nova Iorque, a Universidade Northwestern, a Universidade do Estado do Arizona e vários câmpus do sistema da Universidade da Califórnia, todos oferecem aulas sobre pornografia. “Não estudar pornografia é ignorar um fenômeno absolutamente penetrante de nossa cultura”, explica Linda Williams, professora da Universidade da Califórnia em Berkeley.⁶⁵

Os professores são os maiores defensores da “experimentação sexual”, que inclui “ficar” — encontros sexuais sem compromisso variando do beijo ao sexo. Lyndall Ellingson, professora da Universidade do Estado da Califórnia, diz que os alunos universitários deveriam ter vários parceiros sexuais e evitar relacionamentos duradouros: “É isso que eles deveriam fazer, ou seja, experimentar, arriscar, se conhecer melhor”.⁶⁶ A Dra. Ruth Westheimer, da Universidade de Nova Iorque, incentivou uma multidão de alunos na Universidade Brown que fossem sexualmente ativos, explorassem seus corpos e evitassem limitar seus hábitos sexuais.⁶⁷

Está funcionando. Uma pesquisa conduzida pelo *Institute for American Values' Courtship Research Team* indicou que 40% das mulheres dos cursos de graduação haviam “ficado” pelo menos uma vez, e 10% tinham “ficado” seis vezes ou mais.⁶⁸ É demais para a pureza da juventude.

Partindo para a Ação

Por motivos óbvios, os professores se opõem a proibições universitárias contra o ato sexual entre professor e aluno. Tais proibições restringem direitos de expressão sexual... e, bom, por que os professores não podem se divertir também?

“No passado, quando eu ainda era aluno (no século passado), envolver-se com os professores fazia, em certo sentido, parte do currículo”, escreve Laura Kipnis, da Universidade Northwestern. “Se uma atitude inteligente ou não, enfim, muitos professores que conheço, homem ou mulher, têm se envolvido com alunos, por pouco ou muito tempo”.⁶⁹

Barry Dank, professor da Universidade do Estado da Califórnia em Long Beach, sente ter o direito dado por Deus de dormir com seus alunos. Dank fundou um grupo dedicado a preservar esta liberdade crucial: *Consenting Academics for Sexual Equity*. Ele considera as restrições em tais relacionamentos como “um ataque contra mulheres jovens”, e reivindica que, se as universidades proibirem a diversão entre alunos e professores, as jovens perderão a “liberdade de decidir o que querem e o que não querem”.⁷⁰ Dank casou-se com uma de suas ex-alunas, vinte anos mais nova que ele.⁷¹

Na Faculdade de William e Mary, relacionamentos entre alunos e professores foram finalmente proibidos depois de dois incidentes. Primeiro, um professor de escrita criativa escreveu um artigo para o *GQ* reivindicando que havia tido um caso com uma aluna casada, cujo marido cometeu suicídio depois de descobrir. Alguns meses depois do artigo no *GQ*, um professor de antropologia deixou o emprego depois que alegações surgiram de que ele tinha engravidado uma aluna que trabalhava para ele; o professor, logo que descobriu a gravidez, fez uma série de ligações ameaçando a aluna.⁷²

Muitos alunos se opõem à proibição assim como os professores — afinal, quem mais poderia arredondar um pouquinho as notas? “Pode não ser a coisa mais elegante do mundo dormir com um professor para melhorar

sua nota”, explica Andrea Bravo, professora de ciência política da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, “mas eu diria que, definitivamente falando, há coisas bem piores que acontecem nesta universidade”.[73](#)

Predadores da Educação Sexual

“A maioria dos jovens que entra [...] na universidade carece de educação sexual básica, ou até mesmo de anatomia humana, de como se proteger, e mal conhece o significado da prática sexual”, afirma o professor Gil Herdt, da Universidade Estadual de São Francisco, que leciona um mestrado em sexualidade humana.[74](#)

As universidades se sentem “obrigadas” a ensinar os alunos sobre sexo. Para esse fim, ensinam sobre relação sexual com membros do sexo oposto; ensinam sobre relação sexual com membros do mesmo sexo; ensinam sobre a relação sexual com crianças de qualquer sexo; até mesmo ensinam sobre relação sexual com membros de uma espécie diferente. E dizem que tudo é natural. É isso o que as universidades estão ensinando. E fazem tudo isso com o dinheiro dos nossos impostos e com o valor da mensalidade universitária.

Salvando a Terra

O professor de esquerda tem uma missão específica, uma missão tão perigosa e assustadora que faria o Super-Homem recuar: ele está na sociedade para salvar o mundo, para salvar a Terra — com o ambientalismo. Agora, não o ambientalismo saudável, aquele do tipo que faz crescer o que planta e nutre a conservação ambiental, mas o ambientalismo extremista, que brada contra a existência dos automóveis de grande porte, que culpa o empreendimento americano por toda a poluição e que tenta prevenir todo o desmatamento (como se isso prevenisse incêndios nas florestas). Nas palavras de Robert Nelson, professor na Universidade de Maryland, para os professores o ambientalismo tornou-se uma “religião secular”.¹

O professor esquerdista ensina que qualquer problema ambiental significa uma crise. O aquecimento global queimará todos nós. A exploração de petróleo no Alasca matará todos os cervos da Terra. O uso de pesticidas criará superinsetos gigantes que se rebelarão e dominarão o planeta. A biotecnologia criará novos problemas ainda mais terríveis, como pessoas com nove braços. E assim por diante.

Isso chega até os alunos. Em 2000, uma pesquisa da empresa Gallup demonstrou que 80% dos alunos universitários sentem que o ambiente já está se deteriorando.² Mal consigo lembrar quantas vezes ouvi berros e gritos de colegas por falar que o meio ambiente não está sofrendo como se diz por aí.

Testemunhamos uma mentalidade assustadora, mas é essa a realidade que temos para hoje. Os professores esquerdistas estão criando uma geração inteiramente nova de clones de Ralph Nader, que verão a Terra como um lugar maravilhoso, com exceção do homem, o flagelo do universo. O homem cria a poluição; o homem promove a degradação ambiental; o homem é ganancioso, corrupto e mal.

“Você deveria ser amigável com os microorganismos: esse mundo de fato é deles”, disse um professor de biologia da UCLA em uma aula que fiz de Ciência da Vida. “Somos meros intrusos”.³ E é assim que os professores esquerdistas se sentem: o homem deveria viver em uma cabana de barro, beber a água da chuva e comer vegetais para não prejudicar o seu “habitat”.

As necessidades da Mãe Natureza estão acima das necessidades da humanidade, clamam os intelectuais. E, se necessário for, que antes o homem morra, mas não afete o meio ambiente.

Não Está Quente Aqui?

O aquecimento global — cuja causa, segundo esses professores esquerdistas, é o homem — recebe um tratamento bastante enfático entre os meios universitários. Eles afirmam que não se trata de uma suposição, mas de uma certeza. E as consequências, se não impedidas, serão desastrosas.

“O aquecimento global é uma realidade e séria ameaça às gerações futuras”, diz o professor Charles Weiss, da Universidade de Georgetown.⁴ Michael E. Mann, professor na Universidade da Virgínia, reivindica a presença de um consenso científico a declarar que existe, sim, um aquecimento global significativo causado pelo homem.⁵ “Uma vez que bagunçamos o clima, é óbvio que podemos esperar cada vez mais [áreas áridas e desérticas]”, concorda o professor Brunk, da UCLA.⁶

Jane Lubchenco, professora de zoologia na Universidade Estadual de Oregon, não tolera divergência nessa questão: “É gigantesca a evidência de que o aquecimento e a maioria dos cientistas estão de acordo [...] Não é mais possível dizer que não temos base científica para fazer alguma coisa”. Lubchenco prosseguiu: “A mudança do clima está conosco, a questão é urgente e precisa de atenção imediata. Quanto mais cedo fizermos alguma coisa, mais opções teremos. Uma vez que o dióxido de carbono permanece na atmosfera por 100–150 anos, daqui em diante, do tempo que começamos a consertar as coisas, ainda resta muito tempo até que vejamos os resultados. Temos a obrigação moral de agir desde já”.⁷

De acordo com o professor William Moomaw, da Universidade Tufts, combater a “mudança climática” é tão importante quanto derrotar a escravidão, defender o direito ao voto das mulheres, marchar pelos direitos civis e lutar contra a Guerra do Vietnã.⁸ Mas, não, imagina, ele não está exagerando. Sério.

A única solução, eles dizem, é o governo americano reassinar o Protocolo de Kyoto, um tratado que limitaria severamente as emissões de dióxido de carbono. O presidente Clinton assinou o tratado em 1997; o presidente Bush rejeitou o tratado em 2001.

Quando Clinton assinou o documento, os professores esquerdistas ficaram extasiados. “Acredito que o acordo de Kyoto vá ser considerado divisor de águas ainda que não passe no Congresso”, afirmou o professor Weiss, da Universidade Georgetown.⁹

Eles estavam prontos para pressionar a aprovação do Congresso. “Se não lutarmos por isso, não sei pelo que mais vamos lutar”, disse Eric Chavian, professor de Harvard.¹⁰ Jane Lubchenco, professora da Universidade Estadual de Oregon, com outros cinco cientistas, escreveu uma carta para o então presidente Clinton, pedindo que considerasse ações extremas para prevenir o aquecimento global; a carta foi assinada por mais de vinte e cinco cientistas, muitos deles professores.¹¹

Esses professores começaram a arrancar os cabelos quando Bush revogou o decreto. “Há um padrão no atual governo de Bush, um padrão de revogar os tratados que já assinamos”, zombou o professor Kenneth Schultz, da UCLA.¹² Robert Percival, professor na Universidade de Maryland, fez críticas ríspidas acerca do ocorrido: “Ele já é conhecido por ter um histórico tosco” (referindo-se especificamente à rejeição que Bush fez de Kyoto).¹³

“Ele tem um ar de desdém [quando lida com política]. Kyoto é coisa séria”, alertou o professor Roger Wilkins, da Universidade George Mason.¹⁴ Ao criticar a rejeição do presidente Bush, Huck Gutman, professor da Universidade de Vermont, asseverou: “Em sua corrida pelo isolamento, os Estados Unidos têm se abdicado do papel de liderança no mundo pós-moderno”.¹⁵

Na verdade, Clinton errou ao assinar o tratado, e Bush acertou ao rejeitá-lo. Assinar o Protocolo de Kyoto não faria basicamente nada para acabar com o aquecimento global, desde que países em desenvolvimento como México, China e Índia ficam isentos de cortar emissões de CO₂. De acordo com as estimativas médias de aumento da temperatura devido ao aquecimento global, a assinatura dos EUA no Protocolo de Kyoto evitaria meros 0.06 graus Celsius de mudança climática durante o próximo meio

século. Essa simples assinatura custaria aos cofres dos Estados Unidos de cem bilhões a quatrocentos bilhões de dólares por ano.¹⁶

Mas os professores não deixam os fatos seguirem uma boa narrativa. Os alunos recebem unicamente o lado ambientalista e maluco da questão. Durante os últimos anos de uma disciplina de ciências políticas que tive na UCLA, ouvi o professor Kenneth Schultz comentar repetidas vezes que “discordâncias sobre o aquecimento global são cada dia menos recorrentes entre os cientistas” e que “a ciência está cada vez mais clara”.¹⁷ Depois da aula, falei com uma das minhas amigas da classe.

“Não consigo acreditar naquilo que ele disse hoje”, comentei.

“No quê?”, ela perguntou.

“Bom, ele fala como se o aquecimento global causado pelo homem fosse uma certeza. Milhares de cientistas renomados discordam. Há livros sobre o assunto, mostrando que o aquecimento global não está significativamente ligado à criação de dióxido de carbono pelo homem”.

“Sério?”, ela questionou. “Nunca ouvi falar nisso. Você deveria ter dito isso para a classe”.

“Mas esse não é o trabalho do professor?”, retruquei.

“Não Podemos Simplesmente Usar Bicicletas?”

Durante o segundo trimestre de 2001, tivemos de fazer um projeto para as aulas de geografia com o professor Muldavin. Fizemos um cartaz explicativo sobre questões ambientais para apresentar em sala. Como tópico ambiental, escolhi a exploração de petróleo no Refúgio Nacional da Vida Selvagem do Ártico, e delineei os prós e contras. No final da apresentação, salientei que, para os Estados Unidos, era interessante perfurar o solo e encontrar petróleo porque serviria de auxílio tanto na área da economia quanto para a segurança nacional.

Logo em seguida, do fundo da classe pude ver uma moça erguendo a mão.

“Pois não?”, perguntei.

“Bom, eu não entendi”, disse ela. “Por que não podemos deixar de usar carros e todos começar a andar de bicicleta? Não precisaríamos de petróleo, nem de matar renas ou coisa do tipo”.

Eu mesmo fiquei chocado. Tratava-se de uma aluna de uma universidade altamente renomada fazendo uma pergunta de primeira série.

“Bicicletas não vão resolver esse problema”, respondi. “Não iríamos para onde quiséssemos ir, nossa economia afundaria e a segurança nacional estaria em risco. Se os chineses nos atacassem com tanques, poderíamos combatê-los usando bicicletas? Além do mais, vivemos em um país livre, não é mesmo? Por que um cidadão americano não poderia decidir se quer ou não dirigir um automóvel?”.

“É, eu não tinha pensado nisso”, respondeu a moça.

E, sim, era verdade, ela não havia considerado aquele cenário. Porque os professores esquerdistas nunca, nem em um milhão de anos, diriam em sala de aula que os cidadãos americanos têm o direito de comprar automóveis se assim quiserem. Ao invés disso, eles afirmam, cabe ao governo regulamentar, regulamentar, regulamentar.

O desejo do típico professor esquerdista é proibir por lei o uso de SUVs que consomem muita gasolina, ignorando o fato de que milhões de americanos pagam muito dinheiro para tê-los, e cuja produção mantém milhares de trabalhadores empregados.

“Deve ser desconfortável para o cidadão americano perceber que seu excessivo consumo de combustível é que se tornou culpado de tanta violência desferida contra nós [...] Olhe-se no espelho e se pergunte com honestidade se você realmente precisa de uma SUV enorme que roda 25 km por tanque cheio ou de uma van tamanho família”, questiona William Moomaw, professor na Universidade Tufts.[18](#)

No verão de 2001, enquanto os californianos pagavam mais pelo galão de combustível do que qualquer outro estado, o professor Richard Gilbert, da UC Berkeley, culpou “a popularidade dos carros monstruosos bebedores de gasolina”.[19](#)

Depois que Gray Davis, então governador da Califórnia, assinou uma ampla legislação sobre emissões, os professores de esquerda não conseguiram se conter de alegria. “A indústria automobilística tem feito constantes melhorias nos motores ao fazer uso de computadores de bordo”, afirma Robert Harley, professor na UC Berkeley. “Seria muito útil se empregassem esses avanços tecnológicos na eficiência do combustível, e não na produção de veículos esportivos”.[20](#) Se olharmos para a história, veremos que a criação de leis é a solução”, concorda Mark Jacobsen, professor da Universidade Stanford.[21](#) Sim, proíba esses empresários

porcos que usam tecnologia para lucrar em vez de projetar automóveis sustentáveis que ninguém quer comprar.

Esses docentes também querem estipular altos impostos sobre a gasolina para forçar a diminuição do consumo, ignorando os milhares de empregos que seriam perdidos nesse processo.

Lawrence Goulder, professor na Universidade Stanford, acredita que o imposto sobre a emissão de carbono, projetado para aumentar o preço do combustível, “não seria um almoço grátis, mas pode ser um almoço que vale a pena comprar”.²² O alto imposto sobre o petróleo na França é maravilhoso, disse o professor Brunk em sua aula de Ciência da Vida na UCLA, porque “paga por si mesmo”.²³ A Geórgia deveria aumentar os impostos sobre a gasolina, afirma Michael Meyer, do Instituto de Tecnologia da Geórgia: “Se conseguirmos justificar esses impostos [...] acredito que o povo comprará a ideia”.²⁴

David Romer, professor na UC Berkeley, explica o seguinte: “Aqueles que usam gasolina causam danos naqueles que não a utilizam; e, além do dano causado ao próximo, vão além e não pagam por isso. Essas pessoas congestionam e poluem o espaço público”.²⁵ Logo, pelas palavras do professor, precisamos de impostos federais mais altos sobre o combustível. E com ele concorda Joel Slemrod, professor na Universidade de Michigan: “a taxa sobre o combustível deveria ser o imposto federal mais alto”.²⁶ Michael Golay, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), acredita em “restrições pesadas e altos impostos sobre o uso de combustíveis fósseis”.²⁷

Na dúvida, peça ajuda ao papai Estado.

Renas Também São Gente!

O assunto que mais causa ira no corpo docente de esquerda é a exploração de petróleo no Refúgio Nacional da Vida Selvagem do Ártico (ANWR). Para esses professores, não cabe aos EUA explorar. A exploração maltrata as renas e destrói a “vastidão da natureza intocada”. Além disso, eles choramingam, de qualquer maneira nem deve ter tanto petróleo lá.

Alan Richards, professor na UC Santa Bárbara, chama de “completa estupidez” a exploração de petróleo no ANWR.²⁸ Karl Francis, oficial do governo local do Alasca, ridiculariza aqueles que desejam a exploração do petróleo, chamando-os de “fanáticos da selva de pedra”, imputando-lhes

uma “estranha luxúria” pelo ANWR. “Na verdade, consideramos essa gente um tipo perigosamente ingênuo, como que um fanatismo religioso, que tanto é estranho quanto assustador”, comenta Francis.[29](#)

Os professores de esquerda ignoram todos os fatos indicando que a exploração de petróleo é uma boa ideia. Eles negam que grandes armazenamentos de petróleo no ANWR dariam alternativa à dependência do petróleo estrangeiro. Albert Bartlett, professor na Universidade Estadual do Colorado em Boulder, declarou diante do Subcomitê de Energia do Congresso: “A proposta de explorar com pressa o ANWR [...] mais parece um paliativo de curto prazo para problemas envolvendo o uso de energia. Aparentemente, ignora-se a gritante realidade que descortina a disponibilidade de recursos”.[30](#) Andrew Hoffman, professor na Universidade de Boston, afirma que a quantidade de petróleo no ANWR “não é de forma alguma [...] suficiente para garantir a segurança do nosso petróleo”.[31](#)

“Se conseguíssemos eliminar a necessidade de importar petróleo com a exploração do ANWR, isso seria uma coisa”, concorda o professor Richard Alley da Universidade Estadual da Pensilvânia. “Mas explorar o ANWR não vai mudar muita coisa”.[32](#)

Errado. No momento, os Estados Unidos importam mais ou menos 58% do petróleo que consomem.[33](#) Se o ANWR fosse aberto para exploração, esse número cairia substancialmente. De acordo com o secretário de energia Spencer Abraham, a quantidade de petróleo no ANWR seria suficiente “para substituir as importações de petróleo da região do Golfo Pérsico por dez anos, ou do Iraque por cinquenta anos”.[34](#)

Eles ignoram que a parte do ANWR que seria perfurada é uma vasta tundra, com pouca vida e pouca beleza, e representa menos que a metade de 1% da área total. Trata-se, diz esse pessoal, de uma área primitiva, o último deserto verdadeiro da América. Em 2000, duzentos e quarenta cientistas assinaram uma carta a esse respeito, afirmando que “Cinco décadas de estudo biológico e de pesquisa científica têm confirmado que a Planície Costeira do Refúgio Nacional da Vida Selvagem do Ártico forma um componente vital da diversidade biológica do local”.[35](#)

Eles descartam a opinião pública do Alasca, que dá forte apoio à exploração, e, ao invés disso, direcionam os holofotes aos grupos minoritários que se opõem à exploração. Exemplo clássico disso é a tribo

indígena Gwich'in, que se opõe à exploração com justificativas ambientalistas — professores esquerdistas gostam de citar o povo Gwich'in como autoridade final sobre a exploração de petróleo. Esses professores ignoram por completo os índios inupiat, outra tribo mas que apoia veementemente a exploração, e que, na verdade, vive no ANWR. “Embora as injustiças perpetuadas no passado contra os índios americanos não possam ser desfeitas, ameaças à cultura [Gwich'in] ainda podem ser remediadas se barrarmos essa exploração”, escreve Steven Dinero, professor na Universidade da Filadélfia.³⁶ “Sacrificar um lugar como o Refúgio do Ártico e uma cultura que já perdura há milhares de anos é simplesmente errado”, insta Khalil Zonoozy, professor na Universidade Estadual de Portland.³⁷

Esse tipo de docente desconsidera as estatísticas de população das renas, proclamando que a exploração de petróleo no ANWR dizimaria essa espécie animal. “As renas irão embora dos campos dos quais se extrai petróleo se prosseguirmos com toda essa perturbação”, especula David Klein, professor na Universidade do Alasca em Fairbanks. “O oleoduto e [perto dali] a estrada de transporte [em Prudhoe Bay] basicamente dividem o rebanho do Ártico Central em dois grupos”, declara,³⁸ ignorando o fato de que o rebanho do Ártico Central cresceu em mais de cinco vezes nos últimos trinta anos.³⁹ E ainda que a exploração de petróleo matasse algumas renas... por acaso algumas renas mortas são mais importantes que a nossa segurança nacional?

Pessoas Demais

O planeta está superpovoado, de acordo com o corpo docente universitário de esquerda. Já preenchemos todo o espaço cabível ao ser humano. Estamos comendo toda a comida disponível. Estamos destruindo o meio ambiente. Logo, é hora da mudança: precisamos promover o controle de natalidade (incluindo o aborto forçado) nos países de Terceiro Mundo e redistribuir nossa riqueza.

Percebe um pouco de alarmismo aqui?

Em 1974, Garrett Hardin, da UC Santa Bárbara, escreveu o clássico texto maluco de culto ambientalista, “Vivendo em um Bote Salva-Vidas” [*Living on a Lifeboat*], no qual sugere que a sociedade olhe para a população em termos de uma ética “bote salva-vidas”. Ele pede para imaginarmos que cada nação (e, por extensão, o mundo inteiro) é um bote

salva-vidas; caso um número excessivo de pessoas entre, o bote inteiro afunda. A única solução é deixar algumas pessoas se afogarem.⁴⁰

O professor Paul Ehrlich tem pregado a demografia do *Chicken Little* por décadas. Em seu livro de 1968, *A Bomba Populacional*, Ehrlich escreveu: “Carros demais, fábricas demais, detergente demais, pesticida demais, a fumaça dos aviões se alastrando, usinas de tratamento de esgoto inadequadas, pouca água, dióxido de carbono em excesso: tudo isso facilmente remete ao fato de *que há pessoas demais*”. Ele predisse que, nos anos 1970, a superpopulação levaria a grandes períodos de fome e centenas de milhões de mortos. Ops, será mesmo? Mas os fatos não impedem Ehrlich de ensinar sua filosofia anos depois de ter sido provado que ele está errado.⁴¹

“Estamos por um fio do superpovoamento”, adverte Brunk, professor de Ciência da Vida na UCLA.⁴² “São muitos os biólogos sensatos com a mesma percepção, de que já atingimos nossa capacidade máxima de lotação mundial”, reitera mais adiante no mesmo trimestre.⁴³ Dois dias depois, outra vez: “Meu palpite é que a capacidade de lotação da Terra está abaixo dos seis bilhões, provavelmente algo entre três e seis bilhões. Estou quase certo de que não é de nove bilhões. Estou disposto a apostar qualquer quantia em dinheiro por afirmar que a população atingirá nove bilhões enquanto estiver vivo”.⁴⁴ E, novamente, uma semana depois, reafirma: “O crescimento populacional se voltará contra nós e nos abocanhará de diversas formas”.⁴⁵ Bom, é provável que de tanto repetir algo, ele acabe se tornando verdade.

O livro de biologia de Brunk segue sua linha de pensamento: “Imagine um mundo onde pessoas precisem compartilhar um cômodo entre quatro e doze pessoas. Um cômodo para uma única pessoa é luxo raro. Na verdade, aquele que possui qualquer tipo de moradia já se considera sortudo, uma vez que muitos outros não têm nada [...] Os mendigos lotam cada esquina, e cada lata de lixo é revirada todo dia por pessoas que batalham para sobreviver [...] futuro semelhante pode estar se aproximando de todos nós, a não ser que façamos algo; em grande escala, inclusive, controlando o crescimento populacional”.⁴⁶ Corte dramático para a cena do filme *Blade Runner: O Caçador de Androides*.

E não há outra solução, a não ser cortar o crescimento populacional, seja qual for a proposta, bradam os professores de esquerda.

Nem perca seu tempo produzindo mais alimentos. “A mera produção de mais alimentos é remediação simplista demais”, afirma Brunk. “Aumentamos a produção de comida e a população aumentou, então agora a porcentagem de pessoas que não têm comida suficiente é a mesma de antes. É um tanto desanimador”.⁴⁷ Não exatamente. Na verdade, é totalmente animador saber que a população consegue crescer tão rapidamente e ainda manter a mesma porcentagem de pessoas sendo alimentadas.

Esses docentes também afirmam que novas tecnologias não são a resposta. “Alguns acreditam nisso, e muitos esperam por uma espécie de arranjo tecnológico durante as próximas décadas, que colocará a civilização de volta ao caminho da prosperidade”, escreve Allan Combs, professor na Universidade da Carolina do Norte. “Chamo essa visão geral de *Solução Star Trek* [...] temos esperado pela utopia tecnológica por muitos anos, e não há bons motivos para pensar que ela está finalmente chegando neste exato momento para nos salvar”.⁴⁸

O professor Ehrlich concorda. “O uso em massa de tecnologias complexas leva tempo. É maluquice pensar que uma bala mágica nos salvará”, afirma Ehrlich com seu estilo inconfundível. “Tiramos muitos coelhos tecnológicos do chapéu, mas eles nos deram crias tóxicas”.⁴⁹

A única resposta possível é o socialismo global aliado ao controle populacional forçado. Ehrlich nos presenteia com mais um pouco de verborragia: “Não é tarde demais para a humanidade evitar um grande desastre ecológico e fazer a transição para uma sociedade sustentável [...] mas o trabalho não é simples [...] o crescimento populacional precisa ser arrefecido aos poucos [...] O consumo que gera desperdício em países ricos deve ser reduzido para dar lugar ao consumo mais que necessário em países pobres”.⁵⁰ Afinal, como todos nós já estamos carecas de saber, se o cidadão se controla e não compra aquele cacho de bananas a mais no supermercado, a fruta é transportada e aparece magicamente na Nigéria, dando-lhe o devido crescimento.

A Volta dos Luditas

Os luditas foram um movimento antitecnologia na Inglaterra do século XVIII que se rebelou contra a Revolução Industrial. Suas ações consistiam em perambular ao redor da área rural e quebrar maquinários. Esse grupo morreu há um século, mas experimenta um avivamento no cenário

universitário atual, onde professores esquerdistas rompem com a tecnologia como algo contrário ao meio ambiente.

Chet Bowers, professor na Universidade de Oregon, chama os computadores de “tecnologia colonizadora [...] são máquinas que alteram profundamente o nosso modo de pensar e retardam nossa capacidade de compreender a natureza”.⁵¹ Aparentemente, a melhor forma de interagir com a humanidade é talhar em pedra o TCC.

E de volta aos meios de agricultura arcaica, *à la* caçador-coletor: “O arado torna o solo propício à erosão”, afirmou o professor Joshua Muldavin durante uma aula de geografia na UCLA. Muldavin rotulou o arado como “política perigosa”.

O professor Neil Postman, crítico da mídia e da tecnologia e presidente do Departamento de Cultura e Comunicação da Universidade de Nova Iorque, disse a uma audiência na Conferência de Jornalismo na Universidade Regent que “Toda transformação tecnológica é uma barganha faustiana [...] Pode-se voltar ao tempo da invenção do alfabeto fonético, da imprensa móvel ou da telegrafia e da fotografia: para cada problema que uma nova invenção resolvia, essa mesma tecnologia criava um problema até então inexistente”.⁵² Para Postman, significa que “os computadores na área da educação são um problema, e não uma vantagem”.⁵³

O professor esquerdista odeia pesticidas. Esse tipo acredita que todo o ganho provindo de pesticidas não tem valor, e que o seu produto não causa senão degradação ambiental.

A santa canonizada do movimento antipesticida é Rachel Carson, que, tal qual o professor Paul Licht, da UC Berkeley, disse: “foi algo que nos chocou, nos assustou, e estimulou uma geração a um novo tipo de ativismo ambiental”.⁵⁴ Carson escreveu um livro intitulado *Silent Spring* e nele propôs banir o DDT, um pesticida que mata mosquitos, por causa de seus supostos efeitos prejudiciais aos humanos e porque afinava a casca do ovo das águias carecas.

A Agência de Proteção Ambiental seguiu a linha de Carson e restringiu drasticamente a produção e o uso do DDT em solo americano. Por causa de Carson, entre trinta e sessenta milhões de pessoas morreram de malária.⁵⁵ Nas palavras do conselho editorial do Wall Street Journal, “aqueles que se levantam contra o DDT deveriam ser obrigados a responder a uma simples pergunta sobre o que é mais importante: a vida de uma ave que pode ser

prejudicada pelo DDT ou a vida de uma criança do Terceiro Mundo que poderia ser salva”.[56](#)

A resposta do professor universitário de esquerda: a vida de um pássaro. Durante uma aula de geografia na UCLA, o professor Muldavin, citando *Silent Spring*, incentivou a extinção global do DDT.[57](#) O professor Ehrlich sugeriu que a expectativa de vida americana diminuiria em dez anos se o DDT fosse usado em solo americano.[58](#) O Dr. Mark Hermanson da Universidade da Pensilvânia leciona uma matéria chamada “Em Busca de Rachel Carson: o DDT e a Volta da Águia Americana”. A descrição do curso diz: “Os alunos aprenderão sobre a biologia das espécies de pássaros terciários e quaternários [sic], os efeitos do DDT e outros pesticidas na cadeia alimentar; além do mais, aprenderão sobre a pesquisa de Rachel Carson em relação aos efeitos do DDT no ambiente”.[59](#)

A biotecnologia também está sob ataque, da genética humana à comida geneticamente modificada. Lembro-me claramente do assistente de um professor que não tolerava a biotecnologia. Ele ridicularizava todas as narrativas de sucesso da biotecnologia e as creditava “ao viés da mídia”.[60](#) Ele comenta a respeito dos avanços da biotecnologia: “Então você aumenta o seu tempo de vida em cinco ou dez anos, mas mesmo assim acaba morrendo. Outras doenças virão”.[61](#) É fácil ignorar algo por cinco ou dez anos quando não é a sua vida que está em jogo.

A Revolução Contra a Revolução Verde

A Revolução Verde dos anos 1960 e 1970 revolucionou a produção de alimentos, criando novas espécies de plantio de alto rendimento e aumentando o uso de pesticidas e fertilizantes. Essas novas estratégias expandiram tanto o sistema de plantação que os suprimentos alimentícios conseguiram acompanhar o grande crescimento populacional. Mas se é comida para a população, logo o professor esquerdista precisa destilar ódio.

E é isso que eles fazem. “Ficamos apreensivos quanto à Revolução Verde”, diz o professor C. F. Brunk, da UCLA. “Em pouco mais de uma década, o crescimento populacional superou os ganhos da Revolução Verde”, disse à classe.[62](#) Mas, aqui, temos só um probleminha: não superou. Ninguém disse que a Revolução Verde alimentaria a todos; seus proponentes apenas disseram que viria para revitalizar o setor agrícola. Na

verdade, a produção de alimentos tem acompanhado a população: há mais do que comida suficiente no planeta para alimentar todo mundo.

O professor Muldavin afirmou em palestra que a Revolução Verde “ignorou a distribuição de comida” e que seus principais efeitos foram a erosão do solo, a degradação da água, os elementos químicos, a erosão genética e a calamidade social.⁶³ Ele pulou bem a parte onde a Revolução Verde alimentou milhões de pessoas. Mas talvez seja pedir demais que ele ensine isso. A erosão do solo é que importa.

Ravi Batra, professor na Universidade Metodista do Sul, ataca a Revolução Verde. “Longe de aliviar a pobreza, a Revolução Verde tem, na verdade, piorado a miséria, escreve Batra, “e ao invés de preencher a lacuna entre o rico e o pobre rural, ela a tem aumentado”.⁶⁴ Triste para a narrativa do professor, Batra está errado. Devido à Revolução Verde, a absoluta pobreza nas regiões indianas foi reduzida pela metade.⁶⁵

O professor que odeia a Revolução Verde também odeia as culturas geneticamente modificadas (*GM crops*), que têm rendimentos maiores que plantações comuns. E embora não possam provar que as plantações GM têm efeitos negativos, a especulação é boa o suficiente.

“Não há nenhuma evidência de efeitos deletérios sobre a saúde humana causados pela comida modificada geneticamente” admitiu o professor Brunk. “Mas a margem entre problemas em potencial e problemas de verdade é pequena”.⁶⁶ É muita paranoia. Se não existe evidência de que algo é problemático, por que se preocupar com isso? Claro, a menos que você seja um professor universitário de esquerda e alarmista.

A professora Jane Rissler, presidente da *Union of Concerned Scientists*, que representa centenas de membros docentes universitários, é contra o alimento modificado geneticamente: “Nosso ponto de vista é ser cético quanto a muitos desses benefícios. Estamos preocupados sobre as incertezas e os riscos, o que nos leva a acreditar que, para a maior parte, esses produtos não serão úteis como agricultura sustentável”.⁶⁷

Esses professores descredita a Revolução Verde porque ela salvou vidas humanas e deu ao homem a habilidade de expandir sua população. No fundo, a luta dos ambientalistas radicais é lutar contra o progresso humano, e a luta contra o progresso humano é uma luta contra a existência da própria humanidade.

Biodiversidade, Exceto para o Ser Humano

O professor universitário de esquerda não cessa de pregar a “biodiversidade” — a preservação de todas as espécies —, mesmo à custa do empreendimento humano. Eles ignoram que o homem é parte do ambiente, e que a extinção de várias espécies tem sido um processo contínuo há milhões de anos. Esse povo exagera e dramatiza o prejuízo à biodiversidade causado pela humanidade; a meta é impedir o homem de progredir de maneiras novas e mais eficazes.

“A força motora nesse período de extinção é, pura e simplesmente, uma atividade humana”, afirmou o professor Brunk. “Sempre que o ser humano é introduzido ao meio ambiente, podemos esperar a diminuição da biodiversidade”.⁶⁸ A conclusão? Impedir a expansão humana por qualquer meio necessário. Por quê? Porque amamos mariposas.

“As espécies estão desaparecendo em alta velocidade por meio da ação humana”, reitera o professor Edward O. Wilson, de Harvard. “Primeiro vem a destruição do *habitat*, mas logo em seguida a poluição e a inserção de espécies exóticas em ambientes repletos de resíduos naturais”.⁶⁹ Wilson e o professor Paul Ehrlich, de Stanford, na verdade pediram ao presidente Clinton que assinasse uma legislação a fim de “reduzir a escala de atividades humanas [...] cada novo shopping center construído no chaparral da Califórnia [...] cada pântano convertido em arrozal ou em viveiro para camarões significa menos biodiversidade”.⁷⁰

Essa espécie de professor universitário, controlada por agendas políticas, cita taxas de extinção astronômicas para alarmar os alunos. “Os números são sombrios [...] metade de todas as aves viventes e espécies mamíferas não existirá dentro de duzentos ou trezentos anos”, Donald A. Levine, professor na Universidade do Texas, avisa com solenidade. Apesar disso, até mesmo Levine admitiu que essas estatísticas eram “cruas, brutas”.⁷¹

Tais estimativas exageradas não são incomuns. “De acordo com nossos dados”, diz o professor Ehrlich, “a perda de populações mamíferas pode, na realidade, ser muito mais severa [do que estimativas atuais], talvez 10% ou mais”.⁷² O professor Wilson estima a taxa de extinção em “proporções críticas, talvez de cem a mil vezes maior do que antes de a humanidade surgir”.⁷³

Tudo falso. Julian Simon, professor na Universidade de Maryland, um dos cientistas mais conhecidos e respeitados do último século, explica: “A leitura justa dos dados disponíveis não sugere nem mesmo um milésimo da

taxa de extinção que os pessimistas reivindicam. Se a taxa fosse um pouco menor, a própria evolução dos seres precisaria ser questionada”. Em seus escritos, Simon mostra quando esse arquétipo sensacionalista se originou, e demonstrou que esse gráfico não passava de “pura adivinhação”.⁷⁴

Bjorn Lomborg, professor na Universidade de Aarhus na Dinamarca, autor do controverso livro *The Skeptical Environmentalist* [O Ambientalista Cético], concorda com Simon. Ele estima que a taxa de extinção seja de “0.7% pelos próximos 50 anos”, ou 0.014% ao ano, cem vezes menor que a taxa sugerida pelos alarmistas ambientais.⁷⁵

Lomborg dificilmente é alguém de direita: ele admite que segue os mesmos objetivos básicos dos ambientalistas, mas entende que os problemas ambientais não são tão severos quanto esses ambientalistas afirmam. Mas posicionar-se contra a máquina verde, bitolada e mentirosa, significa de alguma forma estar debaixo de artilharia pesada. O professor Wilson de Harvard lidera a multidão anti-Lomborg. Ele se refere à publicidade em torno de Lomborg como “a fraude Lomborg”, chama Lomborg de alguém “do contra” e “parasita”, e esmiúça a habilidade de pesquisa de Lomborg como “caracterizada pela ignorância intencional, embebida em citações seletivas, carente de consideração pela comunidade de especialistas genuínos e ativista de uma campanha destrutiva”.⁷⁶ É isso que, atualmente, se passa por crítica acadêmica de um colega cientista?

Curve-se diante da Mãe Natureza

No final de tudo, todo o alarmismo ambiental das universidades prova ser uma máscara do espírito niilista e anti-humano. O corpo docente de esquerda pensa que sem o homem o mundo seria um glorioso Jardim do Éden. Não haveria aquecimento global. Sem a presença de automóveis. Não existiria combustível. Que lugar maravilhoso!

David Ehrenfeld, ecologista da Universidade Rutgers, acredita que o vírus da varíola não deveria ser extinto, desde que mata apenas seres humanos.⁷⁷ “O fim da era dos homens provavelmente receberia da Terra um fervoroso ‘boa viagem!’”, balbucia Paul Taylor, professor na Universidade da Cidade de Nova Iorque.⁷⁸

Os ambientalistas mais extremistas querem a destruição da humanidade como a conhecemos. Não são fanáticos raros ou difíceis de encontrar; basta dar uma olhada na universidade mais próxima.

A Guerra Contra Deus

No capítulo 11 de Gênesis, a Bíblia fala de um tempo quando toda a Terra tinha uma só língua e um propósito em comum. Toda a humanidade se estabeleceu em um lugar chamado Sinar. E as pessoas diziam: “Eia, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome”. Então eles começaram a construir uma torre que alcançaria os céus, e esperavam desafiar o próprio Deus.

E Deus olhou para a cidade, e para a torre, e disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer”. E Deus os dispersou de lá por toda a face da terra; e eles cessaram de construir a cidade. O nome da cidade e da torre era Babel.

O sistema universitário é a nova Babel. Os professores de esquerda esperam construir uma torre intelectual que alcance os céus, para desafiar o próprio Deus. Eles tomam a religião institucional, lançam-na no lamaçal e então atiram dardos inflamados contra sua carcaça pútrida. Feito isso, então, passam a decretar julgamentos morais sobre toda a humanidade, como se ter doutorado lhes conferisse alguma espécie de transcendência na sabedoria moral.

O desejo deles é destruir a moralidade bíblica e substituí-la por alguma outra moral de sua própria escolha. Eles buscam promover uma moralidade degradante. Sem Deus, não existe certo ou errado, bem ou mal. Qualquer coisa serve. A própria vida perde seu valor, perda esta que enfraquece a sociedade. Em resumo, os EUA se transformam na França.

O que esses docentes querem é uma *jihad*, uma *guerra santa* contra Deus, uma cruzada contra a moralidade tradicional. E seus campos de batalha são as salas cheias de civis inocentes.

Um Lugar de Trevas e Sem Deus

É algo tremendo ter professores em volta para iluminar o aluno em direção à falta de propósito existencial. Deus não existe, brada o professor universitário de esquerda. Ou, ainda que exista, não se relaciona com o mundo. A vida não tem significado e não há regras. O homem usurpa o lugar de Deus.

Peter Singer, professor na Universidade de Princeton, dissemina a seguinte lorota: “Se não fizermos o papel de Deus, então quem o fará? Parece-me haver três possibilidades: existe um Deus, mas ele não se importa com o mal nem com o sofrimento; existe um Deus que se importa, mas ele ou ela é um fracasso; ou Deus não existe. Particularmente, creio na última opção”.¹ É, pelo visto *alguém* vai para o inferno.

John McCarthy, professor na Universidade Stanford, um dos maiores especialistas em Inteligência Artificial do país, acredita que “a evidência sobre a existência de um deus assemelha-se à evidência sobre a existência do lobisomem. Logo, sou ateu”.² A evidência sobre a arrogância do professor McCarthy está aí e é comprovada.

“Acho que, em muitos aspectos, a religião é um sonho: por vezes um lindo sonho; por vezes um pesadelo”, comenta Steven Weinberg, professor na Universidade do Texas. “Mas é um sonho do qual, creio eu, já está na hora de acordar. Assim como aquela criança que aprende sobre o conto de fadas e é incitada por isso a deixar um dente debaixo do travesseiro. Sim, você fica feliz porque a criança acreditou na história. Mas, dado um tempo, você quer que a criança cresça”.³ Quão elevado e evoluído da parte do professor Steven.

James Wright, professor na Hunter College, chama Jesus de um “teórico da lógica, mas um tanto maluco” e afirma “Eu não acredito em Deus. Ele nos machuca demais”.⁴ Corey Washington, professor na Universidade de Maryland, concorda: “Estou apenas dizendo que o mais provável é que Deus não exista”.⁵

E eis que também surgem os professores que poluem o ambiente com o lixo da Nova Era. “Se Deus é compreendido sob crenças monoteístas, isso pode ser problemático para mim”, explica Tu Weiming, professor na Universidade de Harvard. “Se Deus é compreendido como a própria criatividade, como força gerativa, como poder transformador, como a fonte de todos os valores, todas as nossas verdades, todas as nossas ideias de

autorrealização humana, então eu certamente tenho fé em Deus”.⁶ O que foi que aconteceu com o simples e velho monoteísmo? Entediante?

A professora Camille Paglia, preletora na Universidade de Artes da Filadélfia, acredita que a sociedade deveria retornar à adoração pagã. “A esfera pública não é *de propriedade* da religião judaico-cristã. Pelo contrário, é *partilhada* por pessoas de todos os contextos culturais e religiosos. Defendo, portanto, a linha de pensamento greco-romana ou pagã, que tolera e muito a homossexualidade e até mesmo o amor entre homem e menino”. Paglia também diz que é a favor “de abolir todas as leis contra a sodomia. Sou a favor dos direitos ao aborto. Sou a favor da legalização de drogas, consistente com as normas acerca da bebida alcoólica. E não sou simplesmente a favor da descriminalização, mas também da legalização da prostituição”.⁷ Ela quer legalizar a prostituição porque os professores recebem mal?

Condenando a Religião Institucional

Logo no início de 1951, William F. Buckley já salientava em *God and Man at Yale* [Deus e o Homem em Yale], obra sua de referência, que “se a atmosfera da faculdade é altamente secular, se os membros influentes do corpo docente tendem a desencorajar inclinações religiosas, ou persuadir o aluno de que o cristianismo é nada mais que ‘medo de fantasmas’ ou ‘bruxaria do século XXI’, a política universitária transforma-se, e corretamente, numa preocupação para aqueles pais e universitários que julgam a fé cristã ativa como uma força poderosa para o bem e para a felicidade pessoal”.⁸

Se o temor de universidades contrárias à religião já era tão fundamentado naquela época, os mesmos medos são mil vezes mais legítimos agora. O professor universitário de esquerda odeia a Deus, e repudia ainda mais a religião institucional. Eles consideram a instituição religiosa como ultrapassada, um perigo para a sociedade moderna, e a causa de milhares de mortes sem sentido. Eles dizem que a religião é uma brincadeira de criança que o homem usa para cegar a si mesmo quanto à sua mortalidade. Apenas um de cinco professores frequenta cultos religiosos uma vez por semana,⁹ comparados a 40% do público geral;¹⁰ 48% dos professores afirmam que raramente ou nunca frequentam um culto religioso.¹¹

Thomas Sugrue, professor na Universidade da Pensilvânia, afirma que entre os acadêmicos, a religião é “o assunto que envolve desconfiança e até mesmo escárnio [...] justificam para lá e para cá muito do ceticismo acadêmico quanto à religião formal”.¹²

Diana Chapman Walsh, presidente do Wellesley College, fez a mesma distinção entre espiritualidade e religião diante de um grupo de alunos da UCLA. “A religião é algo que talvez possamos viver sem tranquilamente”, disse aos alunos. Ela definiu espiritualidade como amor, compaixão e perdão, asseverando que espiritualidade não envolve fé.¹³ Obrigado, flor.

E eis que o professor Peter Singer ataca novamente, chamando os valores judaico-cristãos de o maior obstáculo aos direitos dos animais: “Uma das coisas que mais causa problema para o movimento animal é a forte tensão do cristianismo fundamentalista, que perpetua uma enorme lacuna entre humanos e animais”.¹⁴ Palavras pouco surpreendentes vindas de um professor famoso que defende a bestialidade e o assassinato de crianças severamente desfiguradas.

Então, como seu colega esquerdista Paul Ehrlich, que por vezes se transforma num especialista em religião, explica o papel da religião no mundo? “A religião [...] ainda hoje retém a posição das elites ao, por exemplo, justificar a pobreza e a riqueza como expressões da vontade de Deus”.¹⁵ Na verdade, eu mesmo uso a religião para justificar a perspicácia como expressão da vontade de Deus. Tenho certeza de que Deus *tem* um motivo para fazer de Ehrlich um idiota balbuciente.

Joshua Muldavin fez uma observação antirreligiosa em uma de suas aulas de geografia, onde rotulou o cristianismo como “política prejudicial” porque sua doutrina diz que a Terra é para ser usada.¹⁶ Talvez ele esteja certo: não nos cabe usar a Terra; deveríamos, pelo contrário, adorá-la e nutri-la com sacrifícios humanos.

O professor Brunk, da UCLA, afirmou durante uma aula de biologia que tive que a *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, foi o livro mais influente já escrito pelo homem. Quando um aluno lhe perguntou sobre a Bíblia, ele respondeu: “Textos religiosos não contam, porque são, invariavelmente, de autores diversos”.¹⁷ Da última vez que dei uma olhada, Deus não é “*autores diversos*”.

Richard Flory, professor na Biola University, e Donald Miller, professor na Universidade do Sul da Califórnia, juntaram-se para produzir uma

apresentação sobre o futuro do cristianismo. Flory e Miller chegaram à conclusão de que focar nas verdades bíblicas levaria o cristianismo ao caminho da destruição. “A ideia é: você precisa reinventar a igreja para torná-la adaptável à cultura contemporânea”, Miller diz. A parte em que os dois exibiram tentativas de conversão mediante ensinamentos bíblicos é marcada de desdém. Mesmo o Los Angeles Times, jornal de extrema esquerda, que zomba do cristianismo em cada oportunidade que consegue, chama a apresentação em relação aos ensinamentos bíblicos de “julgadora”.¹⁸ Se o L.A. Times chama a exibição antibíblica de “julgadora”, pode apostar a própria vida que foi um aglomerado de discursos anticristãos.

“Religião da Paz”

Diferente da tradição judaico-cristã, o islã é tolerante e pacífico, brada o professor universitário de esquerda. Afinal, o islã significa paz, certo? É, na verdade, não: a tradução literal é “submissão”. Mas esses professores amam fechar os olhos.

“Islã significa paz”, explica Aly Farag, professor na Universidade de Louisville.¹⁹ O islã significa paz, concordam os professores Mustafa Suwani, da Universidade Estadual Truman;²⁰ Nadira K. Charaniya, da Springfield College;²¹ Zeki Saritoprak, da Berry College;²² G.A. Shareef, ex-professor da Bellarmine College.²³ E ainda muitos outros também concordam.

O islã significa paz, defende o professor Ali Asani, de Harvard. “Se olharmos dessa forma, Asani continuou, “o cristão ou o judeu é também muçulmano; qualquer um que se submeta a Deus já é, na verdade, um muçulmano”.²⁴ Sério? O que aconteceu com aquela parte dizendo que cristãos e judeus são infiéis, e que infiéis são condenados à tormenta ardente e eterna?²⁵ O islã não simplesmente significa paz, mas o islã é a “religião da paz”. “O islã é uma religião de paz”, afirma John Berthrong, professor na Universidade de Boston.²⁶ Ahmed Asker, professor na Florida A&M University, chama o islã de religião da paz, do amor, da misericórdia, da compaixão e do perdão.²⁷ “O islã é uma religião de paz”, concorda o Dr. Tayyib Rana, da Universidade de Buffalo. “É a religião cujo desejo é libertar homens e mulheres para viverem a vida ao máximo”. É mesmo? Por que então é uma religião que nunca garantiu a liberdade de homens e mulheres que tentassem obtê-la?

O islã é simplesmente incompreendido, sustentam os professores. “O entendimento que as pessoas têm do islã neste país é baixíssimo, até mesmo entre pessoas instruídas”, vocifera o professor David Mitten, de Harvard.²⁸ Akel Kahara, professor na Universidade do Texas, culpa os sentimentos anti-islã de “ignorância, preconceito e racismo intelectual”.²⁹ Sim, claro, deve ser isso mesmo. Nada disso tem relação nenhuma com o fato de que a maioria dos terroristas é de muçulmanos e que terroristas muçulmanos mataram milhares de americanos.

O professor Nimat Hafez Barazangi escreveu o seguinte: “Embora o Alcorão e os ensinamentos do profeta Maomé [...] tenham dado aos muçulmanos um entendimento geral do judaísmo e do cristianismo, ainda assim judeus e cristãos costumam conhecer pouco o islã, isso se conhecem algo”.³⁰ O Alcorão ensina que os judeus pensam que Esdras era o filho de Deus (falso), e adverte aos muçulmanos que não sejam amigos de cristãos e judeus, profetizando que ambos sofrerão nas chamas eternas.³¹ É isso que o professor Barazangi considera um entendimento geral do judaísmo e do cristianismo?

Da mesma forma, o islã não é inerte; na verdade, islã quer dizer progresso. Ou algo do tipo. O islã se “move adiante e progride em autoconhecimento”, diz o professor Gerhard Bowering, de Yale.³² Akbar Ahmed, professor de Princeton, chama o islã de “a terceira grande religião dos EUA”, e diz que ela é “uma das religiões mais incompreendidas do mundo”. “Quantos sabem”, ele pergunta, “que os maiores nomes de Deus no islã são compaixão e misericórdia?”.³³ Seria bom saber disso também quando os cristãos e judeus estiverem queimando nas chamas eternas de Alá.

Ciência vs Religião

A maioria dos cristãos e dos judeus acredita que não há conflito implícito entre ciência e religião. Gregor Mendel era padre. Maimônides era médico. Isaac Newton era um homem religioso. Albert Einstein quem disse que Deus não joga dados com o universo. A ciência e a religião apoiam-se mutuamente. Quanto mais aprendemos sobre o mundo em que vivemos, mais claro fica que deve haver um Arquiteto divino.

Mas os professores esquerdistas acham o contrário. A ciência e a religião estão em completo desacordo uma com a outra. Deus não é o

arquiteto mestre; tudo é acidente. David Krupp, professor na Winward Community College, usa as seguintes palavras: “Assim que a pessoa começa a trazer conceitos religiosos para a conversa, a ciência vira bagunça”.³⁴

Talvez a dicotomia percebida entre ciência e religião explique a falta de fé entre o corpo docente científico. Enquanto a porcentagem de americanos que acreditam em Deus continua entre 85% e 95%, a porcentagem de cientistas que acreditam em Deus é menor que de 40%.³⁵

A principal batalha entre ciência e religião acontece no campo da biologia evolucionista, onde esses professores demonizam os criacionistas como relíquias arcaicas da Idade das Trevas. Eles bradam que criacionismo não só é errado, mas um pecado intelectual, eles dizem, apesar do fato de que 45% dos americanos acreditam no *design inteligente*.³⁶

Em determinado texto que eu tive de ler para uma aula de biologia na UCLA, li o seguinte: “São muitas as adaptações melhor explicadas pela seleção natural do que pelo *design* de Deus, uma vez que ele provavelmente não teria ‘feito melhor’”.³⁷ O texto também ridiculariza os criacionistas como pessoas que “tentam se fazer de cientistas, chamando sua própria abordagem de ‘ciência da criação’”.³⁸

“Os neoconservadores americanos promovem o criacionismo porque, seguindo suas próprias afirmações, aparentemente temem uma população educada e veem a teoria da evolução como ameaça”, escreve o professor Paul Ehrlich.³⁹ Será que já passou pela cabeça de Ehrlich que, talvez, muitos neoconservadores acreditem na palavra de Deus? Talvez não, desde que Ehrlich acredita que os conservadores estão aí para linchar os negros e escravizar os pobres.

Os professores esquerdistas acreditam que ensinar ciência da criação é tolice. “Eles poderiam simplesmente falar sobre o Kumulipo”, o cântico da criação havaiana, zomba Pauline Chinn, professor na Universidade do Havaí.⁴⁰ “Criacionismo não é ciência: é fé”, concorda Gerald Fryer, professor no Instituto Havaiano de Geofísica e Planetologia.⁴¹ “A grande mentira é [dizer] que existe verdade (no criacionismo)”, zomba Victor Stenger, também professor na Universidade do Havaí.

No Condado de Cobb, Geórgia, o criacionismo é um tópico que tem bombado. O conselho escolar da região está tentando esclarecer sua política acerca do criacionismo nas escolas públicas. Os professores de esquerda

estavam furiosos. David Jackson, professor na Universidade da Geórgia, afirma que, embora não diga aos alunos no que acreditar, deixa “claro que o Condado de Cobb age de forma evidentemente ilegal”.⁴² Norman Thomas, também professor na Universidade da Geórgia, é mais contundente: “Estamos lidando com ciência; não tratamos de assuntos anticientíficos. Na minha opinião, o Estado precisa ditar ao Condado de Cobb o que pode e o que não pode entrar em sala de aula”.⁴³

A Patrick Henry University, na Virgínia, não recebeu acreditação pela *American Academy of Liberal Education* [Academia Americana de Educação Liberal] (AALE) porque mantém o criacionismo em sua grade curricular. Apesar de satisfazer todos os demais critérios e afirmar-se abertamente cristã, a AALE recusou sua acreditação. Mike Farris, presidente da instituição universitária, chama a decisão de “discriminação baseada em ponto de vista e ideologia”, e afirmou que a AALE queria forçá-los a “ensinar aquilo que querem que ensinemos”.⁴⁴ E ele está certo. Se a instituição não ensina pelo viés esquerdista, o *establishment* da educação simplesmente a impede de funcionar.

Kevin Haley, professor na Central Oregon Community College, foi demitido do cargo por supostamente ensinar o evolucionismo em pé de igualdade com o criacionismo. Haley negou as acusações. “Sou criacionista, e também sou cientista, portanto não sinto dificuldade ao ensinar o evolucionismo”, explica Haley, “assim como ensino o criacionismo; tento ser justo em sala de aula, não ensinando as coisas como se estivesse dando um tiro no escuro”.⁴⁵ Suponhamos por um instante que Haley de fato tivesse ensinado o criacionismo bem como o evolucionismo. Certo, e o que há de errado nisso? O professor pode ensinar homossexualismo, marxismo (uma religião secular), antiamericanismo, mas basta mencionar Deus que já perde o emprego.

Cristãos Não Precisam se Candidatar

Ron Brown, um dos técnicos do time de futebol americano do Nebraska, foi entrevistado em 2002 para o cargo de técnico principal de Stanford. Brown tem um histórico magnífico em seus dezessete anos em Nebraska; nesse período, vinte e seis de seus pupilos foram jogar na *National Football League* (NFL).⁴⁶ Brown é negro. Ele parecia se encaixar perfeitamente no sistema.

Havia um só probleminha: Brown é cristão praticante. E esse foi o empecilho. O diretor atlético assistente do time de Stanford, Alan Glenn, disse que a religião de Brown “era definitivamente algo a ser considerado. Somos uma comunidade muito diversificada, com ex-alunos diversificados. Qualquer coisa que se sobressaia tanto, é algo a ser considerado”.[47](#)

Especificamente falando, Stanford fechou-lhe as portas porque Brown acredita na proibição bíblica do homossexualismo. Nas palavras de Brown para descrever a discriminação sofrida: “Se eu houvesse sido discriminado por ser negro, eles jamais diriam aquilo. Mas eles não viram problema no que disseram porque o problema comigo era minha crença cristã”.[48](#)

A história de Brown não é atípica. Cristãos são repelidos da universidade, demitidos e ridicularizados por causa da religião cristã.

O Dr. Troy Thompson conta uma história sobre seu tempo na Wayne State University, onde cursou medicina. Nas palavras de Thompson: “Nossa classe convidou o Dr. Jack Kevorkian para vir e nos falar sobre suas práticas — naquele tempo ele as chamava de ‘*medicídio*’ [...] Ele falou para levantar a mão quem considerasse o aborto antiético. Fui o único a levantar a mão. Kevorkian então apontou direto para mim e disse à classe: ‘Levante a mão se você acha que aquele homem é um fanático religioso que nunca será um verdadeiro médico’”.[49](#) Onde estava o suposto professor durante tudo isso? Fazendo eutanásia em um dos alunos?

Na Universidade Depauw, instituição metodista, a professora Janis Price foi vítima de mais outro ataque anticristão sob as mãos da administração universitária. Price levou consigo uma remessa da revista *Teachers in Focus*, mantida por James Dobson, e a colocou à mesa ao fundo da sala. No fim da aula, ela deu a liberdade de levar uma cópia para casa aos alunos que tivessem interesse. Nenhum artigo foi discutido em classe. Um deles abordava como as escolas públicas deveriam lidar com o assunto melindroso da homossexualidade. Um dos alunos ficou ofendido pelo artigo e levou o caso da profa. Price à administração.

Resultado: censurada.

Neal Abraham, vice-presidente da Academic Affairs, enviou à Price uma carta chamando suas ações de “repreensíveis” e a revista de “intolerante”, acusando-a de criar um “ambiente hostil” na sala de aula. Neal pôs Price em advertência sob observação, cortou-lhe o salário em 25% e a proibiu de lecionar na universidade, afirmando que a faculdade “não

pode tolerar o intolerável”.[50](#) Vivemos tempos sombrios, em que a administração de uma universidade metodista considera o cristianismo intolerável.

“Desculpe, mas qual o seu nome mesmo?”

Todo ano, geralmente no fim do primeiro semestre, estreiam filmes sobre a vida universitária. A maioria deles inclui algum tipo de “lição de vida” que a personagem principal aprende ao final; para muitos, o clímax do filme acontece durante as últimas semanas letivas. Cada filme, porém, e sem exceção, exhibe padrões sexuais luxuriosos dentro do ambiente universitário. Generalização? Talvez. Acontece com frequência? Com certeza!

Há anos grupos religiosos têm confrontado esse tipo de postura, imputando a culpa dessa promiscuidade sobretudo aos dormitórios universitários mistos. Mas as universidades insistem em defender o regime misto em suas instalações, afirmando que a promiscuidade, resultado do contato entre os sexos, é normal e saudável.

Uma pesquisa feita pelo *Independent Women’s Forum* com mais de mil universitárias mostrou que 40% delas admitiram já ter “ficado” — um encontro com fins impessoalmente sexuais, variando de beijos a intimidades, depois do qual a mulher não mais esperaria ter contato com seu parceiro. 10% dessas mulheres admitiram ter “ficado” mais do que seis vezes. Janet Finney, diretora adjunta do McCosh Health Center, de Princeton, declarou-se surpresa pelo número de “alunos universitários que se tornaram amigos de pessoas por causa da intimidade” em vez de interesses compartilhados. É provável que o mesmo possa ser dito acerca das relações sexuais. Ao invés de chocada pelas estatísticas, Fernandez-Kelley, professora em Princeton, ficou feliz, desde que ela “discorda dos moralistas”, afirmando que os jovens não deveriam ter experiências sexuais.[51](#)

Em 1998, cinco alunos judeus ortodoxos processaram a Universidade de Yale pelo direito de morar fora da universidade depois de serem forçados a morar em dormitórios mistos, onde a maioria dos alunos usava banheiros e chuveiros de regime misto, havendo manuais de sexo e camisinhas abertamente disponíveis, além de, no caso dos calouros, palestras obrigatórias sobre “sexo seguro”. Apelidados de “Os Cinco de Yale” pela mídia, a história deles apareceu nas manchetes nacionais.

Yale não se rendeu, afirmando que morar nos dormitórios era “parte integrante da educação oferecida pela universidade”⁵², muito embora a Yale não exija que os alunos dos últimos anos residam nos dormitórios. Richard Levin, presidente da Yale Hillel (organização judaica da universidade), taxou os cinco alunos ortodoxos de “mente fechada”, afirmando que não pertenciam à Yale se não estivessem dispostos a morar naquele universo de dormitórios repletos de obscenidades: “Por que entrar em uma universidade como esta se você não está disposto a abrir a mente para novas ideias e novas perspectivas?”, ele perguntou. “Esse não é um lugar onde pessoas que se fecham para o mundo conseguem se desenvolver”. Resumo da história: a universidade pediu que os alunos escolhessem entre a moralidade pessoal ou a educação de Yale. A moral venceu. Os alunos pagaram por alojamentos separados e moraram fora da universidade.⁵³

Lembro que, certa vez, conversei com uma conhecida na universidade. Ambos estávamos numa reunião com outros colegas judeus. Por algum motivo, a moça decidiu anunciar diante de todo o grupo que recentemente ela havia namorado um muçulmano (lembrem-se, ela é judia). Uma vez que a lei judaica proíbe o casamento transcultural, seu comentário espontâneo me irritou.

“Por que você estava saindo com um rapaz que não é judeu?”, perguntei.

“Bom, eu não sabia que ele não era judeu”, ela respondeu.

“Por quanto tempo você saiu com ele?”

“Mais ou menos três meses.”

“E você não sabia que ele não é judeu?”

“Exato.”

“E como isso foi acontecer?”

“Bom, você entende, nós nos víamos nos dormitórios, acabamos ficando íntimos, e então nós meio que, bom, você me entende, simplesmente aconteceu...”

Naquele momento, o clima já estava pesado.

“Então quer dizer que você dormiu com o sujeito sem nem mesmo saber a religião dele? Da próxima, talvez seja um pouco mais responsável ao menos saber o nome do cidadão!”, esbravejei.

“É, mas você sabe que é assim que funciona dentro dos dormitórios”, ela retrucou.

“Não me Toque!”

No dia 5 de julho de 2002, um grupo pró-vida foi à UCLA. Eles se dirigiram ao BruinWalk, o principal calçadão da universidade, e hastearam cartazes gigantes com seis metros de altura contendo fotos horríveis de fetos abortados. Não costumo passar pelo BruinWalk para chegar à aula, mas fiquei intrigado o bastante a ponto de passar ao lado e ver a reação dos que passavam por ali, tanto alunos quanto professores. Alguns ficaram horrorizados; alguns simplesmente passaram pelos cartazes sem nem dar bola; a maioria lentamente meneava a cabeça enquanto passava, ridicularizando a audácia daqueles radicais pró-vida que ousaram trazer sua visão política conservadora para o centro dessa antiga universidade.

Não esperava menos que isso. A maioria esmagadora dos professores universitários faz parte da ala pró-escolha militante, sentimento que eles transmitem aos alunos. 99% dos professores da Ivy League se opõem à proibição legal do aborto.⁵⁴ Qual é o efeito que surte sobre os alunos? Em 1996, a organização de pesquisas Gallup indicou que 47% das mulheres eram pró-vida até concluírem o Ensino Médio, porcentagem que caía para 24% depois que se formavam no ensino universitário.⁵⁵

Sarah Weddington, professora na Universidade do Texas, provavelmente é a principal advogada do movimento pró-escolha no país. Em 1967, Weddington escreveu sobre sua própria experiência com o aborto no México em seu livro *A Question of Choice* [Uma Questão de Escolha]. Seis anos depois, em 1973, Weddington apresentou perante a Suprema Corte uma defesa de sucesso para o caso *Roe v. Wade*, em que o aborto foi julgado como “um direito de escolha da mulher”. Agora ela anda por aí fazendo prosélitos em favor do aborto: “[Nós] temos de ter uma nova geração de moças jovens [apoiando os direitos ao aborto]... não venceremos sem elas. Precisamos da ajuda dessa geração mais jovem para convencer o povo de votar pró-escolha, proteger as clínicas [de aborto], cooperar com a indústria Planned Parenthood”.⁵⁶ Weddington usa o pódio como arma.

James Lindgren, professor na Northwestern University, pró-escolha, fez um estudo examinando os motivos da inclinação extremamente favorável ao pró-aborto entre o corpo docente da faculdade de direito. Ele concluiu que os grupos mais inclinados ao pró-vida (hispanicos, católicos e republicanos) estão entre os menos representados no corpo docente da faculdade de direito. Os republicanos compõem apenas 32% do corpo

docente, de acordo com o estudo.⁵⁷ Não é de admirar que a maioria dos advogados seja de esquerdistas.

Na Universidade de Illinois, Eileen McDonagh, professora na Northeastern University, deixou o debate com o preletor pró-vida Scott Klusendorf, integrante da instituição cristã Stand to Reason, após os apoiadores da própria McDonagh se recusarem a deixá-la falar. Uma de suas apoiadoras, Chrissy Trilling, do Câmpus Pró-Escolha, declarou: “Não queremos dar [ao lado pró-vida] terreno para disseminarem suas visões extremistas”.⁵⁸ Sonya Michel, professora de Estudos das Mulheres da Universidade de Illinois, atacou Klusendorf, chamando-o de ignorante e afirmando que seu histórico acadêmico é insuficiente.⁵⁹ O diálogo é possível, desde que não seja com pessoas de direita. Esse é o jeito de ser desses intelectuais.

O professor universitário de esquerda está disposto a ir contra o mundo pelo assassinato de bebês. Muitos docentes apoiam até mesmo o método horrendo D&E (dilatação e evacuação) e os procedimentos D&X (dilatação e extração). O D&E é um termo recente da ala abortista, em que o médico amassa o crânio do bebê no útero com um fórceps, em seguida desmembra o bebê e o extrai. O procedimento D&X também é um aborto tardio, mas nele o médico puxa pelos pés o bebê por meio do canal de parto, depois faz um buraco em seu crânio e suga o cérebro, removendo em seguida o cadáver.

Susan Frelich Appleton, professora na Universidade Washington em St. Louis, vocifera que é ato de crueldade *proibir* o método D&X. “Você quer que legislemos a segurança sanitária sendo que esta é uma questão médica?”.⁶⁰ A Dra. Davis, da Universidade Columbia, faz parte do grupo “Estudantes de Medicina Pró-Escolha”; ela afirma que os procedimentos D&E e D&X são “muito seguros”.⁶¹ Seguros para quem? Certamente não para o bebê.

Mary Mahowald, professora na Universidade de Chicago, acredita que as percepções americanas sobre o D&X são ofuscadas por influências externas: “A mídia tem exagerado a ocorrência de acidentes e, assim, provocado uma visão que médicos instruídos e experientes certamente desafiariam”.⁶² O direito de escolha da mulher vem antes e está acima de tudo: ainda que isso signifique esmagar o crânio de uma criança viva, sugar seu cérebro e despejá-lo numa bacia.

O Direito Inalienável de Morrer

A tradição judaico-cristã diz que a eutanásia é inerentemente errada. Deus dá a vida, e Deus a tira — não compete ao indivíduo decidir quando morrer. No ritual judaico, na verdade, os judeus devem pronunciar bênção quando ouvem sobre a morte de alguém, “Bendito seja o Verdadeiro Juiz”, demonstrando que a realidade da vida e da morte sempre está nas mãos de Deus.

Para o professor esquerdista, no entanto, a vida humana não é divina e, portanto, o homem pode tirá-la quando quiser. À parte de uma autoridade mais elevada para a qual prestar contas, a vida pertence somente àquele que a possui, e é ele próprio quem decide se lhe dá ou não seu fim.

Sidney Wanzer, do Serviço de Saúde da Faculdade de Direito de Harvard, e James Vorenberg, professor de Harvard, uniram-se para criar um projeto de lei padrão que defendesse o suicídio assistido. “Sinto já faz um tempo que todo ser humano tem o direito de libertar-se da vida, uma vez que esta se torna uma armadilha”, explica Vorenberg. E Wanzer diz: “Diria que o suicídio deve fazer parte das medidas disponíveis ao paciente”. Wanzer e Vorenberg concordam que a eutanásia deveria estar disponível mesmo àqueles que não padecem de doença terminal.⁶³

Um dos principais grupos de defesa da eutanásia é o Hemlock Society. Em setembro de 2003, o presidente da sociedade era Paul Spiers, professor no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e na Universidade de Boston. Outros membros do conselho incluíam o professor Fred Richardson, ex-professor da Universidade Wesleyana de Ohio, e Alan Meisel, professor na Universidade de Pittsburgh.⁶⁴

Outro grande grupo que defende a eutanásia chama-se *Death With Dignity* [Morte com Dignidade]. Em setembro de 2003, o conselho de diretores incluía David Orentlicher, professor na Faculdade de Direito da Universidade de Indiana, Charles Baron, professor na Faculdade de Direito da Universidade de Boston e David J. Garrow, professor na Faculdade de Direito da Universidade Emory. O conselho também incluía David Mayo, professor na Universidade de Minnesota, Timothy Quill, professor na Universidade de Rochester, Margaret Battin, professora na Universidade de Utah, o Dr. Ivan Gendzel, da Faculdade de Medicina de Stanford, Samuel Klagsbrun, professor na Faculdade de Medicina Albert Einstein, Sharon Valente, professora na Universidade do Sul da Califórnia, James Werth, professor na Universidade de Akron, Irvin Yalom, professor na

Universidade de Stanford, e Charles McKhann, ex-professor da Faculdade de Medicina de Yale. Sem contar o professor Alan Meisel, de quem talvez você se lembre pela *Hemlock Society*.⁶⁵ Percebe um padrão?

William Curan, professor de Harvard, que ganhou o título de “Pai do Direito Sanitário” e os elogios do New York Times, era defensor da eutanásia.⁶⁶ Lawrence Tribe, também de Harvard, é um dos maiores proponentes do “direito de morrer com dignidade”.⁶⁷ Robert Sedler, professor na Wayne State University, era um dos advogados do Dr. Jack Kevorkian;⁶⁸ Kevorkian envolveu-se com, no mínimo, sessenta e nove eutanásias, das quais apenas dezessete eram pacientes com doença terminal.⁶⁹

Se a opinião pública fosse solidamente pró-eutanásia como são as universidades do antro esquerdista, os EUA já estariam lotados de clínicas para suicídio assistido.

E Haja Trevas

Pesquisas mostram: enquanto 77% dos alunos que acabaram de concluir o Ensino Médio acreditam em um Deus ativo, assim que concluem a graduação essa taxa cai para 65%.⁷⁰ Esses números, sim, podem ser realidade por causa da arrogância do jovem; o mais provável, no entanto, ao menos em grande parte, é ver esses dados como consequência do viés anti-Deus das universidades.

O ensino superior mina a religião, não porque o conhecimento necessariamente ameaça a religião, mas porque o professor esquerdista quer que a religião seja minada. Exercendo o devido papel de modelo e tutor dos alunos, os docentes de esquerda vociferam abertamente seu ateísmo. Eles descartam a religião institucional como tolice, exceto o islã, o qual endeusam. O professor universitário de esquerda ensina que a ciência e a religião nasceram para discordar, e quando entram em conflito, a ciência certamente está com a razão. O próprio sistema universitário discrimina cristãos e judeus praticantes; sua tolerância se estende apenas às culturas que não são judaico-cristãs. As universidades promovem o aborto e avançam a causa da eutanásia.

Deus não é mais bem-vindo na universidade; a não ser, claro, que ele se disfarce de professor.

Queimando a Bandeira

Na manhã de 11 de setembro de 2001, estava com o meu pai, dirigindo o carro da minha irmã mais nova em direção à escola. Meu pai e eu tínhamos acabado de sair do carro quando seu celular tocou.

“Alô?”

“Você viu o que aconteceu?”. Era a mãe de uma das moças que estava no carro.

“O quê?”

“Acabaram de bombardear as Torres Gêmeas.”

“*De novo?*”

“Não, não nesse sentido, você não entendeu. *As Torres Gêmeas já eram.* Os edifícios acabaram de ceder.”

“Meu Deus...”

Após o 11 de Setembro, os americanos se uniram como nunca desde a Segunda Guerra Mundial. Foram muitos os encontros de oração. Fizeram memoriais de improviso. O povo dos Estados Unidos viu o inimigo e deu ao presidente Bush sua bênção incondicional sobre a guerra ao terrorismo.

Então, naturalmente, quando voltei às aulas, esperava um espírito de solidariedade em sala. Na minha cabeça, os professores discutiriam a grandiosidade da nação. Pensava que os alunos fariam vigílias em memória das vítimas dos ataques e participariam de comícios em favor da guerra.

Rapaz, como fui ingênuo.

Os professores imediatamente culpavam a América pelo 11 de Setembro, causado pelos fracassos da política externa. Foi nossa cultura do consumo desnecessário que causou a ira do Terceiro Mundo. A culpa foi da nossa falta de respeito pelo islã. A causa daquela catástrofe foi o “estilo caubói” americano, foi nossa arrogância. Foi a escravidão, a opressão, a brutalidade contra os índios e contra os negros.

A reação americana aos ataques foi repugnante, resmungaram esses professores. Amostras simplórias de patriotismo deram origem a não mais que o ressentimento contra os árabes americanos. A Guerra ao Terror foi uma tentativa equivocada de criar um inimigo onde o presidente Bush não poderia encontrar um. O contínuo apoio a Israel diminuiu a chance de aliança com os países árabes. A atitude americana individualista e independente tornou-se inescrupulosa. Saddam Hussein não era um inimigo, mas um líder de princípios fortes, um homem severo.

Victor Davis Hanson, comentarista conservador e professor na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, descreve os professores de sua universidade: “Talvez 90% do corpo docente simpatizem com a *boutique* antiamericana”.¹ Não é exagero, e o padrão é o mesmo em todo o território nacional. Não há bandeira hasteada. Não há lamento pelas vítimas americanas sem que haja o uso da palavra “mas”. O orgulho de ser americano desapareceu do ambiente universitário.

Três Vivas para o Osama!

Muitos professores sentiram dores de alegria quando viram três mil americanos morrendo em Washington, D.C., Nova Iorque e Pensilvânia. Ouvi-los falar sobre o 11 de Setembro soa como se eles tivessem dançado ao redor da sala, ou chorado em honra da ocasião enquanto viam homens e mulheres pulando dos prédios de mais de cem andares.

No dia 11 de Setembro, Richard Berthold, professor na Universidade do Novo México, tomou a palavra para falar à sua classe sobre os eventos que surgiam na Costa Leste. “Qualquer um que bombardeie o Pentágono tem o meu voto”, esbravejou.² As palavras de Berthold abriram caminho para que os professores antiamericanistas falassem o que pensavam. Muitos professores subiram no palanque e puseram a boca no trombone.

Em certa aula que tive de filosofia/ciência política, o professor Dan O’Neill, alguém que se autointitula “esquerdista de coração”,³ sugeriu que “as pessoas que causaram o 11 de Setembro poderiam cair na definição de direito de resistência de Locke”.⁴ Olhei então em volta para ver a reação da classe; a maioria concordava com a cabeça em consentimento silencioso, como marionetes manipuladas pelas cordas do professor.

A Associação de Estudos do Oriente Médio [*Middle East Studies Association*, MESA] organizou um encontro em novembro de 2001, em São Francisco. A revista *New Republic*, editada por Franklin Foer, relata:

“Seguidos expositores falaram do ‘tão falado terrorismo’, ou ‘terrorismo entre aspas’. Em um painel típico de Gwenn Okruhlik da Universidade do Arkansas, ele defendeu os oponentes fundamentalistas do regime saudita considerando-os marxistas levemente perturbados: ‘Eles estão pedindo redistribuição de riqueza e justiça social. Eles querem o império da lei’”.⁵ Ah, esses extremistas sauditas, sempre lutando por justiça social.

William Blum, autor do livro *Rogue State: A Guide to the World's Only Superpower*, participou de uma palestra informal na Universidade da Carolina do Norte (UNC). Na sua fala, Blum afirmou com vigor: “São poucas (isso se alguma o fizer) as nações no mundo que têm acolhido mais terroristas do que os Estados Unidos”.⁶ Na mesma palestra, Catherine Lutz, também professora da UNC, afirmou que “Se um [dos criminosos do 11 de Setembro] é Osama bin Laden, mandem a polícia internacional atrás dele e, na volta, já aproveitem para prender também Henry Kissinger e Augusto Pinochet”.⁷

O sentimento “EUA terroristas” é extremamente popular. “Temos provado que nossas ações não nos diferenciam daqueles que nos atacaram”, afirma Michael Hudson, da Universidade Georgetown. Por exemplo, ele diz, “Deveríamos nos lembrar de nossa culpa por Hiroshima e Nagasaki e entender que não somos tão bonzinhos assim”.⁸ Adam Goldstein, ex-presidente do conselho de relações universitárias da Universidade de Wisconsin-Madison, escreveu uma carta ao editor do jornal *Badger Herald*, da Universidade de Wisconsin: “antes de falar sobre terroristas tão malignos, por que você não tenta se aprofundar mais e enfrentar a realidade de que nossos líderes são tão criminosos de guerra quanto Hitler, Stalin e outros monstros do século XX?”.⁹

Robert Jensen, professor na Universidade do Texas, acredita que o 11 de Setembro “não foi tão desprezível quanto os atos massivos de terrorismo [...] que o governo americano tem cometido durante a [sua própria] existência”.¹⁰ “Minha raiva neste dia”, ele escreve, “é direcionada [...] àqueles que governam com poder os Estados Unidos e arquitetam ataques a civis de formas igualmente trágicas”.¹¹ Bom, eu mesmo não consigo me lembrar da última vez em que os Fuzileiros Navais americanos sequestraram um avião de civis e se chocaram contra prédios cheios de trabalhadores. Você lembra?

Não existe professor vivo que se iguale ao histórico antiamericano do professor Noam Chomsky, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Em 2002, o livro 11 de Setembro (9–11) de Chomsky tornou-se sucesso internacional. Mundialmente falando, as pessoas amaram porque massacraram os EUA escrachando-os como nação terrorista. Em sua obra, Chomsky é todo cuidadoso ao dizer que nada pode justificar os ataques de 11 de Setembro; ele, então, fazendo o caminho inverso, procede para justificá-los. “A Corte Internacional de Justiça fez bem em condenar os Estados Unidos como estado terrorista”, afirma o autor. Os EUA são responsáveis pelo “terrorismo em massa [...] e continuam culpados até o presente”.¹² Da próxima vez, o professor Chomsky deveria se voluntariar para liderar missões aéreas suicidas.

A UCLA ofereceu aos alunos seminários baseados nos ataques de 11 de Setembro. Um deles foi intitulado “Terrorismo e a Política do Conhecimento”. A descrição do curso diz o seguinte: “Enquanto o mundo está unido e devidamente rechaçando os bombardeios do 11 de Setembro, a grande mídia americana permanece insensível às vozes críticas que têm alertado sobre o histórico desbravador e imperialista dos EUA e a relação dos bombardeios ao World Trade Center com os excessos americanos no Iraque, no Sudão e no Oriente Médio. Esse seminário faz perguntas fundamentais sobre o modo como consideramos o ‘terrorismo’ e seus agentes [...] as contínuas sanções impostas ao Iraque também deveriam ser consideradas uma forma de terrorismo? [...] Qual é a relação entre os bin Ladens deste mundo e ‘o terrorismo do estado ocidental?’”.¹³ Tem como ficar mais repugnante?

A resposta é sim. Roxanne Dunbar-Ortiz, professora na Universidade do Estado da Califórnia, Hayward, ministra um curso chamado (não estou brincando) “A Sexualidade do Terrorismo”. Ela diz que o conflito militar é causado pela agressão sexual masculina: “O conflito armado não é necessariamente um inferno para aqueles que lutam, mas uma forma de erotismo”. Seu curso também enfatiza o sofrimento do Talibã nas mãos do agressor americano. “No governo [do presidente Bush] estão alguns dos terroristas mais documentados da face da Terra”.¹⁴

No dia 1.º de julho de 2001, alunos da Universidade do Texas pegaram cópias do Daily Texan e logo se depararam com uma diatribe antiamericana da professora Dana Cloud. “Parece estranho jurar lealdade a um pedaço de pano que representa uma nação corrupta que impõe sua vontade, tanto

econômica quanto militar, mundo afora pelo uso da força”, ela escreveu. “Eu juro fidelidade ao povo do Iraque, da Palestina e do Afeganistão, cuja luta é por sobrevivência e resistência”.¹⁵ São pessoas como Cloud que deveriam estar no prédio que os terroristas atacaram. É justo, desde que Cloud e sua turma estão dispostos a apoiar ações terroristas.

“É Tudo Culpa Nossa”

Para não reagir com um “a América merecia isso”, as universidades reagiram com “precisamos perguntar o motivo”. Os professores universitários de esquerda procuraram entender os terroristas, negando que suas ações fossem ruins, mas as justificando. Geralmente, isso significa culpar a política externa americana pela “ira muçulmana”.

William Beeman, professor na Brown University, implorou aos alunos que olhassem no fundo da alma dos terroristas e tentassem se relacionar com eles. “Ao invés de correrem para julgar e procurar vingança contra os responsáveis pelo terror [...] entendam a pergunta mais difícil de ‘por que eles fizeram isso?’”.¹⁶ Na UCLA, essa noção surge na forma de seminários: o professor John Agnew ministra um seminário chamado “Entendendo o Talibã”.¹⁷

A St. Lawrence University, em Nova Iorque, oferece um curso chamado “Por que *ELES* nos odeiam?”.¹⁸

“Precisamos entender o que os incomoda para então criarmos reformas políticas que lidem com esses movimentos, e não os combater com poderio bélico”, afirma Paul Lubeck, da UC Santa Cruz.¹⁹ Calma, calma, calma.

“Duvido que tenhamos aprendido alguma coisa com esse ataque”, declarou Aamir Mufti, professor na UCLA, em uma palestra sobre o 11 de Setembro.²⁰ O que os EUA deixaram de aprender, obviamente, foi que sua política externa criou o ódio nas ruas árabes. A solução? Moldar nossa política externa.

Aparentemente, ser parte de um grupo que presta culto à morte não é motivo suficiente para o assassinato de cidadãos americanos. Deve ser algo que nós fizemos.

Os alunos da Universidade Georgetown tiveram um debate intitulado “Resolvido: as Políticas Americanas e nossas Ações Passadas Provocaram os Ataques Recentes”.²¹ Os atos terroristas foram “o resultado previsível

da política externa americana”, afirmou Bill Israel, da Universidade de Massachusetts.[22](#)

Tom Pettigrew, da UC Santa Cruz, afirmou que as ações e políticas americanas foram culpadas pelo 11 de Setembro, especialmente os U\$2 bilhões ao ano que os Estados Unidos fornecem em ajuda estrangeira a Israel. Esqueça o fato de Israel ser o aliado mais próximo dos EUA. Esqueça que os EUA dão quase U\$2 bilhões por ano também ao Egito. Esqueça que a quantia total do dinheiro americano direcionado aos estados muçulmanos torna pequena a quantia que vai para Israel. “Por todo o mundo, os Estados Unidos são considerados uma superpotência enorme e agressiva sem rivais”, sustenta Pettigrew.[23](#)

Mazier Behrooz, professor na Universidade Estadual de São Francisco, concorda com Pettigrew: “O ressentimento [internacional] vem de fatores como sanções ao Iraque, apoio americano a regimes impopulares, a presença americana no Oriente Médio e no conflito Palestina-Israel”.[24](#) Na mesma linha, Donald Quataert, professor na Universidade Binghamton, em Nova Iorque, diz que os ataques foram o reflexo de vinte e cinco anos de “fracasso das políticas americanas no Oriente Médio”.[25](#)

Ecoando o argumento “os EUA são arrogantes”, James Gelvin, professor na UCLA, justificou o assassinato de três mil americanos cometido por terroristas. “Eles nos odeiam por causa da nossa liberdade, arrogância e hipocrisia”, declarou a uma audiência de alunos da UC Irvine.[26](#) James McCormick, professor na Universidade do Estado de Iowa, concorda, e ainda pergunta: “Os Estados Unidos são um país tão arrogante a ponto de ignorar a oportunidade de [cooperar] com outros países, não deixando de lado o poderio militar e a força bélica?”.[27](#) Um minuto de silêncio para pensarmos a respeito... beleza, já decidi. Prefiro o poder militar.

Seminário organizado pela UCLA, “A América como Hiperpotência” tratava do 11 de Setembro e teve por preletor o professor Geoffrey Garrett. A descrição da aula dizia o seguinte: “As pessoas nos Estados Unidos, nas ruas e em Washington acreditam que o poder americano tem sido usado de forma benevolente, para o bem de todo o mundo. Mas reações tendem a ser bem diferentes fora dos EUA, variando do descontentamento com a polícia a protestos em massa e, finalmente, aos trágicos eventos de 11 de Setembro”.[28](#) Somos tão cruéis com os muçulmanos que eles todos querem

vir até o nosso país e matar nossos civis. Esqueça que o governo americano pôs seus soldados em perigo para salvar os muçulmanos, como na Iugoslávia. Deve ser culpa nossa.

Barbara Foley, professora na Universidade Rutgers, diz: “Seja qual for a causa imediata [do 11 de Setembro], sua causa última é o fascismo da política externa americana das últimas décadas”.²⁹ Fascismo? Será que a madame já viveu em um país verdadeiramente fascista? Se tivesse, saberia que a política externa do mundo árabe que é fascista.

Ayad Al-Qazzazz, professor na Universidade do Estado da Califórnia em Sacramento, insiste que os árabes não odeiam os americanos, apenas a política externa americana. E também diz que as políticas do presidente Bush criarão mais terroristas. “Se Bush se recusa a falar sobre as causas do terrorismo, garanto que o problema permanecerá por muito tempo”, afirma Al-Qazzazz. Quais são as causas do terrorismo? “Eles simplesmente odeiam a política externa americana. Da perspectiva deles, esta se baseia na imposição, na interferência e no apoio a regimes corruptos, em particular o dos israelenses”. A solução, Al-Qazzazz sugere, é “conscientizar-se e manter a mente aberta sobre o povo árabe e a situação no Oriente Médio”.³⁰ Para acabar com o terrorismo, tenha a mente aberta quanto aos terroristas e sua agenda. Bom, desde que me entendo por gente, parece um sentimento de conviência com os terroristas.

A Universidade da Carolina do Norte (UNC) deve realmente ter um espírito psicótico. Determinado orador na UNC deu a entender que o governo americano deveria se desculpar para com “os torturados e empobrecidos e com todos os milhões de outras vítimas do imperialismo americano”.³¹ Certo professor, também da UNC, exigiu que os alunos lessem um livro que enaltecia o Alcorão e passou exercícios baseados na leitura. O livro ignora as suratas quatro, cinco e nove, que encorajam o povo muçulmano a matar os infiéis.³²

Sarah Shields, professora na UNC, chama Osama bin Laden de “o resultado de políticas americanas erradas”, e diz que “novas políticas americanas erradas criarão mais dezenas, talvez centenas de bin Ladens”.³³ Não, mas idiotas como Shields querem impedir o governo americano de alvejar terroristas como bin Laden, choramingando sobre a política externa americana.

“Não Culpe o Islã”

A primeira reação dos professores esquerdistas foi culpar os EUA. A segunda foi tirar qualquer culpa do islã. E fizeram um trabalho fantástico. Enquanto 39% do público geral americano dizem ter uma impressão desfavorável do islã e 47% favorável, absurdos 61% dos alunos universitários declaram-se favoráveis ao islã e apenas 24% desfavoráveis.³⁴

“Nada tem a ver com religião, mas sim com economia e política”, insiste Donald Quataert, professor na Universidade de Binghamton.³⁵ Usando a velha fórmula intelectual, a saber, o relativismo moral, o professor Jamal A. Badawi afirmou aos alunos da Universidade de Connecticut que “ao longo da história, pessoas têm feito as coisas mais horrendas em nome da religião”; portanto, não deveríamos culpar o islã.³⁶

Para justificar a violenta oposição feita a medidas de segurança como a formação de perfis raciais, os professores de esquerda citam o “terrorismo doméstico”. Os terroristas antiaborto e o homem branco cristão como Timothy McVeigh representam aos EUA tanto perigo quanto os terroristas islâmicos, afirmam esses professores. Os homens-bomba do 11 de Setembro eram apenas fanáticos, e existem americanos fanáticos também, então não vamos cair matando os muçulmanos, beleza?

Khaled Abou el Fadl, professor de direito, diz que há um padrão duplo no caso dos terroristas domésticos.³⁷ “Há um duplo padrão quando atos de terrorismo são cometidos por pessoas de antecedente islâmico”, concorda o professor Jamal A. Badawi durante uma palestra para alunos da Universidade de Connecticut.³⁸ Não exatamente: McVeigh e Unabomber foram sentenciados com a pena de morte.

“Julgar o islã baseando-se nos atos de Osama bin Laden seria como condenar todos os cristãos pelos atos de Timothy McVeigh”, afirma Mark Berkson, professor na Hamline College.³⁹ Eis uma mentira contada deliberadamente aos alunos. McVeigh era ateu confesso, enquanto bin Laden é um muçulmano religioso devoto.

Alan Richards, professor da UC Santa Cruz, fala o seguinte: “Foi muito infeliz o ato de nosso presidente declarando guerra ao terrorismo, o qual é uma tática militar”. “Por mim, seria melhor que ele declarasse guerra ao fanatismo. Foram eles que causaram mortes em Nova Iorque e Washington [...] Os muçulmanos não têm o monopólio do fanatismo. Também temos isso nos Estados Unidos”.⁴⁰ Não com o mesmo número. Timothy McVeigh matou 168 pessoas, e os terroristas antiaborto mataram seis pessoas desde

1993.⁴¹ Não é muito em comparação aos grandes números de americanos mortos mundo afora pelos terroristas islâmicos. Só no 11 de Setembro, os terroristas muçulmanos mataram dezessete vezes mais o número de americanos que a quantia citada acima, e eles evidentemente planejam mais atentados e atrocidades.

“Assim como a maioria [dos americanos] não consideraria cristãos os terroristas antiaborto, também as ações desses terroristas não deveriam ser taxadas como representantes do islã, e isso em nenhum sentido” concorda Alan Godlas, professor na Universidade da Geórgia.⁴² Exceto por uma coisinha: grande porcentagem dos muçulmanos não veem os bombardeios suicidas como contrários ao islã.

Diana Eck, professora de Harvard, também vai no caminho do relativismo moral.

Ela afirma: “Tenho a sensação de que temos fanáticos em todas as tradições religiosas [...] Temos pessoas dispostas a matar e destruir em favor de suas próprias visões de justiça e verdade”.⁴³ Mas por que então judeus e cristãos não se explodem em civis inocentes em nome da sua própria religião, professora?

“O islã não causou os eventos do 11 de Setembro. O Islã não é violento por natureza, e a maioria dos muçulmanos é composta de pessoas pacíficas sem relação nenhuma com a violência”, defendeu o professor Paul Powers enquanto palestrava na Lewis and Clark College.⁴⁴

David F. Forte, professor na Universidade Estadual de Cleveland, caracteriza os ataques como perversão do islã e depois tenta agrupar os muçulmanos e o Ocidente como vítimas duplas de bin Laden. “A guerra de [Osama bin Laden] é contra o islã mas também contra o Ocidente”, Forte escreve. “Em sua forma moderna, o extremismo de bin Laden tem muito mais em comum com Stalin, Hitler e Mao do que com a tradição islâmica. Bin Laden, assim como esses outros terroristas do Estado, está em guerra com seu próprio povo”.⁴⁵ Não exatamente. A maioria das nações árabes apoia bin Laden; se não abertamente, secretamente, e a América ainda está para ver importantes imans condenando tanto o 11 de Setembro quanto as explosões suicidas em Israel. O islã não é exatamente antiviolença.

A Guerra Contra a Guerra ao Terror

Nove dias após os ataques de 11 de Setembro, o presidente Bush discursou ao Congresso. “Todas as nações em todo lugar têm uma decisão a tomar”, Bush declarou. “Ou estão ao nosso lado, ou estão com os terroristas. Deste dia em diante, qualquer nação que continuar a abrigar terroristas ou dar apoio ao terrorismo será considerada um regime hostil aos Estados Unidos”.⁴⁶ E assim começou a nossa guerra contra o terror. Os EUA depressa derrotaram o Talibã, construíram o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos [*Office of Homeland Security*], impediram o financiamento de grupos terroristas e voltaram-se contra o Iraque como um dos berços do terrorismo.

E os professores tiveram um chique.

A guerra contra o terrorismo é um pesadelo, de acordo com as universidades. Retrucar é um pecado. Contribuirá para um “ciclo de violência”. Além disso, se matamos nossos inimigos, como seremos diferentes deles?

E não demorou até os intelectuais se unirem para formar o grupo *Not In Our Name* [“Não nos Representa”], que se opunha à guerra. Juntos, lançaram uma “Declaração de Consciência”; impressa no New York Times, convocava “o povo americano a resistir às políticas e aos direcionamentos políticos que haviam surgido desde o 11 de Setembro de 2001, apresentando grande perigo às pessoas do mundo”. A petição convocava “todo o povo americano a RESISTIR à guerra e à repressão perpetradas no mundo pelo governo Bush. É injusto, imoral e ilegítimo”. O grupo comparava os eventos do 11 de Setembro ao bombardeio americano sobre Bagdá durante a Guerra do Golfo e aos eventos da Guerra do Vietnã; o grupo elogiou os soldados israelenses que se recusaram a monitorar a Cisjordânia e Gaza, elogiando também os que fugiam à convocação para o Vietnã. “Que espécie de mundo teremos se o governo americano tiver carta-branca para emitir comandos, ordens, assassinatos e bombardeios onde quiser?”, a Declaração questiona. O texto também jura solidariedade aos prejudicados pela política americana — ou seja, os terroristas.

A revoltante “Declaração de Consciência” foi assinada por muitos professores universitários: Joel Beinin, da Stanford University; Paul Chevigny, da Universidade de Nova Iorque (NYU); o professor Noam Chomsky; David Cole, da Universidade Georgetown; Kimberly Crenshaw, da Universidade Columbia e da UCLA; Roxanne Dunbar-Ortiz, da Universidade do Estado da Califórnia em Hayward; Leo Estrada, da UCLA;

Sondra Hale, da UCLA; Christine Harrington, da Universidade de Nova Iorque (NYU); David Harvey, da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY); Susannah Heschel, da Dartmouth College; Fredric Jameson, da Duke University; Jesse Lemisch, da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY); Richard Lewontin, de Universidade Harvard; Rosalind Pecheskey, da Hunter College; Peter Rachleff, da Macalaster College; Saskia Sassen, da Universidade de Chicago; Edward Said e Juliet Schor da Boston College; Ron Takaki, da UC Berkeley; Michael Taussig, da Universidade Columbia; Immanuel Wallerstein, da Universidade Yale, e o professor Howard Zinn.⁴⁷ Eles devem ter se sentido lisonjeados ao assinar o documento ao lado e sob a aprovação de gigantes intelectuais como Mos Def, Eve Ensler, Gloria Steinem, Susan Sarandon e Oliver Stone.

Esses são apenas alguns dos professores que acreditam que a guerra ao terror é um erro. Um professor da Universidade do Estado da Califórnia (Chico), aparentemente sem relação com a deputada Cynthia McKinney, afirmou que o presidente Bush procurou “matar pessoas inocentes”, “colonizar” o mundo árabe e roubar “petróleo para a família Bush”.⁴⁸ Quanto trabalho para uma única guerra.

“Acredito que haja temor de perdermos nossa bússola moral”, explicou Monsenhor Stuart Swetland, diretor do Newman Center, na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, durante um rol de discussões sobre o 11 de Setembro. “Uma guerra que busca tão só a vingança jamais será aceita”. Swetland convocou os EUA a “romperem com o ciclo de violência”.⁴⁹

A guerra é “moral, legal e estrategicamente doentia”, concorda Anne McClintock, professora na Universidade de Wisconsin. Nas palavras da professora: “Se as mortes no Afeganistão podem ser chamadas de danos colaterais, então o mesmo pode ser dito dos mortos no 11 de Setembro”.⁵⁰ Não exatamente. Civis mortos no Afeganistão são mortos acidentalmente. Civis mortos no 11 de Setembro foram mortos intencionalmente. Mas para o professor universitário de esquerda igualá-los dá no mesmo.

“Bush ao menos acertou uma vez, dizendo que a guerra depois do 11 de Setembro não é uma guerra contra muçulmanos”, afirmou Michael Herb, professor na Universidade Estadual da Geórgia. “Mas desde então, ao propor atacar o Iraque e ignorar o conflito árabe-israelense, ele criou severa polarização. Acredito que a maioria dos americanos não perceba que boa parte do mundo se identifica com os árabes, e não com os EUA”.⁵¹ Logo,

se boa parte do mundo ama os árabes, devemos então abandonar nossa posição moral?

Esses professores esquerdistas dizem que tudo isso levará ao tão lembrado ciclo de violência. “Nossa ‘guerra ao terror’ está errada, e ela tem deixado os Estados Unidos ainda mais vulneráveis a futuros ataques”, na previsão de Behrooz Ghamari, professor na Universidade do Estado da Geórgia (GSU).⁵² Dane Archer, professor na UC Santa Cruz, alertou contra “entrar em uma espiral de retaliação”.⁵³ “A vingança só faz crescer a probabilidade de novos ataques terroristas”, afirmou Tom Pettigrew, professor na UC Santa Cruz. Perceba o uso da equivalência moral aqui. Se alvejamos os terroristas, eles podem ficar irritados e fazer retaliação — matando civis. O 11 de Setembro também é um ato de retaliação?

A linguagem política de confronto é imediatamente atacada por esses docentes. O melhor exemplo é a oposição ao “eixo do mal”, expressão adotada pelo presidente Bush, afirmando que o Iraque, o Irã e a Coreia do Norte eram todos membros.

A expressão que Bush utiliza, “eixo do mal”, foi “um passo retórico dado na direção errada e muniu a oposição de apoio”, disse Michael Intriligator, professor na UCLA.⁵⁵ “Essa linguagem implica *insights* e julgamentos definitivos com os quais a maioria dos cristãos não concorda”, afirma James Dunn, professor na Wake Forest University, na Carolina do Norte. “Quando essa certeza final vem, presenciamos então as Cruzadas, a Inquisição e o enforcamento puritano”.⁵⁶ Cuidado — se traçarmos uma linha moral na areia, de repente estaremos queimando bruxas!

“E o que o Irã recebeu por nos ajudar foi o rótulo de Bush como integrante do eixo do mal”, choramingou Jalil Roshandel, professor (iraniano) na UCLA.⁵⁷ O Irã ajudando os Estados Unidos? De onde eles tiram essas ideias?

E também há os professores com uma ressaca *vietnamita*. Na cabeça deles, todo conflito em que os EUA entram se torna um “atoleiro”. “[Os terroristas] querem tragar os americanos para outro atoleiro”, afirma Paul Lubeck, professor na UC Santa Cruz, sobre o Afeganistão, país que os EUA deixaram de joelhos em três semanas.⁵⁸ Na UCLA, a professora Deborah Larson discutiu como a Resolução do Golfo de Tonkin, da Guerra do Vietnã, poderia se comparar às ações atuais do presidente George W. Bush na guerra ao terror.⁵⁹ Na Brown University, o professor James Blight

leciona um curso intitulado “A Guerra do Vietnã e a Guerra Contra o Terrorismo”.[60](#)

Michael Intriligator, professor na UCLA, afirmou que a guerra ao terrorismo certamente quebraria os Estados Unidos. “Não acredito que Osama bin Laden fosse capaz de fazer tudo isso. Sinto que tudo faz parte de um plano maior — levar o país à guerra contra o Afeganistão é uma forma mais eficiente de desestabilizar o país. Isso é um grande erro. Pegaram o sujeito errado”.[61](#) Intriligator quem errou feio: bin Laden fez, sim, o que fez, e os EUA varreram o Talibã do mapa.

Por fim, há também aqueles que odeiam Bush e usam de qualquer desculpa para atacá-lo. “O governo [Bush] está desorganizado na política externa e interna”, afirma Dan Franklin, professor na Universidade do Estado da Geórgia. “Se o 11 de Setembro não tivesse acontecido, o poder de Bush estaria em crise neste exato momento”.[62](#)

Loch Johnson, da mesma universidade, mostra-se desgostoso por Bush manter informações sob sigilo, como qualquer bom presidente faria. “Como pagadores de impostos e cidadãos temos o direito de saber os detalhes”, afirmou. “Muita coisa acontece a portas fechadas. Nunca vi um governo tão secreto”.[63](#) Ele deve ter se esquecido de que o governo Clinton entregou segredos militares aos chineses, vendeu perdão presidencial ao mais elevado licitante e deu passe livre aos terroristas, entre outras coisas.

“Não sei o que é mais assustador: o horror que engoliu a cidade de Nova Iorque ou a retórica apocalíptica que emana da Casa Branca”, afirma Eric Foner, professor na Universidade Columbia.[64](#) Já eu não sei o que é mais assustador: a imbecilidade de Foner ou o fato de ele ser professor.

A Repercussão Fantasma

Mais impressionante que o lamento pelas vítimas do 11 de Setembro foi o clamor imediato dos intelectuais protegendo os árabes americanos dos ataques perpetrados pelas massas porcas de racistas americanos.

“Temos de nos impor e dizer que somos todos árabes americanos. Não podemos tolerar isso. Os fanáticos são uma minoria. A menos que comecemos dessa premissa e nos unamos como sociedade, não chegaremos muito longe”, esbravejou Edmund Burke, professor na UC Santa Cruz.[65](#) “Sempre que existe guerra ou conflito, existe a tendência de virar-se para ‘o outro’”, advertiu Daryl Thomas, professor na Universidade Binghamton.[66](#)

A repercussão contra os muçulmanos americanos nunca se materializou. Como a colunista Ann Coulter afirma, “A única repercussão dos verdadeiros americanos [...] consiste em, precisamente, um crime de ódio atestado. Um doido no Arizona matou um *sikh* pensando que fosse um muçulmano. Registro dos crimes de ódio atuais: muçulmanos: 3.000 (e contando); homens brancos: 1.[67](#)

Mas esses professores não largam a ideia de “árabes como vítimas”. Eles, do nada, criaram amplo terrorismo entre os árabes americanos, como se existissem brigadas de homens brancos traidores correndo pelo país e assassinando muçulmanos.

“A confiança se foi”, lamenta Karen Jehn, professora na Universidade da Pensilvânia. “As pessoas olham para seus colegas de trabalho [árabes ou muçulmanos] e dizem: ‘Nós poderíamos ser melhores amigos, mas de alguma forma você pode ter sido cúmplice de tudo aquilo’”.[68](#)

“Reconheça do ponto de vista dos muçulmanos e *sikhs* americanos que, de súbito, eles mesmos têm se sentido com medo naquele que é agora seu próprio país, dado o ataque contra mesquitas em horas de tragédia aqui em Nova Iorque e em Washington”, lamenta Diana Eck, professora na Universidade de Harvard. “Começamos a ver pais muçulmanos tirando seus filhos das escolas e os levando de volta para casa; temos visto escolas muçulmanas como a New Horizon School, em Los Angeles, fechando as portas. Os *sikhs* começam a ser identificados injustamente com os muçulmanos; um homem *sikh* foi retirado de um trem em Providence porque se parecia um pouco com Osama bin Laden”.[69](#)

Ibrahim Syed, professor árabe americano na Bellarmine College em Kentucky, teme por sua própria segurança. Em suas palavras: “Há medo porque somos julgados (como muçulmanos). Qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento”. Ele não deveria se sentir tão inseguro assim, afinal houve apenas um crime de ódio documentado contra árabes americanos no estado inteiro de Kentucky; um apenas, de 11 de setembro de 2001 a 11 de setembro de 2002.[70](#)

O Ataque ao Patriotismo

Dentro da universidade, qualquer um que ouse amar os EUA é criticado como um “agita-bandeira”: um palhaço racista patriota que acredita no imperialismo americano. O patriotismo é considerado símbolo da estupidez.

Na instituição Florida Gulf Coast University, funcionários colaram em suas mesas adesivos com a frase “Orgulhoso de ser americano”, em honra às vítimas do 11 de Setembro. O supervisor ordenou que os adesivos fossem retirados sob a ameaça de demissão, uma vez que os adesivos poderiam ofender os alunos estrangeiros. Após intenso escrutínio por parte da mídia, o presidente da universidade anulou a ordem e disciplinou o supervisor.⁷¹

A Universidade da Califórnia em Berkeley queria prestar seu memorial de um ano desde os ataques do 11 de Setembro sem Deus, sem bandeiras, sem patriotismo. Eles queriam omitir o Hino Nacional dos EUA, o “Deus abençoe a América” e as fitas vermelhas, brancas e azuis para não ofender os alunos estrangeiros. O presidente da Berkeley Graduate Assembly, aliado com Jessica Quindel, mulher que odeia abertamente a bandeira e o governo americano, avaliou o planejamento da cerimônia: “Estamos tentando nos afastar de qualquer aparência de apoio prestado a Bush. Não queremos isolar as pessoas nesta universidade que discordam da reação ao 11 de Setembro [...] A bandeira tem se tornado um símbolo da agressão americana contra outros países. Dá a sensação de ser hostil”.⁷² Mais tarde, Berkeley decidiu permitir que os alunos distribuíssem fitas vermelhas, brancas e azuis, após a revolta nacional contra o plano de cerimônia original.

A professora Cecilia Elizabeth O’Leary não ataca o patriotismo de frente; ao invés, ela ataca o que chama de patriotismo “conservador”. “Pode-se confundir o patriotismo com submissão”, afirma. “Hoje, o que tem dominado nosso cenário é um patriotismo conservador liderado por aqueles que demonstram critério impensado, tendencioso e racista”. O’Leary menciona o procurador-geral John Ashcroft como praticante desse patriotismo “racista”.⁷³

Frank Lentricchia e Stanley Hauerwas, professores na Duke College, têm produzido uma coletânea de textos depreciando o patriotismo como simplista. “Temos um patriotismo de ponta a ponta e irrefletido neste país, mas estamos tentando desfazê-lo”, com orgulho afirma Lentricchia. Em um dos textos, Hauerwas escreve: “Devo abandonar todas as formas de patriotismo, ignorando que nós como povo somos melhores por causa dos sacrifícios feitos na Segunda Guerra Mundial? A isso só posso responder meu sonoro ‘sim’”.⁷⁴

Vijay Prashad, professor na Trinity College em Connecticut, ridiculariza o patriotismo como “jingoísmo”, um apoio simplista e superficial aos Estados Unidos. “É como se os atos de terrorismo do 11 de Setembro devessem ser apagados ou então exorcizados como uma manifestação excessiva do jingoísmo nacionalista”, ele zomba.⁷⁵ Todd Eisenstadt, professor na Universidade de New Hampshire, vai além e compara os americanos nacionalistas aos suicidas do 11 de Setembro. “Certo jingoísmo acompanha uma devoção excessiva a qualquer causa, induzindo sequestradores suicidas a pilotar jatos comerciais contra o próprio alicerce da nossa nação”, escreve. “E o patriotismo cego certamente se encaixa nesta descrição”.⁷⁶

“O patriotismo pode ser excessivamente excludente”, avisa Eric Foner, professor na Universidade Columbia. “Temos a sensação de que é preciso manifestar-se em torno da bandeira”.⁷⁷ Ah, não, tudo menos isso!

Em Trapos

“Os Estados Unidos reivindicam que têm motivos [para a guerra ao terrorismo]”, afirma o professor que odeia os EUA, Noam Chomsky. “E os nazistas tinham motivos para matar judeus nas câmaras de gás”.⁷⁸ Muitos professores concordam: os Estados Unidos da atualidade e o presidente George Bush são idênticos à Alemanha e Hitler da Segunda Guerra Mundial. Então, merecemos o que aconteceu no 11 de Setembro. E aquilo que mereciam também receberam os homens e mulheres dizimados pelos aviões ou estraçalhados no chão depois de pularem dos prédios em chamas ou de caírem a centenas de metros num campo vazio na Pensilvânia.

Aqueles que acreditam na injustiça sofrida pelos EUA também pensam que a política externa americana foi a culpada pelos ataques. “A responsabilidade final [pelos ataques terroristas] recai sobre os que governam esse país, a classe capitalista dominante desta nação”, diz Walter Daum, professor na Faculdade da Cidade de Nova Iorque (CCNY).⁷⁹ Se simplesmente nos rendêssemos aos desejos da rua Árabe, eles nos amariam. Deixe Israel ser invadido pelos inimigos árabes. Diga que Índia deixe os paquistaneses adentrarem Nova Delhi. Apoie os chechenos contra os russos. Então jamais nos atacarão, vocifera o professor universitário esquerdista.

Esses professores culpam a política externa americana, mas nunca o Islã, que simplesmente foi pervertido pelos extremistas. E toda religião tem

extremistas para chamar de seus, certo?

Quando os EUA finalmente reagem de maneira racional e justa, os acadêmicos *a condenam*. Por exemplo, 166 intelectuais, incluindo 66 professores de Berkeley, apoiaram uma campanha feita no New York Times e repreenderam o presidente Bush pela guerra contra o terrorismo, chamando-a de “inaceitável”.⁸⁰ É brutal, chocante e obsceno, clamam. Se atacamos os terroristas, não somos também terroristas?

Mas não é chocante que esses professores considerem os americanos terroristas; eles já os consideram racistas. Vez após outra, os intelectuais de esquerda ignoram a inexistência de crimes de ódio supostamente cometidos por americanos contra os árabes americanos. A cartada racial já é tática favorita desses professores e foi lançada sem qualquer escrúpulo sobre os eventos do 11 de Setembro.

No fim, tudo se resume a patriotismo. O professor universitário de esquerda odeia os EUA, e os americanos são patriotas. Logo esses professores insultam o patriotismo chamando-o de simplista. Eles comparam patriotas com terroristas.

O professor esquerdista é terrorista intelectual. Que essa raça colha o que planta.

Aulas de Saddam

O professor universitário de esquerda gosta dos terroristas e *ama* Saddam Hussein e seu regime no Iraque. Foi desde o primeiro dia que esses professores se opuseram a qualquer guerra no Iraque para livrar o mundo do seu governo assassino e assegurar a segurança e os interesses dos EUA. Enquanto fingem considerar Saddam um “homem mau”, esses mesmos professores também incitam os alunos a defenderem a campanha antiguerra, bombardeiam George W. Bush e se juntam para defender Saddam.

Nikky Finney bradou o seguinte a um grupo de alunos manifestantes: “Fixem essas placas [antiguerra] no quintal quando chegarem em casa. Entrem na *internet* e façam barulho. Não se limitem a meras palavras”.¹

Durante um protesto antiguerra, Judith Frank, professora na Amherst College, jurou usar sua sala de aula como palanque de ideias: “Podemos ensinar, ao menos isso ainda não foi tirado de nós, mesmo que não saibamos quão efetivo será o nosso ensino. Se esperarmos até saber se surtiremos ou não efeito, acabaremos não fazendo nada”.²

Na Instituição College Citrus, a professora Rosalyn Kahn disse aos alunos na aula de gênero discursivo que receberiam créditos extras se redigissem cartas antiguerra ao presidente Bush. Quando vários de seus alunos perguntaram se poderiam escrever cartas a favor da guerra, Kahn asseverou que esse tipo de atividade não seria aceita.³

Na instituição Wayne State University (WSU), o corpo docente logo se moveu para fazer uma lavagem cerebral nos alunos, incentivando-os a fazerem oposição à guerra e ao presidente Bush. Duzentos e dez membros do corpo docente assinaram uma petição convocando um dia letivo de reflexão sobre a guerra. “A comunidade acadêmica da WSU deveria empreender uma variedade de oportunidades para levantar questões sobre o direcionamento desta guerra e suas potenciais consequências”, afirmava a petição. “Na posição de acadêmicos, docentes e cidadãos, devemos assumir

nossa responsabilidade e nos engajar em discussões e ações construtivas”. O professor Francis Shor, copresidente do comitê responsável pela petição, disse que o objetivo era conscientizar os alunos sobre os assuntos da guerra e, também, envolvê-los no movimento antiguerra.⁴

Brian J. Foley, professor na Faculdade de Direito da Widener University, escreveu que era seu dever ensinar aos alunos “como bombas matam e mutilam pessoas inocentes em Bagdá”. Nas palavras dele: “Ensinarei meus alunos com a esperança de que as habilidades transmitidas os tornem melhores cidadãos, que farão perguntas e demandarão respostas antes de permitirem que seu país entre ou não em guerra. Esse é o protesto mais patriota que posso fazer”.⁵

Doutrinar os alunos é um ato patriota?

“Não Trocamos Sangue por Petróleo”

Muitos desses intelectuais, acreditando na injustiça moral da guerra contra o regime de Saddam Hussein, atribuem motivações porcas ao desejo que tinha o governo Bush de mudar o regime no Iraque. Tais quais os que protestavam num todo contra a guerra, os professores de esquerda disseram que a motivação maior do governo Bush era a “guerra pelo petróleo”. Uma vez que o Iraque detém a segunda maior reserva de petróleo do mundo (depois da Arábia Saudita) e campos de hidrocarboneto não explorados, e uma vez que seria *impossível* aos EUA atacar o Iraque por motivos morais ou de autodefesa, esses intelectuais concordam com a ideia de que o presidente Bush está colocando vidas americanas na linha de frente para preservar o preço mais baixo da gasolina. Para o professor de esquerda é irrelevante que os EUA poderiam economizar tempo, dinheiro e vidas se meramente lidassem com Saddam Hussein, ou simplesmente atacassem a Arábia Saudita. Mas, não, o imperialismo capitalista é a raiz deste conflito.

“Talvez esta seja a maior tomada de petróleo da história moderna, o que forneceria centenas de bilhões de dólares para as empresas americanas de petróleo”, escreve o professor Michael T. Klare para a revista Nation. “Mesmo todo o petróleo vale o sangue de soldados americanos e civis iraquianos que são atingidos ao longo deste percurso?”.⁶ “Todos sabem que os EUA não estariam em busca da guerra não fosse pelo petróleo”, corrobora Robert Jensen, professor na Universidade do Texas.⁷

O professor Hugh Gusterson concorda. Ele vociferou ideias contrárias à guerra no Iraque diante de seiscentos alunos do MIT, afirmando que “tudo

se resume a petróleo, Israel e a soberania americana sobre todo o globo”. Aparentemente, o fato de os EUA não quererem ocupar o Iraque, mas, ao invés disso, estabelecer uma democracia no lugar de uma ditadura brutal não faz nada para persuadir Gusterson, que insultou a tentativa do governo Bush de lutar contra o terrorismo chamando-a de “visão miserável e desumana”.⁸

Stephen Smith, professor na Winthrop University, ecoou a desprezível mentira “sangue por petróleo” em uma manifestação na Carolina do Sul. “Os Estados Unidos atacariam o Iraque se fosse um país que exporta brócolis?”, Smith perguntou perante centenas de alunos eufóricos. “A única paz que [Bush] quer é *passar* para si um apanhado de petróleo do Iraque, isso se não todo ele”.⁹ Que engraçado. Seria ótimo se a posição sobre política externa de Smith fosse somente a metade de esperteza comparada aos seus trocadilhos de tiozão.

Durante uma fala de Karl Rove na Universidade de Utah, o professor de inglês Tom Huck carregava um cartaz dizendo “Não Trocamos Sangue por Petróleo”, e comentou com os repórteres: “Trata-se de imperialismo. O Iraque não representa uma ameaça aos Estados Unidos. Eles têm tentado provar isso por anos”.¹⁰ Se o Iraque quisesse verdadeiramente persuadir o mundo de suas intenções pacíficas, recusando-se a fornecer provas de desarmamento mesmo diante da guerra, seria esse um jeito bem engraçado de expressar trégua.

Em uma carta um tanto incoerente e desconexa escrita ao editor do jornal Auburn Plainsman, Yehia El Mogahzy, professor na Universidade de Auburn, convocou o povo americano a abrir os olhos para o pérfido governo Bush: “Acordem, Estados Unidos, parem um pouco e percebam as táticas bélicas que estamos prestes a investir: mais de U\$300 bilhões de dólares do nosso dinheiro estão prestes a sumir num jogo de guerra. Contra um único indivíduo e milhares de crianças e pessoas inocentes. Sangue por petróleo”.¹¹ Um “jogo de guerra”? Desde quando derrubar um regime e libertar milhões de iraquianos é um “jogo de guerra”? E exatamente quando a guerra no Iraque tornou-se uma guerra contra “milhares de crianças e pessoas inocentes”? O exército americano tem dado passos maravilhosos para não prejudicar a população civil; o governo Bush tem ameaçado processar oficiais iraquianos que prejudiquem civis do Iraque. Não se trata

de dar sangue em troca de petróleo; é sangue para salvar civis e preservar a segurança americana.

Hegemonia

Se não se trata de petróleo, a busca então é por hegemonia, afirma o professor universitário de esquerda. Qualquer guerra no Iraque é apenas mais uma tentativa americana de ganhar poder, uma tentativa de estabelecer o império americano. Mais do mesmo, assim como os intelectuais americanos condenaram Ronald Reagan de imperialista por sua luta contra o comunismo, agora condenam George W. Bush por sua luta contra o terrorismo.

Harold Scott Jr., da Universidade Howard, observou que “Esta [guerra] não significa liderança internacional; é uma posição imperialista digna de Napoleão, ou do Império Romano no início de seu declínio”.¹² Richard Falk, professor emérito da Universidade de Princeton, vê a guerra no Iraque como uma tentativa dos Estados Unidos de “dominar o mundo”, e retrata a Guerra ao Terrorismo como um conflito entre “duas visões essencialmente fundamentalistas”, o fundamentalismo islâmico de um lado e o liberalismo econômico do outro.¹³ Talvez os docentes de esquerda se sintam desconfortáveis com a exportação da democracia. Pois bem, nós não.

Michael Hardt, professor na Duke University, também lança calúnias sobre qualquer tentativa americana de instalar a democracia no Iraque. “A arrogância final dos líderes políticos americanos é a crença de que podem não só forçar a mudança de um regime e nomear novos líderes para vários países, mas, além disso, moldar a gosto o ambiente global — audaciosa extensão da velha ideologia do imperialismo de missão *civilisatrice* [uma missão para civilizar]. A mudança de regime no Iraque é apenas o primeiro passo para um projeto ambicioso de reconstruir a ordem política em todo o Oriente Médio”.¹⁴ Deus proíba que os Estados Unidos tentem e daí consigam melhorar a vida de milhões no Oriente Médio! Deixem aqueles ditadores sanguinários em paz, tolos imperialistas!

Para Ronnie Lipschutz, professor na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, a política americana tem se orientado em torno do poder desde o 11 de Setembro. Sua conclusão: “Se os Estados Unidos sozinhos tiverem sucesso, ou substancialmente à parte de outras nações, esse é um fator que pode marcar o início de uma nova era geopolítica em busca de hegemonia, a hegemonia do Império Americano”.¹⁵ Se a meta é erguer o Império

Americano, por que o objetivo do governo Bush é estabelecer uma democracia no Iraque, e não uma ditadura amigável? Paul Wolfowitz, assistente do secretário de defesa, afirmou no programa Meet the Press, em 6 de abril de 2003, que mesmo se a democracia do Iraque elege um governo islâmico, os Estados Unidos não agiriam contra isso. Esse é o império americano?

Jim Rego, professor na Swarthmore College, expressou suas visões acerca da guerra: “Penso eu, como não temos mais traseiros para chutar, basicamente queremos continuar chutando traseiros”, afirmou em uma roda de discussão.¹⁶ Que oratória. E que erro. Ainda temos muitos traseiros para chutar.

Como já era de esperar, o saudoso professor Edward Said, ex-docente da Universidade Columbia, entrou no bonde da “hegemonia”. Depois, quando cansou de andar no bonde, ele desceu do bonde e começou a empurrar o bonde. A política americana no Iraque, ele disse, foi uma “apresentação grotesca” baseada no desejo por “petróleo e hegemonia”. A politicagem, Said insistiu, foi colocada adiante por “um pequeno conluio” de oficiais do governo não eleitos que procuraram fazer guerra em favor de um “deus da guerra judaico-cristão vingativo”. Essa tendência ao mal do governo americano não era novidade segundo Said, dizendo então que os EUA já tinham um longo histórico de “reduzir aos destroços povos, países inteiros e mesmo continentes, eventos que, se olhados de perto, pouco se diferenciariam do Holocausto”.¹⁷ Um “deus da guerra judaico-cristão vingativo”? Não somos nós que gritamos *Allahu akhbar* e colidimos aviões sequestrados contra prédios.

A Vingança de Bush

Na busca por retratar George W. Bush como estúpido e mesquinho, muitos professores de esquerda dizem que Bush queria uma guerra no Iraque para vingar-se da tentativa de Saddam Hussein de matar seu pai e acabar com o trabalho que George H. W. Bush havia iniciado em 1991. A própria ideia de que o presidente Bush colocaria o povo americano em perigo e gastaria bilhões para reconstruir o Iraque porque os agentes de Hussein haviam planejado matar seu pai é, no mínimo do mínimo, absurda. Mas o absurdo nunca parou os professores antes.

“É uma simples história de pai para filho: ‘estou continuando o que o senhor começou, papai. Está orgulhoso de mim?’”, Becky Thompson,

professora na Duke College, esclarece a um grupo de protestos antiguerra composto sobretudo de alunos universitários. “Para mim, parece que [os Estados Unidos] não aprenderam quando bebês a brincar na caixinha de areia”.¹⁸

Alon Ben-Meir, professor na Universidade de Nova Iorque (NYU), concorda com Thompson: “Consigo entender a ira e o ódio que [Bush] deve sentir pelo líder iraquiano, mas nunca imaginei que uma vingança pessoal influenciaria suas decisões relacionadas ao Iraque. Mas começo a acreditar que sim. Afinal, por que mais ele mencionaria uma tentativa de assassinato na mesma frase enquanto falava sobre a necessidade de livrar-se de Saddam? Reconhecer que o Sr. Bush está agindo com base em motivações pessoais explica, ao menos em parte, o crescente ceticismo de nossos aliados e de muitos líderes do Congresso em relação aos esforços de justificar a guerra”.¹⁹ Mas o presidente Bush nunca mencionou explicitamente a tentativa de assassinato como base para a guerra. Quando os fatos não estão à disposição de Ben-Meir, ele os inventa.

Ben-Meir simplesmente acusa Bush de colocar soldados americanos em perigo pela causa da vingança pessoal. Walt Brasch, professor na Bloomsburg University, vai ainda mais longe, acusando o presidente de tentar convencer o povo americano de que “ao menos vinte e quatro milhões de iraquianos precisam ser eliminados para que Saddam Hussein seja destruído e que o trabalho incompleto do Bush Pai seja vingado”.²⁰ Vinte e quatro milhões de iraquianos? A consequência lógica é: Bush quer jogar bombas nucleares e matar todos os cidadãos daquele país. Ao praticamente acusar Bush de genocídio, Brasch o iguala a Stalin, Hitler e Mao.

Alguns que odeiam Bush ficam ainda mais atordoados quando entram numa faculdade. Quando Maxine Waters (política democrata da Califórnia) falou a uma multidão na Universidade do Sul da Califórnia, ela fechou o cerco contra a política de Bush sobre o Iraque: “Alguns de nós, de maneira tola talvez, demos a esse presidente a autoridade de perseguir os terroristas. Não sabíamos que enlouqueceria por isso. Agora, sabemos que ele tem um problema com Saddam Hussein. Sabemos muito bem. Sabemos que o filho precisa se vingar por aquilo que Saddam fez ao Bush Pai”.²¹

Mera Coincidência

Se a invasão no Iraque não estava relacionada ao petróleo, à hegemonia ou vingança, deve haver ainda outro motivo escondido para o governo Bush. Voltando à presidência Clinton, os professores vieram com uma ideia. Se Clinton foi capaz de lançar mísseis no Afeganistão para desviar a atenção de um escândalo sexual, o governo Bush *deve* estar buscando a guerra com o Iraque para desviar a atenção de assuntos domésticos, especificamente a economia.

O professor Stephen Walt, reitor da Kennedy School of Government, na Universidade de Harvard, questionou o momento do movimento presidencial em direção à guerra. “O tempo está sendo dirigido primariamente pelas políticas domésticas”, alegou à imprensa. “O Iraque é o próximo passo para estender sua presidência bélica”, concordou Constantine Spiliotes, professor na Dartmouth College.²² A economia sofreu uma leve recessão na metade do ano 2000, mas Bush não havia feito nenhuma menção de um ataque no Iraque até após o 11 de Setembro de 2001. Se a guerra fosse simples coincidência para problemas na economia, por que Bush não a começou mesmo antes do 11 de Setembro?

James Hilty, professor da Temple University, e que odeia Bush, afirmou de maneira agressiva: Bush praticamente não para em casa; ele é que deveria ser o comandante ou general. Há, definitivamente, uma agenda política aqui. Cessada a guerra ao terrorismo, as pessoas irão acordar e ver os efeitos do enorme corte de impostos que Bush projetou no ano passado”.²³ Se Bush estivesse tão preocupado com o público “descobrimo” seus cortes de impostos, por que então ele afirmou e tentou executar cortes ainda maiores, durante e depois da guerra no Iraque? Bush dificilmente está envergonhado por sua política econômica; para Hilty, sugerir o contrário é algo grotesco.

“Pressupõe-se que, se os Estados Unidos por fim guerrearem ou não contra o Iraque, a campanha contra Saddam Hussein terá servido para influenciar a política americana doméstica e alavancar a eleição em novembro de 2002”, sugere Chalmers Johnson, ex-professor da Universidade da Califórnia em San Diego. “Confrontados com as eleições prévias, os líderes do Partido Republicano estavam desesperados por desviar a discussão de questões como o vínculo do presidente e do vice-presidente com a corrupta Enron Corporation, o crescente *déficit* orçamentário federal, o corte de impostos que favorece os ricos, uma severa perda de liberdades civis sob o procurador-geral Ashcroft”.²⁴ H. L.

Mencken afirmou que uma pessoa nunca erraria se subestimasse a inteligência dos americanos. Johnson parece ter levado a sério as palavras de Mencken — em atitudes e palavras. Ele acredita que o povo é excessivamente estúpido, a ponto de não enxergar seu próprio presidente tomando caminhos errados. Agora, e se o povo não for tão estúpido assim e não houver caminhos errados por parte do presidente?

Brian J. Foley, professor na Widener University School of Law, em Delaware, acredita que o presidente Bush está enganando a nação. “Certamente, Bush tem muito do que nos distrair”, Foley escreve, citando a política econômica e a guerra ao terrorismo como “fracassos” de Bush. Foley então chega ao cúmulo, acusando Bush de “enorme abuso do poder presidencial”, “[colocando em perigo] nossa segurança nacional” com seus “pensamentos bélicos”.²⁵ Para um homem que acredita que ideias sobre guerra têm o potencial de colocar o povo americano em perigo, Foley percebe quão valioso é o seu pacifismo e quão poderoso é contra os inimigos dos EUA?

“Mudança de Regime” nos Estados Unidos

Em 2 de abril de 2003, John F. Kerry, candidato democrata à presidência, afirmou a uma multidão de democratas em New Hampshire: “Carecemos agora não só de uma mudança em Saddam Hussein e no Iraque, mas precisamos também de uma transformação no regime dos Estados Unidos”.²⁶ Naturalmente, o comentário desencadeou uma tempestade de fogo de protestos da direita. Tom DeLay (Partido Republicano, Texas), o líder da maioria do Congresso, denominou a observação política de “desesperada”. Denny Hastert, orador do Congresso, acrescentou: “não era do que precisávamos neste momento”.²⁷ Obviamente, esses professores esquerdistas há muito tempo estão à frente de Kerry; eles insistem na “mudança do regime” americano desde as eleições de 2000. Com a guerra no Iraque, as críticas ao governo Bush atingiram outro patamar.

Francis A. Boyle, professor na Universidade de Illinois em Urbana–Champaign, propõe trazer um artigo de *impeachment* contra o governo Bush. “Nós não queremos um Estado policial em nome do império do petróleo”, Boyle explica calmamente.²⁸ Espero que, nesse caso, Boyle esteja usando o plural de modéstia, porque nem todos nós apoiariamos o seu desejo de permitir terroristas e assassinos andando em liberdade.

Ayida Mthembu, reitora associada do Conselho e Suporte no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), declarou diante de uma multidão eufórica de alunos, professores, funcionários e gestores protestando contra a guerra: “Com esta guerra, estamos testemunhando os efeitos de um golpe de estado. Mas vindo até aqui, podemos ser renovados. Bush e seus pretos da Casa Branca querem que fiquemos confusos, passivos, acuados e com medo. Querem que assistamos à TV e duvidemos do bom senso. Mas o bom senso diz que a guerra é horrível. Estarmos aqui significa que amamos o mundo a ponto de lutarmos juntos para transformar os EUA no lugar que desejamos”.²⁹ Deixando de lado o racismo gritante (chamar Condoleezza Rice e Colin Powell de pretos da Casa Branca dificilmente ganha pontos por bom gosto), a afirmação é incrivelmente ingênua. Se os EUA pudessem viver em um mundo sem guerras, nós certamente o faríamos. Mas às vezes a guerra é necessária para garantir a segurança de nossos cidadãos e o crescimento da liberdade mundo afora, uma realidade que grande número de professores ou não entende, ou não aceita.

Contudo, de acordo com Gene Burns, professor na Universidade de Montana, o governo Bush dificilmente é uma força em favor da liberdade. Na verdade, Bush e seus amigos são fascistas. “Nunca pense que os EUA estão livres da tirania”, alertou uma multidão contrária à guerra composta principalmente de alunos. “Que ouçam a voz de todos vocês”.³⁰

Wythe Holt Jr., professor na Faculdade de Direito da Universidade do Alabama, concorda completamente. Ele afirmou que o principal motivo para posicionar-se contra a guerra é o fato de que a liberdade americana seria “pisoteada” pela própria guerra. “Não só nos opomos à guerra, mas nos opomos a nos fecharmos”, Holt afirma. “É preciso ser corajoso para dizer coisas assim hoje em dia”.³¹

A professora de direito da Universidade Drake foi ainda mais extravagante em seus protestos por “liberdade de expressão”: ela rasgou a Declaração de Direitos de uma cópia da Constituição Americana e a jogou em um vaso sanitário para simbolizar que as liberdades civis, os direitos dos imigrantes, a saúde e os empregos estão sendo “jogados no vaso sanitário”. “É isso que o procurador-geral John Aschcroft e Bush têm feito com nossas liberdades civis”, afirmou Frank.³²

Esses professores são extremamente barulhentos para pessoas cuja liberdade de expressão está sendo supostamente silenciada. A Gestapo

Ashcroft/Bush/Rumsfeld deve tê-los deixado fugir.

“A Defesa não foi Feita”

Desde que o presidente Bush começou a falar sobre a guerra no Iraque, os intelectuais de esquerda têm reclamado do fracasso que foi o governo Bush tentando mostrar “argumentos convincentes” a favor da guerra. Mesmo depois que o Secretário de Estado Colin Powell, membro do gabinete favorito da esquerda, fez seu discurso altamente elogiado nas Nações Unidas no dia 5 de fevereiro de 2003, os pacifistas choramingaram que precisavam de mais evidência.

“Cremos que a falsa evidência que o presidente dos Estados Unidos tem vendido quanto à iminente ameaça que o Iraque representa aos Estados Unidos, aliada ao governo americano e à manipulação da mídia sobre o lamento do povo americano pela tragédia do 11 de Setembro, mascara uma campanha enganosa e totalmente antidemocrática para forçar o povo americano e os povos do mundo a aceitarem a invasão americana ilegal e injustificada”. A declaração foi assinada por quarenta educadores filipinos dos Estados Unidos, incluindo professores, palestrantes e outros funcionários da Universidade da Califórnia em San Diego, da Universidade de Michigan, da Universidade de Oregon, da Universidade da Califórnia em Riverside, da Universidade da Califórnia em Irvine, da Universidade do Texas em Austin, da Universidade Estadual de San Jose, da Universidade do Havaí em Manoa, da Universidade Estadual de Sonoma, da Universidade da Califórnia em Berkeley, da Universidade de Massachusetts, da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, da Universidade Estadual de São Francisco, da Universidade de Denver, da Universidade Old Dominion, da Universidade de Connecticut em Storrs, da Universidade de Nova Iorque, da Bloomfield College, da Universidade de Miami, da City College de São Francisco, da Universidade DePaul e da Universidade de Washington.³³

Linguagem forte, mas completamente sem fundamento. A invasão no Iraque foi de fato justificável e o impulso do governo Bush voltado à guerra não foi “completamente antidemocrático” — no começo da guerra, a maioria do país apoiou a guerra no Iraque, mesmo sem a aprovação das Nações Unidas.

Bruce Ackerman, professor de direito e ciência política na Universidade de Yale, deu ao governo Bush um padrão ainda mais elevado do que o das

Nações Unidas. “Para justificar uma invasão”, ele escreveu, “não é suficiente que os Estados Unidos batam na mesma tecla de que já há evidência suficiente de violações segundo as resoluções das Nações Unidas”. Ackerman não deu ao governo Bush um padrão concreto de justificativas para alcançar. Essa deve ser a opinião dele.³⁴

Finalmente, o governo Bush decidiu arriscar suas fontes de inteligência e permitir o Secretário de Estado Colin Powell apresentar evidência de inconformidade iraquiana, em 5 de fevereiro de 2003. Para os professores de esquerda, insuficiente. “Impressionante quão fracos foram os argumentos de Powell; os gráficos, mapas e interceptações telefônicas foram mais impressionantes do que a evidência base ou que as conclusões. Mesmo que as reivindicações fossem verdadeiras, nada que ele houvesse dito fundamentaria o argumento pró-guerra”, zombou Robert Jensen, professor na Universidade do Texas.³⁵ As’ad Abukhalil, professor na Universidade Estadual da Califórnia em Stanislaus, concordou, resmungando que, apesar da apresentação de Powell, “as acusações de conexão terrorista continuavam vazias”.³⁶ Errado.

Mesmo o New York Times, jornal tão contrário à guerra, reconheceu o poder da apresentação de Powell, e escreveu: “O Secretário de Estado Colin Powell apresentou-se às Nações Unidas e à audiência da TV global com o argumento mais poderoso da atualidade, afirmando que Saddam Hussein desafia as resoluções do Conselho de Segurança e não tem intenção de revelar ou entregar quaisquer que sejam as armas que possa ter”.³⁷

Desafiando a Legislação Internacional

A elite intelectual, sem respeito pela moral ou pelos valores tradicionais, encontra sua orientação moralista na legislação internacional. E se o governo Bush transgredisse o direito internacional atacando o Iraque, esse grupo de docentes consideraria o governo tão vil e cruel quanto o próprio Saddam Hussein.

Enquanto os EUA buscavam a diplomacia nas Nações Unidas, os acadêmicos de esquerda falavam com orgulho dos próprios ideais de política externa parecidos com os de Neville Chamberlain. John E. Lillich, professor na Purdue University, encorajou o presidente Bush a parar de falar sobre as más qualidades de Saddam em favor de negociações. “Ainda que o sujeito seja tão vil quanto o próprio Hitler, trata-se de um ser humano, e precisamos saber negociar com seres humanos”, Lillich afirmou,

esquecendo de alguma forma que negociação com Hitler não acabou em vitória. “O que o presidente talvez não tenha percebido é que ele pode vencer melhor se negociar acordos em vez de vencer guerras. Se resolvesse as coisas sem o uso da guerra, provavelmente ganharia o prêmio Nobel da Paz”.³⁸ Uau! Um prêmio Nobel da Paz?! Como aquele grandioso presidente, o Jimmy Carter? *Daí sim* ele teria conquistado algo.

Depois que os Estados Unidos solicitaram segunda resolução na ONU, autorizando o uso de força no Iraque por causa de ameaças francesas e russas de vetar a resolução, Balakrishnan Rajagopal, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), falou em histeria: “Sou advogado, e estou para dizer que os EUA acabaram de jogar no lixo o direito internacional e nossas próprias leis”.³⁹ Marjorie Cohn, professora na Thomas Jefferson Law School, em San Diego, afirmou de forma parecida: “Não há justificativa legal para um ataque preemptivo ao Iraque”.⁴⁰ Com base no direito, talvez esteja certa. Com base na moral, não poderia estar mais enganada. Não poderia existir objetivo mais moral do que libertar o povo iraquiano de uma tirania brutal, democratizando a região e garantindo a segurança americana.

É claro, nenhum desses objetivos importa para os professores antiguerra. Scott Cawelti, professor na Universidade do Norte de Iowa, detonou a política de Bush sobre o Iraque e apelou às sensibilidades europeias. “Nossa política de ‘ir sozinho’ tem atraído o desdém mundial, talvez mesmo o desprezo”, escreveu. “Os europeus, que conhecem a verdadeira guerra bem mais que os americanos, veem a insistência do nosso presidente em fazer guerra para garantir paz como uma armadilha impossível. Eles o consideram um super-herói caubói, obcecado pela luta contra o mal”.⁴¹ O povo europeu conhece a verdadeira guerra, certo. E toda vez que surge um novo conflito, os Estados Unidos precisam prestar socorro. *Somos* super-heróis caubóis — não fôssemos, todo o Continente estaria falando alemão agora.

Com o governo Bush embarcando em uma nova estratégia de guerra preemptiva contra nossos inimigos, incluindo o Iraque, os professores saem da toca. “Não é uma simples guerra!”, esbravejam, na forma clássica de Jimmy Carter.

“Estamos lado a lado com os princípios daqueles que se opõem à guerra contra o Iraque, confiando não só no direito internacional, mas incluindo a

Carta das Nações Unidas e as orientações morais e religiosas contidas na doutrina da guerra justa”, declarou Richard Falk, professor na Universidade de Princeton, junto de David Krieger para o site CounterPunch.[42](#)

Philip Alston, professor de direito na Universidade de Nova Iorque (NYU), afirmou à Associated Press que ignorar a ONU “dá precedentes para qualquer nação tomar a lei nas próprias mãos e lançar ataques militares preemptivos sem qualquer restrição universal atuante”.[43](#) “É uma postura totalmente irresponsável”, concorda Srinivas Aravamudan, professor na Duke University. “Estamos embarcando em uma nova era de carnificina imperialista”.[44](#) O 11 de Setembro foi carnificina. Matar curdos com gás tóxico e assassinar xiitas é carnificina. Remover Saddam Hussein do poder é justiça.

A justificativa argumentativa pode muito bem declarar que os Estados Unidos cooperaram com o direito internacional, mas a verdade é que nada disso importa. Temos um dever moral mais elevado do que seguir resoluções da ONU, e se a França insiste em barrar petições, que ignoremos a ONU.

Idiotas Úteis e Odiadores dos EUA

Alguns professores cruzam a linha entre a liberdade de expressão e a idiotice útil ou a perfídia descarada. Embora pertença ao docente o direito de falar sob a Primeira Emenda, alguns deles abrem espaço para os inimigos dos EUA e os ajudam.

O intelectual de esquerda defende o movimento “escudo humano”, que enviou centenas de civis ocidentais para proteger o patrimônio de Saddam contra o militarismo americano. “Alguns grupos escolheram agir assim”, sorriu Joseph Elder, professor de sociologia na Universidade de Wisconsin. “Eles se autodenominam testemunhas da paz ou testemunhas do sofrimento [...] Acredito que grupos agem assim como reflexo dos muitos americanos que se opõem às ações bélicas [por parte dos EUA]”, Elder disse. De acordo com o professor, a extensão do movimento escudo humano é pequena demais se comparada a qualquer movimento passado.[45](#)

Helen Caldicott, ex-professora de Harvard, também entrou no ato, implorando ao papa João Paulo II para que fosse a Bagdá e fizesse parte do escudo humano. Uma vez que o governo Bush “não vê problema em massacrar até 500.000 inocentes no Iraque, existe uma pessoa cuja vida eles absolutamente não colocarão em risco. Essa pessoa é o papa João Paulo II”,

escreveu em uma carta ao pontífice, a quem também chamou de “o escudo humano derradeiro”.[46](#)

Quando não estavam lutando pelo movimento escudo humano, esses professores estavam ocupados viajando até Bagdá para atuarem como garotas-propaganda de Saddam.

Em novembro de 2002, Bill Quigley, da Faculdade de Direito da Universidade Loyola de Nova Orleans, viajou para o Iraque como membro do Time da Paz do Iraque, um projeto do grupo Vozes no Deserto, programa de parceria EUA/Reino Unido para protestar contra as sanções econômicas impostas sobre o Iraque. Em uma série de eventos obviamente inventados, Quigley teve a impressão de que os iraquianos, mesmo vivendo sob a brutalidade de Saddam, queriam evitar sua remoção. Um soldado iraquiano aproximou-se de Quigley, deu-lhe as boas-vindas ao Iraque e depois disse: “América, sim!”, e em seguida gesticulou com os polegares para baixo, dizendo “Bush, não!”. Ele foi abordado por um homem que lhe deu uma foto de sua filha de oito meses, com uma mensagem atrás da foto que dizia: “Queridos integrantes do governo Bush. Meu nome é Sala Adil. Tenho 8 meses. Sou iraquiana. Eu seria muito grata se vocês me deixassem viver em paz longe de bombas e sanções, igual a todas as crianças do mundo. Sala”. Visto que é um idiota útil, Quigley certamente comprou a ideia. Ele comentou o seguinte: “Estou usando toda minha liberdade para tentar impedir nosso governo de pagar por uma mudança de regime com a vida de criancinhas iraquianas, especialmente a vida de civis inocentes como a pequenina Sala”.[47](#)

Em 12 de janeiro de 2003, uma delegação de trinta e cinco membros, composta principalmente de acadêmicos, desembarcou em Bagdá para um *tour* de “revelação dos fatos”, patrocinado pela Universidade de Bagdá, uma ferramenta de Saddam.

O Dr. James E. Jennings, ex-professor da Universidade de Illinois, liderou a delegação, que visitou escolas, hospitais e outros lugares no Iraque para promover a paz. “Não terá sido em Hanói ou no Panamá ou em Bagdá ou em qualquer outro lugar que, pela última vez, uma cidade foi bombardeada e dilacerada em pedaços, cheia de pessoas gritando ‘Não faça isso. Não faz sentido’”, o nobre professor disse ao Washington Post. Seu companheiro e professor da Le Moyne College, Keith Watenpaugh, acrescentou: “Voltaremos para nossas escolas e nossas comunidades para

dizer-lhes o que está acontecendo aqui. O povo da América precisa conhecer pessoas que veem com bons olhos a oposição a esta guerra”.[48](#)

É difícil dizer se todos os professores no passeio perceberam como Saddam manipulou o *tour* e o usou para perpetrar uma propaganda antiamericana. Mas Michael Rooke-Ley, professor na Faculdade de Direito da Universidade de Oregon, certamente percebeu: “Sim, nossa visita foi cuidadosamente coreografada pelos iraquianos, e inicialmente vimos apenas aquilo que queriam que víssemos [...] Arriscamos fazer o papel de ferramenta de propaganda para o governo iraquiano? É claro — assim como outros têm servido aos esforços das relações públicas do governo Bush em nossa nação”.[49](#) Exceto pelo fato de que, nos EUA, você pode escolher o que falar e o que ver, mas não no Iraque.

Enquanto no território de Saddam Hussein, Rooke-Ley fez um discurso no qual ridicularizou a Guerra ao Terrorismo do governo Bush, afirmando que é uma gestão “incontrolável, sem restrições, algo que nos jogará num caminho perigoso de retaliação e destruição em massa como o mundo nunca viu”. No fim da viagem, a delegação teve a “grande alegria de encontrar-se com o Ministro do Exterior do Iraque, Naji Sabri, intelectual de bagagem impressionante e de excelente oratória, cuja análise da situação política merece [nossa] atenção”. Quando Sabri sugeriu que os Estados Unidos consideravam a guerra no Iraque primeiro por causa do tradicional apoio iraquiano aos palestinos, e depois pelo interesse no petróleo, o professor Rooke-Ley concordou com a constatação.[50](#)

Os professores também prestaram ajuda e condolências a Saddam, dando-lhe justificativas e escusas morais para cometer crimes de guerra ou matar americanos.

“Sentenciamos os líderes nazistas à morte por perpetrarem o crime da guerra de agressão”, afirma Francis A. Boyle, professor de direito internacional na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. “Está claro”, ele acrescenta, “a partir dos relatórios da imprensa, que vão devastar Bagdá, uma área metropolitana com cinco milhões de pessoas. O Código de Nuremberg é claro ao declarar que a devastação arbitrária de uma cidade constitui crime de guerra”.[51](#) Ao igualar moralmente George Bush a Adolf Hitler, Boyle certamente pertence à categoria daqueles que odeiam a América.

Mark Lance, professor na Universidade Georgetown, disse que a política americana sobre o Iraque era “hipocrisia”, visto que os EUA cometeram os mesmos crimes e em maior escala que os de Saddam Hussein. “Historicamente falando, os Estados Unidos”, Lance argumentou, “têm feito mais do que qualquer outro país para desenvolver e espalhar tecnologia de destruição em massa [...] incluindo a [tecnologia] nuclear, biotecnologia e gases tóxicos [...] e mais que Saddam, mesmo muito depois que seus crimes ficaram conhecidos”.⁵²

Erwin Chemerinsky, professor de direito na Universidade do Sul da Califórnia, escreveu um artigo para o Los Angeles Times, no qual argumentou que os Estados Unidos eram hipócritas por protestar contra a execução de prisioneiros de guerra por parte do Iraque, uma vez que os EUA estavam detendo terroristas na Baía de Guantánamo. “Os Estados Unidos não podem esperar que outras nações tratem nossos prisioneiros de acordo com o direito internacional se nós o ignoramos”, Chemerinsky escreveu. Ele nem mesmo se incomoda de refutar a alegação de que o Iraque teria justificativas para violar o direito internacional quanto aos prisioneiros de guerra.⁵³ Quando Hugh Hewitt, âncora de rádio, perguntou a Chemerinsky se ele percebia que o Iraque poderia usar argumentos como esse para justificar seus crimes de guerra, Chemerinsky protestou que Hewitt estava questionando sua lealdade. Chemerinsky se recusou a censurar a viagem que Jane Fonda havia feito a Hanói, Vietnã do Norte, durante a Guerra do Vietnã, que resultou na tortura de prisioneiros de guerra americanos. Chemerinsky também se recusou a condenar um cartaz durante um comício que dizia “Nós Apoiamos Nossas Tropas Quando Atiram em Seus Superiores”.⁵⁴

Michael Ballou, professor na Santa Rosa Junior College, instigou seus alunos a pensarem sobre assassinar o presidente Bush. Em seu curso de verão em 2003, ele passou aos alunos o exercício de escrever um *e-mail* utilizando a frase “mate o presidente”. Ballou disse que o objetivo da atividade era “trazer à tona nossos medos mais profundos do governo”. Quando um dos alunos realmente enviou o *e-mail* para o Mike Thompson (democrata, Califórnia) e outro contou aos pais, tanto o FBI quanto o Serviço Secreto apareceram na universidade. Ballou se escondeu por trás da Primeira Emenda, reivindicando que as palavras “mate o presidente” poderiam ser interpretadas para significar outro que não o presidente Bush.

Impressionante dizer, a instituição recusou-se a demitir Ballou por “discurso antiprofissional”. Na verdade, Janet McCulloch, a nova presidente da All Faculty Association da instituição, afirmou que Ballou tinha “o direito de falar o que quisesse dentro de sua sala de aula”, embora essa liberdade “não chegasse a ponto de pedir aos alunos que comprometessem o próprio futuro”.⁵⁵ Ballou se defendeu desta forma: “De toda forma, não receberei nenhuma crítica dos 60% dos americanos que não votam. Para eles, o presidente e a presidência já estão mortos”.⁵⁶ Ainda restam dúvidas de qual presidente ele estava falando?

O caso mais descarado de traição emanou da Universidade Columbia, onde Nicholas De Genova, professor assistente, disse a uma audiência de alunos durante uma palestra: “Os únicos heróis de verdade são aqueles que encontram maneiras de ajudar a derrotar o militarismo americano”, e afirmou que ele próprio “gostaria de ver um milhão de Mogadíscios”. Em Mogadíscio, dezoito soldados americanos foram mortos; De Genova deseja a morte de dezoito milhões de americanos. “Se de fato consideramos esse cenário um crime de guerra”, De Genova explicou, “logo temos de torcer pela vitória do povo iraquiano e pela derrota da máquina de guerra americana”.⁵⁷ De Genova merece uma passagem só de ida para fora deste país que ele tanto despreza.

“Como Você Ousa nos Chamar de Antipatriotas?”

Bom, tudo isso dito, o resumo é que muitos desses professores são pura e simplesmente antipatriotas. Uma coisa é protestar contra a guerra, outra bem diferente é demonizar o presidente dos Estados Unidos como mais um Hitler, dizer ao aluno para pensar em sala sobre assassinar o presidente, viajar para o território inimigo e criticar o governo, e clamar pela morte de soldados americanos. Daí é antiamericanismo.

Mas apenas tente dizer isso na cara desses professores de esquerda. Os intelectuais enlouquecem se alguém sugere que eles não gostam dos EUA, acusando qualquer macarthista de caçador de bruxas, fascista, totalitário até o tutano.

“Taxar o ativismo antiguerra de antiamericano é ofensivo e perigosamente antidemocrático. Tais tentativas de silenciar a divergência também fazem grande desserviço à nação”, reclama Peter Cannavo, professor na Hamilton College. “Se é ‘antiamericano’ levantar tais questões, então é melhor que alguém salve nosso país dos próprios

‘amigos’”.⁵⁸ “Tempos de guerra parecem dar às pessoas a sensação de que podem usar o patriotismo feito bastão”, lamenta Darlene Boroviak, professora na Whaton College. “É injusto criticar as pessoas de antipatriotas. Elas têm o direito de expressar opiniões diferentes”.⁵⁹

“É realmente contraditório: dizer que esta guerra serve para libertar outro país, mas sufocar as críticas daqueles que se opõem na própria nação”, concorda Gerald Turkey, professor na Universidade de Delaware.⁶⁰ A crítica, de forma clara, não está sendo sufocada. Aqueles de nós que discordam dos ativistas antiguerra têm o mesmo direito de liberdade de expressão dos pacifistas, sendo que, se quisermos, podemos usá-la para justamente criticar os pacifistas.

“O patriotismo não é um termo neutro”, afirma Robert Jansen, professor na Universidade do Texas em Austin. “Ele carrega uma história e tem sido usado como arma. Sempre consigo identificar quando alguém já gastou todo o seu raciocínio, porque daí é que o sujeito começa a me chamar de antipatriota e antiamericano”.⁶¹ Para falar a verdade, não preciso raciocinar tanto assim para chamar o professor Jensen de antipatriota. Essa é a mesma pessoa que, semanas depois do 11 de Setembro, considerou os ataques terroristas contra o World Trade Center e o Pentágono “não mais desprezíveis que os vários atos terroristas [...] que o governo americano tem cometido durante o tempo em que estou vivo”.⁶²

Sheila Peters, da Fisk University, afirma: “Não considero o cidadão antiguerra menos patriota que o pró-guerra. Apenas penso que são maneiras diferentes de enfrentar o mesmo problema”.⁶³ Os poucos do movimento antiguerra que são minimamente honestos entendem um pouco mais. Nicholas De Genova, o mesmo professor que esperava por “um milhão de Mogadíscios”, admitiu em um raro momento de lucidez: “A paz não é patriota. A paz é subversiva, porque a paz antecede um mundo muito diferente do que aquele em que vivemos — um mundo onde os EUA não teriam direito de existir”.⁶⁴ Na mosca! Direto da fonte.

Não Acaba Até o Professor Protestar...

Cessadas grandes operações militares no Iraque, o Conselho Acadêmico da UCLA, composto de três mil e duzentos professores (apenas alguns votam efetivamente — o quórum tem duzentos eleitores efetivos presentes em algum momento durante o encontro), decidiu fazer algo sobre a guerra.

Condenaram-na depois que os iraquianos haviam comemorado a queda de Saddam Hussein, depois que sepultamentos em massa haviam sido descobertos, depois que crianças haviam sido libertas das prisões de Hussein.

Nada disso fez diferença. Trouxeram uma resolução perante o Conselho Acadêmico condenando o presidente Bush por sua “guerra preemptiva”, opondo-se ao estabelecimento de um “protetorado” americano no Iraque, afirmando seu “compromisso de falar dos conflitos internacionais pelo império da lei e pelas Nações Unidas”, e convocando que o Iraque pós-guerra fosse submetido à jurisdição da ONU.

Exatamente 196 professores votaram. O voto foi surpreendentemente acirrado. A medida passou, 180-7. Nove professores não se pronunciaram.

Não era a função do Conselho Acadêmico lidar com esse assunto. Seu dever é lidar com questões curriculares, de padronização e posse. Mas os intelectuais de esquerda pensaram diferente.

Entrevistei o professor Karoly Holczer, membro do Conselho que votou pela resolução. Holczer afirmou que “os poucos conselhos acadêmicos do país são *as únicas organizações* que estão aptas a defender a moral humana. É mais do que nossa obrigação”. “Mas não é esta uma afirmação política?”, perguntei. “Não ultrapassa a esfera do Conselho?”. “Não se trata de afirmação política”, ele respondeu. “Trata-se de afirmar valores humanos em que qualquer um acredita [...] É um exemplo que, realmente acredito nisso, cada professor bem-sucedido deve dar aos alunos”.

Holczer também afirmou que um protetorado americano poderia ser pior que o regime de Saddam Hussein. “Não é das melhores coisas ver uma biblioteca nacional queimando, um museu nacional destruído”, ele observou. Mas agora que os Estados Unidos derrubaram Saddam, Holczer sugeriu que passássemos o controle do Iraque para a ONU, sugerindo que a ONU seria mais justa do que os Estados Unidos.

Então fiz ao professor Holczer a pergunta-chave: a opinião dele e de seus colegas entram na sala de aula? “Espero que sim, de verdade”, ele respondeu.

A lavagem cerebral continua. Diariamente, alunos ouvem sobre como os Estados Unidos se afundam ainda mais, impedem reformas e enganam o povo iraquiano. A guerra acabou, mas não para o intelectual de esquerda.

Uma Derrota para os Professores?

Esses docentes têm exercido grande impacto sobre as opiniões dos alunos quando o assunto é a guerra no Iraque. Na Universidade de Nova Iorque, 1.200 alunos saíram da sala durante a aula como expressão solidária ao movimento antiguerra. Na Universidade da Califórnia em Berkeley, 1.500 alunos se reuniram no Sproul Plaza quando a guerra do Iraque já havia estourado e exigiram que a Universidade de Bagdá fosse declarada uma “instituição irmã”. Ambas as universidades, Berkley e NYU, receberam lugar na revista Mother Jones entre as “10 Universidades Mais Ativistas”.⁶⁵

Conforme percebido pela grande mídia, muito do movimento antiguerra ganhou força dos alunos universitários, centenas de milhares daqueles que têm participado de protestos ao redor dos EUA. Mas a conversão não foi completa. Nas universidades como Yale e Berkeley, os professores afirmam que a maioria dos docentes se opõe à guerra no Iraque. No entanto, os alunos entrevistados pelo Daily News de Yale estavam divididos bem ao meio sobre a guerra. Os professores não tiveram um sucesso completo, e eles estão lutando ferozmente por isso.

“Nós costumávamos ofender as pessoas”, a professora Martha Saxton da Faculdade Amherst disse ao New York Times, que está desapontada com a falta de ativismo antiguerra por parte dos alunos. “Nós gostávamos de ser maus, no sentido de que estávamos declarando um ponto de vista. Por que não há alegria agora?”. Professores como Saxton sentem que os alunos perderão a experiência da faculdade se eles se recusarem a protestar, no estilo da década de 1960.

Em Amherst, A Associação de Estudantes Progressistas exigiu que o corpo discente pedisse aos professores que discutissem a guerra no Iraque por quinze minutos durante a aula. O corpo discente se recusou. No refeitório de Amherst, quarenta professores passaram protestando contra a guerra, onde foram saudados com uma reação negativa forte dos alunos, um dos quais brigou com um professor.

Alunos da Universidade de Wisconsin em Madison também estão desapontando seus professores. “Em Madison, palestras informais eram tão comuns quanto salsichas”, lamentou o professor Austin Sarat da UW. “Havia uma certa nobreza em ser atacado com gás lacrimogênio. Agora você não é mais atacado com gás. Você entra no refeitório e entrega panfletos com informações”. Aparentemente, provocar a polícia a jogar gás lacrimogênio é sinal de honra para esses membros do corpo docente.

“Meu trabalho não é fazer com que meus alunos concordem comigo”, insiste o professor Barry O’Connell, de Amherst. Mas “no momento que os ouço, minha alma simplesmente se abate”.⁶⁶ Ainda há esperança para a juventude americana. Basta mantê-la o mais longe possível desses professores.

“Porcos Sionistas”

No mês de agosto de 2001, minha família e eu viajamos para Israel pela primeira vez. Fomos com um grupo de turismo e cruzamos praticamente o país inteiro, da cênica e exuberante vegetação de Samaria até o deserto estéril do Neguev. A Bíblia tomou vida; esses lugares existiam mesmo. Visitamos o local onde Davi matou Golias. Oramos próximos ao Monte do Templo, o espaço mais sagrado do judaísmo, e exploramos os túneis cavados perto do enorme muro ao redor, chamado Muro das Lamentações.

Paramos no Efrat, subúrbio americano plantado nos territórios sob disputa; parecia Beverly Hills, na Califórnia, transportada para Israel. Fomos à linda cidade de Haifa, ao norte da região. Visitamos a gigantesca Cratera de Ramon, ao sul. Avistamos vilarejos árabes sombrios em torno dos campos militares judeus cosmopolitas — a diferença era forte e marcante.

Fomos proibidos de visitar alguns lugares. Não pudemos ir a Hebrom, o segundo lugar mais sagrado do judaísmo, para visitar o túmulo dos patriarcas. Muitas das estradas estavam cercadas por barreiras de concreto, prevenindo que atiradores palestinos alvejassem turistas. Caminhamos ao longo da Jerusalém Oriental, rodeados por soldados israelenses armados, impedindo que fôssemos mortos pelos árabes que vivem naquela parte da Cidade Antiga.

Estávamos no Knesset em Jerusalém quando nosso guia turístico recebeu uma ligação. Um terrorista palestino havia se explodido em uma pizzaria Sbarro's, em Jerusalém. Minha família e eu havíamos planejado de estar naquele exato local duas horas mais tarde daquele mesmo dia. Outros não tiveram tanta sorte. Quinze pessoas foram mortas e outras 132 ficaram feridas, muitas sofrendo de ferimentos graves — parafusos dentro do corpo, pregos alojados no cérebro, membros do corpo dilacerados. Shoshana Greenbaum, uma professora de Los Angeles, e seu filho ainda no útero

foram mortos naquele dia — a professora era filha única e a única esperança de netos para seus pais.

O restante da viagem tornou-se solene. Todos estavam em perigo. Meu pai e eu vigiávamos homens de aparência árabe carregando bolsas ou usando casacos pesados. Toda vez que víamos um soldado das Forças de Defesa de Israel carregando uma arma, respirávamos aliviados. Quando fomos comer no Burger King da rua Ben-Yeshuda, sentamos no andar de cima, caso um homem-bomba se explodisse no andar de baixo.

Estar em contato tão próximo com um país cercado de conflitos me deixou absolutamente consciente do sentimento anti-israelita enviesado entre os professores universitários quando voltei. Desde o 11 de Setembro, o antissemitismo tem crescido incontrolavelmente nas universidades. Criticar Israel não torna alguém antissemita. Criticar a própria existência de Israel e defender medidas que o destruirão (criticar o sionismo) faz de alguém, sim, antissemita. Discriminar Israel, elevar os padrões para Israel, forçar Israel a agir sem consideração pela autopreservação: é, sim, antissemitismo. Como Martin Luther King tão sucintamente afirmou publicamente na Universidade de Harvard, em 1968, “Quando criticam os sionistas, eles se referem aos judeus. E isso é antissemitismo”.¹

O antissemitismo nas universidades tem piorado tanto que, em 17 de setembro de 2002, o presidente de Harvard, Lawrence Summers, falou aos alunos em um culto de oração matinal na Memorial Church. “Hoje, falo não como presidente da universidade, mas como membro preocupado de nossa comunidade sobre algo com que nunca pensei me preocupar tanto — a questão do antissemitismo”, Summers afirmou.

Ele continuou,

Na verdade, fiquei pasmo durante meus anos no governo Clinton, percebendo que houve um grupo líder na economia [...] que, embora judeu, passou despercebido. Sem pensar muito a respeito, atribuí tudo isso ao progresso: a um crescimento do esclarecimento e da tolerância. Uma visão de que o preconceito está cada vez mais sendo deixado de lado. Uma visão de que, embora a política do Oriente Médio seja profundamente complexa e contenciosa, a questão do direito de um estado judaico existir já havia sido superada de maneira positiva pela comunidade mundial.

Mas, hoje, sou menos complacente. Menos complacente e estou mais desconfortável, porque há evidências preocupantes de uma retomada do antissemitismo global, e também por causa de alguns acontecimentos mais

próximos de nós [...] É claro que comunidades acadêmicas deveriam ser e sempre serão lugares com liberdade de expressão. E, certamente, há muito que ser debatido sobre o Oriente Médio, e muito sobre a política externa e a política de defesa de Israel pode e deve ser vigorosamente desafiado.

Mas, embora o antissemitismo e outras opiniões profundamente anti-israelitas sejam tradicionalmente encontrados em populistas de direita de pouca educação, agora vemos opiniões profundamente anti-israelitas encontrando crescente apoio nas comunidades intelectuais progressistas. Pessoas sérias e reflexivas estão defendendo e promovendo ações cujas consequências são antissemitas, ainda que sem a intenção.²

“Ocupação”

O professor universitário de esquerda acredita que todos os problemas no Oriente Médio começaram com os judeus. Muitos acreditam que, para começo de conversa, Israel é um estado ilegítimo, apesar da forte e consistente presença de judeus na terra por milhares de anos, e apesar da completa inexistência de qualquer governo chamado “palestino”. Mas o maior dos problemas é a “ocupação territorial” executada por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, em que Israel foi atacado pelo Egito, Jordânia e Síria.

M. Shahid Alam, professor na Northeastern University, explica a falsa versão acadêmica sobre a história de Israel: “Cada vez mais, o mundo fora dos EUA entende que Israel não é um país ‘normal’ [...] Israel surgiu em 1948 — mediante a conquista e a purificação étnica de 800.000 palestinos. No entanto, não foi o suficiente [...] Em 1967, esse *deficit* foi corrigido, quando Israel, depois de derrotar o Egito, Síria e Jordânia, ocupou a Cisjordânia e o espaço de Gaza. Outra campanha menor de purificação étnica foi introduzida neste segundo período de conquistas”.³ Purificação étnica? Onde estavam os sepultamentos em massa e as câmaras de gás? E por que os fatos concretos dizem outra coisa? Os fatos: 539.000 árabes deixaram a região;⁴ líderes árabes disseram aos civis do seu povo dentro de Israel que deixassem a região;⁵ 68% desses mesmos árabes nunca viram um soldado israelense.⁶

Mas o mito da “ocupação brutal” continua, mesmo depois dos Acordos de Paz de Oslo, uma vez que, a partir de então, os palestinos na Cisjordânia

e em Gaza têm vivido sob o domínio primário de Yasser Arafat e sua Autoridade Nacional Palestina.

Enquanto discutia a obra autobiográfica *Narrative of the Life of Frederick Douglass* [Narrativa da Vida de Frederick Douglass], um professor de inglês da UCLA comparou a tomada de Israel da Cisjordânia à escravidão negra nos EUA durante os séculos XVIII e XIX.⁷ Talvez eu tenha perdido essa parte da história, mas não vejo os palestinos trabalhando em campos de algodão e sendo chicoteados por seus donos israelenses. A comparação é um verdadeiro insulto ao trabalho pesado dos escravos negros.

“Há 149 artigos substanciais da Quarta Convenção de Genebra que protegem os direitos de cada um destes palestinos que vivem na Palestina ocupada. O governo israelense está, atualmente, violando e desde 1967 tem violado praticamente cada um deles”, afirma Francis Boyle, professor na Faculdade de Direito da Universidade de Illinois.⁸

“Aos olhos do mundo, Israel parece cada vez mais com a África do Sul”, zombou Fouad M. Moughrabi, professor na Universidade do Tennessee em Chattanooga.⁹ “Os sul-africanos negros migraram ou saíram da África do Sul porque sofriam muito sob um terrível regime branco de *Apartheid*?”, pergunta Mouyyad Hassouna, professor na Valdosta College, Geórgia. “A Jordânia pertence aos jordanianos, a África do Sul pertence aos negros sul-africanos e aos palestinos pertence o seu país, a Palestina [...] Israel é um ocupante agressivo da Palestina”.¹⁰ A Palestina, por falar nisso, estende-se do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo. O professor Hassouna está, na verdade, defendendo a completa destruição do Estado de Israel.

“Israel deve parar de abusar dos direitos dos palestinos [...] afinal, está colocando em perigo seus próprios cidadãos com ocupação tão brutal”, aconselhou Nancy Kanwisher, professora na Universidade de Harvard, durante uma palestra entre Harvard/Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). “Não é loucura também considerar que as atuais políticas israelenses estão nos colocando em perigo aqui nos EUA”.¹¹ Você captou a linguagem? Israel está nos colocando “em perigo” — provocando ataques palestinos. E a autodefesa de Israel está “nos colocando em perigo aqui nos EUA”.

Na UC Berkeley, Snehal Shingavi causou tumulto nacional depois de iniciar uma aula de inglês intitulada “A Poética da Resistência Palestina”. A

descrição original do curso diz o seguinte: “A brutal ocupação militar israelense da Palestina, [em curso] desde 1948, tem sistematicamente deslocado, matado e mutilado milhões de palestinos. E, no entanto, debaixo do peso brutal da ocupação, os palestinos ainda assim têm produzido sua própria cultura e poética de resistência. Essa aula examinará a história da [resistência] e como é narrada pelos palestinos, dando a compreender os eventos que envolveram a *Intifada* [...] As aulas partem do direito dos palestinos de lutar por autodeterminação. O pensador conservador é convidado a procurar outro lugar”.¹² Assim que fizeram chover críticas em Berkeley, a universidade alterou a descrição do curso — extraíram somente a última frase. O resto continuou basicamente o mesmo.¹³

Quanta imparcialidade.

“Sharon é Terrorista”

Os acadêmicos que se opõem a Israel costumam culpar um homem pela falta de paz entre israelenses e palestinos: Ariel Sharon. Eles o chamam de açougueiro, padeiro, produtor de velas e basicamente qualquer outro epíteto debaixo do sol. Eles o culpam por um ataque em 1982 de falanges libanesas (grupo cristão libanês perseguido pela Organização para a Libertação Palestina, braço terrorista de Yasser Arafat) em Sabra e Chatila, campos de refugiados palestinos no Líbano. Os que odeiam Sharon dizem que, sendo ministro da defesa de Israel, cabia a ele tomar conhecimento e prevenir-se dos ataques (Sabra e Chatila eram solo fértil do terrorismo, considerados base global de treinamento terrorista). Agora, mentem os professores, ele perpetua as “políticas sangrentas” contra os palestinos. Esses professores o usam como distração para o homem que verdadeiramente tem as mãos sujas de sangue, Yasser Arafat. Eles ignoram que Sharon foi eleito depois que começou a última Intifada Palestina, e que Arafat havia negociado com Yitzchak Rabin, Shimon Peres, Benjamin Netanyahu e Ehud Barak antes mesmo que Sharon fosse primeiro-ministro.

Rashid Khalidi, professor na Universidade de Chicago, compara o governo eleito de coalizão do Likud liderado por Sharon com o grupo assassino e terrorista palestino Hamas. “Ambos os extremos, os extremistas que governam Israel e o atual governo israelense e o Hamas acreditam profundamente em um olho por olho e dente por dente. Logo, teremos mais banho de sangue”, afirmou no *NewsHour*, de Jim Lehrer.¹⁴

Sharon carrega a “responsabilidade criminal” por alvejar e matar líderes terroristas conhecidos, de acordo com o professor Richard Falk, da Universidade de Princeton. Falk vai além: ele também chama o ex-primeiro-ministro trabalhista e apaziguador compulsivo Ehud Barak de criminoso de guerra.¹⁵ Não há meios de agradar o professor Falk?

Colin Flint, professor na Universidade Estadual da Pensilvânia, faz um jogo de equivalência moral, fingindo que o histórico terrorista de Arafat é comparável ao histórico militar de Sharon. “É imparcial demais focar no passado terrorista de Arafat”, ele suspira, “uma vez que também temos o suposto envolvimento de Sharon com crimes de guerra passados”.¹⁶ Ele acabou de ignorar a palavra “suposto” ou eu é que não entendi direito?

“Progredir no processo de paz entre Israel e Palestina é, na prática, improvável. Enquanto Yasser Arafat e Ariel Sharon estiverem no comando, você não verá nenhum progresso”, declara Donald Snow, professor na Universidade do Alabama.¹⁷

Louis Kriesberg, professor na Universidade de Syracuse, culpa Sharon e Arafat. “Ambos são inimigos úteis um para o outro”, afirma o professor.¹⁸ Arafat tem ocupado o comando de seu distrito eleitoral por trinta e nove anos. Sharon está no comando há menos de três. Em trinta e nove anos, nunca houve paz. O obstáculo à paz é Sharon ou Arafat?

Culpando Israel pelo 11 de Setembro

Muitos professores e intelectuais de esquerda alegam que o culpado pelo conflito dos EUA com o Islã militante é o apoio americano a Israel. Ignorando que Israel é a única verdadeira democracia no Oriente Médio, esses professores dizem que a fúria dos árabes gerada pela “agressão israelense” foi que causou o 11 de Setembro. Mentira. Os regimes do Oriente Médio odiariam os EUA mesmo que Israel fosse destruído. Mas a verdade não é obstáculo para o viés dos intelectuais.

“O público americano agora está acordando para o quanto custa relacionar-se com Israel”, afirmou Yehuda Lukacs, professor na Universidade George Mason, depois do 11 de Setembro.¹⁹ Errado. O 11 de Setembro acordou os americanos para o custo de um relacionamento com a Arábia Saudita e com o Egito.

Poucas horas depois do 11 de Setembro, Jim Lea, professora na Universidade do Sul de Mississippi, culpou o apoio americano a Israel

pelos ataques. “Os EUA têm se identificado bastante com o atual regime em Israel, Sharon, e com sua colonização e com sua presença na Jerusalém Oriental e com seu uso do militarismo em assassinatos políticos e com seus ataques aéreos”, ele expôs.²⁰

James G. Blight, professor na Brown University, argumenta de maneira parecida. Ele culpa Israel pelos ataques, dizendo que “os EUA jamais nutriram com seriedade a ideia de uma divisão justa de território no Oriente Médio”, fator que provoca a ira árabe sobre os Estados Unidos.²¹

Na Universidade da Geórgia (UG), o professor Alan Godlas citou a palestra do terrorista da Jihad islâmica na Palestina, Ramadan Abdullah, a alunos da UG. Seu intuito era explicar as causas do 11 de Setembro. Uma das quatro causas que ele citou foi — adivinhou! — o fato de os EUA apoiarem a privação de palestinos do direito de autodeterminação.²² Nada como engolir todo o lixo que os terroristas estão vendendo.

Maysam al Faruqi, professora na Universidade Georgetown, engole todo esse besteiro. Ela diz que os terroristas do 11 de Setembro estavam frustrados com “a expropriação e morte de palestinos mantidos em campos de refúgio, que mais se pareciam com campos de concentração, por cinquenta anos, onde nascem, vivem e morrem sem qualquer esperança de uma vida normal ou de retornar às suas casas e suas terras”.

Quando questionada especificamente se estava se referindo ao apoio americano a Israel como causa do 11 de Setembro, al Faruqi respondeu: “Em primeira instância, sim [...] Os Estados Unidos continuam vetando qualquer resolução das Nações Unidas que se refira ao assunto [...] Dessa forma, e ao fornecer apoio financeiro e militar a Israel, essas ações tornam-se culpadas aos olhos dos muçulmanos por aquilo que Israel está fazendo. Israel cometeu e ainda comete atos de terrorismo, e aqueles que o ajudam são vistos como tão culpados quanto o próprio Israel”.²³ É melhor ficar de olho nessa mulher. Ela parece não ter aversão por aviões se chocando contra prédios.

Osama bin Laden aprovaria esses professores. Afinal de contas, eles promovem sua agenda.

A “Conspiração Judaica”

Os Protocolos dos Sábios de Sião, o documento antissemita mais conhecido da história moderna, muitas vezes foram desacreditados. A obra argumenta que os judeus controlam o mundo. Não há uma conspiração

judaica sobre o mundo. Mas muitos professores ainda acreditam em uma conspiração política judaica americana para sequestrar o governo, influenciando oficiais do governo em direção a políticas pró-Israel.

“Nosso presidente continua a fazer declarações infundadas e ambíguas, enquanto o Congresso continua em amplo ‘território ocupado’”, acusa Joe B. Nielsens, professor na UC Berkeley.[24](#)

A Palestine Chronicle, organização e periódico fortemente antissemita, afirma que o seu propósito é “expor a forte influência de um grupo judeu americano sobre nosso governo, mídia e instituições”. O conselho do periódico inclui o professor Noam Chomsky do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), e Robert Jensen, da Universidade do Texas, que seguem aliados aos desejos da apoiadora radical do terrorismo palestino, Hanan Ashrawi.[25](#)

“Toda figura política americana de presença notória, não importando se é um ativista num pequeno distrito ao norte do estado de Nova Iorque ou se um candidato à presidência, precisa, até hoje, declarar-se partidário incondicional de Israel, por causa do poder do *lobby* israelense”, disse Edward Said recentemente.[26](#) “O governo americano é efetivamente controlado pela direita cristã e pelo *lobby* de Israel”, Said afirmou.[27](#) Os judeus controlando o governo. Onde foi que ouvimos isso antes? Será que foi na Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial? E na Rússia czarista? Talvez na União Soviética de Stalin?

Determinado texto lido em sala durante uma aula de ciência política na UCLA chega à conclusão semelhante: “A verdade sobre o *lobby* israelense nos EUA é esta: ele não é todo-poderoso, mas ainda é muito poderoso pelo bem dos EUA e de seus aliados no Oriente Médio ou em qualquer outro lugar”. O texto insulta a comunidade judaica americana como tendo sido “vulgarizada moralmente” e iguala o terrorismo palestino contra civis à retaliação militar israelense contra os terroristas.[28](#)

Quando o assistente do professor perguntou à nossa classe o que pensávamos sobre o artigo, respondi que o havia considerado extremamente tendencioso e moralmente repugnante. “Não”, o assistente retrucou, “O artigo é muito bom”.[29](#) Não, o artigo não é muito bom. É um monte de mentiras. Mas a noção de que os “judeus controlam o governo” parece ser popular entre os acadêmicos.

Hamas, Jihad Islâmica e Outros Grupos Universitários

“Alguém aqui acha que Israel não deveria existir — que a posição extremista representa aquilo que é certo e moralmente válido?”, perguntou Donald Moon, professor da Universidade de Princeton, aos alunos durante uma palestra.³⁰ Se os alunos concordassem que Israel não deveria existir, o lugar deles seria trabalhando no corpo docente de uma renomada universidade nesse exato momento.

O corpo docente da Universidade de Harvard escolheu um orador especial para a colação de grau em 2002. Seu nome era Zayed Yasin, e seu discurso de formatura intitulava-se “Minha Jihad Americana”. Yasin insistiu que a “jihad” mencionada em seu discurso se referia à luta espiritual contra a impiedade e que ele a discutia para “recuperar a palavra ‘jihad’ da maneira como tem sido deturpada e abusada”.

O professor Richard Thomas, presidente do comitê que selecionou Yasin, defendeu sua escolha: “Atrativo, visto que começou com a perspectiva pessoal de um muçulmano americano questionando se consegue se encaixar como americano e como muçulmano. E então expandiu essa ideia para incluir todos nós no quesito da luta que tal causa promove e incita em todos nós”.³¹ Olhemos mais de perto e vejamos quão anti-jihad o Sr. Yasin é de fato.

Em novembro de 2000, os alunos muçulmanos e árabes de Harvard promoveram um jantar a fim de levantar recursos universitários para beneficiar instituições de caridade na Autoridade Palestina. As instituições de “caridade” eram a Holy Land Foundation (HLF) e o Palestinian Red Crescent (PRC), ambas partidárias de grupos terroristas como o Hamas. O levantamento de recursos foi coordenado pela Sociedade Islâmica de Harvard e pela Sociedade de Alunos Árabes. O presidente da Sociedade Islâmica de Harvard era ninguém menos que Zayed Yasin.

“Eu testemunhei a HLF em ação, eram muito profissionais. Nunca ouvi algo ruim sobre eles”, disse Yasin. “O melhor [dessas] fundações é que elas são completamente transparentes, e mostram claramente para onde seu dinheiro vai, é claro”. Tão claro que a Liga Antidifamação (ADL) e os oficiais do Departamento de Estado já os flagraram com doações de apoio ao terrorismo quase um ano antes dos ataques do 11 de Setembro. Yasin foi diretamente informado das alegações contra as “caridades” feitas, e ainda assim autorizou a parte final da transferência em dinheiro.³² E como ele

mesmo admite, Yasin acredita que explosões suicidas contra o militarismo israelense são “uma questão moral difícil [...] Consigo ver argumentos de ambos os lados”.³³

Yasin não é o único apoiador do Hamas nas universidades. Mustafa Abu Sway deu aula sobre o islã na Florida Atlantic University (FAU). Formou-se PhD pela Faculdade de Boston, é professor adjunto na Universidade Al-Quds em Jerusalém e escreveu dois livros. Além disso, ganhou um prêmio no Centro de Teologia e de Ciências Naturais em Berkeley. É bolsista do Programa Fullbright e membro atuante do Hamas. Mesmo confrontada a respeito, a FAU não moveu um dedo. Daniel Pipes e Asaf Romirowsky, especialistas em Oriente Médio, chegaram à conclusão óbvia: “conexões com o terrorismo islâmico [têm se tornado] aceitáveis e praticamente rotineiras nos estudos sobre o Oriente Médio”.³⁴

Temos também o professor Sami Al-Arian. O professor titular da Universidade do Sul da Flórida encabeçou duas organizações de fachada para grupos terroristas. Em uma das organizações, Al-Arian empregou um homem que estava prestes a tornar-se o líder da Jihad Islâmica, grupo terrorista responsável por inúmeros ataques suicidas em Israel. Na outra, empregou um homem que conseguiu uma entrevista com Osama bin Laden no ABC News.

E era só o começo. Al-Arian usou salas da universidade para receber conferências com terroristas tão notórios quanto Sheikh Rahman, o homem preso por planejar explodir atrações turísticas em Nova Iorque. Durante um encontro em Cleveland, Al-Arian discursou a uma multidão sob o título “chefe da Jihad Islâmica”, e levou a multidão a cantar “Jihad é o nosso caminho. Vitória ao Islã. Morte a Israel. Revolução. Revolução até a vitória. Estamos a caminho, a caminho de Jerusalém”. Algumas semanas depois, Al-Arian enviou uma carta pedindo doações para a Jihad Islâmica. Naquele tempo, o então presidente Bill Clinton já havia congelado recursos americanos para a Jihad Islâmica, logo seria atitude ilegal.³⁵ Al-Arian só foi expulso da universidade depois que Bill O’Reilly, da Fox News, o entrevistou ao vivo e o expôs como partidário do terrorismo. Até aquele dia, ele havia lecionado na universidade por dezesseis anos.³⁶

Naturalmente, os colegas de Al-Arian o apoiaram. O Conselho Universitário da Universidade do Sul da Flórida recusou a medida da presidente da universidade, Judy Genshaft, que demitiria Al-Arian.

Segundo relato do St. Petersburg Times, a maioria dos conselheiros ficou ao lado de Al-Arian. A minoria moral ficou justamente ultrajada. “Se perdoarmos isso, o que acontecerá em seguida?”, questionou Joseph Kools, nervoso e atordoado, que leciona no curso de formação de oficiais do Exército.[37](#)

O cunhado de Al-Arian e ex-colega do corpo docente da Universidade do Sul da Flórida, o professor Mazen Al-Najjar, não teve a mesma sorte de Al-Arian. Al-Najjar foi detido pelo Departamento de Imigração dos EUA por exceder em vinte anos seu visto de estudante e depois acusado pelo Departamento de Justiça de ter conexões com grupos terroristas, com a Jihad Islâmica em particular.[38](#) Apesar das habilidades do seu defensor, David Cole, professor na Universidade Georgetown, Al-Najjar não conseguiu sair do anzol. O Departamento de Imigração fez seu trabalho e Al-Najjar foi deportado dos Estados Unidos para um país não identificado, em agosto de 2002.[39](#)

M. Shahid Alam, professor na Northeastern University, chocou o país com sua fervorosa defesa do terrorismo palestino. Em uma coluna escrita para o periódico egípcio em língua inglesa Al-Ahram, Alam escreveu: “resistência é um direito palestino, como foi direito de todos os povos [sic] colonizados que enfrentaram a expropriação. Por necessidade, a expropriação é implementada por força, e segue que a resistência ao colonizador também deve ser violenta. A pergunta, portanto, não é por que os palestinos resistem, nem por que resistem por meios violentos. Há uma pergunta diferente perante a consciência global: por que temos por cinquenta anos abandonado o povo palestino para lutar suas batalhas sozinho, cercado por um colonizador contra o qual não consegue resistir só?”.[40](#)

Colegas do corpo docente da Northeastern ou manifestaram fracas repreensões a respeito ou tentaram se esquivar. Stephan Kane objetou com fraco vigor, dizendo: “Estou nervoso, mas também entendo sua frustração. Porém, acredito que seus argumentos, seu raciocínio e comportamento ácido são inaceitáveis”. O presidente da universidade não o condenou, mas considerou que aquela era a visão pessoal de Alam acerca do assunto.[41](#)

“Saia Daqui, Sionista”

Sionistas não são bem-vindos na universidade. Tudo bem ser “culturalmente judeu”, e até toleram de modo contrariado a pessoa religiosa, mas basta afirmar que Israel tem o direito de defender-se, e, pronto, você está lascado.

Certo aluno da UCLA me enviou o seguinte *e-mail*: “Há uma hostilidade geral por qualquer coisa relacionada a Israel ou aos judeus dentro da universidade, vinda de todos os tipos de pessoas. Fui aconselhado a lhe encaminhar esse *e-mail*, enviado primeiramente por um dos assistentes do meu professor (que é um muçulmano persa) para a classe toda. Esse indivíduo constantemente utilizava tempo de aula para impor implacavelmente suas ideias sobre Israel, e se irritava ferozmente contra qualquer tentativa de alunos que fossem contra suas opiniões já fechadas. Outros alunos, mesmo aqueles um tanto isentos, consideravam-no extremamente avassalador nas opiniões sobre Israel e na autoridade sobre nossas notas. Embora todos tivessem medo de dizer alguma coisa ou de trazer algo à atenção do professor, muitos ficaram incomodados por sua conduta”.

O *e-mail* encaminhado pelo aluno era assombroso. A assistente do professor, Mona, encorajou seus alunos a irem ao comício que estava por acontecer com a chamada “SEM OCUPAÇÃO! SEM TERRORISMO! SEM GUERRA!” e sugeriu que os alunos lessem obras de autores amargamente anti-Israel como Howard Zinn, Noam Chomsky, Angela Davis, David Barsamian e Lyndon LaRouche. Mona também sugeriu que os alunos votassem em LaRouche em sua tentativa pela presidência.⁴²

Talvez o melhor exemplo da atitude antissionista nas universidades seja contrastar o tratamento da UC Berkeley ao ex-primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu com o tratamento da Colorado College dado ao radical porta-voz palestino Hanan Ashrawi.

Em 28 de novembro de 2000, Netanyahu foi escalado para falar na Universidade da Califórnia em Berkeley. Duas mil pessoas compraram ingressos para ouvir o ex-primeiro-ministro palestrar sobre o conflito árabe-israelense. Mas não demorou muito até que de trezentos a quinhentos alunos e professores desordeiros berrassem a entrada do local, abanando cartazes que diziam “Sionismo = Nazismo”, entoando “Apoio aos Palestinos” e ameaçando usar de violência. A segurança de Netanyahu cancelou sua ida, devido ao perigo. Enquanto isso, o departamento de polícia de Berkeley não havia feito nada para limpar os manifestantes da

área; ao invés disso, permitiram que perturbassem a paz sem ameaça de prisão.[43](#)

Para Netanyahu, o problema não acabou em Berkeley. Outra manifestação parecida barrou seu discurso na Concordia College, no Canadá, onde manifestantes anti-Israel atacaram fisicamente os pró-Israel.[44](#) Agitadores planejaram fazer o mesmo na Universidade de Pittsburgh. “Chamá-lo de ‘campeão da paz’, como fizeram em um panfleto da série de palestras, é inaceitável”, explica o professor Ken Boas, da Universidade de Pittsburgh,[45](#) membro do Professores pela Paz e pela Justiça, um grupo pacifista de esquerda contra todo conflito internacional.[46](#)

A porta-voz palestina Hanan Ashrawi recebeu, na Colorado College, boas-vindas bem diferentes das de Netanyahu em Berkeley. Embora tão antiamericana e anti-israelense quanto Osama bin Laden, Ashrawi falou sem obstáculos perante um auditório cheio de alunos. Com objeções de milhares de americanos, incluindo o governador do Colorado, Bill Owens e o ex-prefeito de Nova Iorque, Rudy Giuliani, o discurso foi adiante como planejado.[47](#)

Em sua palestra, paga com recursos públicos,[48](#) Ashrawi rotulou as políticas israelenses de “purificação étnica” e afirmou, em clara referência ao Holocausto: “não há justificativas para pagar na mesma moeda”. Ela também chamou o 11 de Setembro de “oportunidade histórica para a redenção da causa palestina”.[49](#) É praticamente inacreditável. Como resalta o colunista Daniel Pipes, “Ashrawi beija o lado inimigo da América na Guerra ao Terrorismo. Por exemplo, enquanto o governo americano designa formalmente o Hamas como grupo terrorista, Ashrawi afirma que não ‘considera o Hamas um grupo terrorista’. Também, ela considera os civis israelenses vivendo na Cisjordânia como ‘alvos legítimos da resistência palestina’ — isto é, alvos legítimos de violência mortal”.[50](#)

Um governante eleito legitimamente numa democracia liberal é impedido de discursar na universidade, enquanto uma terrorista palestina fala o que vem à cabeça com liberdade e abertura. É assim que funciona a liberdade de expressão?

A Campanha do Desinvestimento

Faz muito tempo que se levanta uma campanha nas universidades para desinvestir do Estado de Israel. Por desinvestimento os proponentes desse levante afirmam que as universidades deveriam tirar seu dinheiro de companhias que investem na economia israelense. O movimento está ganhando cada vez mais força à medida que mais e mais professores extremistas entram na jogada.

O movimento começou na Universidade Estadual de Illinois, onde o professor Francis A. Boyle pediu que cessassem os investimentos em Israel enquanto o país não saísse da Cisjordânia e de Gaza, aceitasse que a Palestina tem o direito às terras e parasse de se defender.⁵¹ A Universidade de Harvard e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) imediatamente entraram no jogo; cinquenta e cinco membros do corpo docente do MIT assinaram a petição e setenta e cinco membros do corpo docente de Harvard fixaram seus nomes no documento de repúdio.⁵²

A Universidade de Princeton fez o mesmo, com quarenta e três professores assinando a petição de desinvestimento, culpando Israel pela Intifada e o condenando por “[violam] os direitos humanos palestinos”.⁵³ As universidades Columbia/Barnard fizeram o mesmo, e 107 membros do corpo docente assinaram a petição de janeiro de 2004.⁵⁴ A Universidade de Massachusetts também entrou no bonde do ódio ao povo judeu; quarenta e cinco membros do corpo docente assinaram a petição em janeiro de 2004.⁵⁵ Por volta de outubro de 2002, as petições por desinvestimento já haviam se espalhado para quarenta universidades.⁵⁶

O centro deste movimento é o sistema da Universidade da Califórnia. O enorme montante de 223 membros do corpo docente havia assinado a petição de desinvestimento da UC em outubro de 2003, incluindo: noventa e seis da UC Berkeley, quinze da UC Davis, catorze da UC Irvine, treze da UCLA, sete da UC Riverside, trinta e dois da UC San Diego, cinco da UC São Francisco, dezesseis da UC Santa Barbara e vinte e três da UC Santa Cruz.⁵⁷

A retórica dos professores é simplesmente tão antissemita quanto seu apoio ao desinvestimento.

“O desinvestimento tem o poder de falar alto contra as invasões de Israel, os domínios ilegais e a destruição sistemática da sociedade civil palestina”, declara Karen Brodtkin, professora da UCLA. “A [opressão] gera terrorismo e isso é exatamente o que o governo de Israel tem feito e

continua a fazer”, balbucia Igosushi Kaloshian, professor na UC Riversidade, na declaração institucional do corpo docente pelo *site* da campanha de desinvestimento projetada pela UC.[58](#)

“Israel tem se tornado um estado colonizador branco, imitando a África do Sul antes do fim do *apartheid*”, vomita Lis Rofel, professora na UC Santa Cruz. “A ocupação de Israel na Palestina e a destruição dos direitos humanos e da democracia são atos tão severos quanto a dizimação do povo sul-africano”, concorda Daniel Boyarin, professor na UC Berkeley.

“O apoio financeiro e militar americano fornece a Israel U\$10 milhões de dólares por dia, dinheiro de sangue usado para manter sua ocupação ilegal e imoral da Palestina. Oponho-me ao regime de *apartheid* e racista de Israel”, escreve Leslie A. Mullin, professora na UC São Francisco.

“Por meio século, Israel tem exercido o domínio militar do Oriente Médio, mas sem paz. A ocupação militar, a colonização, a captura de terras, a destruição de casas e de pomares, os assassinatos, a extinção de liberdades não transmitem segurança, mas terror de ambos os lados, terror que se transformará em desastre”, bombardeia com palavras Susan M. Ervin-Tripp, professora na UC Berkeley. “É tempo de, sem equívocos, ficarmos ao lado da paz e da independência palestina de todas as formas possíveis”.

Em outubro de 2003, antissemitas ao longo do país se uniram na Universidade Rutgers para a Terceira Conferência Estudantil Nacional sobre o Movimento de Solidariedade pela Palestina. O objetivo: intensificar seus ataques contra Israel e contra o sionismo. Eles então voltaram cada um para a sua universidade e ensinaram mais do mesmo aos alunos.

Judeus que se Odeiam

Bom, dito tudo isso, a pergunta óbvia é a seguinte: onde estão os centros de apoio judeu lutando contra o sentimento anti-Israel e antissemita esposado pelas universidades? A resposta: muitos estão lutando ao lado dos inimigos dos judeus.

Na UCLA, o suposto chefe da comunidade judaica é um defensor do terrorismo palestino. Chaim Seidler-Feller é o que lidera a UCLA Hillel, maior comunidade universitária de judeus nos Estados Unidos. Ele também é professor de sociologia e ativista fanático do Peace Now, movimento que se alia a palestinos contra Israel. O colunista Avi Davis descreveu Seidler-Feller como “bastião das causas liberais e esquerdistas de Los Angeles, homem que organiza conferências envolvendo grupos que vomitam a mais

pútrida retórica antissemita/antissionista e duras críticas a qualquer governo de direita — seja israelense, seja americano”.[59](#)

A descrição de Davis acerta na mosca. Em um memorial pelas vítimas do Holocausto, Seidler-Feller falou a uma multidão de alunos, comparando o tratamento israelense para com os palestinos ao tratamento que os nazistas davam aos judeus. Só porque os judeus foram vítimas no Holocausto, ele disse, não significa que tenham a liberdade de fazer vítimas”.[60](#)

Em 29 de maio de 2002, o colunista e apresentador de programa de entrevistas Dennis Prager falou sobre Israel a um público de mais ou menos duzentos membros da comunidade da UCLA. Em sua fala, explicou porque Israel tem o direito de se defender contra o terrorismo palestino e discutiu a história do Estado de Israel. Seidler-Feller, crítico ferrenho de Prager, o havia apresentado ao público. Depois da fala de Prager, Seidler-Feller pegou o microfone e questionou a honestidade de Prager e de seus argumentos, afirmando-lhe que estava “exagerando a defesa” em favor de Israel.[61](#)

Mas ainda tinha mais por vir. Seidler-Feller escreveu uma carta ao editor do Daily Bruin, explicando sua posição. “Os palestinos ainda estão lutando para conseguir total liberdade e atualmente vivem sob a dupla opressão do domínio estrangeiro (os israelenses) e do domínio corrupto e antidemocrático de Arafat. Aqueles de nós que estão no movimento de paz judeu/israelense têm dito por anos que é essencial reconhecer que a Palestina é a casa dos palestinos”.[62](#) Era para esse homem ser um guia para os alunos judeus da UCLA. Que fracasso.

Outro professor da UCLA, Gabriel Piterberg, também odeia Israel, exigindo que Israel se renda às exigências palestinas, ignorando os contínuos atos de terrorismo contra os civis israelenses. Ele chama o controle de Israel sobre a Cisjordânia de “*apartheid*” e sugere um “Estado binacional” como solução para o conflito.[63](#) Na porta de seu escritório, há uma placa que diz: “Acabe com a Ocupação”. “Não dá para entender”, ele fala do tratamento de Israel para com os palestinos. Piterberg afirma ter “vergonha de ser um cidadão israelense”.[64](#) A UCLA contratou Piterberg diretamente de Israel para vir e fazer uma lavagem cerebral nos alunos. Pergunto: é uma surpresa?

A Comunidade Tikkun é um grupo judeu liderado por Michael Lerner, disseminador da propaganda anti-Israel de extrema esquerda. A página

“Quem somos” do site da comunidade se vangloria: “A Comunidade Tikkun tornou-se particularmente controversa por apoiar os direitos dos palestinos”.⁶⁵ O comitê da “Comunidade” incluía (na data de outubro de 2003) a professora Susannah Heschel, da Dartmouth College; Cornel West, da Universidade de Princeton (conhecido “supremacista negro”); Doug Allen, da Universidade do Maine; Chet Bowers, da Universidade de Oregon; Tony Campolo, da Eastern College; Harvey Cox, de Harvard; Gordon Fellman, da Brandeis University; Peter Gabel, da New College, Califórnia; Robert Gottlieb, do Instituto Politécnico de Worcester; Richard Lowery, do Phillips Theological Seminary; Ian Lustick, da Universidade da Pensilvânia; Shaul Magid, do Jewish Theological Seminary of America; Svi Shapiro, da Universidade da Carolina do Norte em Greensboro; Lawrence Simon, da Brandeis University; Paul Wapner, da American University; e Robin West, da Universidade Georgetown.⁶⁶

Vários dos professores mencionados são considerados líderes judeus na academia — como membros da Comunidade Tikkun, esses professores estão mais para simpatizantes dos palestinos, assim como a maioria dos outros líderes judeus nas universidades americanas.

Mobilizando-se Contra Israel

Anualmente, o sentimento anti-Israel na academia cresce cada vez mais, praticamente sem nenhuma oposição. No meio universitário, o termo “sionismo” soa como um palavrão. Pesquisas mostram que embora o público geral americano se incline a simpatizar mais com os israelenses do que com os palestinos (48% contra 15%, segundo pesquisa da CBS News, em abril de 2002),⁶⁷ entre os alunos universitários a aprovação de Israel cai por volta de 35% contra 22% a favor dos palestinos, sendo 6% o número que se solidariza com ambos os lados.⁶⁸

Em faculdades particulares e faculdades do nordeste dos EUA, a defesa dos alunos se concentra sobre os palestinos. Em faculdades particulares, 34% defendem os palestinos, enquanto 26% defendem os israelenses; no nordeste, 36% defendem os palestinos, enquanto 23% defendem os israelenses.⁶⁹

Em 14 de maio de 2002, Robert Fisk, colunista já conhecido por ser anti-Israel e antiamericano, escreveu um artigo intitulado “Por que John Malkovich quer me matar?”. No texto, Fisk citou Judea Pearl, professor na

UCLA, que havia chamado Fisk de “propagador do ódio”. Naturalmente, o artigo chamou a minha atenção. Um professor da UCLA apoiando Israel? Que coisa rara!

Então enviei um *e-mail* para o professor Pearl, perguntado se poderia entrevistá-lo em uma de minhas colunas. Ele não queria me conceder a entrevista, pois estava “se esforçando para evitar a grande mídia”, mas disse que pensaria no caso. “Agora, antes de pensar a respeito”, ele me escreveu, “permita-me elogiá-lo pela coragem de apresentar o ponto de vista israelense no meio universitário. Eu já estava desistindo de encontrar alunos corajosos na UCLA, especialmente no departamento de ciência política”.

Naquele dia eu não fazia ideia, mas o professor Pearl era o pai de Daniel Pearl, o repórter do Wall Street Journal brutalmente assassinado por islâmicos fanáticos no Paquistão. Depois de proclamar sua identidade judia e sua conexão estreita com Israel, a garganta de Daniel Pearl foi cortada pelos terroristas.

Quão triste é saber que a identidade judaica e a simpatia por Israel geram tanto ódio e intimidação; e não só no Paquistão, mas também nas universidades americanas.

O Bruin, o Mal e o Feio

No dia 23 de maio de 2002, depois de um ano escrevendo colunas de opinião para o Daily Bruin da UCLA, fui demitido. Tecnicamente, fui suspenso do jornal estudantil por, no mínimo, dois bimestres, e possivelmente mais se eu não “sentisse remorso”,¹ de acordo com o editor. Meu crime? Falar publicamente contra o viés pró-muçulmano dos funcionários do Daily Bruin.

Na minha época de calouro, em dezembro de 2000, candidatei-me a uma vaga não remunerada como colunista de opinião no Daily Bruin. Para a minha surpresa, fui aceito. Como “símbolo conservador”, de imediato passei a ser o colunista de opinião mais controverso do jornal.

Tudo estava indo bem. Eu era livre para escrever sobre qualquer tópico do meu interesse, exceto sobre a vaca sagrada do politicamente correto: o extremismo da Associação Estudantil Muçulmana [*Muslim Student Association* (MSA)] e o *Al-Talib*, jornal estudantil muçulmano.

Durante o meu período no Bruin, tive três editores com pontos de vista diferentes. Dois deles se recusavam a me deixar escrever qualquer coisa citando qualquer documento do MSA e do *Al-Talib*. “Precisamos confirmar suas citações com o MSA e com o *Al-Talib*”, eles diziam, como se eu tivesse inventado citações diretas. Estranho, mas nunca nem mesmo chegaram a confirmar com essas organizações.

A bem da verdade, escrevi dois artigos sobre o MSA e o *Al-Talib*, e ambos foram recusados. Ao todo, enviei trinta e dois artigos para publicação enquanto trabalhava no Bruin; trinta foram impressos. Os dois que o Bruin não publicou discutiam a seita muçulmana extremista da universidade.

Em maio de 2002, a segunda rejeição me colocou em conflito direto com o Daily Bruin. O Bruin já havia rejeitado um artigo parecido. Várias vezes rejeitaram a ideia de atacar o MSA e o *Al-Talib*. Daquela vez,

contudo, a editora de opinião, Sarah,² concordou em imprimir a coluna por ser oportuna — a publicação foi feita na “Semana Antissionista” do MSA (a qual, naquele ano, renomearam para “Semana da Consciência Islâmica”). Ela até mesmo concordou em ter meu artigo aprovado pelo MSA e o *Al-Talib*. “Prepare uma coluna reserva”, ela escreveu, “caso não consigamos confirmar a posição dos grupos até por volta de segunda-feira”.

O tempo passou. Revisei, reestruturei e reorganizei a coluna, cuja mensagem central continuava a mesma — os grupos estudantis muçulmanos da universidade estavam apoiando o terrorismo. O editor de opinião aprovou o artigo para impressão. E lá foi impresso. Em 14 de maio, às 13h55, recebi um *e-mail* do assistente de um editor de opinião, John.³ “Ben”, ele disse, “Ted⁴ [editor-chefe] analisou a sua coluna durante uma reunião de orçamento e [sic] decidiu não publicá-la. Ele acha que ela não acrescenta nada ao debate. Desculpe, mas não consigo fazer mais nada a respeito”.

Então respondi ao *e-mail* de John, dizendo que eu poderia apresentar uma “posição diferente, menos hostil”. Ele logo respondeu: “Não que o seu artigo *per se* esteja tão hostil assim; o principal problema é que você já expressou opiniões parecidas antes. NÃO precisamos de mais uma coluna sobre quem está certo, quem está errado e quem odeia quem”.⁵

Entendido. Minha coluna “não acrescentava nada ao debate”, disseram. O Bruin “não precisava de outra coluna sobre quem está certo e quem está errado ou sobre quem odeia quem”. No meu tempo de UCLA, vi colunas comparando Ariel Sharon a Adolf Eichmann; colunas justificando explosões suicidas; artigos bombardeando Israel; *notícias* publicando convocações para “Libertar a Palestina”. Mas o Bruin não podia suportar uma coluna impressa que simplesmente fizesse o trabalho de citar a mídia discente muçulmana da UCLA.

Logo depois falei com Larry Elder, apresentador e entrevistador na KABC. A pedido dele, eu havia aparecido em seu programa, no mês de novembro de 2001, para discutirmos um artigo meu no Daily Bruin; já nos conhecíamos. Ele então me ofereceu generosamente uma entrevista no dia 20 de maio de 2002, segunda-feira.

Durante a entrevista, disse que parecia haver um padrão comportamental da UCLA para com sua comunidade muçulmana. Conectei as políticas e a conduta do Daily Bruin com a posição majoritariamente pró-muçulmana da

UCLA. Discuti sobre a grande quantidade de verba estudantil direcionada à mídia universitária; parte da mensalidade da UCLA inclui uma taxa obrigatória que é convertida para a mídia estudantil. Por exemplo, o valor cobrado na minha mensalidade paga a Nommo, revista dos negros universitários, embora eu discorde do ponto de vista do periódico. Telespectadores nos ligavam indignados tanto com a censura do Daily Bruin quanto com as políticas abertamente pró-muçulmanas da UCLA.

Terça à tarde, assim que entrei no editorial do Bruin, sabia que a entrevista me custaria caro. Um dos assessores do Bruin veio me perguntar se naquele dia eu já havia falado com o editor-chefe. “Não”, respondi. “Ele não está nada contente com você”, o assessor comentou.

Na quarta-feira, Sarah, a então editora de opinião, me mandou uma mensagem de texto no celular, dizendo que queria ter uma reunião comigo. Do editorial, liguei para ela e disse que poderíamos marcar a reunião para quinta-feira.

Na quinta-feira, 23 de maio de 2002: o confronto. Entrei no editorial, onde a editora de opinião me puxou de canto. Então ela começou a ler para mim o ato de motim, embora desejasse imprimir o artigo original.

“Eu acho que o que você fez foi desagradável”, ela falou de supetão. “Se tivesse um problema, você deveria ter falado conosco primeiro”.

Então expliquei a ela: “Não é *com você* o meu problema, afinal você está disposta a imprimir o meu artigo. Meu problema é com o Ted [editor-chefe] e com Katy⁶ [ex-editora-chefe]. Foi ele quem barrou meu texto, não você. E, sim, eu vim ao Bruin antes, e falei a respeito de um artigo sobre esse assunto ao menos quatro ou cinco vezes”.

“Bom, ainda acho que você foi extremamente desagradável”, ela retrucou.

Sarah me disse que eu havia quebrado várias políticas da coluna de opinião. Primeiro, eu havia dado uma “entrevista por fora” com Larry, e sem o consentimento do Daily Bruin. Em segundo lugar, ela afirmou que eu não havia me identificado com suficiente clareza como “colunista de opinião”; uma inverdade, desde que Larry havia me identificado repetidas vezes como colunista, e, por definição, colunistas não são repórteres. Terceiro, eu não havia “buscado conselho editorial” do meu editor antes de “interagir com o público sobre um assunto sensível e de certa forma controverso”.⁷

O Daily Bruin havia implementado tais políticas em janeiro de 2002, quatro meses antes do ocorrido. Os colunistas de opinião não foram obrigados a assinar seus termos e, portanto, não estavam sujeitos à lei.

“Você está, portanto, suspenso do *Bruin*”, ela continuou, “por no mínimo dois bimestres. Você pode se recandidatar no inverno de 2003”.

Assim que saí do editorial, liguei para Les Siegel, produtor de Larry, e lhe contei sobre a demissão. Outra vez, ele concordou em me conceder mais tempo no programa para discutirmos sobre a demissão: às 17h do dia seguinte. Les também chamou Sarah para participar. Ted, o editor-chefe, não se deu ao trabalho de aparecer no mais antigo programa de entrevistas de Los Angeles para discutir *sua* decisão — pelo contrário, ele enviou a editora de opinião para representá-lo.

Assim que a entrevista começou, ficou claro que o Daily Bruin não havia me demitido por quebrar políticas da empresa, mas por revelar a censura perpetrada pelo jornal.

“Sarah, isso não tem nada que ver com o que o Sr. Shapiro disse? Em outras palavras, se estivesse aqui no programa e dissesse ‘Considero o Daily Bruin um excelente periódico’, ele ainda teria sido suspenso?”, Larry perguntou à editora de opinião.

“Sim, teria”, Sarah respondeu. “Sua suspensão não teve ligação com o conteúdo”.

“Se ele tivesse dito: ‘Estou aqui dando essa entrevista, mas, embora eu seja colunista, não represento as visões da universidade. Não represento as posições do periódico para o qual trabalho, embora eu seja colunista de lá’, Ben teria tido problema?”, Larry a pressionou.

“Sim”, ela insistiu.

Mais para frente da entrevista, Larry encontrou a brecha no argumento de Sarah: eu havia com suficiente clareza me identificado como colunista do Daily Bruin durante a entrevista anterior.

“Sarah”, Larry se voltou para ela, “por definição, o *colunista não representa* as opiniões do periódico. Já recebi muitos convidados no meu programa. Alguns, por exemplo, do jornal LA Times, e eles não ficam dizendo ‘A propósito, Larry, eu não represento as posições do jornal’. É óbvio, eu sei disso, afinal você é um *colunista!*”.

“Certo”, ela admitiu. “Mas, Larry, você ficaria surpreso com o quanto de gente não entende essa distinção”.

“Bom, daí esse já é um problema deles, não seu, nem do Ben!”

Ela gaguejou na hora de dar uma resposta, supondo que, antes de tudo, aquela era uma “questão de credibilidade”. “Mas”, eu a interrompi, “por lei, o Bruin não é responsável por qualquer coisa que eu diga”.

“Sarah”, Larry acrescentou, “com todo o respeito, eu escrevo para o Jewish World Review, para o WorldNetDaily.com... [e posso dizer com propriedade] por definição, o colunista emite sua própria opinião”.

Daí de eu não ter sido demitido por ter representado o jornal de forma incorreta. Por que, então, fui demitido? Por falar a verdade. Larry acertou na mosca durante a entrevista.

“Sarah”, Larry perguntou, “[Ben] foi suspenso por ‘no mínimo dois bimestres’. Por que ‘no mínimo’, e não ‘dois bimestres, um bimestre, três bimestres?’”.

“Foi uma decisão tomada pelo editor-chefe”, ela respondeu.

“E por qual motivo? Quando ele pode parar de pagar penitência? O que ele precisa fazer para voltar?”

“Ele pode se recandidatar em janeiro. E deve garantir que seremos informados antes de qualquer comunicação com a mídia externa.”

“Então o castigo é medido pelo grau de remorso dele?”

“Bom, chame como quiser.”⁸

Uma semana depois, comecei a publicar uma coluna de circulação nacional com o Creators Syndicate. A organização graciosamente ofereceu ao Daily Bruin a oportunidade de imprimir minhas colunas de graça — e o *Bruin* recusou. Eles ainda se recusam a imprimir meus textos. É assim que funciona a liberdade de expressão nos periódicos universitários.

O Código Moral do Daily Bruin

Não fiquei exatamente surpreso quando o conselho editorial do Daily Bruin e eu acabamos em lados opostos de um conflito. Afinal, esta era uma equipe editorial mais à esquerda que Karl Marx. O Pravda mal consegue esquentar banco para o Bruin.

O Daily Bruin foi o primeiro jornal estudantil do país a endossar o cessar de investimento em Israel. Depois de comparar Israel com a África do Sul e a Birmânia, o conselho editorial escreveu: “no caso de Israel, que não fique ambígua a posição da UC; é necessário cessar os investimentos imediatamente”.⁹ Os editores também defenderam a desumana aula de inglês da UC Berkley “Poética da Resistência Palestina”. Depois que Richard Atkinson, presidente da UC, falou contra a proposta da aula, o

conselho editorial do Bruin o bombardeou. “Nem os gestores nem o presidente têm qualquer poder a ponto de criar empecilhos ao curso das aulas, gerido individualmente pelo docente”, eles afirmaram. “O fundamento de uma universidade é promover novos pontos de vista, ainda que sobre assuntos sensíveis. A menos que os alunos e professores tenham espaço para desafiar a crença popular e introduzir novos conhecimentos, o próprio conceito de academicismo perde sentido”.[10](#)

O Bruin opõe-se em absoluto à Guerra ao Terror. “O presidente Bush está falando sobre marchar diretamente em uma guerra contra o Iraque, e possivelmente contra todo o Oriente Médio, mas a nossa geração permanece em silêncio”, escreveram os editores. Inchados de presunção, insistiram: “Uma campanha militar com objetivos ambíguos e motivos incertos vale o sacrifício de nossos semelhantes e amados? A menos que a geração Y possa responder com um sonoro ‘sim’, a Guerra ao Terror não deveria continuar”.[11](#)

Eles também amam jogar a cartada racial. Quando o presidente do Conselho da Associação de Estudantes de Graduação (Bacharel) da UCLA, David Dahle, nomeou quatro alunos para o comitê, o Bruin imediatamente alvejou a cor de pele deles. “O Conselho da Associação de Estudantes de Graduação (Bacharel) recusou-se a aceitar quatro alunos brancos nomeados pelo presidente David Dahle para o comitê jurídico com base na falta de diversidade. E esse foi o certo a fazer. Dahle errou ao não considerar pessoas de diferentes etnias ou contextos”.[12](#)

O mesmo grupo editorial incentiva os alunos a fazerem proselitismo por ações afirmativas. “Os alunos também podem educar comunidades quanto às formas como a ação afirmativa pode beneficiá-los — a despeito da raça, do sexo e da etnia. Ao longo das atividades de extensão e ações diretas, os alunos podem transformar a consciência de suas comunidades e educar outros quanto à necessidade da ação afirmativa”.[13](#)

E o que dizer sobre a opinião do Bruin sobre o projeto de privacidade racial de Ward Connerly, membro do conselho da UC, que preveniria os candidatos de terem de afirmar sua raça? “[O projeto] somente apagará qualquer registro na desigualdade social motivada pela raça. Minorias continuarão tendo seus tetos dilacerados, continuarão a compor 60% dos sentenciados ao corredor da morte e, mais diretamente afetando a UC, continuarão a ter pequena representatividade na arena universitária”.[14](#) Os

sentenciados ao corredor da morte deveriam ser selecionados com base na diversidade? O Bruin pensa que sim.

Candidatando-se à Vadiagem na Universidade

Passada a metade de 2001, os editores do Daily Bruin precisavam de algo para apimentar o jornal. Eles queriam esquentar as coisas, como em um canal adulto. Adicionaram então a “coluna do sexo”. Agora, não foi uma decisão tão fora do padrão quando se tem em vista que seus implementadores são pessoas que compararam uma loja de utensílios eróticos em Westwood com uma livraria cristã.¹⁵ Aqui estão alguns dos pontos mais sem sal da coluna “sexpert” da UCLA:

- De um artigo intitulado “Dominar a arte de falar besteira durante o ato sexual com o parceiro intensifica a paixão na cama”: “certifique-se de que é o nome do parceiro que você está falando quando estiver prestes a atingir o clímax [...] diga o quanto você ama as diferentes partes do corpo do seu parceiro e quão bem se sente quando ambos estão nus [...] O reforço positivo não só estimula a autoconfiança como também gera reciprocidade durante o sexo”.¹⁶
- De uma coluna com a manchete “Faça sexo com riscos: em lugares abertos”: “o sexo já aparecia por aí muito antes de qualquer sociedade surgir ou de casas serem construídas ou de a palavra ‘conservador’ ter qualquer peso de significado legítimo [...] Para alguns, o exibicionismo é simplesmente fazer sexo na frente da janela com as cortinas abertas — morar virado de frente para uma fraternidade, e é assim onde eu vivo, dá uma boa ideia do que isso significa. Agora, para os mais tarados, há sempre um banheiro público de um bar”.¹⁷
- Extraído do “Apimente sua vida frequentando clubes de *strip*”: “O corpo feminino é definitivamente lindo para qualquer um e, portanto, agradável aos olhos. Muitos de vocês, homens, sabem bem do que estou falando. Afinal, vocês dominam o cenário do clube *strip* feminino. Agora, senhoritas, não está na hora de perceberem o quanto clubes de *strip* têm a oferecer? [...] Quantas de vocês já sentiram algo a mais numa amizade com outra mulher? [...] Claro, o pensamento assim que chegou logo foi embora porque sempre ouvimos que sentimentos assim são anormais ou inaceitáveis”.¹⁸

- De uma coluna intitulada “Sexo sem compromisso: agora não é coisa só de ‘pecador’”: “Faculdade: o lugar onde a virgindade se perde no esquecimento e onde o sexo costuma estar a uma só festa de distância. Para a maioria, não é até o período da faculdade que verdadeiramente começamos a entender o predomínio e o desprendimento do sexo — especialmente com a introdução de dormitórios mistos [...] De fato, o sexo casual é um tema recorrente na vida universitária...”.[19](#)

Esse tanto de lixo vulgar e obsceno se atreve a nem mesmo relegar-se à coluna sobre sexo. Em 9 de maio de 2002, o Daily Bruin publicou na primeira página um artigo intitulado “Receitas para Apimentar o Sexo”. A folha mostrava *lingeries*, algemas e um brinquedo sexual. O artigo descrevia uma palestra da Dra. Joan Irvine a um grupo de aposentados, casais de meia-idade e mulheres mais jovens. “Sempre nos ensinaram que se conquista o homem pela barriga — esqueça isso, o método está um palmo abaixo”, ela disse. Irvine continuou a descrever as inúmeras formas de apimentar a vida sexual, incluindo o uso de brinquedos sexuais, como chicotes. O Bruin, feliz da vida, publicou isso como *notícia*. “A salvação sexual pode estar a apenas alguns pacotes de pilhas de distância”, o repórter suspirou.[20](#)

E não apenas o Daily Bruin. Os jornais da Universidade de Yale e da Universidade do Kansas também têm colunas sobre sexo contendo material explícito semelhante. A coluna sobre sexo da Tufts University chama-se “Entre os Lençóis”; a da Universidade Estadual da Califórnia em Long Beach leva o nome de “Sexo na Praia”. A UC Santa Barbara tem a coluna “Quarta Quase Sexta”, e a Universidade Cornell tem uma chamada “Volte de Novo”. Os conselhos e as discussões destas e outras colunas parecidas incluem comentários como:

- frases prontas para falar durante o sexo;[21](#)
- cavidades do corpo onde procurar camisinhas perdidas;[22](#)
- o maior pecado da indústria pornográfica: excluir o uso de preservativos durante o ato (“mau exemplo para os telespectadores”);[23](#)
- várias técnicas para o sexo anal;[24](#)

- como lésbicas podem fazer sexo como mulheres heterossexuais.[25](#)

E aqui está uma joia da Universidade Estadual de Ohio:

Não, sexo não é como um filme pornô — como a maioria dos rapazes acha que será a partir do próprio consumo de pornografia. E o sexo não é algo belo entre duas pessoas, como a maioria das garotas aprende a acreditar. O sexo pode ser provavelmente o ato mais absurdo a acontecer entre duas pessoas [...] Duas pessoas — rostos contorcidos, num misto de puro gozo e costas arranhadas —, um peido enquanto dois corpos se esfregam um contra o outro.[26](#)

Que lindo. Os jornais universitários tornam o sexo tão romântico e espiritual quanto uma flatulência.

A Grande Conspiração da Esquerda

Uma rápida amostra de jornais estudantis ao redor do país revela que o incrível ponto de vista esquerdista nos conselhos editoriais não é exclusividade do Daily Bruin. Escolha uma data aleatória e um jornal universitário aleatório e pode ter a certeza de se deparar com opiniões eminentemente esquerdistas por parte dos editores. Neste caso, usei a data dos dias 1–2 de outubro de 2002. Vejamos o que os editores têm a dizer:

O jornal Columbia Spectator publicou edições em ambos os dias se opondo a um ataque americano no Iraque. A edição de 1.º de outubro dizia: “A guerra proposta pelo governo Bush contra o Iraque é um mal-entendido. Baseia-se em suposições fracas, retórica rasa e um desejo imprudente por glória [...] O plano do presidente Bush é um erro. Os Estados Unidos não deveriam ir à guerra contra o Iraque”. No dia seguinte, o conselho editorial prosseguiu, e convocou o Congresso a nem mesmo *debater* sobre um ataque ao Iraque: “O debate repentino sobre a guerra com o Iraque está roubando a atenção do governo americano em um momento de urgência [...] Os vínculos pessoais de Bush com o petróleo não deveriam conduzir os EUA à guerra”.[27](#)

O conselho editorial do Harvard Crimson elogiou o senador Tom Daschle por ter se irado contra uma observação do presidente Bush em que supostamente afirmava que os democratas não se interessavam pela segurança nacional: “Irritado com razão, Daschle acusou Bush e outros republicanos de explorarem a Guerra ao Terror para ganhos políticos, e contra-atacou a reivindicação ridícula de Bush [...] O discurso de Daschle é

um sinal bem-vindo de que os democratas podem, na verdade, começar a agir como um partido de oposição, cujo líder seria Daschle. É responsabilidade deles oferecer a crítica necessária contra a política de Bush, que insiste nos ataques preventivos.²⁸

Os editores da Yale University Daily News [da *Universidade de Yale*] convocaram os alunos a rejeitarem a “ocupação” universitária perpetrada pelos recrutadores das Forças Armadas americanas por causa da política militar “não pergunte, não fale” que repele homossexuais confessos: “quando os recrutadores chegassem à universidade neste mês, o News incitou os alunos e professores de direito a se candidatarem para entrevistas, encher seus quartos de hotel e fazer como os alunos de Harvard fizeram no mês passado: não perguntar sobre opções de carreira. Falar sobre direitos iguais”.²⁹

O jornal estudantil da Faculdade de Boston publicou o seguinte edital, pedindo à administração que fosse mais tolerante com os homossexuais: “A administração da FB posiciona-se oficialmente sobre a orientação sexual, tendo, talvez, o maior papel em perpetuar a notória intolerância da instituição [...] Somos aqueles que vivem em uma comunidade onde as pessoas não são protegidas contra a discriminação sexual, que vivem em uma comunidade onde a administração escolhe não permitir o apoio para seus alunos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros; somos aqueles que suportam a reputação de intolerantes contra a diferença”.³⁰

Você poderia pensar que estou citando apenas frases das universidades onde o esquerdismo é uma parte da herança do Estado. Mas olhe este exemplo aleatório de citações a partir de conselhos editoriais em estados que a direita é forte, de 1–2 de outubro de 2002:

Na Universidade do Kansas, o conselho editorial do Daily Kansan rebaixou a suposta falta de minorias estudantis, apesar de um aumento de 12% desde 2001 a 2002: “embora possamos parabenizar as matrículas da Universidade do Kansas por seus primeiros passos em resolver o problema da diversidade, não passam disso: primeiros passos”.³¹ (61% do povo do Kansas votaram em George W. Bush nas eleições de 2000).

Um edital da Universidade de Montana Kaimin detonou os grandes negócios: “pouco a pouco, parte por parte, nosso ambiente e nossa fidelidade estão sendo vendidos para o mais alto licitante [...] Nossa universidade é uma comunidade, não um campo de batalha por dólares

ambiciosos. Somos alunos, funcionários e professores, não consumidores esperando até chegar o nosso próximo impulso por mais compras. Nosso espaço e nossa fidelidade não deveriam ser vendidos para o mais alto licitante”³² (Bush teve 64% dos votos em Montana).

Os editores da Idaho State University Bengal insultaram o presidente Bush por apoiar um ataque contra o Iraque: “Enquanto o Congresso passa uma resolução que dá a Bush, um presidente sanguinário, o poder para avançar uma ação militar no Iraque, a possibilidade de um conflito é mais real agora do que antes”.³³ (Em Idaho, Bush teve um total de 71% dos votos).

A equipe editorial da Universidade de Utah Chronicle implorou à administração que jogasse dinheiro no lixo com um programa de reciclagem ineficiente: “Você achava que perder para as Forças Armadas era ruim. Agora, perdemos para a Brigham Young University. Nossa contraparte conservadora no Sul tem ultrapassado e excedido nossa excelente instituição em progressismo, ambientalismo e consciência social em uma batalha de compromissos com os ideais progressistas [...] Eles estão transformando o mundo num lugar melhor enquanto reciclam lixo, mas nós não [...] Os administradores podem mudar a situação dando mais dinheiro para a reciclagem e olhando para programas que já estão funcionando em outras universidades”³⁴ (72% dos eleitores de Utah votaram em Bush).

Pressão do Grupo

Não só os professores moldam a opinião dos alunos universitários. A opinião de colegas que já sofreram lavagem cerebral também influencia suas opiniões. E jornais universitários têm um bom alcance. O Daily Bruin alcança aproximadamente dezesseis mil pessoas por dia, dentro e fora da universidade. Ao todo, os jornais universitários são lidos por centenas de milhares de alunos.

Os jornais estudantis são fontes interessantes também por outro motivo: eles constituem uma janela para a mente do corpo estudantil já doutrinado. Os alunos expressam seus pensamentos e sentimentos, suas experiências e suas opiniões. Quase tudo isso é voltado à esquerda.

Jornais estudantis rivais que imprimem material conservador estão frequentemente sujeitos ao crime discente. Em 24 de outubro de 2001, os alunos roubaram mil cópias do Daily Californian da UC Berkeley depois

que o Instituto Ayn Rand colocou um anúncio intitulado “Fechem os Estados que Patrocinam o Terrorismo”: “o que a Alemanha era para o nazismo nos anos 1940, o Irã é para o terrorismo hoje. Quanto ao mais que possa ser feito, portanto, os Estados Unidos podem colocar um fim aos traficantes da Jihad apenas deixando o Irã de fora”, dizia o anúncio.

Os alunos “justiceiros” deixaram panfletos para marcar seus roubos. “Devemos nos posicionar contra a perpetuação de uma política sistemática de extrair e reforçar o ódio e o racismo em nossos jornais estudantis”, o panfleto dizia. “Até o Daily Californian mudar sua política, não permitiremos que as coisas continuem como estão. Por consequência, tomamos as cópias da publicação de hoje do jornal”. O panfleto também chamava o anúncio de Rand de “irracional e incendiário”. É claro, ao invés de debater sobre quão “irracional” os anúncios eram, os alunos roubaram os jornais. A “Loucademia de Polícia” da UC Berkeley prometeu caçar os criminosos. Apesar dos oito roubos de jornais anteriores em Berkeley, a polícia da UC acabou não prendendo ninguém.[35](#)

Então, os alunos são expostos a apenas um lado da história — o lado obscuro.

Desde censurar alunos conservadores em nome do politicamente correto à impressão de lixo pornográfico nas primeiras páginas do periódico, os jornais discentes são exemplos do tipo de pensamento que domina as universidades. A cada aluno que entra no sistema universitário, a doutrinação só cresce.

Panelinhas Universitárias

Grupos estudantis são os lobistas da universidade. Eles imprimem panfletos. Eles promovem protestos. Eles lamentam. Eles gritam. Eles lutam. Grupos como a Associação Estudantil Africana, a Associação de Orientação Gay e Lésbica, o *Movimiento Estudiantil Chicano de Aztlán* (MEChA), a Associação Estudantil Muçulmana e seus canais de mídia, como Nommo, TenPercent, LA gente de Aztlán e Al-Talib, todos recebem verba da mensalidade estudantil para vomitar suas agendas radicais.

Na UCLA, o levantamento de recursos também não é dividido proporcionalmente entre grupos. No sistema corrupto, o dinheiro é afunilado para o grupo que controla o governo estudantil. Por exemplo, em 2001–2002, o diretor de revisão orçamentária da USAC era Mohammad Mertaban, alguém que justifica ataques suicidas. “Não estamos na posição de condenar um ataque suicida porque nenhum de nós experimentou o que eles passaram sob cinquenta e três anos de opressão”, Mertaban afirma.¹ Não surpreende que a Associação Estudantil Muçulmana (MSA) tenha recebido um total de U\$12.322,72 voltados a programas; a União Estudantil Judaica (JSU) não recebeu nada.²

O mais surpreendente é a base de alocação orçamentária para ambos os grupos. Até o ano letivo de 2003–2004, esta verba era para ser alocada com base unicamente no número de constituintes em cada grupo estudantil. Enquanto existem pelo menos o mesmo número de membros da JSU como do MSA, a MSA recebeu a grande quantia de U\$5.203, enquanto a JSU recebeu apenas U\$1.243.³

No geral, a JSU foi o grupo que perdeu mais na contagem financeira, devido ao fato de que, de todos os grupos estudantis, ela é a organização mais conservadora. A União Estudantil Africana recebeu U\$7.803; a Associação de Orientação Gay e Lésbica recebeu U\$2.608; e o MEChA

recebeu U\$7.636,75. A alocação não foi de maneira alguma representativa em proporção diante dos diferentes grupos na universidade.⁴

A tendência continuou em 2003–2004. Enquanto o padrão para o orçamento mudou da membresia para um sistema baseado em pontos por retenção de membros e alcance, a JSU continuou na desvantagem. No fim, a JSU foi forçada a arquivar um caso com o comitê judicial do Conselho de Associação de Alunos Não Graduados.⁵

O dinheiro continua fluindo para os grupos estudantis mais radicais, e aqueles que pagam mensalidade não podem fazer nada para impedir isso. E o que esses grupos defendem é assustador.

Grupos Estudantis “Africanos” e Nommo

A União Estudantil Africana (ASU) é uma união nacional com escritórios na maioria das universidades. Esses escritórios não dependem um do outro para funcionar, mas o que têm em comum é o objetivo de separar os americanos negros de todos os outros americanos.

O estatuto da ASU da Universidade da Geórgia trata todos os americanos negros apenas como africanos, e lista como um de seus objetivos “possibilitar alunos africanos e outros do mesmo povo a compartilharem a riqueza cultural do continente africano”,⁶ ainda que muitos negros tenham vivido nos EUA por várias gerações mas nunca visitado a África. O propósito da ASU do Texas é “criar uma consciência estudantil crítica de questões africanas; seu orgulho, unidade e desenvolvimento”, de acordo com seu website.⁷ O objetivo da ASU da Universidade de Syracuse é “providenciar ao aluno africano [sic] um fórum para expressar sua cultura”.⁸

A ASU não é a única organização “africana” nas universidades. Outra importante organização negra é a Associação Estudantil Africana (ASA). O propósito da ASA reflete perfeitamente o propósito da ASU: dividir o corpo discente. A suposição de que todos os alunos negros são “africanos” é implícita no nome da Associação Estudantil Africana. Os membros da ASA são “um grupo dinâmico de alunos, *a maioria de africanos*, que empreende várias atividades, incluindo conversas e eventos culturais, com o objetivo de promover a consciência da riqueza da cultura e do povo africano”, de acordo com a ASA da Universidade de Massachusetts.⁹ Mas quantos membros da ASA são de fato cidadãos africanos? Meu palpite é: poucos.

Nommo é a revista dos negros da UCLA. Aqui estão exemplos de citações da Nommo:

- Eis uma pérola do periódico sobre o 11 de Setembro: “Cerca de 4.000 pessoas perderam suas vidas naquela manhã. Foi também quando a lenta tortura sobre o significado de justiça começou. Imediatamente após os ataques, assim como na repercussão do bombardeio de Oklahoma City, Osama bin Laden, muçulmanos e pessoas de descendência do Oriente Médio se tornaram suspeitos [...] O procurador-geral bunda-mole Ashcroft publicou uma ordem nacional para deter 5.000 homens de descendência do Oriente Médio a fim de serem ‘entrevistados’ de forma forçada [...] O governo americano faz muita sujeira em nome do povo americano e pergunta [sic] por que os Estados Unidos e seus interesses são alvejados pelos chamados grupos terroristas. Por mais ferrados que [sic] nós estejamos [sic] por conta dos eventos de 11 de Setembro, nós não podemos permitir ser cegados e alimentados com m**da pelo nosso governo [...] O presidente Dubya e o procurador-geral bunda-mole Ashcroft deram seus pulos ao deterem centenas de pessoas sem motivo [...] Dentre todas as raças, os negros não deveriam se calar sobre o assunto. Como negros, sabemos o que é ser suspeito no comércio e na moradia. E sabemos como é sempre se encaixar no perfil descrito quando somos enquadrados pela polícia. Nossas vozes devem ser ouvidas em apoio aos irmãos sikh, à irmandade do Oriente Médio e do Sul Asiático. De outra forma, nosso silêncio pode nos levar a um destino parecido com o dos 12 milhões de pessoas que morreram nos campos de concentração nazistas”.[10](#)
- Askari Abdul Muntaqim pesa com sua posição sobre a civilização americana: “Não estou supondo que a AmériKKKa seja civilizada...”.[11](#)
- Noluthando Williams questiona se a América é uma nação terrorista: “os EUA são um regime secretamente ditatorial que faz de tudo para proteger os interesses das suas elites [...] Então, antes que nos apressemos por levantar uma bandeira americana, por nos alistar nas Forças Armadas americanas ou insultar os habitantes do Oriente Médio, e porque verdadeiramente queremos fazer a coisa certa, cabe

perguntar o que é a coisa certa. Quem são os verdadeiros culpados do terrorismo global?”.[12](#)

- Sobre o Zimbábue: “Por que estão removendo os brancos da terra do Zimbábue? É claro, o motivo é óbvio. A terra foi violentamente roubada em 1890 [...] Os fazendeiros brancos, agora descendentes dos terroristas originais, têm afirmado que, desde que não roubaram a terra pessoalmente, eles deveriam ser compensados por suas propriedades antes de saírem [...] Agora, antes de começarmos a nos parabenizar, é melhor examinarmos o quadro completo, porque se isso se tornar tendência na África, deveria ser uma tendência que melhore a qualidade da vida para aqueles que sofrem hoje como resultado do colonialismo e do neocolonialismo”.[13](#)

Além de surrar a “Amérikka”, grupos de estudantes negros se especializam em chamar de “ofensivos” os pontos de vista políticos de oposição. Depois que o *Daily Student* da Universidade de Indiana (IDS) publicou um desenho antiafirmativo de Dan Carino, da Universidade Estadual de San Jose, a União Estudantil Negra (BSU) ficou furiosa. A história apareceu nas manchetes nacionais. Cem pessoas se reuniram para discutir a “insensibilidade” da charge. “Estamos aqui basicamente porque sentimos que o [*Daily Student*] tem uma enorme falta de consideração pelo corpo discente e nos desrespeita constantemente”, lamentou o presidente da BSU, Gerald Mitchell. A líder em ação política da BSU, Carolyn Randolph, afirmou que o *Daily Student* foi “muito exclusivo e elitista”. Apesar do fato de que 41% das primeiras páginas do IDS durante o período em questão tivessem pelo menos uma história sobre questões negras.[14](#)

Desenhos são, aparentemente, um assunto melindroso. O *Daily Targum*, da Universidade Rutgers, publicou uma tirinha intitulada “Ciclope Flamejante”, de Gary Gretsky. A tirinha retratava um monte de pessoas brancas da “Caipiralândia” — esses “brancos” insultam qualquer coisa que seja diferente deles. Falando sobre os negros, uma garota branca afirma que os negros estão “sempre reclamando” e que está cansada de sempre conseguirem uma “boquinha grátis”. Outra personagem branca na tirinha responde: “Na senzala!”. Obviamente, o objetivo da tirinha era atacar o gritante racismo branco. Como o professor Steve Adubato da Rutgers escreveu: “Uma pessoa responsável — branca ou negra — entenderia que Gretsky estava fazendo uma afirmação ‘antirracista’. Qualquer idiota

entenderia que a frase ‘Na senzala!’ era para zombar de qualquer um, particularmente de uma pessoa branca, que jamais gostaria de trocar de lugar com um americano negro”.¹⁵ Mas a União Estudantil Negra de Rutgers reagiu à tirinha feito um animal ferido. “Pode ser que [Gretsky] tenha tentado se afastar de noções racistas. Isso, no entanto, não nega nem justifica o uso de uma tirinha cômica para discutir uma questão sensível que afeta grande parte da comunidade de Rutgers”, reclamou Nadir Joshua, secretário da União Estudantil Negra (ASU). Aqueles que participaram de um encontro para protestar contra a tirinha cômica antirracista exigiram que o Daily Targum “procurasse maior representatividade da comunidade minoritária, visando prevenir ocorrências semelhantes”, desse aos funcionários treinamento de engajamento e conscientização, abrisse portas aos grupos minoritários nas propagandas dos editoriais, demitisse os editores que haviam permitido aquela tirinha e publicasse uma retratação formal de uma página completa no Targum.¹⁶

A hipersensibilidade de grupos estudantis negros beira o ridículo. A seguir, um caso clássico: na Universidade da Califórnia em Long Beach, a turma de design gráfico criou um panfleto para sua primeira mostra artística, intitulado “Nossa primeira pendurada”. O panfleto continha uma figura de um laço de corda. A ASU ficou irada, exigindo retratação formal a toda comunidade negra do câmpus, visto que laços de corda remetem aos antigos linchamentos. “Nessa imagem, nós não vemos um mero laço. É ofensivo demais”, reclamou a presidente da ASU, Leilana Ford. A professora da classe de design gráfico, a mesma mulher que aprovou o panfleto, Tanya Cummings, recusou-se a se retratar pela imagem. “Lamentamos a forma como a imagem foi interpretada, mas não peço desculpas pelo trabalho”, Cummings afirmou. A propósito, Tanya Cummings é negra.¹⁷

Grupos Homossexuais e a TenPercent

A Associação Gay e Lésbica (AGL) é outra organização nacional com bases locais pelo país. Na UCLA, a AGL se identifica como a “Aliança Queer”.¹⁸

A constituição da AGL da Universidade Auburn afirma que o propósito é “fornecer apoio para pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgêneras, seus amigos e apoiadores [...] para educar a universidade e a comunidade sobre questões gays, lésbicas, bissexuais e transgêneras [...] para estabelecer na

universidade e na comunidade um ambiente livre de preconceito baseado em orientação sexual”.[19](#)

Parece inofensivo na teoria. Na prática, a AGL e grupos como ela são bem mais perigosos. Eles procuram não apenas a tolerância, mas a aceitação. Se não aceita o homossexualismo, você é rotulado de “homofóbico”. Um item na agenda do grupo gay é tirar as aulas de formação de oficiais militares da universidade (ROTC) por causa da política militar “não pergunte, não fale” para com a homossexualidade. A Universidade de Harvard proíbe o ROTC por causa do “não pergunte, não fale”; Kevin Jennings, membro do Diretório Gay e Lésbico de Harvard, diz que permitir o ROTC voltar à universidade seria um “grande erro”.[20](#) O ROTC é proibido por motivos parecidos em Yale, Brown, Stanford e Columbia.[21](#)

O evento mais gritante da AGL é a “Semana Nacional de Sair do Armário” [*National Coming Out Week*], em que seus integrantes pedem ao corpo discente e docente que expressem seu “orgulho gay”. Eles patrocinam propagandas em jornais estudantis listando pessoas gays na universidade, entopem o ambiente universitário com propaganda homossexual. Na UCLA, penduram um grande cartaz na Westwood Boulevard, em honra à ocasião.

E a retórica da panelinha gay na universidade, como expressa pelos periódicos que recebem apoio da universidade, como a TenPercent, é chocante. Os homossexuais se horrorizam com quem não é promíscuo, com quem não quer tornar a sexualidade o baluarte de sua própria identidade. Veja a agressividade propagada por essa investida homossexual:

- Da análise de uma música: “Hétero, gay, bissexual — seja qual for sua orientação sexual, esse álbum fará você querer entrar nesse ritmo. E não estou falando de algo decente ou puritano; falo do estilo sujo, obsceno...”[22](#)
- “Todo cara gay tem a fantasia secreta de ser uma rainha das vadias.”[23](#)
- Comparando de forma blasfema a criação do mundo com a criação do homossexualismo: “No princípio, antes que Charles Gilber Chaddock cunhasse o termo ‘homossexualidade’, a sexualidade era sem forma e vazia, e a escuridão cobria a face dos gêneros, enquanto

o vento de deus pairava por sobre a face do desejo. Então disse deus: ‘Haja lésbicas’; e houve lésbicas...”[24](#)

- Recomendando a relação sexual entre gays desconhecidos: “Quando a salinha fica escura, seu parceiro pode ser qualquer um.”[25](#)
- “Nosso compromisso na TenPercent é colocar o ‘sexo’ de volta no ‘homossexual’”. Depois, a revista prosseguiu recomendando vários brinquedos sexuais.[26](#)
- Sobre a crescente aceitação da homossexualidade: “Meu coração fica aquecido quando vejo dois pais [homens] de mãos dadas com a filha passeando. Sorrio para um velho casal de lésbicas sentado diante de mim no ônibus. Na minha opinião, o amor rege todas as coisas. É só questão de tempo antes de tudo ficar bem. Gays terão direitos iguais [...] Acabamos nos contentando, mesmo que pouco, com a cidadania de segunda classe porque, algum dia, pensamos, as coisas vão melhorar. Bom, eu já estou cansado de esperar”.[27](#)

Na Universidade da Carolina do Norte em Wilmington (UCNW), um grupo de alunos gays expôs várias de suas revistas, *Queer Notes*, na União Estudantil. O periódico continha a imagem pornográfica de um homem em pé, pelado por trás de outro homem pelado, acariciando seu órgão genital. Como constatou Mike Adams, professor na UCNW e colunista, “Pela expressão do rosto de um deles, presumo que o de trás estava também sodomizando o outro homem em sua frente”. A revista *Queer Notes*, assim como a TenPercent, é patrocinada com verba da mensalidade dos alunos e faz parte da “missão em prol da diversidade”, afirmada pela UCNW.[28](#) Agora, mesmo que não fosse, alguém acredita mesmo que se deixassem um folheto evangélico na União Estudantil os alunos não enfrentariam algum tipo de sanção oficial?

Na Universidade Estadual do Michigan, o *Q*News* é o periódico homossexual do corpo discente. Aqui está uma amostra de uma coluna escrita por Jennifer Dunn, intitulada “Repensando o Amor Romântico”:

Meu anseio é ser destruída por tudo que sei, [sic] é esse desejo de morte a arma mais penetrante da supremacia masculina. Sou dependente dele porque um relacionamento romântico (ou interação) é o mais próximo que tenho do sentimento de nunca ter existido. Os homens é que criam a dor em mim, com violência e estupro, e então sou levada a eles para apagar toda essa angústia.

Por fim, resumindo os sentimentos da comunidade estudantil gay, Dunn escreve: “Convoco todos a não copiarem as tradições heterossexuais, nem a elas cederem”.²⁹

Para o corpo estudantil militante dos homossexuais, desprezar a “tradição heterossexual” parece ser a chave.

Mecha e La Gente de Aztlán

MEChA, a organização universitária chicana, tem uma meta maior do que meramente unir os chicanos sob uma bandeira. Eles procuram retornar os estados da Califórnia, Novo México, Arizona, Nevada e Utah, que chamam de Aztlán, ao domínio mexicano. Ah, não, é sério isso? Eu mesmo sozinho não conseguiria pensar em tantas coisas ridículas ao mesmo tempo.

Não acredita em mim? Veja o El Plan Espiritual de Aztlán, texto em que fundamentam sua filosofia: “O território Aztlán pertence àqueles que plantam as sementes, irrigam os campos e colhem o plantio, e não aos europeus, esses estrangeiros. Não reconhecemos as fronteiras caprichosas no continente marrom [...] Com nosso coração em nossas mãos e nossas mãos no solo, declaramos a independência de nossa nação mestiça. Somos um povo marrom com uma cultura marrom. Antes que o mundo fosse mundo, antes que existisse toda a América do Norte, antes de todos os nossos irmãos no continente marrom, nós somos uma nação, uma união de *pueblos*, povos livres; nós somos Aztlán”.³⁰ Mas espere aí, pois tem mais! Eles não querem meramente “libertar” a Califórnia, mas o querem por meios violentos. “Defenderemos as terras que por direito são nossas. Lutaremos por elas. A terra e a propriedade privada serão adquiridas pela comunidade para o conforto do povo. Os laços econômicos devem ser garantidos pelo nacionalismo e pelas unidades de defesa chicana”. Seus idealizadores convocam o uso de crianças na “resistência”: “aquelas instituições que são engordadas por nossos irmãos para fornecer emprego e clientelismo político para os gringos servirão como atos de libertação para A Causa. Para os mais novos não haverá mais atos de delinquência juvenil, mas atos revolucionários”.³¹

A retórica não para por aí. Como Michelle Malkin relatou, membros da MEChA do sistema da UC publicaram constatações declarando que os oficiais da imigração federal são “porcos” que “deveriam ser mortos, cada um deles”.³² De acordo com a Media Research Center, uma conferência de 1998 por todo o estado pela MEChA, na Universidade Politécnica Estadual

da Califórnia, “deu as boas-vindas a mais de mil alunos com um programa que dizia ‘Bem-Vindos à *Judeusidade* Politécnica Estadual da Califórnia” e uma referência à ‘Nova Iorque Judia’”.³³

A MEChA tem muitos recursos em que apoiar sua retórica. Malkin escreve: “[A MEChA] opera uma máquina de doutrinação política e identitária em escolas e universidades públicas por todo o país, uma estrutura que deixaria David Duke e o KKK loucos de inveja”.³⁴

Os militantes da MEChA reiteram seu antiocidentalismo e antiamericanismo no *La gente de Aztlán*:

- “Não uma só, mas todas as nações sob Deus, e, no que concerne à civilização, nesta nossa terra natal, somos os povos indígenas, mas o Ocidente um visitante”.³⁵
- “O governo dos Estados Unidos tem transformado a matança de inocentes numa prática padrão para atingir metas políticas e econômicas. Precisamos entender que nosso apoio cego às ações militares americanas em outros países é, em essência, apoiar incontáveis mortes inocentes mundo afora. Cabe a nós entender que a mídia convencional conscientemente ignora motivos mais profundos para empreender esta guerra: dinheiro e petróleo”.³⁶
- “Nossa comunidade sofre constantes ataques do governo americano, particularmente em tempos de guerra [...] nossos irmãos e irmãs foram recrutados e colocados nas linhas de frente da batalha, voltando em sacos para cadáveres”.³⁷
- “Durante a primavera de 1993, a Universidade de Chicanos em Lost Aztlán foi recuperada pelos descendentes diretos do território. Não, não os esquilos. Mais uma vez, por um instante a universidade com histórico de ativismos políticos por pessoas de cor tornou-se palco da ocupação chicana/latina [...] Dez mil pessoas reclamaram para si a universidade pública; cena jamais vista na UCLA”.³⁸

Associação Estudantil Muçulmana e Al-Talib

Talvez o grupo estudantil mais extremo seja a Associação Estudantil Muçulmana (MSA). Eles têm financiado grupos terroristas por anos. De acordo com a agência de notícias Associated Press em 22 de dezembro de 2001, “Organizações estudantis muçulmanas nas universidades têm

abertamente arrecadado dinheiro para grupos cujos patrimônios foram congelados pelo governo americano por causa de supostas ligações terroristas [...]

Altaf Husain, presidente da MSA, disse que sua organização não planeja parar com o levantamento de dinheiro para financiar vários grupos, a menos que autoridades federais tomem medidas severas. Ele chamou as suspeitas sobre ligações terroristas de frenesi pós-ataque, e disse que cabe ao governo rastrear o dinheiro”.[39](#)

É claro, a MSA imediatamente acobertou seu rastro, condenando a Associated Press por publicar a matéria. Usando a velha declaração “está fora de contexto”, Husain reclamou: “O artigo é mais um exemplo deste jornalismo irresponsável que contribui para uma atmosfera de animosidade contra o islã e os muçulmanos americanos”. Com ódio sem fim, Husain ainda chamou o artigo de antiamericano: “A liderança mais elevada dos EUA convocou os americanos para não relacionarem seus companheiros muçulmanos americanos ao terrorismo. Infelizmente, alguns jornalistas não deram ouvidos ao pedido”.[40](#)

O grupo também ataca os judeus com as velhas mentiras a respeito de libelos de sangue. Ao longo da história, regiões antissemitas têm acusado o povo judeu de usar o sangue de crianças gentias para o *matzah* da Páscoa e outros rituais. Hoje, a MSA pendura cartazes relacionados aos libelos de sangue na Universidade Estadual de São Francisco — os cartazes retratam o rótulo de uma lata de sopa com um bebê palestino, com a legenda “Feito em Israel” impressa na parte de cima.[41](#)

Eles distribuem panfletos chamando os grupos terroristas de organizações de caridade. Eles descrevem o grupo terrorista Hezbollah como um Exército da Salvação do Oriente Médio: “Embora o objetivo primário deles seja o mesmo, de resistir contra expansão ‘israelense’ sobre o Sul do Líbano, o Hezbollah executa uma ampla variedade de programas de bem-estar social: o grupo constrói hospitais, instituições de ensino superior, institutos de pesquisa, orfanatos e centros para deficientes físicos; provê assistência financeira para casais de jovens [...] A ajuda humanitária deles está disponível para populações locais inteiras, à parte da denominação religiosa, ou até mesmo da religião”.[42](#)

Uma rápida visita ao site oficial da MSA revela apenas quão fanático o grupo é. No aniversário de um ano do 11 de Setembro, a MSA fez uma

declaração em nota, aproveitando, sob o disfarce de simpatia, para destruir a política externa americana em Israel, no Afeganistão e no Iraque. “Americanos muçulmanos condenam de forma inequívoca a matança insensível de civis aqui na América, no Afeganistão, na Palestina ocupada, na Caxemira ocupada por indianos, na Chechênia, no Iraque e em outras partes do mundo”, dizia a nota à imprensa.

Prosseguindo, partiram então para condenar “a erosão dos direitos civis perpetuados pelo governo Bush, isto é, o Departamento de Justiça liderado por John Ashcroft desde [sic] os ataques de 11 de Setembro” e a “guerra unilateral e injustificada contra o Iraque proposta pelo governo Bush”. E, para desviar a atenção do terrorismo muçulmano global, a MSA também sugeriu que os cidadãos “mantêm o apoio a uma mudança no foco do governo Bush para assuntos domésticos, tais como a queda no superávit, a reforma na educação e no sistema de saúde, e a guerra contra a pobreza e a falta de moradia”.[43](#)

Mas eis a parte mais assustadora: há mais de quinhentas organizações muçulmanas nas universidades dos EUA e do Canadá, com um eleitorado de mais de cem mil jovens.

Al-Talib, o periódico de notícias muçulmano da UCLA, é bem menos desonesto do que a MSA nacional. O *Al-Talib* abertamente apoia o terrorismo e odeia a América. Mostafa Mahboob, presidente da revista, recusou-se a cessar com a publicidade a favor de organizações que financiam o terrorismo. “Se as organizações listadas ainda pudessem publicar anúncios, a revista consideraria reimprimir sua publicidade até que os grupos fossem provados culpados”, ele disse, um mês depois que as organizações listadas foram declaradas ilegais.[44](#) Eis aí uma clara transgressão da lei federal antiterrorismo, culpável de deportação. Até agora, o governo americano não tocou um dedo sequer nos alunos.

A menos que você pense que Mahboob é um extremista solitário, aqui estão alguns fragmentos do *Al-Talib*

- Cabe a nós examinar as motivações do Ocidente, a fim de entender melhor o porquê de ele querer controlar a população do mundo subdesenvolvido”.[45](#)
- “Raça e racismo estão profundamente enraizados nas próprias bases da sociedade americana e na psique americana coletiva [...] O atual cenário de distribuição desigual de recursos educacionais, empregos

e contratos baseados na cor e na raça baseia-se na longa história do racismo institucionalizado pelo país [...] pessoas de cor nunca receberam tratamento especial ou privilegiado na América — na verdade, o tratamento que há tempos têm recebido das mãos da América é um dos piores da história humana”.[46](#)

- Em uma peça intitulada “UCLA Sob Ocupação”: “Como não percebemos tais injustiças? Como podem as 300 resoluções da ONU contra Israel não receberem a devida atenção? Como podem os abusos dos direitos humanos relatados pelo Departamento de Estado, pelo Middle East Watch e outras agências serem ignorados? A isso damos o nome de *lobby* israelense. E suas mãos têm sufocado a UCLA [...] nós também estamos vivendo em um território ocupado por Israel”.[47](#)
- A revista mostra duas figuras e pergunta: “Qual desses dois ativistas muçulmanos será o editor da Al-Talib no próximo ano?”, uma mostrava Mostafa Mahboob — a outra Osama bin Laden.[48](#)
- “Abandone esse jeito derrotista de pensar, porque ele não corresponde às coisas como de fato são. Contemplemos ou não esta verdade, Alá é o Rei dos instantes. Não importa se Israel é financiado ricamente, se a Sérvia é militarmente superior ou se o imperialismo americano é poderoso demais. Alá pode mudar o estado das coisas em um instante”.[49](#)
- “Estou pressupondo que a narrativa tradicional do Holocausto é verdadeira, embora, obviamente, existam evidências documentadas, convincentes e que indicam que os números, relatos e narrativas ou são exagerados, ou, em alguns casos, totalmente imaginários. Basta dizer que os proponentes de um relato menos sangrento da história do Holocausto não mais são racistas desconhecidos falando coisas sem sentido, mas, agora, também um número de historiadores de peso, desde então relegados ao ostracismo nas universidades e círculos intelectuais que uma vez os tiveram em alta estima”.[50](#)
- “A América raramente experimentou morte e destruição em seu próprio solo. Enquanto o mundo lamenta a perda diária de inúmeras vidas inocentes, se são palestinos que estão lutando ou iraquianos famintos ou colombianos explorados, os Estados Unidos construíram uma redoma à prova de lágrimas e de sofrimento, cada pedaço de

tijolo frio simbolizando um objetivo da política externa americana [...] Com a chegada da morte neste país, os EUA entraram no Afeganistão para mais uma vez roubar do mundo vidas inocentes”.[51](#)

- “Contudo, poucos têm perguntado: ‘Para começo de conversa, por que o islã é acusado por crimes cometidos por muçulmanos? Alguém pensou em processar o cristianismo quando um navio de nome ‘Jesus Cristo’, cheio de escravos muçulmanos da África Ocidental, cruzava o oceano? Por que o judaísmo não é chamado a depor pelo estado de terrorismo de ‘Israel’?”.[52](#)
- “Israel e os Estados Unidos foram considerados ‘parceiros do crime’, uma vez que milhões de palestinos nativos foram forçados a fugir sob ameaça de morte. E os milhares daqueles que ficaram para trás foram massacrados em massa por criminosos de guerra como o atual primeiro-ministro Ariel Sharon, que continua a decorar seu currículo com o sangue das crianças palestinas [...] Logo, seria de espantar a existência de um sentimento antiamericano na região [do Oriente Médio]?”.[53](#)
- “Enquanto o mundo corria para julgar, culpando a todos, desde os palestinos que festejavam a Saddam Hussein e chegando mesmo a Osama bin Laden, os muçulmanos se voltaram ao prospecto envolvendo o Mossad de Israel, ou a CIA ou mesmo a Índia como responsáveis pelos ataques que ocorreram no 11 de Setembro contra o World Trade Centers e o Pentágono. Conspiração ou não, a situação por si só é nebulosa e suspeita...”.[54](#)
- “Por causa das cicatrizes do 11 de Setembro, os holofotes recaíram diretamente sobre a comunidade muçulmana nos EUA. Agora somos vistos como os ‘comunistas’ durante a era McCarthy; somos, sem sombra de dúvidas, as vítimas de uma interminável caça às bruxas”.[55](#)
- “O terrorismo patrocinado pelo estado tem sido a política sistemática de ‘Israel’, escolhida para subjugar milhões de palestinos nos Territórios Ocupados...”.[56](#)
- “A verdade é a seguinte: nosso mundo ocidental não é o melhor modelo de liberdade e igualdade, infiel àquele paradigma que

aprendemos a cantar no nosso hino nacional”.[57](#)

Separados, mas Iguais

Todos esses grupos são contrários à “segregação” e ao “tratamento desigual”. Em seguida, eles mesmos projetam suas próprias cerimônias de graduação.

Na Universidade Estadual de São Francisco, há anos os chicanos e negros graduam-se separadamente. A graduação chicana é organizada pela MEChA.[58](#) A Universidade do Texas organiza cerimônias de graduação para índios americanos, negros e alunos latinos. A UC Santa Cruz tem uma formatura para alunos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.[59](#)

A Universidade Estadual do Michigan organiza sua cerimônia de graduação separada no caso de alunos negros. A Universidade do Michigan organiza cerimônias separadas para negros, latinos, índios americanos e alunos judeus, cada cerimônia com os “costumes” do determinado grupo. “Se os alunos poloneses pedissem para fazer algo que celebrasse sua própria cultura, ou os alunos húngaros, faríamos o mesmo no caso deles”, afirmou John Matlock, vice-reitor acadêmico da Universidade de Michigan. “Esse é o reflexo do nosso câmpus multicultural; considero tudo isso muito saudável”.[60](#)

A UCLA é o centro das cerimônias segregadas. A universidade forma separadamente os alunos homossexuais, numa festa chamada “Graduação Transparente”. Nessa formatura, os alunos usam um pendão de arco-íris. Há também a cerimônia de graduação voltada aos latinos, aos negros, aos filipinos, aos asiáticos provenientes das ilhas no Pacífico, aos iranianos e aos índios americanos.[61](#) Os únicos que não têm sua própria graduação são os homens brancos. Mas em breve eles ganharão essa regalia — claro, pelo processo de eliminação.

Um Caldeirão de Culturas

Não era para ser assim. Grupos estudantis servem para acolher pessoas de diferentes contextos e lhes dar o espaço para compartilhar perspectivas semelhantes sobre questões atuais. Os grupos existem para auxiliar os alunos e dar-lhes voz de opinião à parte da militância. Cabe ao aluno voltar da universidade como um jovem americano, e não como integrante de uma minoria étnica antiamericanista.

Contudo, a realidade é outra. Os grupos estudantis são facções radicais que lutam entre si por dinheiro e por novos adeptos entre os alunos moderados da universidade. Eles lançam mão da retórica radical, da luta por objetivos radicais, e, finalmente, polarizam os alunos. Torna-se tabu para os membros da ASU falar com membros da JSU. Não há diálogo entre membros ativos da MEChA e terceiros, a menos que estejam trabalhando juntos para formarem uma coalizão radical ainda maior.

A universidade é lugar para mentes abertas e livre diálogo? Não mais, desde que os grupos estudantis deram fim à liberdade.

Soluções

A lavagem cerebral feita nos alunos pelo sistema universitário é um dos mais graves problemas que atingem a juventude americana. Sob a fachada da educação superior objetiva, resta um viés grave e poderoso, viés este que afeta profundamente o corpo discente. Visando encontrar soluções viáveis para esta crise, precisamos responder a três perguntas cruciais, porém básicas. Por que as universidades são tão enviesadas? Por que os alunos aceitam tudo que lhes é dado por seus professores? E o que podemos fazer para impedir tudo isso?

Por que o Viés?

O viés das universidades tem raízes históricas já profundas. Nos anos 1930, os conservadores alertavam sobre o radicalismo dos professores universitários que não parava de crescer.

“Poucas são as instituições de ensino superior dignas da confiança dos pais, lugares onde seus filhos e suas filhas não serão contaminados por alguma fase do mais perverso ensino comunista e seus aliados”, avisou Roscoe Dorsey, da revista *National Republic*.¹

Irving Kristol, hoje conservador, lembra seus dias de socialista na Faculdade da Cidade de Nova Iorque (NYU): “Se havia entre nós algum republicano na faculdade — o que era bastante provável —, nunca o encontrei, nem mesmo ouvi falar de sua existência”. Na época, a NYU contava com cerca de vinte mil alunos.²

As raízes vão ainda mais fundo. Desde o seu nascimento, o propósito da educação superior tem sido desafiar a estrutura de autoridade sob a bandeira da busca pela mente aberta.

Sócrates foi, talvez, o primeiro professor — um professor ambulante que iluminou as massas. Toda a sua vida foi dedicada a desafiar o pensamento convencional, um exercício que finalmente o levou à morte, quando

acusado de “corromper a juventude”. O desenvolvimento do sistema universitário surgiu a partir de sua natureza normalmente rebelde durante a Idade Média, quando as faculdades tinham de receber licenças para ensinar de acordo com o papa, o imperador ou o rei. Posteriormente, as faculdades se transformaram em instituições religiosas, onde os alunos estudavam dentro dos padrões da moral piedosa. Esta visão de um sistema educacional baseado na religião chegou até o tempo da fundação dos EUA. Mas com a separação cada vez maior entre Igreja e Estado chegou ao fim o controle religioso das escolas e, portanto, teve início o retorno à filosofia socrática de desafiar as autoridades.

Por vezes, quando a estrutura de autoridade promove libertinagem, imoralidade ou totalitarismo, surge aquele professor em seu valioso papel de recusar-se a submeter-se ao sistema, como na antiga União Soviética. Em outros momentos, quando a estrutura de autoridade é democrática, não totalitária e classicamente liberal, como nos Estados Unidos, os professores têm desafiado esta estrutura pregando a doutrina radical de esquerda.

É esse último caso que tem se levantado nas universidades dos dias atuais. Quando a sociedade prega moralidade, as universidades se rebelam contra a moralidade. Quando a sociedade abraça o capitalismo, as universidades desafiam o capitalismo. Quando a sociedade apoia os EUA, as universidades os depreciam.

Os próprios professores prontamente admitem suas tendências rebeldes (e, portanto, de esquerda). “Pesquisas mostram que os republicanos são minoria entre o corpo docente”, afirma o professor Lawrence Evans, da Universidade Duke. “Verdade, e por bons motivos. As universidades procuram professores que sejam indivíduos analíticos, capazes de analisar e discutir complexidades, que não tenham medo de desafiar a sabedoria da solução sempre mais simples [...] Pessoas assim costumam votar nos democratas. E daí?”.³

Robert Watson, professor da UCLA, concorda. “As universidades americanas têm se desenvolvido, como a sociedade num todo, porque temos um sistema de resistir à tendência natural que as autoridades têm de querer ditar crenças”, ele afirma.⁴ O professor é a “pessoa que há de questionar o louvor a si mesmo e a adoração ao dinheiro da cultura americana”.⁵

Por Que Aceitar Tudo Isso?

Os professores defendem consistentemente a linha esquerdista, mas por que os alunos compram toda essa ideia? Por que não resistem aos esforços de doutrinação dos docentes universitários de esquerda?

A resposta óbvia é a ingenuidade da juventude. A inocência dos alunos universitários os cega aos motivos escusos do corpo docente. O aluno aceita as coisas como as recebe em vez de examinar o viés dos professores. Além do mais, o corpo discente está sem as ferramentas, sem as habilidades e sem o conhecimento para desafiar seus professores. A aceitação é o caminho mais fácil e com frequência o mais trilhado. Se o professor diz que o céu é verde, então o céu é verde.

A infalibilidade dos professores diante dos alunos só cresce com o respeito que a sociedade tem pelo sistema universitário. A mídia procura professores para comentários e análises sobre as atualidades; os pais gastam o próprio dinheiro, conquistado com muito esforço, enviando seus filhos para universidades esquerdistas. Olhando para tudo isso, os alunos logo pressupõem que deve haver algum mérito inerente na opinião dos professores que lecionam no sistema universitário.

Por sua vez, os professores tiram proveito do profundo respeito que os alunos têm por eles. Ao dizer ao aluno “pense com sua própria cabeça” e “não aceite o que os seus pais dizem para você”, o corpo docente se coloca como a autoridade final sobre a moralidade, política e sociedade, descartando os pais do arbítrio moral. Os alunos engolem a ideia porque, jovens, estão em constante rebelião contra os pais — na universidade, esta é uma atividade aceita e louvada.

O que Pode Ser Feito?

O problema tem muitas partes, logo sua solução da mesma forma precisa ser multifacetada. A seguir, apresento algumas soluções divididas em blocos e de longo prazo; a síntese dessas respostas ao problema pode prover um plano de longo prazo para combater a doutrinação nas universidades.

Retomada de verba. Tática proposta com frequência, consiste em movimentar a ala conservadora para que tire seu dinheiro das grandes universidades e exija um ensino mais justo e equilibrado como condição para reinvestir sua verba. Superficialmente falando, aparenta ser uma boa ideia, mas em si mesma faz pouco para mudar a política do sistema universitário. Por quê? Porque os esquerdistas e estrangeiros que injetam

dinheiro por aqui simplesmente aproveitarão a brecha, aumentando o progressismo ainda mais na atmosfera universitária.

Por exemplo, a Arábia Saudita compra universidades americanas como água no deserto. Na Universidade da Califórnia, o governo árabe criou a Cadeira de Estudos Islâmicos Rei Abdulaziz. Na Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, o mesmo governo financiou os Estudos Islâmicos do Rei Fahd.⁶ A Fundação Rei Faisal também dá grandes bolsas de estudo para alunos muçulmanos em ascensão nas áreas de “pesquisa científica internacional, medicina, literatura árabe, estudos islâmicos e serviço ao islã”.⁷

Em teoria, se os conservadores retirassem o dinheiro das universidades, a Arábia Saudita poderia se tornar sua principal fonte de financiamento, ditando, portanto, toda a política. Como parte de um plano completo, no entanto, retirar a verba sob exigências é um passo útil, como explicarei em breve.

Fundação de novas universidades. Nada tem chocado mais os noticiários do mundo do que o sucesso do Canal Fox News e o equilíbrio que trouxe para o cenário das notícias. Quando a CNN dominava a imprensa da TV a cabo, um só lado da narrativa era contado. Então, quando a Fox News abriu as portas, sua aceitação foi enorme. Onde há mercado, existe um caminho.

Os conservadores deveriam começar um movimento em massa pela abertura de universidades politicamente moderadas. Isso significa contratar ambos os lados do cenário político. Usando a Fox News como modelo, universidades fundadas pela direita deveriam lutar para contar ambos os lados da história. Apenas uma perspectiva deveria ser banida: o antiamericanismo extremo do tipo que culpa os EUA pelo 11 de Setembro.

Essas universidades deveriam também evitar receber verbas públicas, seguindo a liderança da Hillsdale College. Se recebem recursos públicos, essas instituições fundadas por conservadores imediatamente se tornam responsáveis pelas tolas restrições impostas pelo governo federal.

É aqui que entra a estratégia de retirar verba das universidades convencionais. Se o dinheiro é tirado como fim em si mesmo, pouco faz para mudar a situação. Mas se esse mesmo dinheiro passa das grandes e já conhecidas instituições esquerdistas para universidades novas e equilibradas, o sistema convencional entende o recado. Assim como o canal de TV paga MSNBC fez um leve movimento para a direita, pois havia

percebido que a Fox News estava levando embora sua audiência, as universidades convencionais perceberão que devem se mover para o centro, do contrário serão deixadas para trás.

Rankings universitários e contratação. Apenas o financiamento por si só não sustentará as universidades iniciantes. Toda instituição precisa de alunos, e as iniciantes não são exceção. O verdadeiro problema passa a ser atrair alunos de universidades convencionais renomadas para as novas e experimentais.

Só há um motivo pelo qual os alunos vão para uma universidade convencional, fora o falatório sobre “abrir a cabeça”: obter um diploma para melhores perspectivas de um bom emprego.

O sistema de “tenho diploma, logo ganho bem” deixa as faculdades conservadoras iniciantes em sérias dificuldades. O contratante reconhece a legitimidade da universidade e sente que, baseando-se na classificação convencional imposta por periódicos como *US News* e *World Report*, os graduados daquela instituição serão bons empregados. Se, por exemplo, o *US News* diz que Harvard é melhor que a UC Berkeley, as empresas logo buscarão graduados de Harvard, deixando de lado os de Berkeley. Os alunos, por sua vez, seguem esse rastro e passam a preferir Harvard à Berkeley.

Esse fator representa um grande problema para universidades conservadoras iniciantes: muitos sistemas de avaliação universitária pendem para a esquerda. A UC Berkeley sempre estará classificada acima da Hillsdale College na classificação do *US News* e *World Report*, independentemente de quem Hillsdale contrate para lecionar.

O motivo para essa inclinação é muito simples: a metodologia do *US News* automaticamente dará resultados maiores para universidades esquerdistas. A metodologia leva em consideração “a avaliação dos pares”, em que a gestão de instituições enviesadas classifica outras instituições. Isso tudo leva em conta os recursos financeiros, pressupondo que mais dinheiro gasto por aluno significa melhor educação — por esse padrão, as escolas públicas deveriam ser pequenas Oxfords. A metodologia perpetua a si mesma, uma vez que leva em consideração a retenção de alunos por universidade e a qualidade das turmas de calouros. Uma vez que a universidade se classifica nas primeiras posições, alunos de primeira linha tentam entrar, e ninguém mais quer sair.[8](#)

A única solução, portanto, é ter periódicos conservadores de respeito que também publiquem avaliações e classificações universitárias. Se o Wall Street Journal publicasse uma reportagem honesta classificando faculdades conservadoras ao lado das esquerdistas, as empresas se atentariam e dariam atenção. Cabe também adotar outro critério, perceptivelmente ausente na metodologia do US News: avaliar a renda média do aluno depois de dez anos de graduado ou a satisfação no emprego do graduado depois de uma década. A metodologia do US News, cuja classificação segue o que os professores pensam, quanto dinheiro é gasto e quantos formandos doam dinheiro, é totalmente sem sentido.

É claro, nenhum sistema de avaliação e classificação ganharia legitimidade da noite para o dia. Aqui é onde os proprietários de empresas conservadoras devem colocar seu dinheiro em prática. Se verdadeiramente acredita que doutrinação não é educação, o empresário conservador precisa levar a sério a contratação de excelentes alunos formados em instituições conservadoras — e para as mesmas vagas que contrataria ótimos alunos da UCLA, de Harvard ou de qualquer outra instituição de esquerda. Assim que empresas conservadoras começarem a legitimar avaliações e classificações de direita contratando graduados conservadores com a mesma frequência que os graduados da Universidade Columbia, teremos cada vez mais alunos nas universidades conservadoras iniciantes.

O Plano

Em resumo, sugiro um plano de ação dividido em três passos.

Primeiro, cabe à população conservadora redirecionar sua verba das universidades esquerdistas para as instituições conservadoras iniciantes que mantêm o equilíbrio de professores com diferentes posições ideológicas.

Segundo, novos sistemas de avaliação e classificação deveriam ser instaurados e publicados por canais conservadores, visando conter o viés anticonservador de outros sistemas de classificação e fornecer um recurso melhor para empresas contratantes.

Terceiro, é importante que as empresas conservadoras usem novos métodos de avaliação e classificação como norte, a fim de legitimar os sistemas e incentivar o aluno de alto desempenho a entrar em universidades iniciantes.

A política que recomendo é uma política de longo prazo. Sim, não será fácil estabelecer universidades conservadoras financiadas sem verba

pública. Sistemas legítimos de avaliação e classificação não aparecerão da noite para o dia. Assim, a solução de curto prazo é ter pais que cuidem dos filhos. Resumindo: se o pai e a mãe souberem ensinar consistentemente o certo e o errado, como eu mesmo aprendi com os meus pais, seus filhos chegarão à idade universitária preparados para combater os golpes esquerdistas desferidos pelos professores.

E para os Meus Companheiros Universitários...

Por favor, pense por si mesmo. Quando insisto nisso, falo com sinceridade. Não quero que você se torne um conservador (embora eu acredite que a boa razão tenda ao conservadorismo). Tudo o que peço é o seguinte: questione os motivos dos seus professores. Preste atenção ao modo como eles distorcem os fatos, ou tecem comentários durante as aulas. Faça perguntas. Force-os à defensiva. Ajude o seu colega a pensar bem antes de engolir a mentalidade do professor.

A verdadeira marca da educação é aprender como pensar. Engolir tudo o que o professor diz não ensina a pensar — mas ensina a pensar o que o professor quer que o aluno pense. Trata-se de pura e simples doutrinação.

Notas

INTRODUÇÃO

1. Robert M. Behrdahl. "Letter to the Editor: Berkeley: 'A Failure of Oversight' On Palestinian Poetics Course". Wall Street Journal, 17 de maio, 2002.
2. Robert Stacy McCain. "Poll Confirms Ivy League Liberal Tilt". Washington Times, 15 de janeiro, 2002.
3. Eleanor Yang. "Some see widespread liberal bias at colleges". San Diego Union-Tribune, 21 de janeiro, 2003.
4. "The American Freshman: National Norms for Fall 2001", Higher Education Research Institute, janeiro de 2002.
5. Barbara Ortutay & Bimal Rajkomar, "UCLA students favor Al Gore", UCLA Daily Bruin, 8 de novembro, 2000.
6. David H. Gellis, "Harvard Law School Professors Kick Off Liberal Legal Group", Harvard Crimson, 3 de agosto, 2001.
7. Administrador da UCLA, *e-mail* ao autor, 3 de abril, 2001.

CAPÍTULO 1

1. Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 16 de janeiro, 2001.
2. NewsHour with Jim Lehrer, 30 de setembro, 1998.
3. Stanley Fish. "Condemnation Without Absolutes", New York Times, 15 outubro 2001.
4. "NAS/Zogby Poll Reveals American Colleges Are Teaching Dubious Ethical Lessons", NAS Press Release, 2 de julho, 2002, http://www.nas.org/print/pressreleases/hqnas/releas_02jul02.htm.
5. John Leo. "At Postmodern U., professors who see no evil", Jewish World Review, 16 de julho, 2002.
6. Sylvia Nasar, "Princeton's New Philosopher Draws a Stir", New York Times, 10 de abril, 1999.
7. Paul Ehrlich. Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect (New York: Penguin USA, 2002), p. 2.
8. Dr. Paul R. Ehrlich. The Population Bomb (New York: Sierra Club-Ballantine, 1968), Prólogo.
9. Conforme citado por Michelle Malkin em seu artigo "Cop Haters Dearly Loved in Hollywood". Capitalism Magazine, 8 de janeiro, 2001.
10. "Popular Music Under Siege", ACLU Briefer, <http://www.aclu.org/library/pbr3.html>.
11. Professor Lynn Vavreck, Political Science 40, Palestra, 24 de janeiro, 2002.

12. Steve Lopez. "One Problem in Abu-Jamal's Crusade: He's Guilty," Los Angeles Times, 24 de dezembro, 2001.
13. Benjamin Shapiro, "Effects of campus liberalism far-reaching," UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2001.
14. "Judge may reject Olson guilty plea," Los Angeles Times, 2 de novembro, 2001.
15. According to the Sara Olson Defense Fund Committee.
16. Sharon Cohen, "Anti-war radical tells his story," Associated Press, 26 de setembro, 2001.
17. Don Babwin, "Northwestern Alumni Withhold Money," Associated Press, 1 de novembro, 2001.

CAPÍTULO 2

1. Robert Stacy McCain. "Poll Confirms Ivy League Liberal Tilt", Washington Times, 15 de janeiro, 2002.
2. Phyllis Schafly. "Diversity Dishonesty on College Campuses", The Phyllis Schafly Report, abril, 2002.
3. Bruce Bartlett. "Conservative students versus their faculty", Townhall.com, 11 de setembro, 2003.
4. Jon Dougherty. "Campus commencements lean to left", WorldNetDaily.com, 3 de setembro, 2003.
5. Paul Kengor. "Reagan Among the Professors", Policy Review Magazine, dezembro, 1999.
6. Larry Elder. "Leftist bias in college—the denial continues", WorldNetDaily.com, 30 de janeiro, 2003.
7. Robert Maranto. "For true diversity, include conservatives", Baltimore Sun, 31 de julho, 2003.
8. Barbara Ortutay & Bimal Rajkomar. "UCLA students favor Al Gore", UCLA Daily Bruin, 8 de novembro, 2000.
9. Veronica Aguilar. "Poll: students liberal, campus politics dull", Tufts Daily, 2002.
10. Knight Stivender. "Student poll reveals disparity in party support", Daily Beacon, 5 de novembro, 1996.
11. "Inauguration spells doom for democratic principles", Professor Robert N. Watson, UCLA Daily Bruin, 8 de janeiro, 2001.
12. Payam Mahram. "Inauguration ceremonies go unseen", UCLA Daily Bruin, 22 de janeiro, 2001.
13. Matthew Baum, professor da UCLA, Aula de Ciência Política, 11 de janeiro, 2001.
14. Thomas E. Cronin & Michael Genovese. "Presidential politics in 2000", Portland Oregonian, 31 de janeiro, 2000.
15. "A look back at Bush vs. Gore, one year later", Daily Princetonian, 7 de novembro, 2001.
16. "A look back at Bush vs. Gore, one year later".
17. Nicholas Zamiska. "Bush's Tax Cuts: A Shot in the Arm or the Foot?", Yale Herald, 30 de março, 2001.

18. Kelly Rayburn. "Address focuses on terrorism", UCLA Daily Bruin, 30 de janeiro, 2002.
19. Lynn Vavreck, professora da UCLA, Aula de Ciência Política 40, 12 de fevereiro, 2002.
20. "The Ronald Reagan Home Page: Incomes", <http://reagan.webteamone.com/incomes.cfm>.
21. "The Ronald Reagan Home Page: Unemployment 1980-89", <http://www.presidentreagan.info/unemployment.cfm>.
22. "Bush's tax cuts: who benefits?", Institute for Public Accuracy, 9 de fevereiro 9, 2001.
23. "Bush's tax cuts: who benefits?"
24. "Bush's tax cuts: who benefits?"
25. "Election 2000—Still 'The Economy, Stupid'? MIT Economists weigh in . . .", MIT Sloan School Press Release, 31 de agosto, 2000.
26. Robert Watson. "Illogical, rude letters condemn too quickly", UCLA Daily Bruin, 25 de fevereiro, 2002.
27. Robert Watson. "Conservative outlook on economy not so great", UCLA Daily Bruin, 7 de março, 2002.
28. Geoffrey Nunberg. "On the bias", Fresh Air, 19 de março, 2002.
29. Thomas Hargrove & Guido H. Stempel III. "Many voters see bias in newspaper stories", Scripps Howard News Service, 11 de novembro, 2000.
30. ABCNews.com, 22 de julho, 2002.
31. Steven Spiegel, professor da UCLA, Honors Collegium 97, Course Syllabus.
32. Lynn Vavreck, professora da UCLA, Aula de Ciência Política 20, 28 de fevereiro, 2002.
33. Professor Scott Bowman, Aula de Ciência Política 167A, 28 de maio, 2002.
34. Samuel Kernell & Gary C. Jacobsen. *The Logic of American Politics* (Congressional Quarterly, 2000), p. 68.
35. "Welfare: Where do we go from here?: Opening Statements", Atlantic Monthly Roundtable, 12 de março, 1997.
36. "The Fallout of Welfare Reform", Columbia University Record, 20 de setembro, 1996.
37. "Welfare: Where do we go from here?: Opening Statements", Atlantic Monthly Roundtable, 12 de março, 1997.
38. Robert Rector. "The Good News About Welfare Reform", Heritage Foundation, 20 de setembro, 2001.
39. "UF Law Professor Warns Social Security Privatization Could Endanger Retirement Prospects For Millions", University of Florida Law School News-Online, 10 de julho, 2001.
40. NewsHour with Jim Lehrer, 24 de julho, 2001.
41. Adrea Korthase. "Wayne St. discusses Bush's Social Security plans", South End, 11 de fevereiro, 2002.
42. "Raising minimum wage seems inevitable", CNN.com, 6 de maio, 1996.

- [43.](#) Eric Roston. “How much is a living wage?”, Time.com, 31 de março, 2002.
- [44.](#) “Commentary: The Case for a Minimum-Wage Hike”, Business Week, 2 de fevereiro, 1998.
- [45.](#) “Commentary: The Case for a Minimum-Wage Hike”.
- [46.](#) Larry Elder. The Ten Things You Can’t Say In America (New York: St. Martin’s Press, 2000), p. 113.
- [47.](#) Sarah Beirute. “Brooker and Gillen face off on nationalized health care”, Oracle, 15 de abril, 2002.
- [48.](#) Mary Lee Grant. “Texas poll: government should provide health care says 56 percent”, Scripps Howard Texas Poll, 20 de março, 2000.
- [49.](#) Kathleen Maclay. “Researchers help define what makes a political conservative”, UC Berkeley News, 22 de julho, 2003.
- [50.](#) Darren Schreiber, professor assistente da UCLA, Ciência Política 6, 5 de março, 2002.
- [51.](#) Mikhael Romain. “Panel discussion examines effects of Sept. 11 on minorities”, University of Oregon Daily Emerald, 22 de maio, 2002.
- [52.](#) Professor Robert Watson. “Johnson fails to accept need for dissent in life”, UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2001.
- [53.](#) Danielle Gillespie. “Liberals, radicals, or just activists?” University of Oregon Daily Emerald, 5 de março, 2002.
- [54.](#) Barbara Sinclair, professora da UCLA, Aula de Ciência Política 140A, 15 de janeiro, 2004.
- [55.](#) Kenneth Schultz, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 121, 30 de maio, 2002.
- [56.](#) Lynn Vavreck, professora da UCLA, 26 de fevereiro, 2002.
- [57.](#) Kernell & Jacobsen. The Logic of American Politics, p. 102.
- [58.](#) Jim Powell. FDR’s Folly (New York: Crown Forum, 2003).
- [59.](#) Robert Stacy McCain. “Poll Confirms Ivy League Liberal Tilt”, Washington Times, 15 de janeiro, 2002.
- [60.](#) Dexter Gauntlett. “Carnesale addresses US national security”, UCLA Daily Bruin, 1 de março, 2002.
- [61.](#) “News Conference—Union of Concerned Scientists”, Federal News Service, 2 de maio, 2001.
- [62.](#) Robert Stacy McCain, “Poll Confirms Ivy League Liberal Tilt”, Washington Times, 15 de janeiro, 2002.
- [63.](#) Debra Viadero. “Researchers at Center of Storm Over Vouchers”, Education Week, 5 de agosto, 1998.
- [64.](#) Viadero. “Researchers at Center of Storm Over Vouchers”.
- [65.](#) Kernell & Jacobsen. The Logic of American Politics, p. 489.
- [66.](#) Kernell & Jacobsen. The Logic of American Politics, p. 344.
- [67.](#) David Kaplan. “Professors sign statement opposing impeachment”, Rice News, 12 de novembro, 1998.
- [68.](#) “History professor testifies for Clinton”, New York Times, 9 de dezembro, 1998.

69. Christopher Chow. "Conservatives equal racists at MLA", Accuracy in Academia, 17 de janeiro, 2002.
70. Jon Dougherty. "Campus commencements lean to left", WorldNetDaily.com, 3 de setembro, 2003.
71. Robert Salonga. "Students protest UCLA's invitation of Laura Bush to speak at commencement", UCLA Daily Bruin, 20 de fevereiro, 2002.
72. Howard Kurtz. "Al Franken: Throwing Punches and Punch Lines", Washington Post, 28 de agosto, 2003.
73. Michelle Malkin. "What's so funny about abstinence, Al Franken?", Townhall.com, 22 de agosto, 2003.

CAPÍTULO 3

1. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
2. "Comedy & Tragedy, 2003-2004".
3. Richard Sklar, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 167A, 7 de maio, 2002.
4. Sklar, 23 de abril, 2002.
5. "Struik straddled words of mathematics, Marxist politics", MIT Tech Talk, 14 de setembro, 1994.
6. Professor Cornel West, <http://www.afroamerica.net/west.html>.
7. Brandon A. Evans. "Forum offers socialism a needed outlet", Daily Illini, 17 de novembro, 1998.
8. Deborah Schoeneman. "Pulitzer Prize winner Kushner critiques America, pushes socialism", Cornell Chronicle, 18 de fevereiro, 1999.
9. Schoeneman. "Pulitzer Prize winner Kushner critiques America, pushes socialism".
10. Schoeneman. "Pulitzer Prize winner Kushner critiques America, pushes socialism".
11. Richard Sklar, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 167A, 16 de abril, 2002.
12. K. Watkins. "Free Trade and Farm Fallacies", The Ecologist v. 25, Novembro/Dezembro, 1996.
13. Jurgen Essletzbichler, professor da UCLA, Geography 4 Syllabus, 2000.
14. Sarah H. Wright. "Merits of teaming capitalism and democracy discussed at colloquium", MIT Tech Talk, 18 de outubro, 2000.
15. Wright. "Merits of teaming capitalism and democracy discussed at colloquium".
16. Maureen McDonald. "Urban crisis is historian's theme", Detroit News, 14 de fevereiro, 2001.
17. Betsy Hart, "It's gettin' better all the time", Jewish World Review, 2 de janeiro, 2001.
18. Elizabeth Goodman. "Ayn Rand's resurgence", Penn State Digital Collegian, 10 de setembro, 1999.
19. Teri Sforza. "Ayn Rand groups shrugs off old HQ", Orange County Register, 6 de junho, 2002.

- [20.](#) Hugh Aynesworth. "Texas town sees Red as Marxist professor rides tenure track", Washington Times, 27 de março, 2002.
- [21.](#) Jennifer Hagin. "Lawsuits bolster Fla. coffers", Daily Tar Heel, 10 de abril, 2000.
- [22.](#) John Creed. "USA: Oil Firms Fund 'Tobacco Terrorism'", Anchorage Daily News, 7 de novembro, 2001.
- [23.](#) Joe Light. "A question of conflict: the university and tobacco", Yale Daily News, 7 de dezembro, 2001.
- [24.](#) Geraldine Sealey, "Whose fault is fat?" ABCNews.com, 22 de janeiro, 2002.
- [25.](#) Sealey, "Whose fault is fat?"
- [26.](#) Sealey, "Whose fault is fat?"
- [27.](#) Paul Ehrlich. Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect (New York: Penguin USA, 2002), p. 266.
- [28.](#) Robert Watson. "Conservatives quick to excuse war crimes", UCLA Daily Bruin, 10 de maio, 2001.
- [29.](#) Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 23 de janeiro, 2001.
- [30.](#) Eric Mann. LA's Lethal Air: New Strategies for Policy, Organizing, and Action (Los Angeles: Labor/Community Watchdog, 1991), p. 9.
- [31.](#) Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 1 de fevereiro, 2001.
- [32.](#) Robert Watson. "Johnson fails to accept need for dissent in life", UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2001.
- [33.](#) Robert Watson, "Johnson fails to accept need for dissent in life", UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2001.
- [34.](#) Dana Cloud. "Pledge for the workers", Daily Texan, 1 de julho, 2002.
- [35.](#) Marilyn Raphael, professora da UCLA, Aula de Geografia 124, 4 de abril, 2002.
- [36.](#) Eric Mann. LA's Lethal Air: New Strategies for Policy, Organizing, and Action, p. 35.
- [37.](#) Mann. LA's Lethal Air, p. 36.
- [38.](#) Mann, LA's Lethal Air, p. 46.
- [39.](#) F. Lappe; J. Collins; P. Rossett. World Hunger: Twelve Myths (New York: Grove Press, 1998), p. 175.
- [40.](#) Jurgén Essletzbichler, professor da UCLA, Aula de Geografia 4, 2000.
- [41.](#) Essletzbichler, 2000.
- [42.](#) Essletzbichler, 2000.
- [43.](#) Sean Axmaker. Amazon.com essential video, Editorial Review of Roger and Me.
- [44.](#) Jurgén Essletzbichler, professor da UCLA, Aula de Geografia 4, 2000.
- [45.](#) Steve Pearlstein. "In Blossoming Scandal, Culprits Are Countless", Washington Post, 28 de junho, 2002.
- [46.](#) Pearlstein. "In Blossoming Scandal, Culprits Are Countless".
- [47.](#) Pearlstein. "In Blossoming Scandal, Culprits Are Countless".
- [48.](#) "NAS/Zogby Poll Reveals American Colleges Are Teaching Dubious Ethical Lessons", NAS Press Release, 2 de julho, 2002, http://www.nas.org/print/pressreleases/hqnas/releas_02jul02.htm.

49. “NAS/Zogby Poll Reveals American Colleges Are Teaching Dubious Ethical Lessons”.
50. NBC News/Wall Street Journal Poll, 19-21 de julho, 2002.
51. Steven Greenhouse. “Labor leaders and intellectuals are forging new alliance”, New York Times, 22 de setembro, 1996.
52. Greenhouse. “Labor leaders and intellectuals are forging new alliance”.
53. “What We Stand For: Mission and Goals of the AFL-CIO”, <http://www.aflcio.org/aboutaflcio/about/mission/index.cfm>.
54. Federal Elections Committee Report, 30 de junho, 2002, <opensecrets.org>.
55. Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 20 de fevereiro, 2001.
56. “The Great Reform of China: An Alternative View”, Interview with Joshua Muldavin, Intercom, Newsletter of ISOP, vol. 18, n.º 7, maio de 1996.
57. “The Great Reform of China: An Alternative View”, entrevista com Joshua Muldavin.
58. “The Great Reform of China: An Alternative View”, entrevista com Joshua Muldavin.
59. Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, discussão em classe, 2001.
60. “Cuba’s Isolation Fosters Challenges, Along with Charms for Medical Teams”, Stanford Medical Staff Update, junho de 1999.
61. “Going Home Could Be Good for Elian’s Health”, SLU Newslink, 3 de abril, 2000.
62. “The Living Streets of Havana”, Ken Gewertz, Harvard University Gazette, 9 de maio, 2002.
63. Karl Marx & Frederick Engels. Communist Manifesto (Boston: Bedford/St. Martin’s, 1999), p. 78.
64. F. Lappe; J. Collins; P. Rossett. World Hunger: Twelve Myths, p. 175.
65. Thomas Sowell. The Quest for Cosmic Justice (New York: Free Press, 1999), p. 167.
66. Barry Commoner, “How Poverty Breeds Overpopulation”, Ramparts Magazine, Agosto/Setembro, 1975.
67. Eric Mann. LA’s Lethal Air: New Strategies for Policy, Organizing, and Action, p. 71.
68. Paul Ehrlich. Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect, p. 322.
69. “Our Structure”, Democratic Socialists of America, <http://www.dsausa.org/about/structure.html>.
70. “Where We Stand”, Democratic Socialists of America, <http://www.dsausa.org/about/where.html>.

CAPÍTULO 4

1. Bimal Rajkomar. “Minority admits at UC near pre-SP-1 levels”, UCLA Daily Bruin, 4 de abril, 2001.
2. Eli C. Minkoff & Pamela J. Baker. Biology Today: An Issues Approach, p. 196.

3. B.P. Giri. "CSAS Hosts Seminar and Panel Discussion on Afghanistan and Pakistan", University of Virginia Center for South Asian Studies Newsletter, 2001.
4. Kelly Rayburn. "Students unite to remember the Holocaust", UCLA Daily Bruin, 10 de abril, 2002.
5. Dinesh D'Souza. *Illiberal Education: The Politics of Race and Sex on Campus* (New York: Free Press, 1991), p. 5.
6. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
7. "History 330 Syllabus", Oberlin College Web site, <http://www.oberlin.edu/faculty/dmaeda/hist330/>.
8. J. Lawrence Scholer. "The Failure of Middle Eastern Studies", Dartmouth Review, 4 de fevereiro, 2002.
9. J. Lawrence Scholer. "The Failure of Middle Eastern Studies".
10. Anne D. Neal. *Exfemina*, Independent Women's Forum, abril, 2001.
11. Eric Mann. *LA's Lethal Air: New Strategies for Policy, Organizing, and Action* (Los Angeles: Labor/Community Watchdog, 1991), p. 28.
12. Eric Mann. *LA's Lethal Air: New Strategies for Policy Organizing and Action*, p. 28.
13. Samuel Kernell & Gary C. Jacobsen. *The Logic of American Politics*, (Congressional Quarterly, 2000), p. 92.
14. Kernell & Jacobsen. *The Logic of American Politics*, p. 344.
15. Kelly Rayburn & Christian Jenkins. "Conference covers views on race, ethnicity issues", UCLA Daily Bruin, 29 de maio, 2002.
16. Noel Ignatiev. Discurso na conferência "The Making and Unmaking of Whiteness", University of California, Berkeley, 11-13 de abril, 1997.
17. Sara Russo. "Harvard University Fellow Advocates 'Abolishing the White Race'", *Accuracy in Academia*, 10 de setembro, 2002.
18. *Schooled in Hate: Anti-Semitism on Campus*, Anti-Defamation League, 1997.
19. Vernellia R. Randall. "Institutional Racism in the US Health Care System: Statement to the Committee on the Elimination of Racial Discrimination", 24 de janeiro, 2001, <http://www.udayton.edu/~health/07HumanRights/WCAR02.htm>.
20. Karen Feldscher. "Minorities seek greater respect", *Northeastern Voice*, <http://www.voice.neu.edu/961024/survey.html>.
21. Andrew Edwards. "UCLA faculty remembers course of events of riot", UCLA Daily Bruin, 29 de abril, 2002.
22. Professor Donald E. Wilkes. "Lawlessness in law enforcement", *Campus Times*, 30 de maio, 1991.
23. Phat X. Chiem. "The Verdict and the Violence", USC The Law School News Release, 29 de abril, 2002.
24. "Building a Multiracial and Multiethnic Community in Los Angeles", *Inside Dominguez Halls*, dezembro de 2000/janeiro de 2001.
25. "Building a Multiracial and Multiethnic Community in Los Angeles".
26. Linda Deutsch. "The Legacy of Rodney King", ABCNews.com, 3 de março, 2001.
27. Daniel Buring, professor da UCLA, *Linguística 1, Plano de Leitura*, 2001.

- [28.](#) Lisa Estey. "Ebonics creator: language is a tool", Times-Delphic Online, 4 de março, 1997.
- [29.](#) "Ebonics Insider", Stanford Magazine, março/abril, 1997.
- [30.](#) Todd Hardy. "Panel emphasizes value of Ebonics as teaching aid", Arizona Daily Wildcat, 28 de fevereiro, 1997.
- [31.](#) Tamina Agha. "Ebonics supported at discussion", Northeastern News, 26 de fevereiro, 1997.
- [32.](#) Linda Prendez. "Debate over Ebonics masks racism", Daily Forty-Niner, 26 de fevereiro, 1997.
- [33.](#) Eric M. Jukelevics. "UA professor defends bilingual education", Arizona Daily Wildcat, 3 de fevereiro, 1999.
- [34.](#) Pamela Munro, professora da UCLA, Aula de Linguística 1, 8 de maio, 2001.
- [35.](#) Robert Stacy McCain. "Poll Confirms Ivy League Liberal Tilt", Washington Times, 15 de janeiro, 2002.
- [36.](#) John Mack Faragher; Mari Jo Buhle; Daniel Czitrom; Susan H. Armitage. *Out of Many: A History of the American People, Volume I: To 1877* (New Jersey, Prentice Hall, 1999), p. 88.
- [37.](#) Faragher; Buhle; Czitrom; Armitage. *Out of Many: A History of the American People*, p. 100-101.
- [38.](#) Marty Toohey. "Legal experts want slavery reparations", University of Oregon Daily Emerald, 24 de outubro, 2001.
- [39.](#) Carla Blumenkranz. "In talk, RIC professor calls slavery 'part of the American pedigree'", Brown Daily Herald, 18 de outubro, 2001.
- [40.](#) Robert Chrisman & Ernest Allen Jr. "Ten Reasons: A Response to David Horowitz", <http://www.umass.edu/afroam/hor.html>.
- [41.](#) Chrisman & Allen Jr. "Ten Reasons: A Response to David Horowitz".
- [42.](#) Jake Lilien. "David Horowitz to speak at Amherst College", University of Massachusetts Daily Collegian, 12 de março, 2002.
- [43.](#) Michael Mitchell. "Controversy Comes to Campus: A Response to David Horowitz", Legacy Magazine, 2002.
- [44.](#) Ehrlich. *Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect*, p. 2.
- [45.](#) Bimal Rajkomar. "Atkinson proposes dropping SAT I in admissions", UCLA Daily Bruin, 20 de fevereiro, 2001.
- [46.](#) Rajkomar. "Atkinson proposes dropping SAT I in admissions".
- [47.](#) Robert Salonga. "College Board expands SAT I with writing section, more complex math", UCLA Daily Bruin, 1 de julho, 2002.
- [48.](#) Pergunta usada em um simulado do SAT.
- [49.](#) June Kronholz. "No Pimples, Pools, or Pop", Wall Street Journal, 18 de julho, 2002.
- [50.](#) Crystal Betz. "Panelists address educational access issues", UCLA Daily Bruin, 1 de fevereiro, 2002.
- [51.](#) Daniel Golden. "To Get Into UCLA, It Helps to Face 'Life Challenges'", Wall Street Journal, 12 de julho, 2002.

52. “Press Release: The Civil Rights Project Hails Decision in University of Michigan Affirmative Action Case”, The Civil Rights Project: Harvard University, 14 de maio, 2002.
53. Timothy Kudo. “Connerly proposes to bar ethnic questions”, UCLA Daily Bruin, 15 de fevereiro, 2001.
54. Shauna Mecartea. “Petitions for privacy act underway”, UCLA Daily Bruin, 27 de abril, 2001.
55. Charles Proctor. “UCLA admissions probed”, UCLA Daily Bruin, 22 de outubro, 2003.
56. Kim-Mai Culter & Janine Pliska, “Article Criticizes UC Berkeley Admissions”, UC Berkeley Daily Californian, 7 de outubro, 2003.
57. David Limbaugh. “Targeting campus speech codes”, Townhall.com, 16 de agosto, 2003.
58. Andrew Grossman. “College Lite: less filling, tastes great?” Townhall.com, 17 de outubro, 2003.
59. Andrew Grossman. “College Lite: less filling, tastes great?”
60. David Limbaugh. “Targeting campus speech codes”, Townhall.com, 16 de agosto, 2003.
61. <http://speechcodes.org/schools.php?id=80>.
62. <http://speechcodes.org/schools.php?id=223>.
63. <http://speechcodes.org/schools.php?id=929>.
64. <http://speechcodes.org/schools.php?id=738>.
65. <http://speechcodes.org/schools.php?id=659>.
66. <http://speechcodes.org/schools.php?id=979>.

CAPÍTULO 5

1. Robert Watson. “Scandal, dishonesty extend across party ideology”, UCLA Daily Bruin, 25 de janeiro, 2002.
2. Barbara Ortutay. “Campus Talk”, TenPercent, 2001, p. 12.
3. Rick Goldberg. “Shapiro incorrect about sexuality”, UCLA Daily Bruin, 12 de outubro, 2001.
4. Jeff Thomas. “Visibility of gays a social necessity”, UCLA Daily Bruin, 12 de outubro, 2001.
5. Kelly Finn. “Shapiro’s wrong on coming out”, UCLA Daily Bruin, 15 de outubro, 2001.
6. “And The Damned: Dartmouth’s Worst”, Dartmouth Review, 27 de setembro, 2002.
7. UCLA General Catalog, 1999-2001, p. 283.
8. “Members of the Center”, Center for Sex Research, <http://www.csun.edu/~sr2022/members.htm>.
9. “University Course and Programs Committee: Undergraduate courses”, 7 de maio, 2003, <http://www.uark.edu/depts/facsen/facsen2002to2003/TableA5703.pdf>.
10. “Comedy & Tragedy, 2003-2004”, Young America’s Foundation, 2003, <http://www.yaf.org/publications/c&t.asp>.

11. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", <http://www.yaf.org/publications/c&t.asp>.
12. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", <http://www.yaf.org/publications/c&t.asp>.
13. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", <http://www.yaf.org/publications/c&t.asp>.
14. "Truman State University Division of Language and Literature: Majors Offered", <http://11/truman.edu/majors.html/>
15. "Department of English: Fall 1997 courses", <http://www.uwm.edu/Dept/English/fall1997/f97lane2.shtml>.
16. "Appendix: Courses Certified for 2000-2001 As Fulfilling The Undergraduate General Education Requirements", <http://www.stanford.edu/dept/registrar/bulletin/bulletin00-01/pdf/Appendix.pdf>.
17. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
18. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
19. "IWU Women's Studies Program—Course Offerings", <http://titan.iwu.edu/~wstudies/courses.html>.
20. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
21. "Bryn Mawr: Feminist and Gender Studies: Courses", <http://www.brynmawr.edu/femgen/courses02-03.shtml>.
22. "English 331: Queer Literature/Queer Theory", <http://www.brynmawr.edu/english/courses/331.html>.
23. "Comedy & Tragedy, 2003-2004", Young America's Foundation, 2003.
24. Sarah R. Buchholz. "Complaints prompt professor to remove sex material on Web", University of Massachusetts Chronicle, 14 de abril, 2000.
25. Claudette Riley. "Professor to spend year writing book", Kansas State Collegian, 6 de fevereiro, 1998.
26. "Gloria G. Brame, PhD, MPH", <http://www.sexualhealth.com/experts/viewexpert.cfm?ID=85>.
27. Daniel J. Wakin. "Keep the Sex R-Rated, NYU Tells Film Students", New York Times, 4 de dezembro, 2003.
28. Editorial, "Give film profs voice in policy", Washington Square News, 3 de dezembro, 2003.
29. Daniel J. Wakin. "Keep the Sex R-Rated, NYU Tells Film Students", New York Times, 4 de dezembro, 2003.
30. Robin Clewley. "A Sprinkle of Porn, Art, Feminism", Wired News, 21 de janeiro, 2002.
31. Matt Smith. "Public Enema No. 2", SF Weekly, 23 de fevereiro, 2000.
32. Kim Curtis. "Gross-Out Artist", Associated Press, Copyright 2000.
33. Curtis. "Gross-Out Artist".
34. Lynn Vavreck, professora da UCLA, Aula de Ciência Política 40, 7 de março, 2002.
35. Thomas Jefferson; Andrew A Lipscomb, ed., The Writings of Thomas Jefferson: Volume I, (Washington, D. C.: Thomas Jefferson Memorial Association, 1904), p. 226-227.
36. "UN group in 'showdown with religion'", WorldNetDaily.com, 8 de agosto, 2003.

- [37.](#) Samuel Kernell & Gary C. Jacobsen. *The Logic of American Politics*, (Congressional Quarterly, 2000), p. 122.
- [38.](#) Paul Ehrlich. *Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect* (New York: Penguin USA, 2002), p. 14.
- [39.](#) “UNC task force recommends sexuality studies program”, Associated Press, 29 de julho, 2002.
- [40.](#) Barbara Ortutay. “Transgender 101”, TenPercent, 2002.
- [41.](#) “The ultra-fabulous and not-so glamorous homo class revue!”, TenPercent, 2002.
- [42.](#) Randy Thomas. “Inching toward equality”, Ten Percent, 2002.
- [43.](#) Leslie Hague. “Same-sex benefits a possibility”, Daily Illini, 19 de julho, 2002.
- [44.](#) Bill Schackner. “Pitt Pressured Anew on Same-Sex Benefits”, Pittsburgh Post-Gazette, 5 de abril, 2000.
- [45.](#) Bill Schackner. “CMU board OKs same-sex benefits”, Pittsburgh Post-Gazette, 23 de março, 2000.
- [46.](#) Susan Eckerman. “Class is Out”, TenPercent, 2001.
- [47.](#) Eckerman. “Class is Out”.
- [48.](#) Eckerman. “Class is Out”.
- [49.](#) Robert Stacey McCain. “Promoting Pedophilia”, Washington Times, 19 de abril, 2002.
- [50.](#) Lynn Franey. “Professor defends writing on pedophilia”, Kansas City Star, 31 de março, 2002.
- [51.](#) Robert Stacey McCain. “Promoting Pedophilia”, Washington Times, 19 de abril, 2002.
- [52.](#) McCain. “Promoting Pedophilia”.
- [53.](#) McCain. “Promoting Pedophilia”.
- [54.](#) Lynn Franey. “Professor defends writing on pedophilia”, Kansas City Star, 31 de março, 2002.
- [55.](#) Garry Willis. “Priests and Boys”, New York Times Review of Books, 13 de junho, 2002.
- [56.](#) Jessica Cantelon. “Coming-of-Age Film Sparks Conservative Criticism”, CNSNews.com, 31 de julho, 2002.
- [57.](#) Peter Singer. “Heavy Petting”, Nerve Magazine, março/abril, 2001.
- [58.](#) Marjorie Garber. *Dog Love* (New York: Simon and Schuster, 1996), p. 149.
- [59.](#) Marjorie Garber. *Dog Love* (New York: Simon and Schuster, 1996), p. 144.
- [60.](#) John Leo. “It’s grin-and-bare-it time at U.C. Berkeley”, Townhall.com, 4 de março, 2002.
- [61.](#) Sarah Gold. “Gypsy Rose Coed”, Salon.com, 12 de maio, 1999.
- [62.](#) Eric Rich. “Wesleyan Brings Porn Into The Classroom”, Hartford Courant, 8 de maio, 1999.
- [63.](#) Dave Ranney. “Senator plans to watch videos from KU sex class”, Lawrence JournalWorld, 2 de maio, 2003.
- [64.](#) “Text of letter from KU liberal arts faculty supporting Dailey”, Lawrence JournalWorld, 19 de maio, 2003.

- [65.](#) Associated Press, “Pornography classes proliferate on college campuses”, Portsmouth Herald, 20 de agosto, 2001.
- [66.](#) Ken Sato. “College can be time of sexual learning as result of new freedoms”, Orion Dimensions, 8 de novembro, 2000.
- [67.](#) Anna Stubblefield. “Dr. Ruth discusses keys to good sex”, Brown Daily Herald, 5 de dezembro, 2003.
- [68.](#) Paul C. Reisser. “The Painful Hook in ‘Hooking Up’”, Physician Magazine, novembro/dezembro, 2001.
- [69.](#) Laura Kipnis. “Off Limits”, MSN Slate Magazine, 2 de janeiro, 2004.
- [70.](#) Dan Fromkin. “Professor fights for right to sex with coeds”, Orange County Register, 26 de junho, 1994.
- [71.](#) Stuart Silverstein & Rebecca Trounson. “Student-faculty trysts banned”, Detroit News, 15 de dezembro, 2002.
- [72.](#) Stuart Silverstein & Rebecca Trounson. “Student-faculty trysts banned”.
- [73.](#) Justin Scott. “UC May Ban Faculty-Student Romances, Sex”, Daily Nexus Online, 15 de maio, 2003.
- [74.](#) Christopher Heredia. “S.F. State offers degree in sex”, San Francisco Chronicle, 26 de janeiro, 2002.

CAPÍTULO 6

- [1.](#) “Judeo-Christian Tradition Best Basis for Environmentalism”, Religion and Liberty, vol. 9, n.º 2, março e abril, 1999.
- [2.](#) Shelley Smithson. “Big Plan on Campus”, Grist Magazine, 31 de julho, 2002.
- [3.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 6 de junho, 2002.
- [4.](#) “Environmental Diplomacy”, Online Newshour Forum, 12 de dezembro, 1997.
- [5.](#) Stephen Dinan, “GOP disputes global-warming cause”, Washington Times, 30 de julho, 2003.
- [6.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 4 de junho, 2002.
- [7.](#) David Stauth. “Scientists warn about impacts of climate change”, Oregon State University News, 24 de julho, 1997.
- [8.](#) Shelley Smithson. “Big Plan on Campus”, Grist Magazine, 31 de julho, 2002.
- [9.](#) “Environmental Diplomacy”, Online Newshour Forum, 12 de dezembro, 1997.
- [10.](#) “Researchers Rally for Kyoto Accord”, Harvard Focus, 19 de dezembro, 1997.
- [11.](#) David Stauth. “Scientists warn about impacts of climate change”, Oregon State University News, 24 de julho, 1997.
- [12.](#) Kenneth Schultz, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 121, 4 de junho, 2002.
- [13.](#) Matt Boyd. “President’s policy gets mixed reports”, Diamondback, 2 May 2001.
- [14.](#) Newshour with Jim Lehrer, 30 de abril 2001.
- [15.](#) Huck Gutman. “Changes of historic magnitude”, DAWN.com, 11 de agosto, 2001.
- [16.](#) Sallie Baliunas. “The Kyoto Protocol and Global Warming”, Imprimis, março, 2002.

- [17.](#) Kenneth Schultz, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 121, 4 de junho, 2002.
- [18.](#) William R. Moomaw. “Who can stop the gas pains?”, Boston Globe, 13 de maio, 2001.
- [19.](#) Kathleen Maclay. “Economists find no shortage of culprits behind high gas prices”, Berkeleyan, 11 de julho, 2001.
- [20.](#) Sean Holstage & Bill Brand. “Davis to sign emissions legislation”, Oakland Tribune, 20 de julho, 2002.
- [21.](#) Holstage & Brand. “Davis to sign emissions legislation”.
- [22.](#) David F. Salisbury. “Science, politics, speculation all key in assessing climate change”, Stanford Review, 28 de outubro, 1998.
- [23.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 30 de maio, 2002.
- [24.](#) Christopher Quinn. “GAS TAX: Roads outrun state’s money Georgia’s growth has left the ability to expand and maintain highways in the dust”, Atlanta Journal Constitution, 17 de novembro, 2001.
- [25.](#) Jackie Calmes & Christopher Georges. “Economists say gasoline tax is too low”, Wall Street Journal, 7 de maio, 1996.
- [26.](#) Calmes & Georges. “Economists say gasoline tax is too low”.
- [27.](#) “Professor discusses global warming”, MIT Tech Talk, 2 de maio, 2001.
- [28.](#) Jennifer McNulty. “Environmentalists make a plea for ‘patriotic’ energy conservation”, UC Santa Cruz Currents, 12 de novembro, 2001.
- [29.](#) Bill McAllister. “Remote Arctic Refuge draws eco-tourists”, Morris News Service, 26 de julho, 2001.
- [30.](#) Albert A. Bartlett. “Testimony: US House of Representatives: Committee on Science: Subcommittee on Energy”, 3 de maio, 2001.
- [31.](#) John Gartner. “Budget Plan Fuels Energy Debate”, Wired News, 5 de fevereiro, 2002.
- [32.](#) Rory Hassler. “Gas prices on rise as summer nears”, Penn State Digital Collegian, 12 de abril, 2002.
- [33.](#) George Will. “Dishonorable Slogan”, This Week with George Stephanopoulos, 2 de março, 2003.
- [34.](#) Marvin Olasky. “How to fight our addiction to Saudi oil”, Townhall.com, 23 de julho, 2002.
- [35.](#) Brian Hansen. “Arctic Drilling Proposal Sparks Heated Debate”, Environmental News Service, 1 de novembro, 2000.
- [36.](#) Steven Dinero. “The real cost of drilling”, Christian Science Monitor, 8 de outubro, 1999.
- [37.](#) “Religious and Political Leaders Join to Oppose ANWR Drilling”, Environmental News Service, 8 de fevereiro, 2002.
- [38.](#) Terry McCarthy. “War Over Arctic Oil”, Time Magazine, 19 de fevereiro, 2001.
- [39.](#) “Prudhoe Bay Area Caribou Numbers Highest Ever”, Petroleum News Alaska News Release, 22 de dezembro, 2000.
- [40.](#) Garrett Hardin. “Living on a Lifeboat”, BioScience. v. 24, 1974, p. 561-568.

- [41.](#) Paul Ehrlich. *The Population Bomb* (New York: Sierra Club-Ballantine, 1968), p. 66-67.
- [42.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 18 de abril, 2002.
- [43.](#) Brunk. 14 de maio, 2002.
- [44.](#) Brunk. 16 de maio, 2002.
- [45.](#) Brunk. 23 de maio, 2002.
- [46.](#) Eli C. Minkoff & Pamela J. Baker. *Biology Today: An Issues Approach*, (London: Garland Publishing, 2000), p. 232.
- [47.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 30 de maio, 2002.
- [48.](#) Allan Combs. “Conversations for a better world”, <http://rocky.unca.edu/~combs/conversations.html>.
- [49.](#) Julia Sommerfeld. “Will technology save us from overpopulation?”, MSNBC.com, 12 de outubro, 1999.
- [50.](#) Paul Ehrlich. *Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect*, p. 322.
- [51.](#) Ronald Bailey. “Rebels Against the Future”, Reason Magazine Online, 28 de fevereiro, 2001.
- [52.](#) Neil Postman. “The Virtue and Intelligence of Moderation: An Address by Neil Postman”, Regent University Journalism Conference, 28 de fevereiro, 1998.
- [53.](#) Bonnie Dhall. “Media guru says computers isolate people”, Golden Gater Online, 11 de maio, 1995.
- [54.](#) Relações de mídia. “UC Berkeley’s 2001 Summer Reading List”, Berkeley Press Release, 5 de junho, 2001.
- [55.](#) Equipe Editorial. “The Life and Deaths of DDT”, Wall Street Journal, 14 de junho, 2002.
- [56.](#) Equipe Editorial. “The Life and Deaths of DDT”.
- [57.](#) Joshua Muldavin, professor da UCLA, Geografia 5, 25 de janeiro, 2001.
- [58.](#) Richard A. Posner. “In over their heads”, Boston Globe, 27 de janeiro, 2002.
- [59.](#) “The Preceptorials: 2000-2001”, <http://dolphin.upenn.edu/~precepts/spring02/eagles02.html>.
- [60.](#) Louis Lee, professor assistente da UCLA, Ciência da Vida 15, 24 de abril, 2002.
- [61.](#) Lee, Ciência da Vida 15, 24 de abril, 2002.
- [62.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 30 de maio, 2002.
- [63.](#) Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 8 de março, 2001.
- [64.](#) Ravi Batra. “Third World Agriculture: A Proutist Approach”, *New Renaissance Magazine*, vol. 1, Issue 1, 1990.
- [65.](#) Colin Morris. “Earth Institute’s Jeffrey Sachs, Pedro Sanchez Address U.N. Goal of Eradicating Extreme Poverty By 2015 at Summit”, Columbia News, 25 de junho, 2003.
- [66.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 4 de junho, 2002.
- [67.](#) “PBS: Harvest of Fear: Interviews: Jane Rissler”, 2001, <http://www.pbs.org/wgbh/harvest/interviews/rissler.html>.
- [68.](#) C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 4 de junho, 2002.
- [69.](#) Edward O. Wilson. “Building an Ethic”, *Defenders Magazine*, Spring 1993.

- [70.](#) Julian Simon. “Facts, not species, are periled”, New York Times, 13 de maio, 1993.
- [71.](#) Philip S. Levine & Donald A. Levine. “The Real Biodiversity Crisis”, American Scientist Magazine, janeiro-fevereiro, 2002.
- [72.](#) Mark Shwartz. “Study suggests global extinction crisis more serious than previously thought”, Stanford University News Service, 23 de abril, 2002.
- [73.](#) “State of the Planet: Episode 1: Is there a crisis?”, BBC World, 10-11 de agosto, 2002.
- [74.](#) Julian Simon. “Facts, not species, are periled”, New York Times, 13 de maio, 1993.
- [75.](#) Edward O. Wilson. “Vanishing Point”, Grist Magazine, 12 de dezembro, 2001.
- [76.](#) Wilson. “Vanishing Point”.
- [77.](#) Andrew Bernstein. “Environmentalism vs. Human Life”, Media Link: The Ayn Rand Institute, 20 de abril, 2001.
- [78.](#) Glenn Woiceshyn. “Environmentalism, Eco-terrorism, and Endangered Species”, Capitalism Magazine, 25 de janeiro, 1999.

CAPÍTULO 7

- [1.](#) “Globalization and its Discontents”, TIME Europe Web Exclusive, 30 de janeiro, 2000.

2. David F. Salisbury. "Computer pioneer discusses atheism, artificial intelligence", Stanford Report Online, 17 de março, 1999.
3. "Interview: Steven Weinberg", PBS television program "Faith and Reason: Transcript".
4. Julie Emery. "Pulitzer Prize poet in Seattle", Seattle Times, 25 de maio, 1972.
5. Arheun Kim. "Students, philosophers debate God's existence", Diamondback, 25 de fevereiro, 2000.
6. "Mind, Faith, and Spirit", Princeton Daily Bulletin, 26 de abril, 1999.
7. Virginia I. Postrel. "Interview with the Vamp", Reason Magazine Online, Agosto/Setembro, 1995, <http://reason.com/9508/PAGLIA.aug.shtml>.
8. William F. Buckley. *God and Man at Yale* (Chicago: Henry Regnery Company, 1951), p. 4.
9. Maggie Gallagher. "Ivy-covered bias", Townhall.com, 23 de janeiro, p. 2002.
10. Dalia Sussman. "Who Goes to Church?", ABCNews.com, 1 de março, 2002.
11. Maggie Gallagher. "Ivy-covered bias", Townhall.com, 23 de janeiro, 2002.
12. "Three Days of Hope", Pennsylvania Gazette, janeiro/fevereiro, 1999.
13. Christina Jenkins. "Students explore distinctions of spirituality vs. religion in society", UCLA Daily Bruin, 19 de fevereiro, 2002.
14. Joyce Howard Price. "Princeton bioethicist argues Christianity hurts animals", Washington Times, 4 de julho, 2002.
15. Paul Ehrlich. *Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect* (New York: Penguin USA, 2002), p. 257.
16. Joshua Muldavin, professor da UCLA, Aula de Geografia 5, 11 janeiro 2001.
17. C. F. Brunk, professor da UCLA, Aula de Ciência da Vida 15, 22 de abril, 2002.
18. William Lobdell. "4 Faces of Christianity's Future", Los Angeles Times, 15 de fevereiro, 2003.
19. Peter Smith. "Clergy, others call for tolerance of foreigners and Muslims", Louisville Courier-Journal, 13 de setembro, 2001.
20. Megan Over. "Religion panel explores diversity", New Media Index, 13 de abril, 2000.
21. "Muslim Educator Dr. Nadira K. Charaniya is keynote speaker for Hebrew Union College—Jewish Institute of Religion's Rhea Hirsch School of Education Yom Iyun (Day of Study)", HUC-JIR News, 25 de setembro, 2001.
22. Brandon Johnson. "Panel offers answers", Campus Carrier, 20 de setembro, 2001.
23. Peter Smith. "Sermons strive for comfort, some answers", Louisville Courier-Journal, 17 de setembro, 2001.
24. Marvin Pittman. "Understanding More about Islam", Harvard Graduate School of Education News, 4 de outubro, 2001.
25. Alcorão 3:19, 9:30, 19:88, 4:56, 4:160, 41:26, 48:29, 5:36, 5:82, etc. N. J. Dawood, trad., *The Koran* (London: Penguin Classics, 1999).
26. "In the News", BU Bridge, 8 de março, 2002.
27. Jeff Burlew. "Forum sets the record straight on religions", Tallahassee Democrat, 14 de dezembro, 2001.

- [28.](#) Ken Gewertz. "Harvard's Muslims grieving, wary", Harvard Gazette, 20 de setembro, 2001.
- [29.](#) Nancy Neff. "The politics of interpreting Islam", On Campus, 25 de outubro, 2001.
- [30.](#) Jill Goetz. "New book introduces Westerners to Islamic principles of justice", Cornell Chronicle, 22 de agosto, 1996.
- [31.](#) Alcorão 9:30, 5:51 e 5:36.
- [32.](#) Jane Pek. "Misunderstood Muslims reach out to Yalies", Yale Herald, 22 de fevereiro, 2002.
- [33.](#) Yvonne Chiu Hays. "Ahmed studies differences, seeks unity", Princeton Weekly Bulletin, 4 de dezembro, 2000.
- [34.](#) Crystal Kua. "Educators: Creation theory not scientific", Honolulu Star-Bulletin, 28 de julho, 2001.
- [35.](#) "Interview: Ron Number", PBS television program "Faith and Reason: Transcript".
- [36.](#) "Americans more likely to believe creationism than evolution", Catholic World News, 19 de agosto, 1998.
- [37.](#) Eli C. Minkoff & Pamela J. Baker. Biology Today: An Issues Approach (London: Garland Publishing, 2000), p. 143.
- [38.](#) Minkoff & Baker, p. 144.
- [39.](#) Paul Ehrlich. Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect, p. 324.
- [40.](#) Crystal Kua. "Educators: Creation theory not scientific".
- [41.](#) Kua. "Educators: Creation theory not scientific".
- [42.](#) Mia Taylor. "COBB COUNTY EVOLUTION DEBATE: Teachers on front lines of conflict", Atlanta Journal-Constitution, 24 de agosto, 2002.
- [43.](#) Taylor. "COBB COUNTY EVOLUTION DEBATE: Teachers on front lines of conflict".
- [44.](#) Rusty Pugh. "Christian college denied accreditation over creationist views", Agape Press, 10 de maio, 2002.
- [45.](#) Courtney Leatherman. "College Won't Renew Contract of Biology Professor Accused of Teaching Creation", The Chronicle of Higher Education, 31 de março, 2000.
- [46.](#) "Husker Biographies: Ron Brown", Huskers.com (The Official Site of Nebraska Athletics), 14 de julho, 2003.
- [47.](#) Paul M. Weyrich. "Stanford: Christians Need Not Apply", Free Congress Commentary, 23 de abril, 2002.
- [48.](#) Weyrich. "Stanford: Christians Need Not Apply".
- [49.](#) Anne Edison-Swift. "Lawmakers weigh medical conscience concerns", Capital News Service, 19 de outubro, 2001.
- [50.](#) Andrea Garrett. "Intolerant Tolerance: Anti-Christian Bigotry on Campus", Christian Broadcasting Network News, 10 de julho, 2002.
- [51.](#) Tarleton Cowen. "Fling or forever?", Daily Princetonian, 8 de outubro, 2001.
- [52.](#) Phyllis Schafly. "'Yale Five' Challenge Rule on Co-ed Dorms", Education Reporter, setembro, 1998.

- [53.](#) Anna Arkin-Gallagher. “‘Yale Five’ lose appeal in court”, Yale Daily News, 12 de janeiro, 2001.
- [54.](#) Maggie Gallagher. “Ivy-covered bias”, Townhall.com, 23 de janeiro, 2002.
- [55.](#) Eve Tushnet. “College students see the human face of abortion”, National Catholic Register, 10-16 de setembro, 2000.
- [56.](#) Michelle Gerise Godwin. “The Progressive Interview: Sarah Weddington”, The Progressive, agosto, 2000.
- [57.](#) John Leo. “‘Diversity’ proponents should learn what the word means”, Jewish World Review, 28 de janeiro, 2002.
- [58.](#) Megan Desario. “Abortion debate busts under eleventh-hour state pressure”, Daily Illini, 21 de janeiro, 1999.
- [59.](#) Desario. “Abortion debate busts under eleventh-hour state pressure”.
- [60.](#) Geraldine Sealey. “Considering ‘Partial-Birth’ Ban”, ABCNews.com, 24 de abril, 2000.
- [61.](#) Margaret A. Woodbury. “A doctor’s right to choose”, Salon.com, 24 de julho, 2002.
- [62.](#) “Abortion debate continues to rage over controversial laws”, Medill News Service, 21 de janeiro, 1998.
- [63.](#) Ken Gewertz. “The Right to Die”, Harvard Gazette, 6 de junho, 1996.
- [64.](#) “The Hemlock Board”, The Hemlock Society of USA Web site, hemlock.org, 2003.
- [65.](#) “Death with dignity national center: board and staff”, Death with dignity Web site, deathwithdignity.org, 2003.
- [66.](#) Marcella Bernard. “The Father of Health Law”, Harvard Public Health Review 75th Anniversary Issue, 1997.
- [67.](#) Joan Biskupic. “Unanimous Decision Points to Tradition of Valuing Life”, Washington Post, 27 de junho, 1997.
- [68.](#) Jim Irwin. “Right-to-die movement working even without Kevorkian, backers say”, Associated Press, 3 de janeiro, 2000.
- [69.](#) Gregg Krupa. “Few Kevorkian clients terminally ill”, Detroit News, 7 de dezembro, 2000.
- [70.](#) Thomas Hargrove & Guido H. Stempel III, “75% say God answers prayers”, Detroit News, 28 de dezembro, 1999.

CAPÍTULO 8

- [1.](#) John Leo. “Campus hand-wringing is not a pretty sight”, Townhall.com, 1 de outubro, 2001.
- [2.](#) Jennifer W. Sanchez. “UNM professor’s resignation sought over Sept. 11 comment”, Albuquerque Tribune, 26 de setembro, 2001.
- [3.](#) Dan O’Neill, professor da UCLA, Aula de Ciência Política 10, 6 de dezembro, 2001.
- [4.](#) Dan O’Neill, professor da UCLA.
- [5.](#) Franklin Foer. “Disoriented”, New Republic Online, 3 de dezembro, 2001.
- [6.](#) Walter Williams. “Elitist Contempt for American Values”, Capitalism Magazine, 13 de novembro, 2001.

- [7.](#) Peyton Knight. “‘Progressive’ America Haters”, Conservative Monitor, outubro, 2001.
- [8.](#) Franklin Foer. “Disoriented”, New Republic Online, 3 de dezembro, 2001.
- [9.](#) Walter Williams. “Elitist Contempt for American Values”, Capitalism Magazine, 13 de novembro, 2001.
- [10.](#) Williams. “Elitist Contempt for American Values”.
- [11.](#) John J. Miller & Ramesh Ponnuru. “Code Red Herring”, National Review Online, 1 de outubro, 2001.
- [12.](#) “American Morning with Paula Zahn: Interview with Noam Chomsky, Bill Bennett”, CNN.com Transcripts, 30 de maio, 2002.
- [13.](#) “Final List: Seminars on September 11”, UCLA College of Letters and Sciences Website, 2001.
- [14.](#) Lisa De Pasquale. “‘Blame America First’ Teaches Youth to Embrace Islam”, Washington Times, 8 de setembro, 2002.
- [15.](#) Dana Cloud. “Pledge for the workers”, Daily Texan, 1 de julho, 2002.
- [16.](#) Kate Morse. “The Academic Left’s Contempt for America”, The American Enterprise Magazine, 12 de setembro, 2002.
- [17.](#) Audrey Crummey. “Experts on terrorism meet in small on-campus forum”, UCLA Daily Bruin, 13 de novembro, 2001.
- [18.](#) “Islam, bioterrorism hot college classes”, CNN.com, 4 de setembro, 2002.
- [19.](#) Jennifer McNulty. “Social scientists weigh in on terrorist attacks”, UC Santa Cruz Currents Online, 25 de setembro, 2001.
- [20.](#) Ben Shapiro. “Effects of campus liberalism far-reaching”, UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2002.
- [21.](#) John Leo. “Campus hand-wringing is not a pretty sight”, Townhall.com, 1 de outubro 2001.
- [22.](#) Ben Shapiro. “Effects of campus liberalism far-reaching”, UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2002.
- [23.](#) Jennifer McNulty. “Social scientists weigh in on terrorist attacks”, UC Santa Cruz Currents Online, 25 de setembro, 2001.
- [24.](#) “SFSU Remembers September 11: Faculty”, San Francisco State University News, 11 de setembro, 2002.
- [25.](#) Marty Doorey. “Teach-in looks at factors that contributed to terrorism”, Inside BU, 25 de setembro, 2001.
- [26.](#) Karen Rosen. Melissa Mecija, and Brandon Evans, “Forums Examine Recent Attacks”, New University, 2001.
- [27.](#) Jyni Ekins. “Sept. 11 led to many changes in US policy”, Iowa State Daily, 12 de setembro, 2002.
- [28.](#) “Final List: Seminars on September 11”, UCLA College of Letters and Sciences website, 2001.
- [29.](#) Kate Morse. “The Academic Left’s Contempt for America”, The American Enterprise Magazine, 12 de setembro, 2002.
- [30.](#) Joseph Craig. “Professor recalls tragic day”, State Hornet, 11 de setembro, 2002.

31. John Leo. "Campus hand-wringing is not a pretty sight", Townhall.com, 1 de outubro, 2001.
32. Lisa De Pasquale. "'Blame America First' Teaches Youth to Embrace Islam", Washington Times, 8 de setembro, 2002.
33. "A Nation Takes Sides", Northwestern Chronicle, 4 de outubro, 2001.
34. "College students speak out", Americans for Victory Over Terrorism, 2-12 de maio, 2002.
35. Marty Doorey. "Teach-in looks at factors that contributed to terrorism", Inside BU, 25 de setembro, 2001.
36. "Speaker: Terrorist Acts Inconsistent With Islam", Advance on the Web, 3 de dezembro, 2001.
37. Dexter Gauntlett. "Panel gives insight into September 11", UCLA Daily Bruin, 4 de outubro, 2001.
38. "Speaker: Terrorist Acts Inconsistent With Islam", Advance on the Web, 3 de dezembro, 2001.
39. "Professor Mark Berkson speaks to large First Friday crowd about Islam", Hamline Weekly, 4-11 de janeiro, 2002.
40. Jennifer McNulty. "Hundreds turn out for Middle East teach-in", UC Santa Cruz Currents Online, 1 de outubro, 2001.
41. "Anti-Abortion Site on Trial", Reuters, 27 de janeiro, 1999.
42. "Aftershock: Coming to Grips with Terrorism in America", University of Georgia Website Forums, 17 de setembro, 2001.
43. "Moyers in Conversation", PBS.org, 19 de setembro, 2001.
44. Paul Powers. "What are the basic practices and beliefs of Islam, and what is 'Islamic fundamentalism'?", Lewis and Clark College Official Website.
45. David F. Forte. "Religion is Not the Enemy", National Review Online, 19 de outubro, 2001.
46. "Transcript of President Bush's Address", CNN.com, 21 de setembro, 2001.
47. "A Statement of Conscience: Not In Our Name", <http://www.nion.us/NION.HTM>.
48. Jon Dougherty. "Professors blame US for terrorism", WorldNetDaily.com, 31 de outubro, 2001.
49. Angie Leventis. "Panel of University experts discuss attacks's aftermath", Daily Illini, 20 de setembro, 2001.
50. Taniquelle Thurner. "UW professors discuss the aftermath of Sept. 11", Badger Herald, 18 de outubro, 2001.
51. Debbie Gilbert. "Experts critical of war on terror", Gainesville Times, 11 de setembro, 2002.
52. Gilbert. "Experts critical of war on terror".
53. Jennifer McNulty. "Social scientists weigh in on terrorist attacks", UC Santa Cruz Currents Online, 25 de setembro, 2001.
54. McNulty. "Social scientists weigh in on terrorist attacks".
55. Kristina Wong. "Afghanistan still vulnerable, professor says", UCLA Daily Bruin, 26 de fevereiro, 2002.

- [56.](#) Brad Knickerbocker. "As 'axis of evil' turns, Bush sees no blur of right, wrong", Christian Science Monitor, 6 de fevereiro, 2002.
- [57.](#) Peijean Tsai. "'Evil' comment elicits Iranian reaction", UCLA Daily Bruin, 25 de fevereiro, 2002.
- [58.](#) Jennifer McNulty. "Social scientists weigh in on terrorist attacks", UC Santa Cruz Currents Online, 25 de setembro, 2001.
- [59.](#) Hemesh Patel. "Professors incorporate events into classes", UCLA Daily Bruin, 27 de setembro, 2001.
- [60.](#) Kate Bramson. "Course about Vietnam War expands to encompass new campaign against terrorism", George Street Journal, 2 de novembro, 2001.
- [61.](#) Marcelle Richards & Kiyoshi Tomono, "Bush takes anti-terrorism plan to American people", UCLA Daily Bruin, 21 de setembro, 2001.
- [62.](#) Debbie Gilbert. "Experts critical of war on terror", Gainesville Times, 11 de setembro, 2002.
- [63.](#) Gilbert. "Experts critical of war on terror".
- [64.](#) Ann Coulter. "Liberalism and terrorism: stages of the same disease", Townhall.com, 6 de julho, 2002.
- [65.](#) Jennifer McNulty. "Hundreds turn out for Middle East teach-in", UC Santa Cruz Currents Online, 1 de outubro, 2001.
- [66.](#) Marty Doorey. "Teach-in looks at factors that contributed to terrorism", Inside BU, 25 de setembro, 2001.
- [67.](#) Ann Coulter. "My name is Adolph", Townhall.com, 12 de setembro, 2002.
- [68.](#) "Keeping the Peace at Work", Business Week Online, 26 de setembro, 2001.
- [69.](#) "Moyers in Conversation", PBS.org, 19 de setembro, 2001.
- [70.](#) Megan Woolhouse. "Singled Out", Courier-Journal, 11 de setembro, 2002.
- [71.](#) Scott Norvell. "Tongue Tied: A Report from the Front Line of the Culture Wars", FoxNews.com, 24 de setembro, 2001.
- [72.](#) Steve Sexton. "School-sponsored 9-11 Remembrance Day to exclude patriotic symbols and religious references", California Patriot Online, 4 de setembro, 2002.
- [73.](#) Christopher L. McCargar. "History Professor debates meaning of patriotism", Zephyr, 18 de abril, 2002.
- [74.](#) Sally Hicks. "Collection of Sept. 11 Essays Offers Dissenting Voices Amid 'Unreflective Patriotism,'" Duke News and Communications, 5 de setembro, 2002.
- [75.](#) Vijay Prashad. "Shrouded by Flags", ZMag.org, 19 de setembro, 2001.
- [76.](#) Todd A. Eisenstadt. "Coming of age as patriots: One professor's post-tragedy education", Union Leader, 21 de setembro, 2001.
- [77.](#) Zoe Galland & Hope Glassberg. "Columbia U. Faculty Reflect on Surge of Patriotism", Columbia Daily Spectator, 2 de outubro, 2001.
- [78.](#) L. Brent Bozell. "The Post Lauds a Lunatic", Media Research Center, 16 de maio, 2002.
- [79.](#) Andrea Peyser. "Once-proud campus a breeding ground for idiots", New York Post, 3 de outubro, 2001.

[80.](#) Walter Williams. “Elitist Contempt for American Values”, *Capitalism Magazine*, 13 de novembro, 2001.

CAPÍTULO 9

- [1.](#) Nicole Morgan. “Iraq war isn’t right, say peace protesters”, *Lexington Herald-Leader*, 21 de outubro, 2002.
- [2.](#) Rachel Landman. “Students, faculty stage war protest”, *Amherst Student*, 20 de novembro, 2002.
- [3.](#) Mark Goldblatt. “Bitter Taste of Academia”, *National Review Online*, 11 de março, 2003.
- [4.](#) Gina Damron. “Faculty members join anti-war protest”, *South End*, 27 de fevereiro, 2003.
- [5.](#) Brian J. Foley. “Why Are We So Passive? Patriotic Protest for Professors”, *CounterPunch*, 21 de março, 2003.
- [6.](#) Professor Michael T. Klare, “Oiling the Wheels of War”, *The Nation*, 7 de outubro, 2002.
- [7.](#) Robert Jensen. “The US Drive to War: Smoking Guns and Big Guns”, *CounterPunch*, 6 de fevereiro, 2003.
- [8.](#) Sarah H. Wright. “MIT community members rally to protest Iraq war”, *MIT TechTalk*, 2 de abril, 2003.
- [9.](#) Andrew Dys. “Anti-war voices ring out at rally”, *Herald*, 14 de fevereiro, 2003.
- [10.](#) Rebecca Walsh. “Karl Rove Returns to the U”, *Salt Lake Tribune*, 14 de novembro, 2002.
- [11.](#) Yehia El Mogahzy. “Wake up America”, *Auburn Plainsman*, 23 de janeiro, 2003.
- [12.](#) Michael Rooke-Ley. “A plea for peace: US, Iraqi scholars gather in Baghdad to oppose war”, *The Register-Guard*, 26 de janeiro, 2003.
- [13.](#) Carlos Ramos-Mrosovsky. “Visions of the Impossible: Truth, Falkhood, and International Relations”, *Daily Princetonian*, 4 de dezembro, 2002.
- [14.](#) Michael Hardt. “Global Elites Must Realise That US Imperialism Isn’t In Their Interest”, *Guardian*, 18 de dezembro, 2002.
- [15.](#) Ronnie D. Lipschutz. “Pathways to Empire”, *UC Santa Cruz Currents Online*, 9 de setembro, 2002.
- [16.](#) Daniel Pipes. “American Academics Who Hate America”, *Capitalism Magazine*, 19 de novembro, 2002.
- [17.](#) Daniel Pipes & Jonathan Calt Harris. “Does Columbia U hate America?”, *Jewish World Review*, 1 de abril, 2003.
- [18.](#) Cindy Yee. “Students, faculty protest for Iraq peace”, *Chronicle Online*, 10 de outubro, 2002.
- [19.](#) Alon Ben-Meir. “Behind Mr. Bush’s Fixation on Saddam”, *Universal Press International*, 29 de setembro, 2002.
- [20.](#) Walt Brasch. “Scoring the US/Iraq War”, *CounterPunch*, 16 de novembro, 2002.
- [21.](#) John McCaslin. “The Beltway Beat: Pass the Mayo”, *Townhall.com*, 29 de março, 2002.

- [22.](#) David Usborne. "Bush forced to play down talk of war", Arab News, 11 de agosto, 2002.
- [23.](#) Alan Elsner. "Domestic, personal issues may sway Bush on Iraq", Reuters, 9 de agosto, 2002.
- [24.](#) Chalmers Johnson. "The Real Casualty Rate from America's Iraq Wars", Znet, 3 de maio, 2003.
- [25.](#) Brian J. Foley "War Cries: Weapons of Mass Distraction . . . Or Something Worse?", CounterPunch, 8 de novembro, 2002.
- [26.](#) "Kerry's 'Regime Change' Comments Draw Fire", FoxNews.com, 3 de abril, 2003.
- [27.](#) "Kerry's 'Regime Change' Comments Draw Fire", FoxNews.com, 3 de abril, 2003.
- [28.](#) Kellia Rames. "Preemptive impeachment", Online Journal, 4 de janeiro, 2003.
- [29.](#) "Members of MIT community rally to protest Iraq war", MIT News, 20 de março, 2003.
- [30.](#) Ginny Meriam. "Protesters gather at UM to rally against war with Iraq", Missoulian, 21 de novembro, 2002.
- [31.](#) Andrea Brunty. "Anti-war sentiments broadcast across Ferg Plaza with 'Forum Against War in Iraq,'" Crimson White, 14 de fevereiro, 2003.
- [32.](#) Brianna Blake. "Protesters in D.M. decry plan for war", Des Moines Register, 31 de janeiro, 2003.
- [33.](#) "Anti-war statement by 65 Filipino educators", Bulatlat.com, 24-30 de novembro, 2002.
- [34.](#) Bruce Ackerman. "Two Fronts", American Prospect Online, 27 de janeiro, 2003.
- [35.](#) Robert Jensen. "The US Drive to War: Smoking Guns and Big Guns", CounterPunch, 6 de fevereiro, 2003.
- [36.](#) "Some Analysis of Powell's Speech", Institute for Public Accuracy, 6 de fevereiro, 2003.
- [37.](#) Editorial. "The Case Against Iraq", New York Times, 6 de fevereiro, 2003.
- [38.](#) "Experts can discuss impact of possible war", Purdue News, 5 de fevereiro, 2003.
- [39.](#) "Members of MIT community rally to protest Iraq war", MIT News, 20 de março, 2003.
- [40.](#) Majorie Cohn. "Invading Iraq Would Violate US and International Law", JURIST: The Legal Education Network, 2 de setembro, 2002.
- [41.](#) Scott Cawelti. "Bush is taking United States to wrong place", Waterloo-Ceder Falls Courier, 2 de fevereiro, 2003.
- [42.](#) Richard Falk & David Krieger. "War with Iraq is Not Bush's Decision", CounterPunch, 19 de setembro, 2002.
- [43.](#) Emil Guillermo. "In Praise of the Protesters", San Francisco Chronicle, 25 de março, 2003.
- [44.](#) Cindy Yee. "Students, faculty protest for Iraq peace", Chronicle Online, 10 de outubro, 2002.
- [45.](#) John Buchel. "Peace groups act as human shields", Badger Herald, 11 de fevereiro, 2003.

- [46.](#) Leslie Scrivener. “Peace Activist Implores Pope to be ‘Ultimate Human Shield’”, Toronto Star, 6 de março, 2003.
- [47.](#) Professor Bill Quigley. “America, Yes! War, No”, JURIST: The Legal Education Network, 12 de novembro, 2002.
- [48.](#) Rajiv Chandrasekaran. “Activists Bring War Protests to Baghdad”, Washington Post, 14 de janeiro, 2003.
- [49.](#) Michael Rooke-Ley. “A plea for peace: US, Iraqi scholars gather in Baghdad to oppose war”, Register-Guard, 26 de janeiro, 2003.
- [50.](#) Rooke-Ley. “A plea for peace: US, Iraqi scholars gather in Baghdad to oppose war”.
- [51.](#) Kellia Ramares. “Preemptive impeachment”, Online Journal, 4 de janeiro, 2003.
- [52.](#) Joe Krauss. “US, Iraq Tensions Fuel Campus Debate”, Hoya, 25 de outubro, 2002.
- [53.](#) Erwin Chemerinsky. “By Flouting War Laws, US Invites Tragedy”, Los Angeles Times, 25 de março, 2003.
- [54.](#) Hugh Hewitt. “Commentary and Consequences”, Weekly Standard, 26 de março, 2003.
- [55.](#) Robert Digitale. “‘Kill the President’ Prof Won’t Be Fired”, Press Democrat, 22 de julho, 2003.
- [56.](#) Jim Sparkman. “‘Kill the President’ Prof at SRJC Answers Back, I Think”, Chronwatch.com, 24 de agosto, 2003.
- [57.](#) Ron Howell. “Columbia Prof’s Remarks Spark Furor”, New York Newsday.com, 28 de março, 2003.
- [58.](#) Peter Cannavo. “Is Asking Key Questions Anti-American?”, CollegeNews.org, 12 de fevereiro, 2003.
- [59.](#) Gloria LaBounty. “War over the war”, Sun Chronicle, 6 de abril, 2003.
- [60.](#) Cris Barrish. “Dissenters pressured to keep quiet”, Delaware Online: The News Journal, 5 de abril, 2003.
- [61.](#) Bill Marvel. “What is patriotism?”, Dallas Morning News, 5 de abril, 2003.
- [62.](#) Walter Williams. “Elitist Contempt for American Values”, Capitalism Magazine, 13 de novembro, 2001.
- [63.](#) Janita Poe & Dan Chapman. “Dissent seen as healthy—or traitorous”, Atlanta Journal-Constitution, 23 de março, 2003.
- [64.](#) David Horowitz. “Moment of Truth: For the Anti-American Left”, Townhall.com, 31 de março 2003.
- [65.](#) “Top 10 Activist Campuses”, Mother Jones, outubro, 2003.
- [66.](#) Kate Zernike. “Professors Protest as Students Debate”, New York Times, 5 de abril, 2003.

CAPÍTULO 10

- [1.](#) Lee Green. “CAMERA ALERT: Letter by Martin Luther King a Hoax”, Committee for Accuracy in Middle East Reporting in America, 22 de janeiro, 2002.
- [2.](#) Lawrence Summers. “Address at morning prayers”, 17 de setembro, 2002, <http://president.harvard.edu/speeches/2002/morningprayers.html>.

3. M. Shahid Alam. "Extending the boycott", Al-Ahram Weekly Online, 29 de agosto–4 de setembro, 2002.
4. Joan Peters. *From Time Immemorial*, (New York: J. KAP Publishing, 2000), p. 16.
5. Mitchell G. Bard. *Myths and Facts: A Guide to the Arab-Israeli Conflict*, (United States of America: American Israeli Cooperative Enterprise, 2001), p. 169-171.
6. Peters. *From Time Immemorial*, (New York: J. KAP Publishing, 2000), p. 13.
7. Luke Bresky, professor da UCLA, Aula de Inglês 80, 16 de outubro, 2001.
8. "Major International Issues: Racism, Israel's occupation", Institute for Public Accuracy, 29 de agosto, 2001.
9. Fouad M. Moughrabi. "A Special Relationship at Risk", Washington Report on Middle Eastern Affairs, abril, 1989.
10. Mouyyad Hassouna. "Instructor's insight into controversy", Spectator Online, 15 de março, 2001.
11. Professor Nancy Kanwisher, "Opening Comments", 6 de maio, 2002, <http://www.harvardmitdivest.org/nancyspeech.html>.
12. Roger Kimball. "The Intifada Curriculum", Wall Street Journal, 9 de maio, 2002.
13. "Fact Sheet on English R1A: 'The Politics and Poetics of Palestinian Resistance'", Berkeley News, 24 de julho, 2002.
14. NewsHour with Jim Lehrer, 23 de julho, 2002.
15. Christopher Bollyn, "Ariel Sharon's Final Solution: 'Cleanse' Palestine", Spotlight Online, 10 de abril, 2001.
16. Ashley Burrell. "Continuing conflict in Mideast sparks student, faculty reactions", Penn State Digital Collegian, 4 de fevereiro, 2002.
17. "Terrorist Attacks Against US to Subside in Coming Year", University of Alabama News, 14 de dezembro, 2001.
18. Andrew Chang. "So Close, So Far Apart", ABCNews.com, 22 de abril, 2001.
19. Peter Grier. "The US & Israel", Christian Science Monitor, 26 de outubro, 2001.
20. John Dudley. "Questions surround terrorist attack", Student Printz, 12 de setembro, 2001.
21. "James G. Blight: Professor of International Relations (Research)", Choices Educational Program, <http://www.choices.edu/interviews/blight.cfm>.
22. "Humanistic Values in a Time of Crisis", September 11: UGA Responds, 24 de setembro, 2001, <http://www.uga.edu/news/september11/forums/values.html>.
23. "A Theological Reflection on September 11", <http://www.georgetown.edu/centers/woodstock/report/r-fea67.htm>.
24. "Faculty Statements", <http://www.ucdivest.org/statements.php>.
25. "About Us", The Palestine Chronicle Web site, <http://www.palestinechronicle.com/aboutus.php>.
26. David Barsamian. "Intifada 2000: The Palestinian Uprising", Zmag.org, novembro, 2000.
27. Edward Said. "Arafat is only interested in saving himself", Independent.co.uk, 20 de junho, 2002.
28. Michael Lind. "The Israel Lobby", Prospect Magazine, abril, 2002.

- [29.](#) Monica Arruda de Almeida, professora assistente da UCLA, *Ciência Política* 121, momento de discussão, 17 de abril, 2002.
- [30.](#) Jennifer Greenstein Altmann. “Forum encourages frank talk about difficult ethical issues”, *Princeton Weekly Bulletin*, 29 de abril, 2002.
- [31.](#) Dave Marash. “War of Words”, *ABCNews.com*, 5 de junho, 2002.
- [32.](#) Lauren R. Dorgan & David H. Gellis. “Dinner May Benefit Alleged Hamas Supporters”, *Harvard Crimson*, 13 de novembro, 2000.
- [33.](#) Marash. “War of Words”, *ABCNews.com*, 5 de junho, 2002.
- [34.](#) Daniel Pipes & Asaf Romirowsky. “Fulbright’s Terrorist Tie”, *New York Post*, 20 de outubro, 2003.
- [35.](#) *The O’Reilly Factor*, 22 August 2002.
- [36.](#) Barry Klein & Babita Persaud. “Faculty leaders refuse to back Al-Arian firing”, *St. Petersburg Times*, 10 de janeiro, 2002.
- [37.](#) Klein & Persaud. “Faculty leaders refuse to back Al-Arian firing”.
- [38.](#) Josh Gerstein. “US Cites Terror Ties”, *ABCNews.com*, 24 de novembro, 2001.
- [39.](#) Rachel La Corte. “US ousts Palestinian ex-prof suspected of links to terrorists”, *Associated Press*, 23 August 2002.
- [40.](#) M. Shahid Alam. “Extending the boycott”, *Al-Ahram Weekly Online*, 29 de agosto–4 de setembro, 2002.
- [41.](#) Ed Hayward. “Prof shocks Northeastern with defense of suicide bomber”, *Boston Herald*, 5 de setembro, 2002.
- [42.](#) Rachele Davidoff. E-mail ao autor, 26 de junho, 2002.
- [43.](#) Joe Eskenazi. “Protesters force cancellation of Netanyahu talks here”, *Jewish Bulletin News of Northern California*, 1 de dezembro, 2000.
- [44.](#) Daniel Pipes. “The Arab-Israel Conflict on Campus”, *Capitalism Magazine*, 18 de setembro, 2002.
- [45.](#) Mackenzie Carpenter. “Netanyahu visit to Pittsburgh has police on alert”, *Pittsburgh Post-Gazette*, 21 de setembro, 2002.
- [46.](#) Pittsburgh Professors for Peace and Justice Web site, <http://www.pittppj.org/committees.html>.
- [47.](#) Carpenter. “Netanyahu visit to Pittsburgh has police on alert”, *Pittsburgh Post Gazette*, 21 de setembro, 2002.
- [48.](#) Dave Curtin & Becca Blond. “Arab speech stirs Springs”, *Denver Post*, 13 de setembro, 2002.
- [49.](#) Valerie Richardson. “Palestinian speaker roils Colorado college”, *Washington Times*, 13 de setembro, 2002.
- [50.](#) Daniel Pipes. “The Arab-Israel Conflict on Campus”, *Capitalism Magazine*, 18 de setembro, 2002.
- [51.](#) Francis Boyle. “In Defense of a Divestment Campaign Against Israel”, *CounterPunch*, 20 de maio, 2002.
- [52.](#) “Join Harvard-MIT Petition for Divestment from Israel”, <http://www.harvardmitdivest.org/petition.html>.
- [53.](#) “End the Israeli Occupation – DIVEST NOW!”, <http://www.princetondivest.org>.

54. “CU Divestment Campaign Signature List”, http://www.columbiadivest.org/sig_list.html.
55. “Signatories to the UMass Divest from Israel petition”, <http://wwwunix.oit.umass.edu/~uri/Palestine/Signatures.htm>.
56. Rachel Pomerance. “Divestment conference is a showdown”, Jewish News of Greater Phoenix, 11 de outubro, 2002.
57. “University of California Petition for Divestment from Israel”, <http://www.ucdivest.org/petition.php#sigs>.
58. “Faculty Statements”, <http://www.usdivest.org/statements.php>. Quotes immediately following also from this site.
59. Avi Davis. “The Jewish People’s Fifth Column”, Standwithus.com, 22 de abril, 2002.
60. Kelly Rayburn. “Students unite to remember the Holocaust”, UCLA Daily Bruin, 10 de abril, 2002.
61. Kelly Rayburn. “Prager claims Israel is legitimate”, UCLA Daily Bruin, 30 de maio, 2002.
62. Chaim Seidler-Feller. “Israel’s solid case doesn’t need exaggeration”, UCLA Daily Bruin, 6 de junho, 2002.
63. Christina Jenkins. “Academic panel discusses Mideast conflict”, UCLA Daily Bruin, 1 de maio, 2002.
64. Kelly Rayburn. “Jewish professor condemns actions of Israel”, UCLA Daily Bruin, 24 de abril, 2002.
65. “About Tikkun”, http://www.tikkun.org/about_us/index.cfm.
66. “About Tikkun: Board Members”, http://www.tikkun.org/about_us/index.cfm/action/board_members.html.
67. CBS News Poll, 15–18 de abril, 2002.
68. “College students speak out”, Americans for Victory over Terrorism, 2–12 de maio, 2002.
69. “College students speak out”.

CAPÍTULO 11

1. Larry Elder Show, 790 KABC, Los Angeles, 24 de maio, 2002.
2. Nome fictício para preservar a privacidade.
3. Nome fictício para preservar a privacidade.
4. Nome fictício para preservar a privacidade.
5. UCLA Daily Bruin, e-mail ao editor, 15 de maio, 2002.
6. Nome fictício para preservar a privacidade.
7. “Políticas do UCLA Daily Bruin Sobre o Colunista de Opinião”.
8. Larry Elder Show, 790 KABC, Los Angeles, 24 de maio, 2002.
9. Editorial Board. “UC must respect human rights, divest”, UCLA Daily Bruin, 8 de julho, 2002.
10. Editorial Board. “Only faculty should decide course policies”, UCLA Daily Bruin, 1 de outubro, 2002.

- [11.](#) Editorial Board. "Students must be wary of 'war on terrorism'", UCLA Daily Bruin, 22 de setembro, 2002.
- [12.](#) Editorial Board. "USAC correct in refusing nominees", UCLA Daily Bruin, 27 de setembro, 2002.
- [13.](#) Editorial Board. "There's still work to be done now that SP-1, 2 are gone", UCLA Daily Bruin, 22 de maio, 2001.
- [14.](#) Editorial Board. "Carnesale should take a stand on RPI", UCLA Daily Bruin, 26 de agosto, 2002.
- [15.](#) Editorial Board. "Community has right to patronize sex shop", UCLA Daily Bruin, 31 de janeiro, 2002.
- [16.](#) Keely Hedges. "Mastering art of sexspeak heightens passion in bed", UCLA Daily Bruin, 12 de agosto, 2002.
- [17.](#) Chez Shadman. "Do it the risky way: out in the open", UCLA Daily Bruin, 17 de outubro, 2001.
- [18.](#) Chez Shadman. "Spice up your life by attending strip clubs", UCLA Daily Bruin, 3 de outubro, 2001.
- [19.](#) Chez Shadman. "Casual sex: it's not just for 'sinners' anymore", UCLA Daily Bruin, 6 de agosto, 2001.
- [20.](#) Marcelle Richards. "Recipes for Hot Sex", UCLA Daily Bruin, 9 de maio, 2002.
- [21.](#) Yvonne K. Fulbright. "Dirty words will whet her desire", Washington Square News, 2 de outubro, 2003.
- [22.](#) Beth Van Dyke. "Race to the Bathroom", Daily Nexus Online, 14 de maio, 2003.
- [23.](#) Amber Madison. "Porn and Sexuality", Tufts Daily, 16 de abril, 2003.
- [24.](#) Kate McDowell. "Going Down the Dirt Road", Cornell Daily Sun, 13 de março 2003.
- [25.](#) Kathy Greaves. "It's hetero pride every other week", Daily Barometer Online, 14 de maio, 2003.
- [26.](#) Paul Shugar. "Smarter than the average woman (at least)", Post Online, 3 de abril, 2003.
- [27.](#) Spectator Managing Board. "Eye on America", Columbia Spectator, 2 de outubro, 2002.
- [28.](#) The Crimson Staff. "Speak Out, Democrats", Harvard Crimson, 1 de outubro, 2002.
- [29.](#) The News' View. "Don't welcome 'don't ask, don't tell'", Yale Daily News, 2 de outubro, 2002.
- [30.](#) Editorial Board. "We deserve an explanation", The Heights, 1 de outubro, 2002.
- [31.](#) Editorial Board. "KU officials must continue to boost minority count", University Daily Kansan, 2 de outubro, 2002.
- [32.](#) Jessie Childress. "Corporate contracts go deeper than what we're drinking", University of Montana Kaimin Online, 1 de outubro, 2002.
- [33.](#) Editorial. "Our View: Bush's war not supported by international community, former commanders", Idaho State University Bengal, 25 de setembro, 2002 (Postado até 8 de outubro, 2002).

34. Editorial. "The Chronicle's View: Get with the recycling times", University of Utah Chronicle, 2 de outubro, 2002.
35. Cyrus Farivar. "Daily Cals Stolen, Replaced With Protester Flyers", Daily Californian, 25 de outubro, 2001.

CAPÍTULO 12

1. Peijean Tsai. "Students reflect on current situation in Israel", UCLA Daily Bruin, 9 de maio, 2002.
2. "Undergraduate Students Association Programming Fund", UCLA, http://students.asucla.ucla.edu/Funding/board_programming_fund.html. "Besides the figures listed here, the MSA also received an additional U\$2,408 for "Islamic Awareness Week" during Spring Quarter".
3. "2001-2002 Base Budget Allocations", UCLA, http://students.asucla.ucla.edu/Funding/budget_board_info.html.
4. "2001-2002 Base Budget Allocations", UCLA.
5. Melody Hanatani "Friend 'Friend of the court' filed for JSU's case", UCLA Daily Bruin, 20 de janeiro, 2004.
6. "The Constitution", University of Georgia ASU, <http://www.uga.edu/asu/const.html>.
7. "African Student Union", <http://www.utdallas.edu/student/union/asu.html>.
8. "About Us", ASU at University of Syracuse, <http://students.syr.edu/afsu/about%20us.html>.
9. "Welcome to the homepage of the African Students Association (ASA) at the University of Massachusetts, Amherst", ASA at University of Massachusetts, <http://www.umass.edu/rso/african/mainpage.html>. Emphasis added.
10. Terelle Jerricks, "Buckshot", Nommo, 2002, vol. XXXIII, Iss#1.
11. Askari Abdul Muntaqim, "Souls in Kaptivity", Nommo, 2002.
12. Noluthando Williams, "A Voice of Critical Consciousness", Nommo, 2002.
13. Noluthando Williams, "Time For Sum Axion (Buckshots)", Nommo, 2002.
14. Christina Galoozis. "Town hall meeting addresses cartoon", Indiana Daily Student, 26 de fevereiro, 2003.
15. Steve Adubato. "Political Correctness is Out of Control", Caucus Educational Corporation, 4 de novembro, 1999.
16. Cathleen Lewis. "Hundreds protest offensive campus comic strip", Tiger Online Edition, 13 de outubro, 1999.
17. Joyce Kelly. "Noose poster incites reaction", CSULB Online 49er, 14 de outubro, 2002.
18. "About Us", UCLA GALA, <http://qa.gaybruins.com/>.
19. "Constitution", Auburn Gay and Lesbian Association, http://www.auburn.edu/student_info/agla/constitution.html.
20. "Harvard alumni urge return of banned ROTC", CNN.com, 11 de outubro, 2001.
21. Ben Shapiro. "Banned on campus", Townhall.com, 20 de junho, 2002.
22. Melissa Coats. "Music Review: Peaches: Teaches of Peaches", TenPercent, 2001.

- [23.](#) Bryan Chin. “You gotta have it: The 10 essential albums for every gay boy”, TenPercent, 2001.
- [24.](#) Amanda Schapel. “The Genesis of LGBTQ2IA: The lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, questioning, intersex, ally continuum”, TenPercent, 2001.
- [25.](#) Ben Lee Handler. “Heart-a-choking?”, TenPercent, 2002.
- [26.](#) “All I want for Christmas is . . . Toys! Toys! Toys!”, TenPercent, 2001.
- [27.](#) Barbara Ortutay. “Letter from the editor”, TenPercent, Winter 2002.
- [28.](#) Mike Adams. “The thought police police”, Townhall.com, 20 de outubro, 2003.
- [29.](#) Jennifer Dunn. “Rethinking Romantic Love”, Q*News, 24 de junho, 2003.
- [30.](#) “El Plan Espiritual de Aztlán”, <http://www.panam.edu/orgs/MEChA/Aztlán.html>.
- [31.](#) “El Plan Espiritual de Aztlán”.
- [32.](#) Michelle Malkin. “Bustamante, MEChA and the media”, Townhall.com, 20 de agosto, 2003.
- [33.](#) Tim Graham. “Cruising Past Cruz’s Racial Controversies”, Media Reality Check, 17 de setembro, 2003.
- [34.](#) Michelle Malkin. “Bustamante, MEChA and the media”, Townhall.com, 20 de agosto, 2003.
- [35.](#) Tupac Enrique Acosta. “The West is a Guest”, LA gente de Aztlán, 2002.
- [36.](#) M.E.Ch.A. de UCLA, “State of Aztlán”, LA gente de Aztlán, 2002.
- [37.](#) M.E.Ch.A. de UCLA, “State of Aztlán”.
- [38.](#) Victor Cuevas. “Cindy Montanez”, LA gente de Aztlán, 2002.
- [39.](#) Don Thompson. “Student groups probed for alleged terror ties”, Chicago Tribune, 22 de dezembro, 2001.
- [40.](#) “AP irresponsibly links American Muslim Student Organizations to Terrorism”, MSA National Press Release, 26 de dezembro, 2001.
- [41.](#) Adrienne Sanders. “Jews blast State hate”, San Francisco Examiner, 17 de maio, 2002.
- [42.](#) MSA Pamphlet “Zionism: The Forgotten Apartheid”.
- [43.](#) “MSA National: A Time to Recover, Heal Our National Wounds”, MSA National Press Release, 11 de setembro, 2002.
- [44.](#) Rachel Makabi. “Reports link terrorist, student organizations”, UCLA Daily Bruin, 8 de janeiro, 2002.
- [45.](#) Suhail Abdullah. “Cutting Off the Underdeveloped World: The Agenda Behind Population Control”, Al-Talib, dezembro, 2000.
- [46.](#) Li’i Furumoto. “Fighting for Diversity in Our Schools”, Al-Talib, dezembro, 2000.
- [47.](#) Editorial. “Best of Al-Talib”, Al-Talib, maio, 2001.
- [48.](#) Editorial. “Best of Al-Talib”.
- [49.](#) Mohamed Marei. “How Slaves become Kings”, Al-Talib, maio, 2001.
- [50.](#) Yusuf Abdulla. “Death for Sale: The Commercialization of the Holocaust”, Al-Talib, maio, 2001.
- [51.](#) Editorial. “Crossing Unforseen Borders: Reflections on the Aftermath of September 11”, Al-Talib, novembro, 2001.

- [52.](#) Hisham Mahmoud. “Guilt by Association: Islam Under Oath”, Al-Talib, novembro, 2001.
- [53.](#) Mahmoud. “Guilt by Association: Islam Under Oath”.
- [54.](#) Salar Rizvi & Reem Salahi. “Muslims in America: Living in the Memory of 9/11”, Al-Talib, novembro, 2001.
- [55.](#) Editorial. “They Came for Us”, Al-Talib, fevereiro, 2002.
- [56.](#) Dena Elbayoumy. “Carnage Covered Up”, Al-Talib, maio, 2002.
- [57.](#) Leen Salahi. “Culture and Religion: Blended to Confusion”, Al-Talib, maio, 2002.
- [58.](#) LaTasha Johnson. “Graduating Chicano students hold private commencement”, GoldenGater, 16 de maio, 1996.
- [59.](#) Marc Levin. “Commencement 2002 Achieve New Degree of Political Correctness”, Newsmax.com, 18 de junho, 2002.
- [60.](#) Erik Lords. “At MSU, plans for pomp create friction”, Detroit Free Press, 5 de abril, 2002.
- [61.](#) John Leo. “Now there are even separate graduation ceremonies”, Jewish World Review, 17 de abril, 2001.

CAPÍTULO 13

- [1.](#) Robert Cohen. “Activist Impulses: Campus Radicalism in the 1930s”, <http://newdeal.feri.org/students/essay01.htm>.
- [2.](#) Irving Kristol. “From Memoirs of a Trotskyist by Irving Kristol”, PBS Online, http://www.pbs.org/arguing/nyintellectuals_kristol_2.html.
- [3.](#) Lawrence Evans. “Voting IQs”, Newsobserver.com, 23 de setembro, 2002.
- [4.](#) Robert Watson. “Johnson fails to accept need for dissent in life”, UCLA Daily Bruin, 20 de novembro, 2001.
- [5.](#) Robert Watson. “Conservatives quick to excuse war crimes”, UCLA Daily Bruin, 10 de maio, 2001.
- [6.](#) “Overview of kingdom’s support for islamic studies worldwide”, fevereiro, 2002, http://www.saudiembassy.net/press_release/02-spa/02-15-Islam.htm.
- [7.](#) “Postdoctoral Researcher Receives Royal Support”, Around the School: News and Notices of the Harvard School of Public Health, 10 de dezembro, 1999.
- [8.](#) Robert J. Morse & Samuel L. Flanigan. “How we rank schools”, US News and World Report, http://www.usnews.com/usnews/edu/college/rankings/about/04rank_brief.php, 2004.